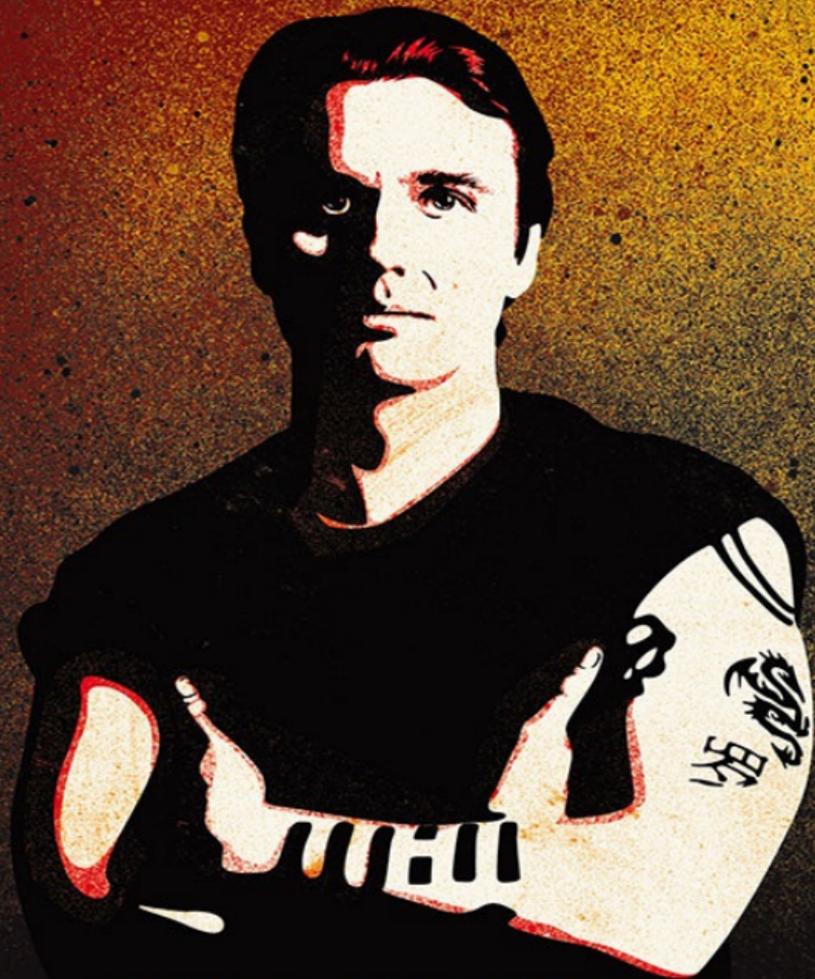


VIDA APÓS A MORTE



DAMIEN ECHOLS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



VIDA APÓS A MORTE

DAMIEN ECHOLS

Tradução de
Marcello Lino





PARA LORRI

Em silêncio fico sentado
E homens andam de um lado para outro na cela
Como leopardos

Roendo as unhas
Com o cenho franzido
A cena fala por si só

— DAMIEN ECHOLS, UNIDADE DE
SEGURANÇA SUPERMÁXIMA DE
VARNER, GRADY, ARKANSAS

Nota do autor

O que você está prestes a ler é o resultado de muitas coisas que escrevi nos últimos vinte anos, inclusive partes de um breve livro de memórias publicado de maneira independente em 2005. Fui mandado para o Corredor da Morte em 1994 e lá comecei a escrever um diário quase imediatamente. Não datei a maioria das anotações; era doloroso demais ver os dias, meses e anos passando, a realidade fora do meu alcance. Muitos dos meus diários se perderam, foram roubados ou destruídos quando os guardas faziam incursões nas celas — qualquer coisa pessoal ou criativa é alvo preferencial em uma revista. Incluí o máximo possível do que sobrou e espero que o tema ou o contexto desses registros sejam úteis para situar alguns deles. Outros não precisam de marca temporal. As condições do sistema penitenciário que descrevi — tristeza, horror e o completo absurdo ao qual vi vários seres humanos serem submetidos — não terão mudado quando você estiver com este livro nas mãos.

Prefácio

“São Raimundo Nonato, nunca se ouviu falar de alguém que implorou a vossa ajuda ou buscou a vossa intervenção e não foi atendido. A vós recorro, perante vós me coloco. Não desprezeis minhas súplicas, mas, em vossa misericórdia, ouvi e respondi-me.”

São Raimundo Nonato é um dos meus padroeiros. Eu estaria disposto a apostar que a maioria das pessoas não faz ideia de que ele é o padroeiro dos acusados injustamente. Gosto de pensar que isso significa que tenho um lugar especial em seu coração, pois é difícil ter acusação mais injusta do que a que me fizeram. Por isso eu e o velho Raimundo chegamos a um acordo. Se ele me ajudar a sair desta situação, viajarei a todas as maiores catedrais do mundo e deixarei rosas e chocolates aos pés de todas as estátuas dele que eu encontrar. Você não sabia que santos gostam de chocolate? Então já aprendeu alguma coisa. E estamos apenas no começo!

Ao todo, tenho três padroeiros. Você deve estar se perguntando quem são os outros dois e como um pecador desbocado como eu foi abençoado com não apenas um, mas três santos protetores. O segundo é São Dimas, o padroeiro dos prisioneiros. Até agora ele fez seu trabalho e me protegeu. Não tenho do que reclamar. Então qual é o meu acordo com São Dimas? Basta fazer a minha parte e ir à missa toda semana na capela da prisão, a menos que tenha uma razão muito boa para faltar.

Meu terceiro padroeiro é um santo com o qual tive bons motivos para conversar em vários momentos de minha vida. São Judas Tadeu, padroeiro das causas desesperadas. Eu diria que estar no Corredor da Morte por algo que não fiz é uma situação bastante desesperadora. E o que São Judas recebe em troca? Ele gosta só de ver os apuros ridículos em que me enfiarei em seguida.

Se eu começar a acreditar que as coisas que escrevo não podem se sustentar sozinhas, largarei minha caneta. Sou constantemente atormentado pela ideia de que os outros só pensam em mim como alguém que está, ou esteve, no Corredor da Morte. Fico aborrecido de imaginar as pessoas lendo minhas palavras por curiosidade mórbida. Quero que leiam o que escrevo porque isto tem um significado para elas — seja por fazê-las rir ou por lembrá-las de coisas esquecidas que em algum momento tiveram importância para elas, ou simplesmente por comovê-las de algum modo. Não quero ser

uma bizarrice, uma aberração ou algo que desperta curiosidade. Não quero ser o acidente de carro que todos param para olhar.

Se alguém começar a ler porque deseja ver a vida a partir de uma perspectiva diferente, ficarei satisfeito. Se lerem para saber como é a vida pelo meu ponto de vista, fico feliz. São os sanguessugas que me deixam doente e incomodado — os que não dão a mínima para mim e só se interessam por coisas como prisioneiros no Corredor da Morte. Essas pessoas exalam o cheiro de abutres, e há algo de insalubre nelas. Chafurdam na depressão, e suas vidas geralmente caminham para a decadência. Seus espíritos quase sempre parecem estar mortos, como larvas que consomem o cadáver de um animal atropelado na estrada em um dia de verão. Não quero ter nada a ver com essa energia. Quero criar algo com uma beleza duradoura, e não um grotesco circo de horrores.

Escrever estas histórias também é uma catarse para mim. Um expurgo. Como um homem poderia passar pelas coisas a que fui submetido e não se sentir assombrado? Não podemos mandar um soldado para o Vietnã e esperar que ele não tenha flashbacks, não é? Este é o único meio de remover o trauma de minha psique. Não tenho acesso a sessões de terapia de cem dólares a hora. Não preciso de Freud e suas teorias edípicas; basta me dar papel e caneta.

Neste lugar, testemunhei coisas que me fizeram rir e outras que me fizeram chorar. O ambiente em que vivo é tão distorcido que incidentes que se tornariam lendas lá fora são esquecidos no dia seguinte aqui. Coisas que seriam manchete de jornal no mundo exterior não merecem mais do que um olhar fugidivo atrás destes muros imundos. Quando cheguei à Unidade de Segurança Máxima de Tucker, localizada em Tucker, Arkansas, em 1994, fiquei atordoado. No entanto, depois de ficar preso por mais de dez anos, tornei-me um “velho detento”, e as imagens já não me impressionam tanto. Ao acrescentar “detento” a outra palavra, nós a redefinimos. “Velho detento” pode significar qualquer pessoa com trinta anos ou mais. “Detento rico” quer dizer um homem que tem cem dólares ou mais. Lá fora, um homem de trinta anos com cem dólares não seria considerado velho nem rico — mas aqui a história é outra.

Na noite em que cheguei ao Corredor da Morte, fui colocado em uma cela entre os dois canalhas velhos mais detestáveis da face da Terra. Um se chamava Jonas; o outro, Albert. Ambos estavam com quase sessenta anos e, fisicamente, já haviam visto dias melhores. Jonas tinha uma perna. Albert contava com um olho. Ambos eram obesos mórbidos, e suas vozes soavam como a de alguém que se alimenta do conteúdo de um

cinzeiro. Esses dois homens se odiavam profundamente e um desejava a morte do outro.

Não fazia muito tempo que eu estava aqui quando o sujeito que varre o chão parou e me entregou um bilhete. Ele olhava para mim de um modo bem estranho, como se fosse dizer algo, mas tivesse mudado de ideia. Entendi seu comportamento após abrir o bilhete e começar a leitura. Estava assinado por “Lisa” e detalhava todas as maneiras como “ela” faria de mim uma amiga maravilhosa, incluindo seu repertório sexual. Aquilo me intrigou, pois eu estava preso em uma unidade exclusivamente masculina e não tinha visto ninguém que parecesse se chamar Lisa. Havia uma pequena anotação no fim que dizia: “PS. — Por favor, mande-me um cigarro.” Joguei o bilhete na frente da cela de Albert e falei:

— Leia e me diga se você sabe quem é.

Depois de menos de um minuto, ouvi uma explosão de palavras antes de Albert anunciar:

— É daquela puta velha, o Jonas. Aquele safado faz qualquer coisa por um cigarro. Então, Lisa se revelou um homem obeso e pernetta de 56 anos. Estremeci de nojo.

E era verdade que Jonas, de fato, faria qualquer coisa por um cigarro. Estava totalmente duro e não tinha família nem amigos para lhe mandar dinheiro; portanto, sua única opção era lançar mão de artimanhas para satisfazer seus vícios. Ele era muito perturbado e acho que também gostava do masoquismo que havia em tudo aquilo. Por exemplo, uma vez ele bebeu uma garrafa de meio litro de urina em troca de um único cigarro enrolado à mão. É difícil dizer quem sofreu mais: Jonas ou as pessoas que tiveram que ouvi-lo engasgar e vomitar enquanto engolia o líquido. Em outra ocasião, ficou em pé no chuveiro e enfiou uma perna de cadeira no ânus enquanto todo o pavilhão observava. Sua recompensa foi um cigarro. Nem eram cigarros de marca, mas genéricos, tabaco enrolado à mão que custava mais ou menos um centavo.

Como já mencionei, Jonas não era muito estável em termos psicológicos. Tinha a dentadura pintada de rosa e roxo fluorescentes e amassava grafites de lápis coloridos para usar como sombras para os olhos. O pé que lhe restava era carcomido e nojento, com unhas que pareciam salgadinhos de milho. Uma de suas atividades favoritas era simular sexo oral com uma garrafa de molho de pimenta. Uma vez, ele vendeu a perna (a prótese) para outro detento, depois disse aos guardas que o sujeito a tomara à força. O outro prisioneiro se vingou pondo veneno de rato no café de Jonas. Os guardas viram que havia algo errado quando o encontraram vomitando sangue. Era o homem mais espezinhado do Corredor da Morte, odiado e desprezado por todos os detentos. Um

verdadeiro príncipe do sistema penitenciário. Os homens aqui não são exatamente cavalheiros, mas Jonas se destacava até mesmo neste ambiente.

Não quero dar a impressão de que Albert era uma joia. Ele tramava e trapaceava o tempo todo. Uma vez escreveu para um apresentador de *talk-show* dizendo que revelaria onde havia escondido outros cadáveres se o homem lhe pagasse mil dólares. Condenado à morte tanto no Arkansas quanto no Mississippi, não tinha nada a perder. Quando finalmente foi executado, Albert deixou sua dentadura para mim, de lembrança. E deixou para outra pessoa seu olho de vidro.

Toda a insanidade que acontece dentro da prisão não é nada se comparada às coisas que vemos e ouvimos no pátio. Em 2003, todos os detentos no Corredor da Morte no Arkansas foram transferidos para uma nova prisão de “Segurança Supermáxima”, em Grady. Lá realmente não há pátio. O prisioneiro é retirado da cela — acorrentado, é claro — e conduzido por um corredor estreito que dá no “lado de fora”. Sem de fato sair da prisão, é trancado dentro de um cubículo de concreto minúsculo e imundo, que mais parece uma miniatura de silo para grãos. Há uma tela de arame a cerca de sessenta centímetros do topo que deixa a luz natural entrar. Dá para notar que aquela grade dá para o exterior, mas não é possível ver nada. Não há interação com outros prisioneiros e você tem medo de respirar muito fundo e pegar algum tipo de doença. Fui até lá certa manhã e, só no meu cubículo, havia três pombos mortos e em decomposição, além de muitas fezes. O cheiro me lembra o da jaula do leão no Zoológico de Memphis, que eu visitava quando criança. Logo que você entra, precisa lutar contra a ânsia de vômito. Tentar fazer exercício é nojento.

Antes de sermos transferidos para cá, tínhamos um pátio de verdade. Ficávamos de fato ao sol, ao ar livre. Era possível caminhar e conversar com outras pessoas, e havia algumas cestas de basquete. Os homens ficavam sentados por toda parte, jogando damas, xadrez, dominó ou fazendo flexões. Alguns se juntavam nos cantos para fumar baseados comprados dos guardas.

Eu estava lá havia menos de duas semanas quando, um dia, no pátio, um preso que chamavam de “Cabeça de Gato” atraiu minha atenção. Aquele personagem repugnante ganhara esse apelido porque era exatamente isso o que ele parecia. Se você raspasse todos os pelos da cabeça de um gato vira-lata velho, veria a imagem exata daquele sujeito. O Cabeça de Gato estava sentado no chão, tomando sol e mastigando uma folha de grama que pendia do canto da boca. Olhava para o espaço como se estivesse concentrado em pensamentos profundos. Eu dava voltas no pátio e observava o cenário. Quando passei

pelo Cabeça de Gato pela enésima vez, ele olhou para mim (na verdade, mais parecia que estava olhando para outro lugar, mas a cabeça se voltou na minha direção) e perguntou:

— Sabe como evitar que cinco caras o estuprem?

Fui pego de surpresa, pois nunca havia pensado muito naquela pergunta, nem imaginado que precisaria de uma resposta para ela um dia. Olhei para aquela criatura estranha esperando o desfecho daquilo que eu torcia para que fosse uma piada. Ele logo respondeu à própria pergunta:

— Aperte as nádegas e comece a morder.

Fiquei horrorizado. Ele falava sério e parecia achar que estava transmitindo um saber muito bem ponderado. As únicas coisas que passaram na minha mente foram: *Pura que tipo de inferno me mandaram? Isso é o que chamam de conversa por aqui?* Voltei rapidamente a dar voltas no pátio e deixei que o Cabeça de Gato retornasse às suas reflexões.

A prisão é um show de horrores. O circo não faz ideia do que está perdendo. Serei o seu mestre de cerimônias nesta visita guiada por esse cantinho do inferno. Prepare-se para ficar atordoado e perplexo. Se a mão é realmente mais rápida do que o olho, você nunca descobrirá o que o atingiu. Eu sei que nunca descobri.

Meu nome é Damien Echols, embora nem sempre tenha sido. Quando nasci, eu era diferente tanto no nome quanto na essência. Em 11 de dezembro de 1974, ao vir ao mundo, fui chamado de Michael Hutchison por insistência do meu pai, Joe Hutchison. Minha mãe, Pam, tinha outro nome em mente, mas meu pai não quis saber. Eles brigaram anos a fio por isso.

O hospital em que nasci ainda existe na pequena e degradada cidade de West Memphis, Arkansas. É o mesmo hospital em que minha avó materna, Francis Gosa, morreu vinte anos depois. Quando criança, eu tinha inveja de minha irmã, Michelle, que teve a sorte de nascer, dois anos depois de mim, do outro lado da ponte, em Memphis, Tennessee. Em minha juventude, Memphis sempre pareceu meu lar. Quando cruzávamos a ponte rumo ao Tennessee, eu tinha a sensação de pertencer àquele lugar e pensava que eu é que deveria ter nascido lá. Afinal de contas, minha irmã sequer se importava com sua naturalidade.

Minha mãe e avó ficaram fascinadas porque, após eu ter nascido e o médico ter dado alta para minha mãe, fui colocado em uma meia de Natal para fazer a curta viagem para casa. Elas guardaram a meia durante anos, e eu tinha de ouvir aquela história com frequência. Mais tarde, descobri que todos os hospitais do país fazem a mesma coisa com cada bebê nascido no mês de dezembro, mas minha mãe parecia desconhecer esse fato, que marcou o começo de uma vida de negação. Depois de ser guardada por dezessete anos como se fosse uma valiosa herança familiar, ela foi deixada para trás sem cerimônia em uma mudança não muito bem planejada.

Além da meia, só uma recordação de minha infância foi guardada: um travesseiro. Minha avó o deu para mim no dia em que saí do hospital, e dormi com ele até os dezessete anos, quando também foi deixado para trás na mesma malfadada mudança. Ainda criança, eu não conseguia dormir sem aquele travesseiro, que fazia com que me sentisse em segurança. No final, já não passava de uma bola de enchimento dentro de uma fronha que rapidamente se desintegrou.

O fato de ter nascido em dezembro fez de mim uma criança invernal. Só ficava realmente feliz na época em que os dias eram curtos, as noites, longas, e eu batia os

dentes de tanto frio. Adoro o inverno. Todo ano eu o desejo, anseio por sua chegada, embora sempre sinta como se ele me virasse do avesso. Sua beleza e solidão ferem meu coração e carregam consigo as lembranças de todos os invernos passados. Mesmo agora, depois de anos trancado em uma cela, com a chegada do inverno ainda consigo fechar os olhos e ter a sensação de caminhar pelas ruas enquanto todas as outras pessoas estão na cama, adormecidas. Lembro-me do som do gelo que rachava nas árvores quando o vento soprava. O ar era muito frio a ponto de arranhar minha garganta a cada inspiração, mas eu não queria entrar e perder aquela magia. Tenho duas definições para a palavra “magia”. A primeira é saber que posso realizar mudanças por vontade própria, mesmo atrás destas grades; e o outro significado é mais ligado à experiência: ver a beleza em meio ao prosaico por um momento. Em uma fração de segundo, percebo de maneira total e absoluta que o inverno é uma estação senciente, que há uma inteligência por trás dele. Há uma imensa quantidade de sofrimento emocional que chega com sua magia, mas ainda fico de luto quando ele termina, como se estivesse perdendo meu melhor amigo.

As primeiras lembranças de verdade que tenho de minha vida são com minha avó Francis, que eu chamava de Nanny. Seu marido, Slim Gosa, havia morrido cerca de um ano antes. Lembro-me vagamente dele: apenas que dirigia um Jeep e era muito gentil comigo. Ele morreu no dia após meu aniversário. Nanny não era minha avó biológica; Slim tivera um caso com uma indígena, que deu à luz minha mãe. Como minha avó não podia ter filhos, ela criou minha mãe como se fosse sua. Meus pais, minha irmã e eu vivemos em diferentes lugares da região do delta do rio Mississippi, onde os estados de Arkansas, Tennessee e Mississippi se encontram. Depois do nascimento de minha irmã, minha mãe percebeu que não conseguiria cuidar de duas crianças. Então, Nanny e eu fomos morar em um pequeno trailer em Senatobia, Mississippi. Lembro que ele era roxo e branco e ficava no topo de um morro coberto de pinheiros. Tínhamos dois cães grandes e pretos chamados Smokey e Bear, que criamos desde filhotes. Uma de minhas lembranças mais remotas era a de ouvi-los latindo e puxando suas correntes feito loucos enquanto Nanny, em pé no quintal dos fundos com um revólver na mão, atirava em uma cobra venenosa. Ela não parou, nem mesmo enquanto a cobra serpeou para baixo do grande bujão de propano. Só anos mais tarde percebi que ela teria nos explodido e mandado direto para o inferno se tivesse atingido aquele bujão. Na época, eu era tão pequeno que observei toda a cena apenas com extrema curiosidade. Era a primeira vez que via uma cobra, e ainda tive a chance de assistir ao espetáculo adicional de minha avó atirando pela porta dos fundos, mandando bala como um matador profissional.

Ela trabalhava como caixa em uma parada de caminhões e por isso, durante o dia, me deixava em uma creche. Só me lembro do lugar porque era horrível. Lembro-me de ser deixado lá tão cedo que ainda nem havia amanhecido e também de ser levado para um cômodo no qual outras crianças dormiam em camas dobráveis. Indicaram-me uma cama e disseram que eu deveria tirar uma soneca até que *Captain Kangaroo* (meu programa de televisão favorito) começasse. O problema era que eu não conseguia dormir sem meu travesseiro de forma alguma. Comecei a gritar e abri o berreiro, e as lágrimas escorriam pelo meu rosto. Isso acordou e assustou todas as outras crianças na sala escura e, em poucos segundos, todos choravam e gritavam enquanto as funcionárias da creche corriam freneticamente de cama em cama para tentar descobrir o que estava errado. Quando elas conseguiram acalmar todo mundo e secar todas as lágrimas, já estava na hora do *Captain Kangaroo* e logo me deixei absorver pela saga do Mr. Green Jeans e de uma marionete de alce que vivia morrendo de medo de ser atingida por uma tempestade de bolas de pingue-pongue. Depois daquele dia, minha avó nunca mais se esqueceu de mandar meu travesseiro.

Ela recitava a mesma rima toda noite ao me pôr na cama:

— Boa noite, durma bem e não deixe que os percevejos mordam o neném.

Eu não fazia ideia do que era um percevejo, mas, segundo a rima, parecia bastante óbvio que eles eram capazes de infligir dor. Quando ela fechava a porta e me deixava na escuridão total, eu só conseguia pensar naqueles monstruosos insetos noturnos. Nunca formei uma imagem mental definida da aparência deles e, de certa forma, essa imprecisão só piorava meu medo. A imagem mais próxima que eu conseguia visualizar era de algo como carrapatos com olhos inquietos e um sorriso maligno. Ibr mais cansado que eu estivesse quando ela me colocava para dormir, a menção daqueles insetos me despertava como uma dose de sais aromáticos.

Havia mais uma coisa que Nanny costumava dizer e que me deixava de cabelos em pé. Tarde da noite, víamos televisão com todas as luzes da casa apagadas. A única iluminação era o tremeluzir azul da tela da TV. Nanny se virava para mim e dizia:

— Que som faz um espantalho?

Meus olhos se arregalavam como caricaturas de Halloween enquanto ela olhava com uma expressão soturna e respondia:

— Uuh! Uuh!

Eu não fazia ideia do que aquilo significava, nem sabia por que um espantalho soaria como uma coruja, mas, pelo resto da vida, nunca mais dissociaria uma coisa da

outra. Anos depois, essas imagens começaram a me transmitir a sensação de estar em casa e me traziam conforto. Tornaram-se símbolos do mais puro tipo de magia e me recordavam de uma época em que eu tinha segurança e era amado. Há algo nisso que nunca poderá ser expresso em palavras, mas a visão de um espantalho hoje entenece meu coração. Sinto vontade de chorar. A lembrança daqueles alegres espantalhos de outubro nas varandas dos sulistas me transporta para outro lugar. Agora, o espantalho simboliza um tipo de pureza.

* * *

De vez em quando, sentado aqui no confinamento solitário, preciso me tornar outra coisa. Preciso me transformar e obter uma nova perspectiva da realidade. Quando faço isso, tudo deve mudar: emoções, reações, corpo, consciência e padrões de energia. Voltei-me para o zen por desespero. Eu estivera no inferno, fora traumatizado e enviado para o Corredor da Morte por um crime que não cometi. Minha raiva e indignação me devoravam vivo. O ódio crescia em meu coração pela maneira como eu era tratado diariamente. Quanto mais limpo você for, maior será a luz que resplandecerá em você. Livre-se de todo o mal, e a corrente irá fluir como luz atravessando uma janela. É um processo pelo qual me forcei a passar muitas vezes. Todo dia, ao acordar, estou mais perto de uma nova vida. Consigo sentir os anos de programações e traumas acumulados se dissolvendo e saindo do meu corpo, deixando para trás uma pureza há muito lembrada. Geralmente, tenho pelo menos uma vaga ideia do que espero realizar ou vivenciar — criar um projeto artístico, explorar outras dimensões da consciência —, mas, desta vez, estou me deixando levar às cegas para onde quer que a corrente me carregue. Sinto-me mais jovem do que na década passada, e experiências que eu esquecera muito tempo atrás estão novamente ao meu alcance.

Nos filmes, você sempre precisa ficar de olho nos outros prisioneiros. Na vida real, precisa tomar cuidado com os guardas e a administração. Eles fazem de tudo para tornar sua vida mais difícil e estressante do que já é, como se o fato de estar no Corredor da Morte não fosse suficiente. Podem mandar um homem para a prisão por passar cheques sem fundo e, depois, atormentá-lo até ele se tornar um criminoso violento. Eu não queria que essas pessoas fossem capazes de me mudar, que tocassem meu âmago e me deixassem tão podre e estagnado quanto elas mesmas. Experimentei quase todas as práticas religiosas e exercícios de meditação que pudessem me ajudar a permanecer são

ao longo dos anos.

Perdi a conta de quantas execuções aconteceram durante o tempo em que cumpri pena. Creio que foi algo entre 25 e trinta. Eu conhecia bem e tinha intimidade com alguns daqueles homens. Outros, eu mal suportava. Mesmo assim, não fiquei feliz em ver nenhum deles tomar aquele rumo.

Muitas pessoas apoiaram a causa de Ju San, implorando ao Estado que poupasse sua vida, mas, no final, de nada adiantou. Ele havia cometido um crime particularmente hediondo. Frankie Parker era um viciado em heroína violento que matou os ex-sogros e manteve a ex-mulher como refém em uma delegacia no Arkansas. Com o passar dos anos, tornou-se Ju San, um sacerdote zen-budista rinzai com muitos amigos e defensores. Na noite de sua execução em 1996, logo após ter sido declarado morto, seu mestre e conselheiro espiritual recebeu autorização para entrar no Corredor da Morte e cumprimentar os condenados. Foi a primeira vez que se permitiu a entrada de um conselheiro espiritual para falar com detentos depois de uma execução. Ele nos contou quais tinham sido as últimas palavras de Frankie, o que ele havia comido na última refeição e como ocorrera a execução.

Eu estava assistindo à cobertura jornalística da morte de Ju San quando alguém parou diante de minha porta. Virei-me e vi um velho pequeno e careca de manto preto e sandálias que segurava uma espécie de rosário. Tinha sobrancelhas brancas tão desgrenhadas que lembravam pequenos chifres; eram quase como bigodes enormes acima dos olhos. Parecia intenso e concentrado quando se apresentou. Muitos pastores protestantes passam pelo Corredor da Morte, mas todos parecem se achar melhores do que nós. Dava para notar pelo modo como a maioria deles nem sequer se dava ao trabalho de apertar nossas mãos. Kobutsu não era assim. Estabeleceu um contato visual direto e firme e parecia realmente feliz em me conhecer. Fazer todo o possível para ajudar Ju San havia sido sua missão pessoal, e ele estava muito abalado com a execução. Antes de ir embora, me disse para lhe escrever sempre que eu quisesse. Aceitei a oferta.

Começamos a nos corresponder e, por fim, pedi-lhe que se tornasse meu mestre. Ele aceitou. Kobutsu é um paradoxo: um monge zen que fuma um cigarro atrás do outro, conta piadas quase pornográficas e sempre olha de soslaio e com apreço para a anatomia feminina. É homem santo, apresentador de circo, anarquista, artista, amigo e babaca, tudo envolto por um manto. Gostei dele logo de cara.

Kobutsu me mandava livros sobre os velhos mestres zen e as diferentes práticas budistas, bem como pequenos cartões para fazer santuários. Ele voltou pouco depois da

execução de Ju San para realizar uma cerimônia de refúgio para outro detento do Corredor da Morte, da qual pude participar. O refúgio é o equivalente budista do batismo. É como declarar perante o mundo sua intenção de seguir aquele caminho. Foi um lindo ritual, que despertou algo em meu coração.

Sob a tutela de Kobutsu, comecei a fazer meditação zazen diariamente. A meditação zazen requer que a pessoa fique sentada em silêncio e se concentre apenas na própria respiração, inspirando e expirando. De início, era uma agonia ter que ficar sentado imóvel e olhar para o chão durante quinze minutos. Com o passar do tempo, fui me acostumando e consegui aumentar as sessões para vinte minutos ao dia. Deixei de lado todo material de leitura que não fossem textos zen e manuais de meditação. Não li outra coisa nos três anos seguintes.

Cerca de seis meses após a cerimônia de refúgio do outro detento, Kobutsu voltou para realizar a minha. A magia contida nesse ritual decuplicou minha determinação. Eu começava cada dia com um sorriso no rosto, nem mesmo os guardas me afetavam. Acho que era um pouco inquietante para eles despir e revistar um homem que permanecia sorrindo durante todo aquele suplício.

Kobutsu e eu continuamos a nos corresponder e nos falar ao telefone. As conversas com ele eram uma mistura de incentivo, ensinamentos, piadas sujas e relatos bizarros de suas últimas aventuras. Através da prática diária, minha vida definitivamente foi melhorando. Até construí um pequeno santuário de Budas de papel na minha cela para me dar inspiração. Eu já fazia meditação zazen durante duas horas por dia e me esforçava cada vez mais, mas ainda não havia vivenciado aquela fugidia experiência de iluminação de que tanto se falava e que eu desejava de forma tão desesperada.

Um ano após minha cerimônia de refúgio, Kobutsu decidiu que estava na hora do Jukai. Jukai é a ordenação leiga na qual uma pessoa começa a fazer seus votos. Também é o momento em que ganhamos um novo nome, simbolizando o início de uma nova vida e o abandono da antiga. Só o mestre pode decidir quando estamos prontos para receber o Jukai.

Minha cerimônia seria realizada por Shodo Harada Roshi, um dos maiores mestres zen vivos em todo o mundo. Ele era o abade de um belíssimo templo no Japão e viajaria de avião até o Arkansas só para aquele evento. Semanas antes, minha expectativa já era tamanha que eu tinha dificuldade para dormir à noite. Na manhã do grande dia, antes de o sol nascer eu estava acordado, raspando a cabeça e me preparando para encontrar o mestre.

Kobutsu foi o primeiro a entrar pela porta. Eu podia ver a luz refletida em sua cabeça rosada, recém-raspada. Também notei que ele havia abandonado as tradicionais sandálias japonesas e calçava um par de All Star de cano longo. Era estranho ver um par de tênis aparecendo por baixo da bainha do manto de um monge. Atrás dele, estava Harada Roshi. Trajava um manto semelhante ao de Kobutsu, só que imaculado. Ocasionalmente, manchas de mostarda apareciam nas vestes de Kobutsu, e ele não parecia dar a mínima para isso.

Harada Roshi era pequeno e magro, mas tinha uma presença muito imponente. Apesar do sorriso caloroso, havia algo nele que lembrava uma formalidade quase militar. Acho que a primeira palavra que me veio à mente ao vê-lo foi “disciplina”. Ele parecia ter uma disciplina inalcançável para qualquer ser humano, o que me inspirou imensamente. Até hoje ainda me esforço para ser tão disciplinado quanto Harada Roshi. Por baixo de sua simpatia e gentileza, havia uma vontade sólida como aço.

Fomos todos levados até um aposento mínimo que servia como capela no Corredor da Morte. Harada Roshi falou da diferença entre o Japão e os Estados Unidos, do templo em seu país natal e do baixo número de asiáticos que o frequentavam ultimamente em busca de aprendizado — as pessoas que queriam aprender eram em sua maioria americanas. Sua voz era baixa, rouca e rápida. Em geral o japonês não é descrito como um idioma bonito, mas fiquei enfeitiçado. Desejei intensamente ser capaz de pronunciar palavras tão poéticas e elegantes.

Harada Roshi armou um pequeno altar para realizar a cerimônia. Sobre o manto de seda branca, havia uma pequena estátua de Buda, uma tela coberta de caligrafia e um incensório. Todos nós jogamos uma pitada do incenso de aroma exótico no incensório como oferenda e, em seguida, abrimos nossos livros de sutras para iniciar os cânticos adequados. Kobutsu precisou me ajudar a virar as páginas do meu livro, pois os guardas me obrigaram a ficar com mãos e pés acorrentados. Durante a cerimônia, recebi o nome Koson. Eu amava aquele nome e tudo que ele simbolizava, e o rabisitava por toda parte. Também ganhei de presente o meu *rakusu*.

Um *rakusu* é feito de tecido preto e fica pendurado no pescoço. Ele cobre seu *hara*, o centro energético situado dois dedos abaixo do umbigo. O *rakusu* tem duas faixas de tecido preto e um anel/fivela de madeira. É costurado formando um padrão parecido com o de um arrozal visto de cima. Representa o manto de Buda. Era a única peça do meu manto que a administração me permitia manter dentro da prisão. Na parte interna, Harada Roshi havia pintado, com uma bela letra, palavras que diziam: “Grande

esforço, sem falhas, traz grande luz.” Aquele era meu pertence mais importante até o dia em que os guardas da prisão o tiraram de mim, anos mais tarde.

A tela do altar também me foi dada de presente. A caligrafia ali desenhada significava: “Raios de luar alcançam até o fundo dos lagos; todavia, na água, não sobra nem um rastro.” Orgulhoso, coloquei-a à mostra na minha cela.

Aventurei-me pelo reino do zen para entender de alguma forma meus estados emocionais negativos, que eu havia aprendido a controlar em grande parte; mas agora encarava a prática com uma postura muito mais agressiva. Como um halterofilista, continuei a aumentar a carga. Nos fins de semana, fazia meditação zazen por cinco horas diárias. Estava sempre com o rosário na mão e entoava mantras constantemente. Praticava hatha ioga durante uma hora por dia no mínimo. Tornei-me vegetariano. Ainda assim, não tive uma experiência *kensho* transformadora. *Kensho* é um momento no qual enxergamos a realidade com uma visão cristalina, o que muitas pessoas chamam de “iluminação”. Eu não verbalizava meus pensamentos, mas estava começando a ter fortes suspeitas de que o *kensho* não passava de um mito.

Um mestre de budismo tibetano começou a ir à prisão uma vez por semana para ensinar a quem estivesse interessado. Frequentei aquelas sessões, concebidas especificamente para serem úteis a quem estava no Corredor da Morte. Uma prática que eu e outros detentos aprendemos se chama *Phowa*. Consiste em empurrar sua energia para fora pelo topo da cabeça no momento da morte. Contudo, isso não provocou o momento transformador que eu buscava.

Minha memória só começa a se estruturar e formar uma narrativa depois que entrei para a escola. Ainda me lembro de todos os professores que tive, desde o jardim da infância até o ensino médio.

Meus pais, minha irmã e eu nos mudamos para um condomínio chamado Mayfair em 1979, pelo que me lembro. Tínhamos um apartamento no andar de cima, em uma longa fila de portas idênticas. Quando saía para brincar, eu só conseguia achar meu caminho de volta espiando cada janela até ver móveis conhecidos. Minha avó também se mudou para um apartamento lá, que ficava uma fileira atrás do nosso. Foi naquele ano que comecei o jardim da infância, do qual me recordo bem.

O Mayfair ficava em uma área degradada de West Memphis, Arkansas, embora naquela época ainda não fosse tão decadente quanto viria a se tornar anos depois. Estávamos no pior distrito escolar da cidade, e, no primeiro dia, vi que eu era uma das duas únicas crianças brancas em toda a turma. A outra era meu melhor amigo, Tommy, que também morava no Mayfair. Nossa professora era uma mulher negra e magra chamada Donaldson, e seria difícil encontrar um adulto mais detestável. Ela não era tão ruim com as meninas, mas parecia nutrir um ódio intenso por todas as crianças de sexo masculino. Francamente, não sei como se tornou professora, já que parecia passar o tempo todo matutando sobre como criar formas novas e inovadoras de castigo.

Naquela idade, eu era muito quieto, quase a ponto de ser invisível. Conseguia evitar a ira da professora quase sempre, mas ela me notou em duas ocasiões. Na primeira, por um motivo que nunca entendi, uma garota disse que eu havia ficado de olhos abertos durante a hora da soneca. Todo dia, depois do almoço, devíamos pegar nossas esteiras, deitar no chão e dormir meia hora enquanto a professora nos deixava sozinhos. Ninguém sabia aonde ela ia ou por quê. Não bastava que ficassemos imóveis; ela queria que dormíssemos e ainda por cima quando mandasse. Uma criança era escolhida para ser o dedo-duro da turma enquanto ela estivesse fora e ficava sentada na mesa da professora como um deus observando todas as outras esparramadas de bruços no chão. A criança escolhida era sempre uma menina, nunca um menino.

Então, um dia após o almoço, eu estava no chão como de costume, respirando

poeira e torcendo para que não surgissem aranhas. A professora voltou meia hora depois e pediu que a aluna sentada à sua mesa fizesse o relatório sobre quem havia ou não dormido. A menina apontou direto para mim e disse:

— Os olhos dele estavam abertos.

Eu não havia saído da esteira, nem feito barulho algum, mas a professora me mandou ficar em pé na frente da turma e bateu nas minhas mãos com uma régua. Obviamente, senti dor, além da vergonha de ter sido submetido àquilo diante de todos, mas o que mais me assustou e traumatizou foram a vingança e o ódio da professora naquela hora. Ela estava descontrolada e furiosa, rangendo os dentes e bufando a cada golpe da maldita régua. Quanto ao outro dia em que ela me notou, não consigo me lembrar do que eu havia feito de errado, se é que tinha feito algo. Ibrém, lembro-me da punição e, dessa vez, eu não estava sozinho. Novamente, tive que ficar em pé diante de toda a turma — só que agora com dois outros meninos — e segurar uma pilha de livros em cima da cabeça por meia hora. Nós três ficamos em pé com os braços esticados para cima, tremendo por causa do esforço, enquanto segurávamos os livros no alto. Durante todo o castigo, ela gritou furiosamente conosco, dizendo coisas como: “Vocês vão aprender que não estou brincando!”

Belo exemplo de jardim de infância.

* * *

Dois incidentes estranhos ocorreram nessa fase de minha vida, e me lembro deles nitidamente, mas não consigo explicá-los. O primeiro aconteceu quando eu ainda morava no condomínio Mayfair.

Uma noite, quando o crepúsculo se aproximava, minha mãe me disse para não sair da calçada bem em frente a nosso apartamento. Sendo uma peste e indisciplinado, me afastei de lá no exato momento em que ela sumiu do meu campo de visão. Corri até os fundos do condomínio, onde havia uma enorme montanha de areia, e comecei a cavar um buraco com as mãos. Aquela era uma de minhas atividades favoritas, na qual investia muito tempo quando criança. Levantava da cama de manhã, comia uma tigela de cereal, lambia a colher para limpá-la e a levava para fora comigo. Passava o dia cavando, sem parar. O jardim da frente parecia um pesadelo, e minha mãe sempre saía na varanda e gritava:

— Menino, tape esses buracos antes que alguém quebre uma perna!

Quando levantei os olhos do buraco que estava cavando naquele dia, percebi que já tinha escurecido. Eu via a luz dos postes a distância, e a noite estava silenciosa como um túmulo. Não havia grilos cantando, pessoas falando, carros passando. Apenas o silêncio que chega quando o filme acaba e a tela fica sem imagem. Sabendo que estava oficialmente em apuros, limpei a areia do corpo e comecei a andar de volta para casa.

No caminho, precisei passar por um lugar no qual duas partes do prédio se juntavam e formavam uma quina. Da última vez que tinha notado aquela quina, o apartamento que ficava ali estava vazio. Naquele dia, o apartamento permanecia escuro, mas a porta da frente encontrava-se aberta.

Lá dentro, não havia iluminação — era como uma espécie de vácuo. Em pé, encostado no umbral da porta com os braços cruzados sobre o peito, estava um homem de calças pretas e sem camisa. Tinha cabelos negros que chegavam até os ombros e um sorriso sacana. Seus olhos me seguiram enquanto eu avançava até ficar bem à sua frente.

— Aonde está indo, garoto? — perguntou ele com um tom brincalhão, mas sem realmente esperar uma resposta.

Eu não disse nada, só fiquei ali em pé encarando-o.

— Sua mãe está à sua procura. Você vai levar uma surra.

Depois de um instante, continuei meu caminho. Quando encontrei minha mãe, ela estava com uma vara em uma das mãos e um cigarro na outra. De fato, levei uma surra.

Não pensei mais nesse incidente até mais ou menos a véspera do dia em que fui preso e indiciado por homicídio. Tinha dezoito anos, e os policiais me atormentavam direto havia semanas. Um dia, minha mãe me perguntou depois do almoço:

— Ibr que você não fica sem camisa e vai até o quintal para eu tirar umas fotos? Assim, se os policiais baterem em você, teremos imagens de antes e depois.

Concordando com a cabeça, andei até o banheiro e lá tirei a camisa. Quando olhei no espelho acima da pia, percebi que ficara igualzinho ao homem que eu havia visto anos antes naquele apartamento escuro.

Aos sete ou oito anos, vi um homem baleado na cabeça. Tínhamos nos mudado recentemente para uma casa geminada em Memphis. Em uma tarde de verão, deixamos a porta da frente aberta para entrar uma brisa na casa. De pé na soleira, eu olhava o meu pai, parado no jardim da frente. Com as mãos no bolso, ele encarava o chão, mas sem realmente vê-lo. Eu o observava havia um bom tempo e ele não tinha piscado uma vez sequer. Em sua mente, ele estava a um milhão de quilômetros dali, fazendo sabe-se lá o quê. Era um costume seu fazer aquilo, mas daquela vez era diferente. Como se fosse um

pressentimento.

Ouvimos um pequeno estouro vindo de longe, nada parecido com os tiros na televisão. Mais tarde, meu pai diria que, de início, pensou que fosse o barulho do escapamento de um carro na outra quadra. Nós dois levantamos a cabeça no mesmo momento e vimos um homem atravessando a rua, vindo em nossa direção. Segurava a cabeça entre as mãos, coberto de sangue.

Meu pai se virou para mim e começou a gritar como um instrutor dos fuzileiros navais:

— Corre! Corre! Corre! Levanta essa bunda daí!

Fui para dentro de casa com meu pai logo atrás de mim. Assim que ele fechou e trancou a porta, o homem, correndo a toda velocidade, se chocou contra ela. Houve um impacto tremendo e depois, nada. Tudo ficou em silêncio. Meu pai permaneceu olhando para a porta enquanto minha mãe entrava apressada na sala com um olhar assustado, mas questionador. Quando contei o que havia acontecido, os dois ficaram tentando resolver o que fariam.

Não tínhamos telefone, então foi decidido que minha mãe sairia correndo pela porta dos fundos até a casa ao lado, onde pediria para usar o deles. O único problema é que os vizinhos não responderam. Minha mãe ficou em pé na varanda, batendo à porta e gritando:

— Precisamos de ajuda! Por favor, me deixem usar o telefone!

De nada adiantou, pois os vizinhos se recusaram a responder. Depois que a polícia chegou, disseram que achavam que minha mãe tivesse atirado no meu pai e quisesse entrar para pegá-los.

Enquanto isso, o homem manchava tudo de sangue. Quando os policiais apareceram com uma ambulância, ele já havia desfalecido em nossos degraus. Manchas de mãos com sangue cobriam a porta da frente e nosso carro branco. A ambulância foi embora levando o homem enquanto os policiais interrogavam meus pais. Meus avós paternos, Doris e Ed Hutchison, chegaram para me levar com minha irmã para passar a noite com eles e tentaram evitar ao máximo que víssemos toda aquela confusão.

Minha mente, ainda jovem, se recuperou sem que o incidente deixasse marcas. No dia seguinte, voltei a brincar com as outras crianças. Não houve nenhum trauma remanescente. Todavia, se tivesse de vivenciar a mesma experiência hoje, precisaria de terapia pelo resto da vida. Os pesadelos roubariam meu precioso sono, e meus nervos ficariam em frangalhos.

Não consigo precisar exatamente quando comecei a perder minha flexibilidade, minha capacidade de me recuperar de um incidente perturbador; só consigo olhar para trás e ver que ela se foi. Sem dúvida, ser julgado por um crime que não cometi me estragou um pouco. Apesar disso, sobrevivi mais ou menos intacto. Não me entenda mal — meu coração, alma, corpo e mente têm cicatrizes que nunca vão se fechar adequadamente. Ainda assim, sobrevivi. Não tenho certeza de que teria conseguido se tudo aquilo tivesse acontecido em um período posterior de minha vida. Acho que seria bem possível que eu caísse morto por causa do choque e do trauma bem no meio do tribunal.

Se eu não tivesse sido mandado para a prisão tão jovem, nunca teria conseguido me adaptar. A prisão já é bastante ruim, mas é um milhão de vezes pior quando você sabe que não fez nada para estar aqui. Esse fato intensifica muito o choque e o trauma. Dessa maneira, cresci neste lugar. Talvez tenha sido isso que roubou minha flexibilidade interior.

Não lido mais com todas as situações da vida de coração aberto, pronto para aprender. Em vez disso, ajo como um velho cauteloso com medo de levar uma nova rasteira. Um velho sabe que, na sua idade, essas lesões não saram tão rapidamente quanto antes. Quando jovem, eu aprendia porque era curioso. Não pensava necessariamente em aprender; era algo mais parecido com os filhotes de animais que vemos nos programas sobre a vida selvagem. Eles aprendem quase que por acidente, pelo simples fato de estarem brincando e manterem os olhos bem abertos. Agora, amei o conhecimento por causa do medo. Calculo que, quanto mais souber, maior será minha capacidade de controlar uma situação e evitar novas feridas.

* * *

Eu odeio. Odeio os sinais e sintomas da idade que vejo crescendo em mim a cada dia que passa. Agora, tenho a mesma idade que Hank Williams tinha quando morreu. Nossas situações e circunstâncias fizeram com que nós dois envelhecêssemos antes do tempo. Contudo, não pense que sou cínico. Acho que isso é totalmente reversível. Acredito que o amor pode consertar quase tudo. Amor e chá gelado. Só preciso de doses maiores do que as que posso conseguir aqui. Talvez não demore até que alguém corrija esta injustiça e me resgate deste pesadelo. Até lá, minha única escolha é continuar lutando como tenho feito até agora. “São Raimundo Nonato, ouça minha prece...”

O ano, o conceito de um ano, tornou-se frágil como uma folha de papel. Quase consigo esticar o braço e abrir um buraco transpassando-o com minha unha. Dezembro está chegando. Posso sentir seu despertar. Ele vem com um lugar assombrado para eu repousar a cabeça e uma imagem clara de tudo que vejo. O mundo inteiro parece estar usando seus enfeites de fim de ano, e cada dia que passa é mais um quilômetro percorrido no deserto gelado.

* * *

Quando eu estava no segundo ano, uma amiga de Nanny decidiu alugar para minha família a minúscula construção de três cômodos que ficava no quintal atrás de sua casa, pois a pensão da previdência social não era suficiente para ela sobreviver. Relembrando esse momento, acho incrivelmente estranho que alguém tivesse uma estrutura como aquela no quintal dos fundos de uma pequena casa no subúrbio. Mais parecia um abrigo antibombas.

Alguém fizera uma instalação elétrica ali, e a água funcionava razoavelmente bem, mas não havia aquecimento. Às vezes fazia tanto frio lá dentro que formava gelo na privada. Para não congelar e morrer, minha mãe ligava o forno na temperatura mais alta e deixava a porta aberta. Tínhamos uma gatinha que pulava para cima da porta do fogão e se instalava ali, enroscando-se e dormindo.

Depois de um tempo, meus pais conseguiram pegar emprestado um pequeno aquecedor portátil. De manhã, enquanto eu e minha irmã nos vestíamos para a escola, minha mãe nos botava em frente ao aparelho para que não ficassemos tremendo. Um dia, enquanto nos vestíamos, minha irmã recuou e encostou no aquecedor. A rua inteira pôde ouvir seus gritos, um estridente gemido de dor. Ainda consigo ver minha mãe de joelhos, agarrada à minha irmã, balançando-a para a frente e para trás enquanto ambas soluçavam. Depois que as coisas se acalmaram, minha mãe examinou minha irmã e, como não parecia ser nada muito ruim, fomos para a escola.

Ao voltarmos a pé naquela tarde, as costas da blusa e das calças de minha irmã

estavam encharcadas. As partes do seu corpo que haviam tocado o aquecedor formaram bolhas ao longo do dia, e elas estouraram. Quando viu aquilo, minha mãe começou a chorar de novo. Aquele foi um dos anos mais pobres que a minha família já teve.

Cerca de uma semana antes do Natal, houve muita empolgação em casa quando três homens mais velhos trajando terno apareceram à nossa porta carregando caixas e sacolas de comida. Acho que eles eram *shriners* ou maçons, não me recordo bem. Lembro-me de minha mãe abraçando-os e agradecendo sem parar enquanto minha irmã e eu corríamos em volta das pernas deles como gatos famintos, ansiosos para ver as delícias dentro daquelas sacolas. Minha mãe chorava incontrolavelmente e continuava abraçando os homens. Eles não falaram muito, só responderam aos agradecimentos e foram embora tão depressa quanto chegaram. Aquele foi nosso jantar de Natal. Recebemos doações de grupos como esse mais de uma vez. Geralmente eram do Exército da Salvação.

Meu pai se envergonhava profundamente por precisar aceitá-las. Isso é algo inculcado na cabeça dos homens brancos no Sul dos Estados Unidos desde o momento em que eles aprendem a falar: nunca aceite nada que não tenha sido conquistado por você mesmo. O fato de ter que aceitar as doações o feria de tal maneira que o levava à beira de um precipício emocional. Eu não era grande o bastante para realmente entender; só sabia que meu pai agia de forma estranha, roendo as unhas com tanta fúria que, às vezes, parecia que ele ia pôr a mão inteira na boca. Agora sei que era porque um homem que aceitava doações não era considerado um homem de verdade — especialmente por ele mesmo. Qualquer homem com dois braços e duas pernas em perfeito estado que se inscrevia para receber benefícios da previdência social não era considerado muito melhor que um ladrão, um mentiroso ou um estuprador.

No final, acho que isso foi uma das causas para que o casamento dos meus pais começasse a se desintegrar: o estresse da pobreza. Costumo pensar nessas coisas na época do Natal. Provavelmente porque havia um saco de doces nas sacolas de comida que os homens nos levaram, e minha avó sempre os chamava de “doces natalinos”.

Ao crescer, também aprendi a ter vergonha de ser pobre. Aquilo se tornou humilhante, algo que eu fazia de tudo para esconder do resto do mundo. Desenvolvi uma sensação esmagadora de que era excluído de tudo. Para todo lugar que olhava, via pessoas com coisas que eu não possuía, e isso teve um efeito profundo em minha mente. Principalmente na adolescência.

Mais tarde, desenvolvi um orgulho feroz por ter vindo daquela situação e daquelas circunstâncias. Olho para as pessoas que fizeram coisas horríveis comigo, que mentiram

a meu respeito, me atormentaram e tentaram tirar minha vida, e sei que elas nunca teriam sido capazes de superar o que superei. Elas teriam morrido por dentro.

Conversei com alguns dos outros homens no Corredor da Morte sobre quando éramos crianças, e eles riram de minha infância pobre. Ri com eles. Um sujeito disse que era pobre porque crescera em um conjunto habitacional e eu fiquei furioso.

— Ibbre? Vocês tinham água! Tinham aquecimento! Usavam tênis de cem dólares! Isso não é pobreza. Vou contar o que nós tínhamos...

Todos riem quando ouvem que certas áreas do estacionamento de trailers eram consideradas “de gente rica”. Agora, relembro, olho para aquilo e também acho graça — mas nem sempre eu via esse humor. Não há motivo para rir quando se precisa lutar contra as baratas para ver quem vai ficar com o cereal no café da manhã.

Agora acredito que meus pais simplesmente não foram feitos para ficar juntos. Talvez não fossem feitos para ficar com ninguém, uma vez que, a esta altura, meu pai já se casou e se divorciou diversas vezes, e minha mãe não fica muito atrás em termos de relacionamentos fracassados. O problema entre eles começou quando eu estava no segundo ano do ensino fundamental.

Nanny havia se casado novamente com um homem respeitável chamado Ivan Haynes. Sempre me lembro dele como meu avô materno. Às vezes ele conseguia ser muito babaca. Eu sempre esperava escutar sua risadinha sarcástica toda vez que ele testemunhava minha dor ou minha desgraça. Algumas pessoas, ao ouvir relatos de minha infância, já especularam que talvez ele não gostasse muito de mim. Não acredito nisso. Havia muito amor entre nós dois; ele só fazia algo que era natural para os membros de minha família. O fato de rir e implicar com os outros nos ajuda a desviar a atenção de nossos próprios problemas.

Lembro-me de uma tarde ensolarada quando eu tinha uns sete anos e Ivan estava sentado em uma cadeira de praia na varanda tomando uma lata de cerveja. Eu só o via beber uma ou duas vezes por ano, e a coisa mais forte que ele tomava era Budweiser. Por algum motivo, Ivan sempre jogava algumas colheres de sal dentro da lata antes de beber. Uma vez, ele me deixou provar um golinho da lata e só senti gosto de sal.

Eu estava brincando no quintal e vestia apenas um short. Completamente vulnerável.

— Ei, garoto — gritou Ivan, piscando como um gato à luz do sol. — Traga aquela tábua ali.

Ele apontou para um pedaço de compensado caído no meio da rua.

Sem desconfiar de nada, peguei a tábua e fui andando de volta até a varanda. Quando veio a dor, parecia estar inflamando todas as partes do meu corpo de uma só vez. Comecei a berrar e me debater furiosamente. A dor era tão intensa que causou um curto-circuito em meu raciocínio lógico. Eu corria em círculos, dava tapas em mim mesmo e batia os pés no chão com força, dando voz a um grito infinito. A tábua estava em cima de um formigueiro de lava-pés quando a peguei. Aquela não foi nem a primeira nem a última vez que fui picado, mas foi a pior e a mais dolorosa.

O que meu avô estava fazendo enquanto eu ia à loucura? Tomando sua cerveja e me observando sem muito interesse. Minha mãe saiu correndo de casa e me segurou. Ela já sabia qual era o problema e me carregou para dentro da banheira para jogar água fria em mim. Quando atravessamos a varanda e passamos por meu avô, eu o ouvi soltar uma risadinha.

Ouvi aquela risadinha enlouquecedora mais uma vez depois de uma de suas viagens para ir a leilões, algo que adorava. Ele vasculhava as porcarias das outras pessoas; aparecia logo cedo em todas as vendas de garagem anunciadas no jornal local e dava lances para montanhas de lixo em leilões por todo o estado. Pegava aquele lixo e o consertava para vendê-lo depois em sua barraca no mercado de pulgas.

Um dia, chegou em casa com uma caixa cheia de bugigangas que incluíam um par de nadadeiras, ou pés de pato. Não eram maleáveis e flexíveis como nadadeiras profissionais. Eram duras como tijolos, como pés de sapo petrificados. Quebrariam se alguém tentasse dobrá-las. Meu avô as jogou para mim e disse:

— Calce-as e vá testá-las.

Levei-as para o quintal nos fundos da casa, onde uma piscina de pouco mais de um metro de profundidade estava largada havia alguns anos. A piscina nunca fora esvaziada nem limpa desde que a armaram; portanto, a água era verde-escura e perturbadora. Insetos estranhos passavam pela superfície, procurando alguém para picar. Não me agradava muito a ideia de mergulhar naquela gosma.

Sentei-me na escadinha bamba e prendi as nadadeiras nos pés. De pé na escada, me joguei no meio da piscina e comecei a mexer as pernas. Meus esforços foram em vão e logo estava me debatendo no fundo. Comecei a me perguntar se aquelas nadadeiras não eram feitas para natação de mentira, e não para ser usadas em água de verdade. Qualquer que fosse o caso, pensei “Dane-se!” e decidi sair. O problema é que eu não conseguia ficar em pé. Aquelas nadadeiras rígidas como pedra me impediam de manter os pés embaixo de meu corpo. Frenético, consegui pôr a cabeça para fora da água por um

instante, achando que aquele seria meu último suspiro. Qual foi a visão que tive enquanto me afogava? Meu avô, com as mãos na cintura, soltando uma risadinha. A seu lado, minha irmã, rindo também e apertando os olhos por causa do sol. Meu terror evaporou diante da ira que varreu meu corpo; consegui pôr a mão na escada e me impulsionar para fora.

Durante alguns instantes, a única coisa que consegui fazer foi tossir, cuspir e tentar expelir a água de meu nariz, que fazia minha cabeça arder por dentro como fogo. Quando consegui falar, arranquei as nadadeiras e comecei a gritar enfurecido, com o dedo em riste apontado para os dois:

— Idiotas! Vocês dois são uns idiotas! Vou contar para a mamãe!

Voei para dentro de casa como um gato escaldado enquanto meu avô gritava atrás de mim:

— Não deixe essa água pingar no tapete!

Encontrei minha mãe dobrando roupas. Fui correndo contar toda aquela história sórdida, meus pés descalços batendo no chão com fúria. Depois de ouvir que minha irmã e meu avô tinham ficado parados, rindo, enquanto eu quase me afogava, ela simplesmente continuou a dobrar roupas. Com o cenho franzido, acendeu um cigarro e expeliu um sopro de fumaça cinza e nociva no ar antes de sugerir:

— Não calce mais essas nadadeiras então.

Fiquei aturdido e muito magoado. Eu esperava ser paparicado. Em vez disso, ninguém levou meu trauma a sério.

Às vezes, meu avô me passava algumas informações estranhas e altamente suspeitas, muitas vezes sobre a natureza dos pés. Ele tinha bastante tempo livre para pensar naqueles mistérios, pois ficava a maior parte dos seus dias sentado tranquilamente no mercado de pulgas, esperando que alguém chegasse e fizesse uma oferta por seus artigos. Uma vez, ele conseguiu várias caixas grandes com meias, que foram postas em exposição. Eu odiava aquelas meias. Não havia nada minimamente interessante nelas. Eu passeava pelo mercado de pulgas inspecionando todas as outras barracas, que sempre tinham artefatos estranhos e fantásticos. Quando alguém ia até a barraca de meu avô, só havia um monte de meias sem graça.

Eu estava comendo meu almoço típico de verão — sanduíche de manteiga de amendoim com banana — e tomando refrigerante para ajudar a comida a descer quando comecei a suspeitar que todas as pessoas brancas desdenhavam aquelas meias tanto quanto eu. Todos os brancos que se aproximavam da barraca pareciam não mostrar

interesse algum pelas meias e quase empinavam o nariz se meu avô tentasse chamar a atenção delas para suas mercadorias com desconto. Também notei que quase todos os negros que passavam pela barraca compravam pelo menos um par, às vezes vários. Achei aquilo muito peculiar.

— Pbr que só os negros compram as meias? — perguntei a Ivan entre uma mordida e outra no sanduíche.

Ele me olhou por cima da xícara enquanto tomava um gole de café.

— Pbrque eles não querem que os pés fiquem frios — acabou respondendo.

Parecia existir um mistério profundo naquilo. Havia algum motivo especial para eles protegerem os pés? Os brancos não se importavam de ficar com os pés frios? Eu, pessoalmente, era contra ficar com os pés frios, mas não tinha vontade de comprar meias no mercado de pulgas.

— Pbr quê? — perguntei frustrado. — Pbr que eles não querem que seus pés fiquem frios?

Ele me olhou como se eu tivesse enlouquecido, franziu a testa e balançou a cabeça antes de responder:

— Pbrque se ficarem com os pés frios eles morrem.

Aquela era uma revelação espantosa. Eu estava chegando ao fundo daquela questão. Fiquei surpreso e me perguntei por que ninguém tinha se dado ao trabalho de me ensinar aquele fato da vida na escola. Tinha uma última pergunta.

— Os brancos morrem se ficarem com os pés frios?

Ele deu uma risadinha, virou as costas para mim e começou a tentar atrair mais clientes. Passei anos pensando naquela conversa. Até a relatei para um sujeito no Corredor da Morte, e a história se transformou em piada. Quando ele se preparava para ir ao pátio nas frias manhãs de inverno, eu gritava para lembrar-lhe:

— Não se esqueça de pôr as meias. Você sabe o que acontece quando seus pés ficam frios.

Ele ria e dizia:

— Você e seu vovô racista não vão me enganar.

Houve outro incidente em minha juventude que envolveu meu avô e meias. Pbr algum motivo, eu não conseguia dormir sem meias. Não me parecia certo. Vestia as calças do pijama e as enfiava dentro das meias. As meias precisavam ficar puxadas até quase os joelhos, transformando minha roupa de dormir em algo parecido com uma estranha fantasia de super-herói. O problema era que, muitas vezes, eu ficava três ou

quatro dias sem trocar as meias. Gritava enfurecido se alguém me pegasse e as tirasse à força.

Isso mudou quando meu avô me disse que dormir de meias podia fazer com que meus pés estourassem porque não estavam sendo arejados. Na minha cabeça, via meus dedos explodindo como pipoca. Na verdade, aquilo me fez ter pesadelos com pés que arrebetavam. Ele sempre me contava alguma coisa maluca e parecia acreditar no que dizia. Hoje conto histórias estranhas para os filhos de minha irmã e eles acreditam piamente. Pelo menos não estou mandando as crianças para um formigueiro de lava-pés. Ivan era um bom homem, em uma boa casa, em um bom bairro. Não há muito mais a ser dito sobre ele além do fato de que, com o tempo, aprendi a amá-lo e chorei como um bebê quando ele morreu alguns anos depois.

Depois do casamento, Nanny se mudou de seu apartamento para a casa de Ivan, que ficava na parte mais bonita, de classe média, de West Memphis. Não fazia muito tempo que estavam morando juntos quando nos mudamos para a casa deles. Ao dizer “nós”, estou falando de mim, meus pais e minha irmã. Aquela deveria ser uma solução de curto prazo enquanto meu pai arrumava outro lugar. Havíamos pulado de um local para outro e, em mais ou menos dois anos, moramos em seis estados diferentes antes de, por fim, parar na casa de meus avós.

Meus pais dormiam na cama do quarto de hóspedes, e eu e minha irmã dormíamos no chão ao lado deles. Lembro-me dos braços fortes do meu pai me levantando do chão em mais de uma ocasião quando ouvia minha respiração ofegante durante uma crise de asma. Ele me levava para o pronto-socorro, que eu detestava porque sabia que lá havia muitas agulhas esperando por mim. Agora me recordo daquela época com algum carinho e sinto saudades. Eram tempos mais simples.

Uma vez, perguntei a meu pai como os peixes entravam em um lago que antes estava vazio, e ele, com toda a sinceridade, disse que vinham com a chuva. Ele acreditava que, quando a água de um lago evaporava, os peixes evaporavam junto. De alguma forma, os peixes sobreviviam ao processo e, quando começava a chover, voltavam com a água que caía. Em sua mente, a veracidade daquela afirmação era inquestionável. Obviamente, ele também acreditava que você morreria se jogasse seu chapéu em cima da cama. Quando perguntei por que não choviam peixes *em todos os lugares*, ele disse que às vezes choviam. Contou-me que, uma vez, quando criança, viu peixes se debatendo em uma estrada após uma tempestade. Ele se recusou a comê-los porque daria azar. E se sentia incomodado só de falar sobre isso.

Já estávamos lá havia alguns meses quando meus pais começaram a brigar, embora, até hoje, eu não saiba o motivo. Talvez fosse a pressão de estar sempre sem dinheiro e em tempos difíceis. A despeito do motivo, meu pai saiu de casa e foi para um hotel barato.

De início, eles tentaram resolver a situação vendo-se algumas vezes por semana e mantendo um relacionamento, como se estivessem namorando. Meu pai ia nos pegar nos fins de semana e nos levava para comer fora ou para ver o mais novo filme de terror no *drive-in* e nos encher de cachorro-quente e pipoca. Sempre assistíamos a filmes de terror. Lembro-me ainda criança de ficar vendo filmes de terror com meu pai até de madrugada. Ainda gosto de filmes e romances de terror porque eles me trazem lembranças de “casa”. Nostalgia, pode-se dizer.

De qualquer forma, aquilo não funcionou. Percebi que a relação dos meus pais havia acabado quando um dia voltava a pé da casa de um amigo e avistei o carro de meu pai na entrada da garagem. Ao me aproximar, vi a porta do motorista aberta e meu pai sentado no banco com uma perna no chão e outra dentro do carro. Seu rosto estava escondido entre as mãos e ele chorava tanto que todo o seu corpo tremia. De início, pensei que talvez estivesse rindo, mas levantei a cabeça e olhei para minha mãe. Ela estava em pé fora do carro, ao lado dele, com os olhos vermelhos. Quando cheguei perto, meu pai me agarrou e ficou me abraçando enquanto continuava a chorar. Fiquei morrendo de medo, sem saber que diabos fazer.

Minha mãe me explicou de uma forma piegas como meu pai não ia mais morar conosco, mas disse que ele continuaria a aparecer lá em casa nos fins de semana para ver a mim e a minha irmã. E foi o que ele fez por um tempo. Ele passava e nos levava para ver minha tia ou meus avós de seu lado da família. Mas logo tudo isso acabou.

Quatro

Não demorou muito até minha mãe conhecer alguém. Eu devia estar no terceiro ano do fundamental na época. Seu nome era Jack Echols e ele era vinte anos mais velho que a minha mãe, embora não desse para perceber olhando para ela. Uma dieta à base de frituras e comidas gordurosas, cigarros, nenhum exercício e uma vida sem futuro fizeram com que ela aparentasse muito mais idade aos 25 anos, quando eles se casaram. Nunca encontrei uma só pessoa em minha vida que tivesse algo de bom a dizer sobre Jack. Ele era um canalha detestável que só piorou com a idade.

Depois de romper com meu pai, minha mãe começou a ir a uma igreja protestante não muito distante da nossa casa. Foi lá que ela conheceu Jack, que frequentava os cultos havia uma eternidade, ou pelo menos desde que Jesus, o carpinteiro, construíra aquele lugar com suas próprias mãos.

Ainda consigo fechar os olhos e ver a primeira vez que o notei. O culto tinha terminado, e corri para o estacionamento para jogar pique rapidinho com todos os outros pequenos pagãos quando olhei para cima e vi Jack saindo pela porta da frente com o braço em volta de minha mãe. Minha mente ficou alerta como as orelhas de um cão que se levantam quando ouvem um barulho estranho. Aquilo só despertou meu interesse por um instante, depois voltei a atenção para o que estava fazendo. Fiquei muito ressentido e me lembro claramente de um dia em que minha mãe me encontrou chorando e perguntou qual era o problema.

Falei que queria morar com meu pai, ao que ela respondeu:

— Bem, ele não quer você morando com ele.

Eu sabia que ele nunca tinha dito algo do gênero, mas, mesmo assim, fiquei magoado ao ouvir. Ela não podia imaginar quanto aquele comentário me feriu; contou que já havia informado a meu pai que logo se casaria de novo e que era melhor eu ir me acostumando com a ideia. De qualquer maneira, no momento em que ela disse aquilo, senti que não seria possível encontrar consolo em lugar algum do mundo. Senti um grande frio dentro de mim e não tinha a quem recorrer. Pela expressão de seu rosto, notei que minha mãe sentiu prazer em me dar aquela notícia. Não era uma expressão alegre ou feliz — parecia mais um desafio do que qualquer outra coisa. Eu me senti como o

médico e o monstro: uma parte de mim ainda queria buscar algum conforto nela, ansiava por ouvir dela que ia ficar tudo bem; a outra queria dizer coisas que a atingissem diretamente no coração e a fizessem sofrer como eu sofria.

* * *

Em casa, eu costumava caminhar por terras emocionalmente desoladas onde as rugas nos rostos envelhecidos eram tão profundas que o vento assobiava ao passar. As pessoas entravam e saíam de minha vida, mas eram os *lugares* o que realmente importava. Ainda hoje, posso senti-los puxando minha manga com força e girando em torno de minha cabeça. Todas as velhas histórias estão erradas, pois não é o fantasma que assombra a casa; é a casa que assombra o fantasma. Sinto-me perdido por aqui, e tudo me lembra que não sou tão real. No final, é sempre o lar que nos amaldiçoa.

De algum modo, meus dias se tornaram tão ricos e contorcidos quanto as trapadeiras que cresciam em volta da casa de minha avó. É quase insuportável, e meu coração está prestes a se romper. Sinto-me esmagado por coisas que nem sequer consigo articular. Sou assombrado pela maneira como as folhas salientes costumavam lançar reflexos sobre as poças no asfalto. Quero ir para casa. Nunca desejei algo tão ardentemente. Os fantasmas estão usando minha cabeça como uma discoteca cheia de neon, e quero ir para casa. Meu coração é uma casa mal-assombrada que não consigo deixar para trás. Tudo aqui vibra mais devagar do que lama, e ninguém tem alma.

O tempo se deteriora rapidamente aqui dentro, e o cheiro é de carne podre. Cada dia acrescenta um pouco mais de peso, quase imperceptível de início, mas que, no final, vai acabar nos matando esmagados. Neste lugar, sua vida pode ser medida pelo tempo que você consegue continuar lutando. Os demônios conseguem perceber se você tem alguma vida por trás dos olhos e atacam para extingui-la. Os guardas, os prisioneiros, a administração — a energia é uma eterna espiral descendente, criando uma escada demoníaca que não leva a lugar algum. A parte mais assustadora é que eles também são estúpidos demais para perceber o que estão fazendo. Parecem acreditar que, se continuarem a cavar o mesmo buraco, acabarão alcançando o paraíso.

Minha exaustão ultrapassa as profundezas de meu corpo. Penetrou na minha alma e, todo dia, me rouba um pouco mais do que já fui um dia. Do que eu deveria ser. Não há descanso aqui, e não há vida. Quando tento olhar para a frente, a luz parece um pouco mais distante a cada dia. Há desespero em minha respiração e nenhum salvador à vista.

Dizem que só é a morte se você aceitá-la, mas, atualmente, sinto cada vez mais que não tenho escolha. Continuo dizendo a mim mesmo: “Não vou parar. Não vou parar.” Se não por outro motivo, que seja por simples vontade. Se tudo mais der errado, continuarei seguindo em frente movido apenas por força de vontade. Tem que haver um pouco de magia em alguma coisa, em algum lugar.

Vislumbrei minha sombra hoje. Geralmente, é muito difícil vê-la porque ela sempre se esconde atrás de mim. É muito mais fácil ver a de todas as outras pessoas.

* * *

Minha mãe e Jack costumavam sair muito pouco para namorar, e parecia que a maior parte das conversas dos dois acontecia naquele maldito estacionamento. Após o culto, minha avó chegava para nos pegar, pois era esperta o bastante para evitar aquele lugar. Minha mãe, minha irmã e eu entrávamos no carro, depois Jack vinha se arrastando no final do rebanho e tomava uma reta em nossa direção. Minha mãe abaixava a janela e ele ficava ali em pé, conversando com ela até que todos os outros carros já tivessem saído do estacionamento e nosso cérebro estivesse cozinhando por causa do calor brutal do sol de verão. Anos depois, quando ouvi os ensinamentos sobre o purgatório, foi exatamente daquela maneira que o imaginei: não exatamente o inferno, mas ruim o suficiente para que quiséssemos xingar o babaca apoiado na janela do carro que nos obrigava a ficar naquele lugar desolado.

Jack era calvo no topo da cabeça, mas dominava a arte de cobrir a careca com cabelo. Tinha cabelos que cresciam em volta das orelhas e penteava-os por cima do topo da cabeça, que era lisa como um ovo. Ele não possuía a maioria dos dentes, e os poucos que restavam eram amarelos e tortos como velhas lápides. Sua pele havia sido cozida pelo sol até assumir a textura de couro, e sua barriga era inchada por causa de úlceras. Eu ficava me perguntando do que minha mãe gostava em uma criatura como aquela, mas a resposta era bastante simples: Jack Echols foi o primeiro homem a prestar atenção nela depois que meu pai foi embora, e isso bastava. Ela estava sedenta por atenção, e ele a satisfazia.

Jack nos forçou a começar a frequentar cultos em um lugar chamado A Igreja de Deus. Era um verdadeiro show de horrores no qual as pessoas falavam em línguas estranhas e rolavam pelo chão gritando quando “incorporavam o espírito”. O pastor era um homem com obesidade mórbida cuja respiração podia ser ouvida do outro lado da

sala.

Duas vezes a cada domingo, uma de manhã e outra à noite, ele pregava sobre o fim do mundo iminente. Antes de ir embora, sempre sacava uma garrafa de azeite e perguntava se alguém sofria de alguma enfermidade que precisasse ser curada. Qualquer pessoa que desse um passo à frente tinha o rosto esfregado com azeite antes de ser empurrada para o chão em meio a uma comoção de gritos enquanto uma horda de crentes raivosos agitava as mãos no ar e uivava para o teto.

Minha mente jovem de um menino do quarto ano ficou muito impressionada, e pensei bastante sobre todos os milagres que poderia fazer se tivesse a garrafa de azeite mágico. Minha irmã foi para lá ser “curada” muitas vezes porque, desde o nascimento, tinha problemas de audição e sempre precisou que inserissem tubos em seus ouvidos. Ela nunca caiu no chão tremendo, nem passou a ouvir melhor.

Para uma festa de brancos pobres, o casamento de minha mãe e de Jack foi bastante agradável. A cerimônia aconteceu em uma igreja velha que ficava à beira da estrada. Nossa família e a de Jack compareceram, e qualquer bom observador podia dizer quem pertencia a qual delas. Jack tinha seis filhos, e o mais velho era apenas um ou dois anos mais novo que minha mãe. Eram quatro homens e duas mulheres, todos mais velhos que eu, com idades entre dezessete e 24 anos. Sua filha Sharon e seu filho Barney moraram conosco por um tempo. Não houve música, flores nem recepção após a cerimônia. Minha mãe usava um vestido leve azul, e Jack estava com uma camisa meia-manga. Ele nem sequer pôs uma gravata. A cerimônia foi incrivelmente curta e, assim que Jack deu dez dólares ao pastor pelo incômodo, todos voltaram para seus carros.

Àquela altura, Jack já era bastante mau, mas ainda se tornaria muito pior. Ele nos forçava a ir àquela igreja três vezes por semana; não tínhamos escolha. Era uma das pessoas mais cheias de ódio que já conheci, e mesmo assim vivia na igreja. Agora sei que isso não é nada incomum, que é mais a regra do que a exceção, mas na época eu não conseguia compreender. Ele montava guarda toda noite quando fazia com que eu e minha irmã nos ajoelássemos ao lado da cama para rezar. Tínhamos uma cachorrinha, uma chihuahua chamada Pepper, e uma vez o vi dar um soco de punho fechado na cadela porque ela ousou pular na cama enquanto ele rezava.

Depois de nos obrigar a ir àquela maldita igreja dos infernos por vários meses, ele anunciou que nos mudaríamos para lá. É um desafio descrever o lugar onde fomos morar, pois não era nem uma casa, nem um apartamento. Os aposentos nos fundos da igreja haviam sido convertidos em um quarto, um banheiro, uma cozinha e uma sala de

estar para que fossem alugados e gerassem mais renda para a congregação. Na verdade, não era ruim. Só a cozinha e o banheiro tinham janelas, de modo que o resto do lugar era escuro e frio como uma caverna. Pelo menos tínhamos mais espaço do que no apartamento, e fui para uma nova escola, mais próxima daquilo que considerava ser meu lar.

Jack só cometeu dois atos evidentes de violência contra mim, e ambos foram mais ou menos naquele período. O primeiro aconteceu na cozinha em um sábado pela manhã. Eu estava sentado à mesa admirando minha coleção de adesivos, pela qual havia me tornado fanático. Cobiçava adesivos mais do que qualquer outra coisa no mundo e tinha um belo álbum cheio deles. Minha mãe cozinhava e Jack estava em pé bloqueando a porta. Levantei e tentei passar por ele me esgueirando com a intenção de ir assistir a um desenho animado. Pude sentir a raiva dele quando, com um empurrão, me jogou do outro lado da cozinha, em cima da porta da geladeira, cuja maçaneta feriu minhas costas. Perdi o equilíbrio e caí no chão.

Quando comecei a chorar, minha mãe levantou a cabeça sem nenhum sinal de urgência e perguntou:

— Pbr que você fez isso?

Ele urrou:

— Ele precisa aprender que não pode ir abrindo caminho aos empurrões por aqui!

Eu não fazia ideia do que ele estava falando, o que só me amedrontou. É assustador ser punido quando você não faz ideia do que fez de errado.

O segundo ato de violência foram umas “palmadas”. Não lembro o motivo, mas eu estava discutindo e argumentando com minha mãe, tentando fazer com que mudasse de ideia em relação a algo que ela me havia proibido de fazer ou ter. Não recordo mais o motivo da discussão, mas me lembro da reação de Jack como se fosse ontem. Ele me agarrou e me jogou na cama com tanta força que quiquei e caí no chão. Então ele me pôs de volta na cama e começou a me bater com fúria. A parte mais assustadora foi a maneira como perdeu o controle, xingando (aquela foi a única vez que o ouvi dizer palavrões) e ficando vermelho como um pimentão.

Minha mãe não fez nada. Contanto que continuasse a receber de Jack a atenção que ansiava com tanto desespero, não se importava com as atrocidades que ele cometia. Antes, eu simplesmente não gostava dele. A partir daquele momento, a semente do ódio germinou.

Eu disse que esses foram os únicos atos manifestos de violência porque ele fazia

muitas outras coisas — beliscava-me até eu ficar com hematomas, dobrava meus dedos para trás, batia em meus braços e torcia meus tornozelos —, mas todas essas atividades eram apenas “brincadeiras”. Se ele conseguisse me fazer chorar, o que foi acontecendo cada vez menos com o passar do tempo, sua desculpa era que estava tentando “me endurecer”. A única coisa que endureceu foi meu coração. Talvez ele se lembrasse de meu pai quando olhava para mim e ficasse ressentido por causa disso. Eu nunca soube o que suscitava aquele comportamento e, agora, não me interessa mais. Com o tempo, fui ficando esperto e aprendi a evitá-lo totalmente.

Permiti que Jack me adotasse legalmente porque minha mãe me explicou que assim meu pai não seria punido por não conseguir pagar a pensão alimentícia. Se eu e minha irmã fôssemos adotados, ele ficaria livre daquela obrigação monetária. Minha mãe estava muito empolgada com isso porque queria que fôssemos vistos como uma grande família feliz, além de querer apagar qualquer rastro de meu pai. Ela até nos obrigou a chamar Jack de “papai”. Quando protestei dizendo que não queria dar aquele título a ele, minha mãe ficou realmente furiosa. Por fim cedi e fiz o que ela pedia porque o estresse e a pressão me desgastaram. É uma forma de tortura ter de ficar sentado à mesa durante o jantar enquanto ninguém fala e uma aura de raiva paira sobre tudo como uma nuvem. Eles nem me olhavam. Até comer é impossível nessas circunstâncias, e uma criança não consegue suportar tais pressões psicológicas. Cedi, embora tenha ficado com uma sensação de traição por parte de minha mãe que nunca consegui superar, e toda vez que era obrigado a dizer “papai” sentia um gosto amargo na boca.

Mais tarde, minha mãe negou que eles me tratassem daquela maneira. Ela tem a mania muito conveniente de esquecer e recriar o passado para encaixá-lo em qualquer visão que ela deseja promover naquele momento, algo muito semelhante aos modificadores da história em *1984*, de George Orwell. Hoje em dia, sabe muito pouco a meu respeito, mas inventa histórias para parecer mais próxima de mim do que realmente é. Assim ela ganha mais atenção.

A única coisa que conseguia me aliviar e acalmar então era a música. Isso continuou acontecendo ao longo de minha vida. Depois de pôr a mim e à minha irmã na cama, minha mãe ligava o rádio para nos fazer dormir. Havia algo muito reconfortante em estar em um quarto escuro e frio com Prince, Tina Turner, Cyndi Lauper ou Madonna tocando baixinho. Eu não tinha que pensar em nada — a música me levava para longe e eu me perdia dentro dela. Eu precisava daquilo como se fosse uma droga. Sentia-me desconectado e sozinho e percebi mais ou menos naquela época que as coisas nunca

melhorariam. O quadro se tornou tão grave que eu fingia estar doente na escola só para poder ir para casa e ficar deitado escutando música. Era como estar à deriva no oceano à noite. Ainda tenho dificuldade em pegar no sono sem música.

* * *

Nossa casa seguinte, nos arredores de Marion, Arkansas, foi, sem sombra de dúvida, o pior lugar em que vivi e prenunciou o período mais infeliz de minha vida. Jack conseguiu aquele imóvel privilegiado por trinta dólares ao mês e mesmo assim estava pagando caro demais. Era um genuíno barraco feito de tábuas velhas que teria desmoronado com um vento forte, construído em uma velha colina que já foi um cemitério indígena. Ao todo, a casa era constituída de quatro cômodos cobertos com um telhado de alumínio. Não havia água corrente nem eletricidade, nada de aquecimento nem ar-condicionado, e metade da varanda havia ruído. Olhando para aquela casa, você podia pensar que estruturas como aquela só eram habitadas em países do Terceiro Mundo.

Durante o verão, tinha-se a sensação de estar sendo cozido dentro da própria pele. O sol que batia no telhado de metal tornava o lugar tão quente que você literalmente pensava que ia perder a sanidade e começar a delirar como um louco. À noite, eu ficava suando na cama, sendo devorado por mosquitos.

O inverno não era muito melhor, pois a única fonte de calor era o pequeno fogão à lenha, que enchia a casa mais de fumaça do que de calor. Nossos olhos estavam sempre ardendo, e nossas roupas cheiravam a fuligem. Meus pés ficavam frios a ponto de eu sentir vontade de chorar. Ninguém ficava acordado a noite inteira para pôr lenha no fogão o tempo todo; portanto, era certo que o fogo se apagaria quando a temperatura atingisse o nível mais baixo. De manhã, o frio dentro de casa era apenas ligeiramente menor do que o ar congelante do lado de fora. Aquele lugar sempre me causou arrepios, e eu o detestava com todas as forças. Quando decidimos (fomos forçados a) nos mudar para lá, o lixo acumulado dentro da casa chegava literalmente até a altura dos joelhos. Sujeira, pedaços de pau, peças quebradas de um trator, tudo era um grande oceano de lixo no qual as ratanzas nadavam, felizes da vida. Não havia descarga nos banheiros, e nossa água potável vinha de um poço que os aviões agrícolas pulverizavam regularmente com pesticida. Era uma desgraça. Lembro-me de vezes em que toda a minha família teve de tomar banho na mesma água. Meu padrasto arrastava uma grande banheira de aço para a cozinha enquanto minha mãe fervia panelas de água para enchê-la. Nada faz você se

sentir mais limpo do que ficar marinando no caldo morno da sujeira dos outros.

O barraco ficava em cima de um platô no meio de vários quilômetros de campos usados para a agricultura. Era o típico barraco de meeiros. Alguém provavelmente pensou que, ao colocá-lo em um pedaço de terra mais alto e isolado, a chuva não o carregaria durante uma enchente. Parece que isso funcionava, mas, mesmo assim, houve vezes em que tivemos de usar um barco de pesca para chegar em terra firme (a estrada, que passava ao lado da propriedade) quando o pântano vizinho transbordava. A única estrada para a cidade virava um pequeno lago, de maneira que os carros não podiam entrar nem sair.

Tínhamos catorze cães grandes que viviam embaixo da casa. Originalmente não era nossa intenção que fossem tantos, mas eles continuavam a se reproduzir. As pessoas que nunca foram miseráveis sempre perguntam por que não castrávamos ou esterilizávamos os bichos. Como se o dinheiro para fazer isso estivesse dando sopa, esperando que estendêssemos a mão e o pegássemos. Não tínhamos condição nem de ir ao médico, quanto mais de levar os cães ao veterinário. Na maioria das vezes, tínhamos dificuldade para juntar o dinheiro do aluguel. O fazendeiro que era o proprietário da casa não se importava se atrasássemos um pouco o pagamento porque sabia que, no final, daríamos um jeito de conseguir o dinheiro, nem que fosse reciclando latas de alumínio para juntar alguns trocados.

Coisas estranhas sempre pairavam sobre minha vida familiar, mas nunca tanto quanto nos anos que passamos naquela casa. Havia uma sensação ruim ali. A casa parecia ser má. Nunca consegui me livrar da sensação de que ela queria o mal para mim. Era o tipo de lugar no qual, se você vivesse tempo suficiente, acabaria ouvindo um médico informar que suas entranhas estavam tomadas por câncer e que só lhe restavam alguns dias de vida. Era desagradável em todos os aspectos, e a casa inteira tinha a aura de uma mortalha. Parecia estar sempre escuro, mesmo nos dias mais ensolarados do verão. Havia desenhos estranhos deixados nas paredes por quem quer que tivesse morado ali antes de nós — coisas como um relógio de pêndulo com um único olho onde deveria ficar o quadrante. Pareciam o tipo de coisa criada por uma pessoa perturbada e com um grande talento artístico. Passamos tinta por cima da maioria dos desenhos, mas a tinta acabou antes que chegássemos ao relógio. Era pior à noite, quando podíamos senti-lo encardando nossa nuca.

O lugar nunca era silencioso à noite. Eu ficava deitado na cama, ouvindo os cães arrastarem coisas estranhas de um lado para outro embaixo do piso. O interior da casa

era escuro como a noite; então não era possível *ver* nada se mexendo, mas dava para *sentir*. Era o mesmo tipo de sensação que se tem quando a porta de um armário se abre silenciosamente atrás de você. Mais tarde fui aprender um termo que descreve isso: deslocamento de ar. O que eu sentia era o ar sendo deslocado por algo que se movia de um ponto a outro. Às vezes, tarde da noite, eu era tomado pela sensação de que alguém estava em pé ao lado da cama, inclinado sobre mim, tão próximo que poderia encostar seus lábios nos meus se quisesse. A respiração passava de seus lábios para os meus como o gosto de algo inominável. Não era um fantasma ou algo do gênero, era apenas uma sensação que a própria casa irradiava, como uma aura. Eu arregalava e forçava os olhos como um animal, tentando ferozmente penetrar na escuridão.

Um dia mandaram que nos mudássemos e a casa foi demolida. Os subúrbios ao redor de Marion estavam se expandindo, e os moradores de casas de 250 mil dólares não queriam que um barraco com telhado de zinco em cima de uma colina pedregosa poluísse sua paisagem. Algo assim tende a desvalorizar as propriedades.

Antes de ser demolido, o barraco chamou a atenção de outra pessoa. Todos nós costumávamos ir ao banco com meu padrasto nas tardes de sexta-feira para receber seu pagamento, especialmente no verão. Eram os raros minutos em que podíamos ficar sentados em um edifício com ar-condicionado. Nosso cheiro provavelmente não era muito agradável, já que suávamos 24 horas por dia. Entrávamos no banco como um bando de vikings e tentávamos não criar nenhum problema.

Toda semana, eu caminhava pelo banco olhando coisas que eu já examinara centenas de vezes. Não havia muito o que fazer. Levei um susto quando, certa vez, entramos e vimos uma exibição de arte no saguão. Tratava-se de um biombo, quase como uma divisória, com cerca de vinte pinturas. Uma folha de cartolina presa ao expositor informava que as pinturas haviam sido feitas pela turma de artes da escola de ensino médio local. Fui andando e examinando uma peça de cada vez. A maioria não tinha nada de especial. Algumas eram até estranhas e um pouco assustadoras. Quando cheguei ao final, parei de repente e prendi a respiração. Estava testemunhando algo miraculoso e ao mesmo tempo cruel. Um aluno desconhecido havia pintado nossa casa. Lá estava ela, exibida para o mundo em toda a sua esqualidez. A representação era perfeita, nos mínimos detalhes. Um lado da varanda estava dilapidado e havia desabado. Roseiras selvagens cresciam por cima de todas as ruínas. Senti um frio na espinha e olhei em volta, como se talvez o artista estivesse ali perto, esperando para ver minha reação. Não havia clientes no banco, exceto por nós. O atendente no guichê nem sequer olhou em minha

direção.

Eu estava no banco encarando aquela pintura de nossa casa com a varanda em ruínas e cercada por campos de algodão quando minha mãe chegou por trás de mim e perguntou:

— Essa é a nossa casa?

Ela franziu o cenho em sinal de concentração antes de exclamar baixinho para si mesma:

— Uau!

Quando meu padrasto chegou para ver o que estávamos olhando, ela disse:

— Veja, é a nossa casa.

Ele pôs os óculos e se inclinou para a frente para estudar atentamente a imagem.

Por fim, falou:

— Talvez, mas pode ser outra casa.

Eu sabia que Jack não era o sujeito mais inteligente do mundo, mas aquilo era demais até para ele. Apontei para os detalhes e expliquei:

— Veja. A metade da varanda desabou. É a nossa.

Ele continuou insistindo, com teimosia:

— Isso não quer dizer nada. Outras varandas podem ter caído também.

Eu sabia que não deveria discutir com ele. Se provasse que ele estava errado, minha vida viraria um inferno por uma semana.

Gostaria de ter aquela pintura hoje. Eu a manteria trancada em algum lugar e a pegaria todo ano só para me lembrar de onde vim. Mostraria a minha esposa e a meu filho e tentaria lhes dizer como a vida era difícil naquele lugar e o efeito que aquilo causou em mim. Mas isso não adianta. Aprendi há muito tempo que você precisa vivenciar a experiência na pele, senão nunca vai compreendê-la.

Agora vejo que a pior parte do barraco não era a pobreza, o calor, o frio, nem a humilhação de viver em tais circunstâncias, mas a completa solidão que ele provocava. Durante muitos anos naquela velha casa, não tive um amigo sequer para me fazer companhia. O lugar ficava no meio do nada, cercado apenas por campos. Nenhuma criança ou vizinho para conversar. Sentia-me tão só que pensava que até a morte era melhor que aquilo. Se não fosse por meu radinho de pilha, talvez tivesse morrido por dentro.

Anos depois, li um livro de Nick Cave chamado *And the Ass Saw the Angel* [E o asno viu o anjo], que me chamou a atenção por quase captar a sensação de viver naquele

barraco solitário. Nenhum dos escritores sulistas mais conhecidos, como Carson McCullers ou Flannery O'Connor, me passou essa impressão. É como se eles talvez tivessem testemunhado a vida, sem nunca tê-la vivido. Nick Cave, porém, chega bem perto. Mais do que qualquer outra pessoa.

Os livros me ajudaram a sobreviver. Os únicos lugares próximos o suficiente para ir a pé eram o fórum e a biblioteca. Eu só tinha interesse em ler livros de terror naquela idade; então lia várias vezes as poucas edições baratas e desgastadas que havia. Li os romances de Stephen King e Dean Koontz mais vezes do que o papa leu a Bíblia. Eles me fizeram companhia em muitos verões longos e enlouquecedores.

Mais tarde, descobri o terror supremo: a Inquisição. A primeira vez em que me deparei com essa atrocidade foi em um livro de algum adulto demente com um título como *The Children's Book of Devils and Fiends* [O livro infantil dos demônios e espíritos malignos]. A edição era cheia de histórias (e xilogravuras) de bruxas realizando orgias, fazendo fila para beijar a bunda do diabo, comendo criancinhas e amaldiçoando as pessoas para que elas tivessem convulsões. O livro não explicava que todas essas coisas não passavam de delírios febris e fabulações insanas de fanáticos religiosos, como é sabido hoje em dia pelas pessoas instruídas. Elas eram apresentadas como verdadeiras, da mesma maneira como haviam sido publicadas durante a própria Inquisição. E ainda havia o terror adicional de pessoas sendo torturadas e queimadas na fogueira simplesmente porque alguém as havia acusado de bruxaria. O livro explicava como aquelas pessoas eram estranguladas, queimadas, esquarterjadas, afogadas e desmembradas para que confessassem que voavam em cabos de vassoura e participavam de reuniões secretas.

O impacto que tudo isso teve em minha mente, ainda jovem, não poderia ser maior. Eu ficava deitado na cama à noite com medo de me mexer enquanto minha imaginação invocava imagens horrendas. Cenas do inferno e da danação já me haviam sido inculcadas por Jack e seus maravilhosos amigos da igreja, e aquelas novas descobertas nada fizeram para aplacar meu terror. Se soubesse naquela época que em poucos anos eu seria vítima do mesmo tipo de caça às bruxas, que seria alvo das mesmas acusações e que os mesmos fanáticos inclementes me prenderiam e condenariam à morte, meu coração provavelmente teria explodido de medo ali mesmo. Quem poderia imaginar que seria possível ver o futuro lendo um livro sobre o passado?

Eu estava infeliz e sofria uma pressão imensa, acreditando que arderia no inferno por toda a eternidade porque não conseguia parar de ter pensamentos ruins sobre as

peçoas — isso para não falar do fato de que estava entrando na puberdade e tinha certeza absoluta de que minha incontrolável lascívia significava uma passagem só de ida para o Lago de Fogo. Rbucio tempo antes, eu havia descoberto a masturbação e estava me dedicando ao ato com empenho. Não conseguia me conter e depois rezava e suplicava o perdão de Deus. Não fazia ideia de que era normal ter aqueles anseios, pois ninguém nunca me explicou essas coisas.

Uma guerra constante era travada dentro de mim: queria ser “bom”, mas parecia não conseguir. Meu apetite sexual era insaciável e, como um adolescente típico, achava que as pessoas eram, em sua maioria, idiotas. Certamente estava a caminho do quintal do diabo. Tudo isso parece muito ridículo hoje. Na época, era a coisa mais séria do mundo.

Estranhamente, foi naquele mesmo livro infantil que conheci Aleister Crowley. Agora sei que era tudo propaganda, mas, naquela tenra idade, fiquei atônito com o fato de haver alguém tão corajosamente hedonista e “pecaminoso”. Ao longo dos anos, li muito sobre esse homem e sua obra, e é incrível como as pessoas o interpretaram de forma equivocada. Um dos meus exemplos favoritos é seu trocadilho “*How to Succeed/How to Suck Eggs*”, literalmente, “Como ser bem-sucedido/Como chupar ovos”, que aparece no capítulo 69 (entende o trocadilho?), no qual ele fala sobre práticas sexuais. Quem não estiver lendo com atenção não vai entender a brincadeira com a palavra “*succeed*”, cujo som em inglês é idêntico a “*suck seed*”, ou seja, “chupar sêmen”. Suas palavras foram continuamente mal interpretadas, deturpadas, descontextualizadas e mal compreendidas. Se você desconhece a chave para decifrá-las, nunca entenderá o que está lendo. Outros nem sequer querem entender e preferem usar seu nome ou imagem para manipular ou assustar os ignorantes, como o promotor fez durante meu julgamento.

Nossa situação financeira seguia sua constante espiral descendente, e a tensão continuava a crescer. Começamos a tentar cultivar nossa própria comida, um trabalho exaustivo e calorento. Não tínhamos nenhum sistema de irrigação, nem mesmo uma mangueira ou água corrente; portanto, tínhamos de carregar água em baldes até nossa “horta”. Tudo era feito manualmente. Em alguns dias, percorríamos as fileiras de pepinos e batatas com uma enxada na mão, quebrando a terra seca e rachada. Em outros, ficávamos horas abaixados arrancando com as mãos as ervas daninhas que cresciam entre as plantas. Era uma tarefa particularmente arriscada, pois tínhamos de estar sempre atentos por causa de cobras, abelhas e marimbondos. Se deixássemos a monotonia do trabalho embalar nossa mente até ela cair em um estado de estupor, muitas vezes

tínhamos uma surpresa desagradável. Depois de todo aquele trabalho árduo, apenas metade dos alimentos era comestível. Os insetos e animais já tinham comido uma parte e não havia como evitar que outras apodrescessem.

A única coisa que não precisávamos fazer era a pulverização com pesticidas. Nossa casa ficava no meio do campo que o avião sobrevoava o tempo todo, borrifando uma saudável dose de veneno a cada passada. Se não corrêssemos para nos proteger ao ouvi-lo chegar, também éramos pulverizados. Naquele período inalei pesticidas suficientes para aniquilar um pequeno país. O conselho de Jack e de minha mãe: “Não olhe para o avião e tente não respirar fundo até ele ter passado.” Desenvolvi alergias tão fortes que minha mãe teve que começar a me dar injeções em casa. Ela não era muito delicada e manejava aquela seringa de um modo bastante desagradável.

Era necessário se certificar de que todos os alimentos fossem colhidos até o fim do verão ou tudo poderia ser destruído por um incêndio. Todo ano, após a colheita final, os fazendeiros percorriam os campos em volta da nossa casa e iniciavam queimadas com instrumentos que pareciam lança-chamas. Isso era para que todas as cinzas da vegetação restante fertilizassem o solo para o plantio do ano seguinte. Não sei como a casa nunca foi queimada, já que as chamas paravam a pouquíssimos metros de distância. Se o vento mudava de direção, quase sufocávamos por conta da fumaça densa e negra.

A casa quase foi destruída pelo fogo uma vez porque o fogão à lenha provocou um incêndio no teto. Os bombeiros precisaram ir até lá e jogar água em tudo. Infelizmente, os carros dos bombeiros chegaram a tempo de apagar o incêndio. Enquanto observava aquilo, eu rezava desesperadamente para que todo o barraco queimasse e eu nunca mais tivesse de vê-lo — mas ele sobreviveu com poucos danos.

Jack trabalhava como telhador e começou a pegar pequenos serviços por fora, consertando residências para ganhar algum dinheiro extra. Comecei a acompanhá-lo, aprendendo o processo. Tinha cerca de treze anos, então o que eu mais fazia era limpar a área quando ele havia terminado e com isso ganhava alguns trocados.

Talvez, até aqui, eu tenha apresentado um Jack totalmente antipático. Ele não era mais monstruoso do que ninguém. Era apenas um homem, com aspectos bons e ruins. Acho que, a seu modo, se importava comigo e com minha irmã. Às vezes era generoso. Parava para ajudar as pessoas sempre que um carro enguiçava no acostamento da estrada e nunca negava caronas. Também era mais tolerante do que qualquer outro pai teria sido com as formas que eu escolhia para expressar minha personalidade. Eu era livre para me vestir como quisesse e escutar qualquer música que gostasse. Ele não tinha problemas

com o fato de eu usar brincos, por exemplo, e o ouvi dizer mais de uma vez à minha mãe:

— Ele só está tentando se encontrar.

Minha mãe também era um personagem muito mais complexo do que parece. Ela sempre fez questão que tivéssemos comida suficiente (embora geralmente fosse porcaria), sempre ia às reuniões na escola para conhecer meus professores e não deixava de nos dar cestas de Páscoa com coelhos de chocolate. Tentava cuidar de nós quando estávamos doentes, ainda que, às vezes, sua ideia de cuidado fosse ficar sentada ao lado da cama, de sentinela, fumando cigarros genéricos enquanto eu lutava contra a bronquite.

Cheguei a um momento de minha vida em que vejo os dois com uma mistura de amor, nojo, afeto, ressentimento e, às vezes, ódio. Há traição demais para ser totalmente perdoada. Não sou como minha mãe, que é capaz de discutir com você um dia e voltar à vida normal no dia seguinte. O máximo que consigo fazer é dizer que as boas ações deles talvez tenham atenuado o impacto das más.

Estar na prisão e ter um caso tão famoso como o meu são coisas que me deixam em uma situação estranha. De certa maneira, pessoas completamente desconhecidas sentem que me conhecem só porque me viram na televisão ou leram a meu respeito. Isso acaba com as suas inibições quando me abordam. Não me importo nem um pouco, pois é algo que torna meus dias interessantes. Às vezes penso muito a respeito disso e às vezes fico estupefato.

As cartas que me mandam provêm de vários planos mentais e emocionais. Vejo todo o espectro da vida humana. Sou como um barman sem um bar: as pessoas simplesmente me contam suas histórias. Algumas só querem desabafar, como se só precisassem falar com *alguém*. Outras olham para mim como se eu fosse uma espécie de oráculo e me fazem perguntas sobre decisões importantes que precisam tomar. Pessoas que estão se divorciando, perdendo os filhos ou pensando em abortar — todas escrevem e me contam seus problemas pessoais. Outras escrevem e me perguntam sobre os meus problemas. Algumas delas até já vieram me ver na prisão.

Anos atrás, eu costumava receber a visita de um casal religioso. Eles eram pentecostais fervorosos, muito mais velhos que eu, mas quase sem experiência de vida. Nunca haviam saído do Arkansas nem convivido com pessoas de outros círculos sociais. No fundo, não sabiam o que fazer comigo, mas sempre voltavam para me ver. Admito que eu gostava de chocá-los. Sob certos aspectos, eles eram tão estranhos para mim quanto eu era para eles.

Na maioria das vezes, conduziam a conversa para assuntos relacionados a sexo. Eles de fato não faziam ideia de que as pessoas praticavam qualquer outro tipo de sexo que não fosse “papai-mamãe”. Quando contei que havia outras posições e que o sexo podia ser até oral, achei que eles iam entrar em choque. Não conseguiram compreender e, por fim, decretaram que apenas pessoas extremamente transviadas poderiam conceber ou realizar tais atos. Afirmaram que não era possível que uma pessoa normal gostasse de coisas daquele tipo, embora parecessem gostar de falar a respeito.

Mensagens de ódio é a expressão usada para descrever as cartas de pessoas que não pararam para se informar realmente sobre os fatos de meu caso e nunca foram além de

uma reação instintiva. Na verdade, daria para contar nos dedos de uma das mãos as cartas negativas que recebi, ao passo que eu poderia construir uma pequena montanha com as cartas dos que expressavam apoio e queriam saber como ajudar.

A maioria das pessoas que espalham ódio não é muito inteligente nem motivada. Elas costumam ser preguiçosas e, se por algum motivo se sentem motivadas a pegar em uma caneta, suas mensagens são em grande parte incoerentes e iletradas. A ortografia e a sintaxe tendem a ser abomináveis, então é difícil se sentir ofendido por qualquer coisa que tenham a dizer. Afinal, se elas não têm motivação nem inteligência suficiente para conferir a simples ortografia de uma palavra no dicionário, certamente não dedicarão seu tempo a pesquisar sobre o caso. No fim das contas, acho que pessoas cheias de ódio não gostam de escrever. Ou é isso ou simplesmente não existem muitas pessoas no mundo que não me queiram bem.

Mas um fenômeno estranho acontece de vez em quando. Penso nele como um tipo de pregação indiscriminada. Ocasionalmente, recebo pelo correio um envelope branco comum sem remetente. Só isso já torna o item suspeito, pois as pessoas costumam querer uma resposta e escrevem seus endereços em destaque. Ao receber uma dessas missivas anônimas, ponho-a de lado para inspecioná-la após terminar de ler a correspondência do dia.

Quando consigo abri-la, é sempre a mesma coisa: um monte de folhetos e panfletos religiosos. Não há uma carta nem um bilhete, apenas um monte de versículos ou convites para que me converta ou queime no inferno. Sempre tenho a sensação de que essas coisas são enviadas com o mesmo espírito com que uma pessoa largaria um saco de merda de cachorro em chamas na porta de minha casa. Imagino uma dona de casa acima do peso e meio loura lambendo o envelope com um olhar de satisfação no rosto. Parece que as mensagens impressas nesses pedaços de papel gordurosos e enrugados devem ter passado despercebidas pelo remetente. Talvez seja apenas minha opinião, mas acho que as palavras de Jesus não foram pronunciadas para serem amarradas a um tijolo e atiradas na janela de seu vizinho à meia-noite. Toda vez que você põe uma imagem de Cristo na caixa de correio e murmura, se achando o dono da verdade, “isso vai servir de lição para eles”, é sinal de que alguma coisa deu muito errado.

Os pregadores estão sempre visitando o Corredor da Morte, inclusive pastores batistas que tentam nos convencer de que é preferível morrer a viver. Alguns chegam até a afirmar que deveríamos desistir de nossos recursos e permitir voluntariamente que o Estado nos mate. Quando alguém é executado, esses abutres dizem coisas como: “Agora

ele está em um lugar melhor.” De algum modo, duvido que até mesmo eles acreditem nisso. Acho que procurariam rapidinho um tratamento médico se tivessem um problema. Segundo eles, a Bíblia diz que a morte é mais magnífica que a vida. Li e enxergo algo diferente. Se a morte é tão maravilhosa, por que Jesus voltou dos mortos? Por que ele chamou Lázaro de volta à vida? Só isso já me faz acreditar que deve haver algo inteiramente desagradável a respeito dessa condição específica. Eles também sabem disso. Só que ficam doidões quando veem pessoas morrendo. É a única coisa que eles têm para se entorpecer.

Não consigo explicar a maneira como tudo em minha alma grita e algaravia por algum tipo de desfecho. Como você faz alguém entender o que significa ou qual é a sensação de ser partido ao meio? Buscas pessoas conhecem essa necessidade desesperadora de ser reunificado. Fui dividido como um átomo, e o efeito em minha psique foi igualmente poderoso. Falta uma parte de mim, embora não possa ser vista a olho nu. Uma moeda não está completa sem cara e coroa.

Toda a negatividade e os personagens indigestos neste ambiente só servem para fazer com que as exceções resplandeçam com ainda mais força. Você passa a apreciar ainda mais a gentileza e a consideração. Quando aqueles que têm beleza interior entram nesta realidade infernal, sua luz brilha como um farol, e nós, que fomos transplantados para cá, somos atraídos como insetos para um mata-mosquito elétrico. De um jeito muito real estamos morrendo de fome, e esses pontos brilhantes na escuridão são a única coisa capaz de preencher nossas lacunas.

Em um dia típico, não há nada gentil, generoso, carinhoso ou sensível dentro destes muros. A energia dirigida para você é ódio, raiva, nojo, estupidez, ignorância e brutalidade. Isso afeta sua mente, seu corpo e sua alma tanto quanto uma surra física. A pressão é implacável e infinita. Logo você começa a caminhar com os ombros caídos e a cabeça baixa, como um animal acostumado a ser chutado. Você nunca estabelece contato visual e, mentalmente, está sempre se encolhendo de medo. Isso é estimulado e aplicado todos os dias. Os funcionários da prisão não o veem como um ser humano e fazem de tudo para que você saiba disso. A mensagem de que você é inferior e inútil é inculcada em todas as ocasiões concebíveis.

Veja, por exemplo, a maneira como somos alimentados. Mais de uma vez encontrei insetos como gafanhotos e grilos cozidos junto com os brócolis ou legumes. Isso porque, depois de colhidos, ninguém se deu ao trabalho de lavá-los. Se a carne está começando a apodrecer, é só encharcá-la de molho barbecue genérico para disfarçar o

gosto. Muitas vezes, a comida é misturada formando combinações intragáveis devido à falta de cuidado: picles de beterraba jogado no purê de maçã ou um pãozinho murcho flutuando em cima da abóbora cozida. A carne cheia de gordura e cartilagem nunca está totalmente cozida; já os legumes quase se desintegram. O único momento em que a cozinha prepara uma refeição decente é quando tem gente de fora fazendo uma visita ou inspeção. Isso acontece poucas vezes por ano.

Todo detento tem uma conta na qual os parentes e amigos podem depositar dinheiro usado pelos presos para suas necessidades básicas. Tudo na prisão deve ser comprado. A maior parte de minha comida é comprada com doações de simpatizantes e amigos. É a única coisa que me permite evitar boa parte da dieta da prisão. A maioria não tem tanta sorte.

A melhor época para os prisioneiros costumava ser o Natal, porque muitas igrejas locais, tanto protestantes quanto católicas, além do centro budista, da União Americana pelas Liberdades Cívicas e de vários doadores independentes, gastavam tempo e dinheiro juntando o que era comumente chamado de “cestas de Natal”. Essas cestas continham frutas frescas (o Natal é o único período do ano em que as recebemos), doces, biscoitos caseiros, meias, alguns envelopes selados e vários outros artigos. (Na prisão, essas cestas são chamadas de “zoo-zoos” e “wham-whams”.) As pessoas falavam sobre essas cestas e ficavam na expectativa durante semanas. Havia empolgação no ar. Essa era a única coisa que tornava o Natal diferente de qualquer outro dia — até o ano em que a administração carcerária decidiu não permitir mais que os voluntários fizessem aquilo. Eles não poderiam mais entoar canções natalinas, nem doar comida fresca. Não receberíamos nada, e o Natal seria exatamente como qualquer outro dia, a menos que o perceptível fedor de depressão no ar contasse como diferença. Ninguém sabe por que essa tradição foi banida de repente a não ser pelo fato de nossos supervisores terem declarado com arrogância: “Porque nós mandamos.” Ninguém deve explicações para criaturas inferiores.

Uma das pessoas que ajudavam a montar as cestas de Natal todos os anos era uma senhora chamada Anna. Ela era do centro budista local e visitava a prisão uma vez por semana para realizar uma sessão de meditação de uma hora. Contava histórias, ministrava lições e ensinava aos detentos todo tipo de prática de meditação tibetana. O número de pessoas que cabiam na pequena sala e podiam frequentar suas aulas era extremamente limitado, então ao fim das aulas ela ia de cela em cela, falando com qualquer pessoa que quisesse conversar ou discutir um problema. Ela dava bênçãos e recitava orações sem nunca rejeitar ninguém. Todos os detentos se comportavam como se ela fosse o Dalai

Lama em pessoa. Sabíamos quando ela chegava porque a notícia se alastrava como um incêndio pelos corredores e alas: “Anna está aqui! Anna está aqui!” Budistas, cristãos, muçulmanos, Anna acolhia a todos. Ela rompia a escuridão como um holofote e, por isso, os guardas a odiavam. E ficava esperando pacientemente em pé durante horas do lado de fora da porta até que eles não tivessem outra opção a não ser deixá-la entrar.

Infelizmente, problemas de saúde começaram a atrapalhar seu estilo de vida, e não a vimos mais. Acho que parte do problema foi que ela tentava fazer muitas coisas ao mesmo tempo. Ibr mais nobre que seja o esforço, uma só pessoa não pode acabar com toda esta escuridão. Tantas pessoas precisavam dela que Anna não tinha como dar conta. Ela teria que viver aqui 24 horas por dia e abrir mão do sono para falar com todo mundo. Uma vela não pode iluminar todo o universo, e não há muitas pessoas interessadas em fazer esse trabalho.

Outro que os guardas não conseguiam dissuadir, por mais que se esforçassem, era um padre católico chamado Charles. Ele era diferente de todos os padres que já conheci.

Padre Charles sempre ia à prisão — e a todos os outros lugares — de moto. Ele adorava aquela coisa e a usava para ir a qualquer destino. É estranho ver um homem com um colarinho de padre sentado em cima de uma daquelas máquinas, e, às vezes, a mente tem dificuldade em aceitar tal visão assim até se habituar.

A primeira coisa que você notava na aparência do padre Charles era sua cabeça calva. Seu crânio era raspado e lustroso, como o do Kojak, e refletia a luz quando ele atravessava as alas. A boca e o queixo eram enquadrados por um bigode e cavanhaque à Fu Manchu, que parecia complementar perfeitamente a cabeça careca. As únicas coisas tradicionais em sua aparência eram a roupa preta e o colarinho romano.

Não era apenas sua imagem que fugia da norma, já que ele apresentava todo tipo de idiossincrasias e hábitos interessantes; um era fabricar e engarrafar a própria cerveja na garagem de casa. Depois de muita prática, ele achava que havia encontrado a receita perfeita e se orgulhava muito daquilo. Também na garagem, havia uma jiboia gigante de estimação que engolira uma galinha inteira uma vez diante de seus olhos, segundo ele mesmo nos contou. Falou isso com perplexidade na voz, como se estivesse deslumbrado pelas complexidades das criaturas de Deus. No tempo livre, tocava violino e era talentoso o suficiente para encarar as obras de Paganini.

O padre Charles era uma das pessoas mais gentis e inteligentes que tive o privilégio de conhecer. Seus olhos brilhavam de tanta vivacidade, e no Corredor da Morte até mesmo quem não era católico apreciava e queria conversar com ele. Era um indivíduo

muito iluminado e costumava me dizer para pensar em Deus mais como se fosse “a Força” dos filmes *Guerra nas estrelas*. Acho que essa abordagem nem sempre era popular com o bispo, mas me agradava.

Com o passar dos anos, fui me afastando gradualmente da Igreja Católica porque as experiências pelas quais passei me deixaram amargurado. Eu atribuía ao cristianismo em geral grande parte da culpa por estar no Corredor da Morte por um crime que não cometi. Foram os cristãos que me rotularam de “satânico” e me condenaram à morte. Para mim, foi difícil superar essa questão; então, procurei um lar no zen-budismo para me ajudar a enfrentar a raiva e o ressentimento. É muito provável que isso tenha salvado minha vida, impedindo que toda a negatividade me devorasse vivo. Alguns cristãos não viam com bons olhos meu interesse pelo budismo. Não foi o caso do padre Charles. Ele achou ótimo.

Foi ele que me convenceu a voltar a frequentar a missa na pequena capela da prisão como complemento para minha formação budista. A beleza da Igreja Católica sempre me arrebatou. E ainda me arrebatava. Mais tarde, aprendi que não era o único a abraçar as duas práticas. Padres jesuítas de certas igrejas começaram a ensinar técnicas de meditação budista a suas congregações como uma abordagem válida para lidar com as situações da vida. É interessante pensar que, quando jovem, tudo o que eu mais queria era me tornar um padre. Era o celibato que eu não conseguia suportar.

Infelizmente, o padre Charles acabou sendo transferido para outra paróquia. Ele não queria ir embora, assim como também não queríamos que fosse, mas a decisão estava nas mãos de outras pessoas. Agora, anos mais tarde, os homens no Corredor da Morte ainda escrevem para ele e vice-versa. Eles o respeitam e respeitam seus conselhos. Desde então, ninguém foi capaz de tomar seu lugar.

* * *

Eu tenho a silhueta de um homem morto na parede de minha cela. Foi deixada ali pelo último ocupante. Ele ficou em pé encostado na parede, traçou o contorno e, em seguida, preencheu-o. Parece uma tênue sombra e, até você vê-la, mal dá para notá-la. Demorei quase uma semana para percebê-la pela primeira vez, mas, depois que você a descobre, não há mais como ignorar. Deitado em minha cama, pego-me olhando para ela várias vezes ao dia. Aquela imagem parece atrair meus olhos como se fosse um ímã. Só Deus sabe o que deu naquele homem para que fizesse uma coisa do gênero, mas não consigo

me desvencilhar daquilo. Desde sua execução, aquele é o único traço que restou dele. Ele já está no túmulo há quase cinco anos, mas sua sombra ainda sobrevive. Ele não era nada, ninguém. Tudo que restou dele foi um punhado de velhas acusações de estupro e um esboço a lápis em forma de homem. Talvez seja apenas superstição, mas não consigo deixar de pensar que apagar aquela imagem seria como apagar o fato de ele ter existido um dia. Pensando bem, talvez isso não seja ruim, mas não vou ser eu a fazê-lo.

A certa altura, comecei a pensar que talvez os detentos vivos não fossem os únicos presos na armadilha do Corredor da Morte. Afinal de contas, se existirem lugares de fato assombrados, o Corredor da Morte não seria um terreno perfeito? Em algum momento, isso já passou pela cabeça de todos aqui. Alguns fazem brincadeiras, como assobiar para si mesmo ao passar pelo cemitério. Outros não gostam de falar no assunto e o consideram delicado. Quem quer pensar no fato de estar dormindo no colchão onde três ou quatro homens que foram executados já descansaram? Imagine olhar para um espelho todo dia e se perguntar quantos homens mortos já viram a própria imagem refletida ali. Quando algo estranho acontece, alguns presos culpam o último executado.

Uma vez, durante vários meses na prisão de segurança máxima Tucker, tive o privilégio de ter um andar inteiro da ala do Corredor da Morte só para mim. Execuções recentes haviam deixado celas vazias no primeiro e segundo andares, então os guardas acharam que seria uma boa ideia transferir as pessoas do terceiro andar para os pavimentos de baixo e preencher as vagas. Eles esperavam não ter de subir mais até o terceiro andar. O problema era que faltava uma cela, e eu fui o único a ser deixado lá em cima com outras dezessete celas vazias.

Havia muitas vantagens em ficar sozinho; por isso não reclamei. Para início de conversa, possuía um televisor só para mim. Não havia discussões sobre o que ver. Também tinha meu próprio telefone e não precisava mais esperar que alguém o liberasse. Não havia ninguém em cima de mim para pisar forte no chão e me incomodar, e também ninguém a meu lado. Podia ficar meditando quanto quisesse sem medo de ser interrompido. Estava numa altura em que dava para olhar pela fresta que era minha janela e ver um campo com cavalos. Costumava observá-los enquanto brincavam por horas a fio. Melhor ainda do que os cavalos era o próprio campo, especialmente quando nevava durante o inverno. A vista daquele campo nevado e de um círculo de árvores cinzentas e desfolhadas fazia com que meu coração doesse incrivelmente. Não há nada que me faça gemer de dor no coração e saudade mais do que o inverno. Às vezes, o vento frio parece estar soprando através de um buraco em meu peito. Dói, minha gente. Dói muito e me

faz lembrar que estou aqui há muito tempo.

Tive uma pequena companheira de cela por um breve período: uma gatinha de pelo branco e olhos azuis. Acho que ela ainda nem era grande o bastante para ficar longe da mãe, já que era possível aninhá-la na palma da mão. Não tenho a menor ideia de onde ela veio ou para onde foi, mas os prisioneiros a passavam uns para os outros para que os guardas não a descobrissem. Quando chegava a hora de passá-la adiante, ela era colocada em uma touca de meia e transferida.

A gatinha parecia só querer dormir. O problema era que ela era como um bebê manhoso e queria ser ninada enquanto dormia. Ela deitava em seu peito, enroscava-se formando uma bolinha de pelo branco e dormia por uma eternidade. Assim que você a colocava no chão, seus olhinhos azuis se abriam e ela começava a dar voz a sua indignação. Miados pequenos, porém altos, logo podiam ser ouvidos a uma distância considerável. Era impressionante como uma criatura tão minúscula conseguia ser ouvida tão longe. Talvez fosse o fato de o som ser tão alheio àquele ambiente. Não havia conversa que a consolasse.

— Shhh! Silêncio, sua monstlinha, ou eles vão descobrir nosso complô.

Seu único outro defeito era que uma dieta constante de atum e leite fazia com que deixasse poças longas e marrons pelo chão. Ela sabia que era a rainha do Corredor da Morte e não tinha dúvida de que era minha honra e privilégio limpar sua sujeira. Depois que meu turno de serviço terminou, ela foi para sua próxima residência e nunca mais a vi.

A gatinha não foi o único animal de estimação que passou pelo Corredor da Morte. Os mais comuns são ratos e ratazanas, mas também já vi aranhas, algumas cobras e até um pássaro. Os ratos e ratazanas eram criados para serem animais de estimação. Um sujeito conseguiu pegar dois selvagens e, a cada ninhada, dava os filhotes para quem quisesse. Eles cresciam com você e não mordiam nem arranhavam. As cobras entravam no pátio e, de repente, viam-se enfiadas nas calças de alguém e levadas em segredo para alguma cela.

A maior ratazana que já vi em minha vida foi criada por um sujeito aqui. Era grande como um chihuahua, e seu dono até fez uma coleira para ela. O bicho era tão manso quanto qualquer outro animal de estimação e dormia na cama de seu treinador.

A ratazana de estimação não era a única coisa que tornava aquele prisioneiro insólito. Seu apelido era Borboleta, embora, quando chamado dessa maneira, ficasse com tanta raiva que parecia que ia estrangular alguém. O apelido se espalhou rapidamente, além do boato que lhe tinha dado origem. Diziam que ele possuía uma tatuagem gigante

de borboleta no traseiro — uma asa em cada nádega — e que, ao realizar certa dança, parecia que a borboleta estava batendo asas. Pbr mais revoltante que fosse, essa imagem deu origem a muitas piadas. O único que não ria era o Borboleta.

O pássaro pertencia a um prisioneiro que eu conhecia e se chamava Earl. Ele tinha conseguido o bicho no pátio. Todo ano, quando o tempo começa a esquentar, os pássaros constroem ninhos e põem ovos no arame farpado que cerca o pátio. Inevitavelmente, caem filhotes dos ninhos. Earl levou um às escondidas para dentro da prisão e o manteve em sua cela. Era possível ouvi-lo toda manhã antes de o sol nascer, cantando enlouquecidamente. Os prisioneiros despertados reagiam com uma rajada de xingamentos.

Earl era um personagem interessante. Tinha cerca de 1,75 metro de altura e pesava uns 75 quilos. Seu cabelo ficara grisalho prematuramente. Nunca contava piadas e só falava se tivesse algo importante a dizer ou alguma pergunta a fazer. Nunca levantou a voz nem discutiu com ninguém. Estava no Corredor da Morte, mas nunca havia matado ninguém. Fugira da prisão com outro sujeito, que acabou matando alguém a tiros. Como Earl estava com ele, ambos foram condenados à morte. Acho que ele era uma das poucas pessoas aqui com inteligência suficiente para compreender todo o horror da própria situação. Quando a data de sua execução foi marcada, ele ficou violentamente doente e não conseguiu mais segurar nada no estômago até ser executado. Pbr algum motivo, Earl me assombra mais do que qualquer outra pessoa que eles mataram. Talvez porque eu saiba que, como eu, ele nunca tirou a vida de ninguém.

Earl foi levado do Corredor da Morte com o sujeito que havia realmente atirado. Os dois foram executados ao mesmo tempo. Enquanto eram levados, fiquei em pé atrás da porta de minha cela para me despedir. Eram quatro horas da madrugada. O outro cara passou por mim primeiro mascando um chiclete como se não estivesse nem aí. Acenou com a cabeça em minha direção e disse com indiferença:

— A gente se vê mais tarde.

Retribuí o aceno de cabeça. Quando Earl passou em seguida, seus olhos estavam cheios de lágrimas. Ele lutava para manter a voz sob controle:

— Damien — falou balançando a cabeça uma vez.

— Earl — respondi com o mesmo gesto.

Mais tarde, os guardas disseram que ele nem conseguira terminar sua última refeição porque não parava de vomitar. Agora, anos mais tarde, ainda sinto um nó no estômago toda vez que penso nele. Earl me deixou quase tudo que possuía antes de ser

executado: livros, um cinto de couro, todas as suas canetas de desenho e alguns papéis de origami. Não consegui ficar com nada porque aquilo me incomodava demais. Dei tudo.

Onde eu estava? Ah, sim, sozinho no terceiro andar. Só eu e outras dezessete celas escuras e vazias. Uma noite, de soslaio, achei ter visto movimento em um dos lugares vagos. Minha cabeça se virou de repente naquela direção e meu pescoço e meus braços ficaram arrepiados. Fiquei olhando, o corpo tenso como o de um atirador em duelo. A performance não teve reprise naquela noite. Com o tempo, você se acostuma a esse tipo de coisa e não dá mais nenhuma atenção. Às vezes, acorda no meio da noite e sente como se tivesse sido despertado por alguém que estava falando, mas não há ninguém por perto, e o silêncio é sepulcral.

O silêncio no Corredor da Morte é algo que parece irritar os guardas logo enviados para cá. Qualquer outra prisão parece um manicômio. Há pessoas se esgoelando 24 horas por dia. Não há um momento de trégua. Gritos de raiva e fúria, súplicas, ameaças, xingamentos — parece a algazarra de algum inferno esquecido. Esses são os prisioneiros “normais”. Assim que você passa pela porta do Corredor da Morte, tudo isso para. Mais de uma vez ouvi algum guarda novo dizer:

— Meu Deus, dá para ouvir um alfinete caindo no chão aqui!

O único momento em que me dou conta do silêncio é tarde da noite, quando espero para assistir ao filme da meia-noite, cruzando os dedos para que seja de terror.

Filmes de terror eram uma tradição familiar em nossa casa. Lembro que, quando ainda era criança e estava no jardim de infância, ficava acordado e assistia a um filme de terror atrás do outro: Godzilla, múmias, vampiros, lobisomens ou mãos sem corpo que, de alguma maneira, passeavam pela cidade em busca de sua vítima. Com os olhos arregalados, imóvel, eu ficava vidrado na tela tremeluzente até adormecer; depois meu pai me carregava para a cama.

Sentado na prisão silenciosa, assistindo a um filme de terror vagabundo, eu ficava recordando esses momentos. Aquilo me enchia de nostalgia e me fazia querer voltar no tempo até um momento no qual me sentia seguro e não tinha dúvida de que meus pais iam cuidar de tudo.

Uma vez, fiquei em uma cela ao lado de um sujeito que se enervava com o silêncio. Em uma noite, enquanto passava *O massacre da serra elétrica 2*, meu vizinho ficou sussurrando meu nome em intervalos regulares para ter certeza de que eu não havia caído no sono e o deixado sozinho. Até que eu finalmente disse:

— Cara, se você fica tão assustado com esse filme, deveria parar de vê-lo.

Outros detentos começaram a rir. Ele me xingou, ofendido porque eu revelara seu segredo. Instantes depois, ele se esgueirou novamente até a porta para assistir mais um pouco. Acho que não dormiu nada naquela noite.

Em 1986, vieram as alegrias do segundo segmento do ensino fundamental. Muitos acontecimentos significativos e ritos de passagem aconteceram durante o período em que frequentei os corredores desse exemplo repugnante de nosso sistema educacional. Era mais do que rural; havia provavelmente cerca de mil alunos em toda a escola. Provei cerveja e vi pornografia pela primeira vez, comecei a andar de skate e conheci Jason Baldwin.

A cerveja e a pornografia foram cortesia de meu meio-irmão Keith Echols, que, no fundo, era um sujeito bastante decente, embora tivesse problemas com bebida. Foi com ele que tive a primeira de minhas duas únicas experiências atrás de um volante. Ele dirigia uma velha picape com a caçamba levantada e pneus traseiros de tala superlarga. Um dia, enquanto eu ouvia Alice Cooper no rádio sentado no banco do carona, ele jogou fora a lata de cerveja vazia que estava entre suas pernas, olhou para mim com olhos sonolentos e perguntou:

— Quer dirigir?

Minha resposta foi típica:

— Prrra, claro.

Ele encostou o carro e trocou de lugar comigo, depois me instruiu sobre como dirigir nos últimos quilômetros até sua casa. Keith estava extremamente tranquilo (no meio do nada, não há muito em que bater) e repetiu várias vezes:

— Você pode ir mais depressa.

Àquela altura, todos os filhos de Jack já tinham as próprias casas havia muito tempo, mas Keith, a esposa e a filhinha ainda bebê foram obrigados a morar conosco no barraco com telhado de zinco depois que a casa e todos os pertences deles foram destruídos em um incêndio. Enquanto viveu conosco, ele me ensinou muitas coisas práticas, como atirar e cuidar da própria arma, e também a substituir o motor de um carro, tudo isso meio embriagado de cerveja. Nunca desenvolvi muito gosto por aquela bebida e nunca consegui tomar uma garrafa inteira. Ele me passava suas revistas com fotos de mulheres nuas enquanto arrotava:

— Não diga ao pai que mostrei isso para você.

No geral, ele era um cara bastante divertido, embora seu tato às vezes fosse questionável (uma vez, anos mais tarde, ao ver uma moça da vizinhança flertando comigo, ele gritou alegre: “É melhor você mandar ver, garoto!”). Eu o admirava naquela época, mas depois que fui preso nunca mais soube dele.

* * *

No sétimo ano do fundamental, fiz amizade com um garoto levemente retardado e bem estranho chamado Kevin. Devo ter sido o único amigo que ele teve até então, e não era possível fazer com que ele se calasse. Era como se tivesse guardado conversas a vida toda. Ele falava durante horas a fio sobre literalmente qualquer assunto: um desenho animado passado na tarde anterior, uma revista folheada no mercado ou um novo bicho de pelúcia que havia comprado. O garoto era uma aberração quando o assunto eram bichos de pelúcia, pois tinha uma coleção enorme; era naquilo que ele gastava cada centavo. Nunca precisei falar muito, ele conduzia todas as conversas. Kevin não conseguia parar de falar nem durante as aulas. Todo mundo fazia de tudo para evitá-lo; por isso tínhamos uma mesa só para nós durante o almoço.

Acho que não me esforçava para fazer outros amigos porque não podia competir. Éramos pobres de dar dó, e eu não tinha os últimos modelos de tênis, não fazia ideia de quais vídeos passavam na MTV, não havia visto os últimos filmes e não possuía uma peça sequer de roupa da moda. Com Kevin, eu não precisava competir. Ibr ele, eu podia estar descalço e vestindo um saco de batatas desde que o ouvisse falar o dia inteiro sobre sua coleção de bichos de pelúcia e balançasse a cabeça de vez em quando. Além disso, não havia expectativas. Acho que quase todo mundo o maltratava e zombava dele, mas, contanto que eu o deixasse andar comigo, ele não se importava. Olhando em retrospecto, também acho que uma parte de mim havia desistido. Aos doze ou treze anos, eu havia decidido que a vida não tinha esperança.

Repeti o sétimo ano. Não me lembro de ter feito nenhum dever durante todo o ano, o que se refletia em meu boletim: minha nota em todas as matérias era D. Não passei em nenhuma disciplina e não dei a mínima. No final do ano letivo, via a minha frente outro longo, brutal e solitário verão naquilo em que minha família ainda chama de “a casa branca”. Naquele ano, eu levaria comigo mais escuridão para casa. Ibuco antes de entrarmos de férias, outro garoto de treze anos tentou suicídio se enforcando.

Joseph fazia três ou quatro matérias comigo. Ele se sentava bem na minha frente em

uma das aulas. Sempre carregava uma bolsa esportiva cheia de livros, papel, lápis coloridos, um transferidor e tudo o mais que fosse necessário para encontrar seu caminho no mundo do sétimo ano. Não era meu amigo, mas eu sabia quem ele era. Algumas semanas antes do fim do ano, ele parou de aparecer na escola. Todo o corpo discente logo soube que ele havia tentado se enforcar. Joseph sobreviveu, mas passou os meses seguintes em um hospital psiquiátrico. Aquela imagem me perseguiria por todo o verão com uma força que nada tivera até então. Não conseguia tirá-la da cabeça.

Tarde da noite, eu ficava deitado na cama com a orelha grudada em meu radinho para que mais ninguém o ouvisse. Se Jack escutasse o menor sinal de música, dava um ataque e dizia que eu o havia mantido acordado a noite toda. Eu ficava lá deitado, imaginando se Joseph estava ouvindo música quando decidi que sua vida não valia mais a pena. Será que ele esperou até o cair da noite ou tentou se matar à luz do dia? Onde ele prendeu a corda? Será que pulou de uma cadeira? Ibr que não conseguiu? Se eu tivesse dito alguma coisa para ele, teria feito alguma diferença? Chorei mais de uma vez. Deitado na cama, coberto de suor e olhando para a escuridão, nem sentia os mosquitos que me picavam enquanto revia repetidamente as cenas que imaginara. Eu achava que, se havia alguém que sabia como me sentia triste e solitário, essa pessoa era aquele menino. A angústia e os fantasmas que me assombravam evaporavam como névoa sob o sol da manhã, mas estavam a minha espera ao cair da noite. Eu não conseguia me livrar daquilo. Foi assim que passei minhas férias de verão.

Minha segunda vez no sétimo ano não começou muito diferente da primeira. Eu usava roupas de segunda mão e recebia meu almoço grátis. Kevin não estava por perto naquele ano, pois decidiram durante o verão que era melhor ele frequentar uma escola especial para crianças com deficiências de aprendizado. Fiquei sozinho.

Uma vez por semana, durante o horário de estudo, podíamos passar trinta minutos na biblioteca da escola. Foi em uma dessas excursões que minha vida mudou drasticamente, quando deparei com uma publicação literária de alto nível chamada *Thrasher*. Para quem não conhece, aquela era a revista de skate. Era a primeira vez que eu era exposto ao mundo do skate. Não se tratava apenas de uma atividade, mas de uma cultura. Não me lembro de ter visto nenhum skatista em nossa escola, portanto não sei como a revista foi parar naqueles humildes arquivos. Aquela publicação se tornou minha bíblia. Eu só conseguia pensar naquilo e, depois de meses implorando, ganhei meu primeiro skate no Natal: um troço barato e pesado, sem nariz e com pouquíssima cauda. Era amarelo vivo, com um dragão chinês estilizado na parte de baixo. Definitivamente,

não era o melhor equipamento, mas possibilitou que eu começasse.

Dia e noite, eu só praticava manobras e lia a *Thrasher*. Ficava olhando para os anúncios de novas pranchas como um tarado na seção pornográfica. Também passei a conhecer um mundo musical diferente. Nunca tinha ouvido The Cure, Dinosaur Jr., Primus, Black Flag, Circle Jerks e muitos outros clássicos.

Nanny se mudou para um estacionamento de trailers localizado entre Marion e West Memphis com o nome dúbio de “Lakeshore Estates” e, quando eu ia visitá-la, alguns vizinhos me davam cinco dólares para cortar a grama. Eu guardava o dinheiro para encomendar roupas de marcas de skatistas e substituía as peças vagabundas de meu skate por outras de melhor qualidade, uma por vez. O skate se tornou minha vida, e estudei o estritamente necessário para passar de ano na escola. As férias de verão logo chegaram.

Aquele foi um verão quente, triste e solitário como os outros, mas pareceu passar um pouco mais rápido simplesmente porque eu tinha um pouco de vida dentro de mim. Andava de skate pela velha estrada deserta entre os campos de algodão até o fórum e a biblioteca pública. Quando chegava lá, usava todo o meio-fio no estacionamento até ficar banhado de suor e à beira de um ataque do coração. Se não fosse pela velha bibliotecária que permitia que eu usasse seu bebedor como se fosse um cavalo em uma gamela, é provável que tivesse morrido de desidratação. Eu nunca ia a pé a lugar algum, o skate se tornou uma extensão de meu corpo. Conhecia o nome de todos os skatistas profissionais, quem eram seus patrocinadores e quais manobras cada um deles tinha inventado. Eu podia citar qualquer uma dessas estatísticas sem nem pensar.

O skate também teve um efeito colateral inesperado. Tudo começou quando percebi que as pessoas que me viam andando de skate paravam para me observar. Nunca havia pensado a respeito, mas comecei a notar que eu realmente era bom em alguma coisa. Percebi pela primeira vez que nem todo mundo era capaz de fazer aquilo e que as pessoas ficavam impressionadas com minha habilidade. Fiquei mais confiante e minha autoestima cresceu. Andava com a cabeça um pouco mais erguida e qualquer sentimento de inferioridade se esvaiu. Era como se tivesse me tornado uma pessoa totalmente nova. Uma nova era havia começado para mim.

Quando entrei no oitavo ano, a escola era um lugar muito diferente. Eu não era mais invisível. Parecia que alguns alunos haviam aprendido os prazeres do skate e nos juntamos para formar nosso próprio grupinho. Tínhamos nossa própria maneira de nos vestir, nossas próprias referências obscuras e regras de conduta. Nosso visual nos

permitia identificar facilmente outros skatistas dentre a multidão de alunos e vice-versa. A partir de então, as coisas mudaram, mas naquela época os skatistas chamavam bastante atenção e, muitas vezes, não era uma atenção positiva.

Talvez me destacasse um pouco mais do que os outros. Um lado de minha cabeça estava totalmente raspado, e o outro era coberto por longos fios de cabelo. Eu usava coturnos enquanto todos os outros tinham os últimos modelos da Nike. Usava brincos nas duas orelhas e em um mamilo. Ninguém mais presta muita atenção nesse tipo de coisa hoje em dia, quando até donas de casa têm tatuagens e todas as crianças da rua têm um *piercing* em alguma parte do rosto. Uma argola no nariz hoje choca tanto quanto um copo de leite. Todavia, as coisas são sempre diferentes no Sul.

Meu comportamento também não era exatamente discreto. Era expulso da sala de aula pelo menos uma vez por semana por perturbar a paz em geral. Parte do problema era que eu simplesmente ficava feliz demais por estar longe do inferno que era minha casa. Zombava dos professores, gritava respostas bizarras e sem sentido quando me faziam alguma pergunta e me tornava uma presença incômoda de várias maneiras para enlouquecer de raiva quem representasse autoridade. Um professor até ameaçou “tirar com um tapa esse ninho de passarinho de sua cabeça”, referindo-se a meu corte de cabelo. Fiquei extasiado.

Quando conheci Jason Baldwin, ele era exatamente o oposto. Não me lembro de tê-lo ouvido abrir a boca durante o sétimo ano do fundamental. Eu era o pervertido imaturo que gostava de se divertir procurando palavras vulgares no dicionário durante a hora de estudo. Certamente não ia desperdiçar meu tempo em exercícios inúteis como dever de casa. Um dia, após exaurir meu vocabulário sexual pela milionésima vez, fechei violentamente o dicionário e levantei a cabeça com a intenção de achar alguém para perturbar.

Um garoto magricela, com um olho roxo e *mullet* louro, me olhava. Ele usava uma camiseta do Mötley Crüe e, a julgar pelo papel em sua mesa, estivera desenhando e rabiscando para matar tempo. Ao lado de seus pés, havia uma mochila sem um livro sequer, mas com uma grande coleção de fitas cassete: Metallica, Anthrax, Iron Maiden, Slayer e todas as outras bandas de cabeludos que um jovem marginal poderia desejar. Ele costumava carregar um pequeno walkman e me passava um dos fones durante a hora de estudo ou, meses mais tarde, no ônibus, para que nós dois pudéssemos ouvir música. Eu o via almoçar todo dia na lanchonete e acenava com a cabeça quando estava indo embora. Nunca perguntei como ele conseguira o olho roxo.

Jason geralmente tinha os últimos números das revistas *Metal Edge* ou *Heavy Metal*, e eu as lia enquanto ele examinava minha coleção da *Thrasher*. Todas as nossas interações aconteciam durante o horário escolar porque eu ainda morava no barraco fora do perímetro urbano e minha mãe me levava com minha irmã para a escola em uma picape azul. O único período que tínhamos juntos era a hora de estudo, por isso conversávamos pouco ou nada. A maior parte de nossa comunicação se dava através de gestos: apontar com o dedo, levantar sobrancelhas, balançar a cabeça e assim por diante. Isso não mudou até o dia em que Nanny quase morreu.

Ela já havia sofrido um ataque cardíaco e conhecia bem os sintomas. Pbr sorte, teve tempo de ligar para a emergência e em seguida para minha mãe, quando teve o segundo ataque. Era tarde da noite e minha mãe começou a gritar que tínhamos que sair. Fomos o mais depressa possível, mas, mesmo assim, a ambulância chegou antes de nós. Chegamos em Lakeshore e vimos os paramédicos transportando minha avó em uma maca.

Foi surreal porque era tarde o bastante para o sol já ter-se posto, mas ainda não estava completamente escuro. O céu era uma bela mistura de azul-escuro e roxo. Havia uma sensação especial e mágica no ar que eu havia sentido poucas vezes em minha vida. É algo que toca alguma coisa em você e é tão lindo que você pensa que vai morrer porque não conseguirá absorvê-lo. Um momento como esse não faz parte de nenhuma estação. Não é primavera, verão, inverno, nem outono. É um dia separado dos outros, como um mundo em si mesmo.

Havia algo no jeito como as luzes vermelhas da ambulância piscavam sem fazer barulho que feriu minha mente. Nenhuma sirene barulhenta, apenas aquela luz vermelha piscando. Eu sabia que minha avó ficaria bem. Todo mundo fica bem em uma noite como aquela.

Minha mãe pulou da picape e explicou quem era. Eles a deixaram entrar na ambulância e acompanhar minha avó, que estava quase inconsciente. Seguimos logo atrás. No hospital, Nanny foi encaminhada de imediato para a sala de cirurgia, onde seu cardiologista já esperava.

Ficamos sentados na sala de espera, folheando revistas sem ver o que havia nas páginas, caminhando pelos corredores e observando com olhar vazio a televisão pendurada no canto da sala. Quando finalmente surgiu, depois do que pareceu uma eternidade, o médico puxou minha mãe para o canto e explicou que havia feito o que podia, mas que minha avó não devia passar daquela noite. Dormimos na sala de espera,

esperando ouvir o pior toda vez que um médico passava. A notícia não veio naquela noite, nem no dia seguinte.

À tarde, o médico foi falar novamente com minha mãe. Disse que minha avó ainda estava viva, embora em estado crítico. O novo problema é que ela havia desenvolvido coágulos na perna, que precisaria ser amputada. Ele duvidava que ela pudesse sobreviver à cirurgia, mas, se não fosse operada, certamente morreria.

Todos nós moramos naquela sala de espera do hospital durante quase duas semanas. Eu não me importava; era mais confortável do que nossa casa. O ar era agradável e fresco, tudo era imaculadamente limpo, e até tínhamos TV a cabo. Jack trazia sanduíches de casa ou, quando conseguia juntar dinheiro, hambúrgueres de uma lanchonete. Só comemos na lanchonete do hospital uma vez, porque a comida era muito cara. Vez por outra, eu ia sorrateiramente pegar uns punhados de biscoitos ou palitinhos de pão do bufê de saladas quando ninguém estava olhando. Eu adorava a comida do hospital. Achava deliciosa.

Quando recebi autorização para ver minha avó, ela estava tão grogue de morfina que nem sabia o que acontecia a seu redor. Com muita dificuldade, levantou uma das mãos, apontou para um espelho na parede e me pediu para mudar de canal. Ela me chamou de “merdinha” e contou uma história sobre como nos tornaríamos caçadores de vampiros porque era possível obter uma enorme recompensa por um ovo de vampiro. Nanny começou a voltar à realidade quando o médico foi reduzindo gradativamente a dose de morfina. No final das contas, ela sobreviveu, mas com apenas uma perna a partir de então.

Aos 65 anos, com uma perna amputada e já tendo sofrido dois ataques cardíacos, minha avó não tinha condições de cuidar de si mesma. Não podíamos esperar que ela se mudasse para nosso palácio esquelético, então tivemos que nos mudar para seu trailer em Lakeshore.

Fiz as malas com meus poucos pertences o mais rápido possível, sabendo que aqueles eram meus últimos momentos no barraco. Parecia bom demais para ser verdade: eu estava escapando do inferno. Nunca mais precisaria ver aquele lugar. Não perdi tempo dando uma última olhada à minha volta, pois não havia nada de que eu quisesse me despedir. Não tínhamos muita coisa que valesse a pena ser levada além de nossas roupas e uns poucos eletrodomésticos. Os móveis estavam todos prontos para serem jogados no lixo.

Mas encontrei um tesouro naquele lugar antes de ir embora. Um presente de

despedida dos fantasmas. Só tinha um armário na casa, que não era aberto havia anos. Estava abarrotado de roupas que ninguém usava, além de um monte de porcelanas que deveriam ter sido jogadas fora anos antes. Minha mãe e Jack decidiram verificar tudo para ter certeza de que não esqueceriam nada útil (claro, como se um pirata tivesse chegado de fininho e enterrado um tesouro ali). Jack tirava coisas do armário e jogava-as no chão enquanto minha mãe observava. A certa altura, ele subiu no armário para alcançar um compartimento que se estendia até o teto. Fora ali que o incêndio havia começado. Ele passava tudo o que encontrava para minha mãe e ela jogava tudo no chão com o nariz enrugado de nojo.

De repente, uma coisa empoeirada e preta chamou minha atenção. Até aquele momento, eu não tinha interesse algum no que faziam. Só estava ansioso para cair fora. Algo naquela maçaroca preta e empoeirada chamou minha atenção, então eu a peguei. Era um sobretudo imundo, esfarrapado, apodrecido e carcomido por traças. Meu coração parou por um instante por causa da perfeição daquele objeto. Eu precisava tê-lo.

— De quem é isto? — perguntei.

— De ninguém, é apenas lixo — respondeu minha mãe enquanto eu o vestia antes mesmo de ela terminar de falar. — Está imundo, você precisa lavá-lo.

Jack, que havia acabado de descer, deu uma olhada e disse:

— Provavelmente vai se desfazer se você tentar lavá-lo.

E foi assim que adquiri meu primeiro sobretudo. A partir de então, nunca mais fiquei sem um. Aquilo parecia ser a coisa que as pessoas mais lembravam a meu respeito. Todo mundo sempre começava a me descrever com: “Ele usa um sobretudo comprido e preto.” Aquele se tornou o símbolo que as pessoas associavam a mim. Aquele casaco específico acabaria se desintegrando, mas eu acharia outros. Sentia-me seguro quando estava enrolado neles, coberto e protegido. Era a maior mantinha de bebê do mundo. Sentia-me escondido com ele, como se as coisas ruins não pudessem me achar. Sem ele, eu ficava exposto e vulnerável em relação ao mundo. Nunca me sentia constrangido, nem era vítima de insegurança quando estava envolto naquele pano preto. Não há razão para temer algo quando você paira pelo mundo como um fantasma empoeirado e preto.

Uma vez instalados na “propriedade” de minha avó em Lakeshore, tivemos de construir duas rampas: uma para que ela entrasse e saísse do trailer e outra para aplanar o ligeiro desnível entre a cozinha e a sala. Era quase impossível passar com a cadeira de rodas pelo estreito corredor, então pusemos a cama de Nanny em um canto da sala. Minha mãe e Jack ficaram com o quarto dela, e eu, enfim, consegui ter um cômodo só para mim, de onde raramente saía quando estava em casa. Era um espaço pequeno e escuro, já que a lâmpada ficava escondida atrás de um globo de vidro leitoso. Eu tinha um sofá de vinil preto que servia de cama e uma pequena prateleira de metal para guardar minhas coisas. Uma parede inteira era coberta por um espelho triplo. O armário tinha uma porta sanfonada estranha, e o chão era revestido por um tapete fino e marrom. Cobri imediatamente as paredes com fotos e pôsteres de skatistas profissionais e instalei a aparelhagem de som vagabunda e de segunda mão que tinha ganhado de Natal. Apropriei-me do espaço.

Ouvi muitas piadas sobre pessoas pobres que moram em estacionamentos de trailers, mas não me considerava mais pobre. Estava em meio ao luxo: podia tomar banho quando quisesse, tinha aquecimento central no inverno e um ar-condicionado no verão. O banheiro tinha descarga, lá não passavam aviões pulverizadores de pesticidas e havia vizinhos. Era o paraíso.

Esta narrativa não estaria completa sem uma palavra sobre Lakeshore. Era um lugar bem grande para um estacionamento de trailers, composto por cerca de duzentos trailers, quase todos velhos e deteriorados — seus melhores dias tinham ficado para trás havia muito. A maioria tinha um pequeno quintal cercado por uma corrente. Em muitos havia cães, a única forma de “segurança doméstica” que conhecíamos. Sem um cachorro e uma corrente, era só uma questão de tempo até tudo em seu quintal ser roubado e a gasolina do tanque de seu carro ser sugada, o que era feito com a simples ajuda de uma mangueira e um balde. Era raro os moradores e as pessoas por lá terem empregos regulares, embora alguns trabalhassem em uma fábrica de caixas ali perto. Em sua maioria, eram ladrões e sucateiros; recolhiam metais, geralmente cobre ou qualquer coisa que pudesse ser vendida. Todas as formas de dependência química — bebida e

metanfetamina eram as mais populares — eram atividades recreativas diárias.

As pessoas que viram o local depois que fui embora, muitos anos atrás, me disseram que as coisas mudaram bastante, que ele não é mais o mesmo. Agora está limpo, os moradores plantam flores no quintal e lavam os carros. Os moradores são gentis e amistosos, e até policiais foram viver ali. Idosos se mudam para lá depois da aposentadoria. Acho que agora seria considerado um lugar de classe média baixa. Uma grande diferença em relação a meus dias. Saber dessas mudanças me entristece porque sinto que os últimos vestígios do que conheci como lar se perderam. A vida seguiu em frente enquanto fiquei atrás destes muros. Sinto que não tenho mais raízes. Parece que há um mundo totalmente novo lá fora e, apesar da idade, me tornei velho de mente e de corpo.

O coração de Lakeshore era de fato um lago. Um lago tão verde e lodoso que a maioria dos peixes não o habitava mais, e era fortemente aconselhado não se nadar ali, pois não seria prudente engolir aquela água. O fundo era um velho cemitério de maquinário de jornal, carrinhos de mão, estrados de mola e colchões, bicicletas enferrujadas, linhas de pesca emaranhadas, caixas quebradas, varas partidas e qualquer outra coisa que sua mente puder conceber. Antes de irmos a julgamento, os policiais afirmaram ter encontrado lá uma faca que fora usada nos assassinatos. Não duvido nem um pouco disso e não ficaria surpreso se encontrassem mais uma dúzia delas. Meus advogados acreditavam que provavelmente aquela faca havia sido colocada lá para me incriminar, o que poderia muito bem ser verdade. Também acho igualmente provável que ela tenha sido jogada ali por uma das muitas pessoas que usavam aquelas águas como depósito pessoal de lixo.

O lago era um monstro. Sinto uma falta imensa dele. Hoje o considero lindo, com seu peculiar aspecto verde e lodoso, embora possa entender por que uma pessoa que não sente a mesma nostalgia que eu pode ter outra opinião. Na minha mente, ele se tornou um Ganges, capaz de lavar a dor, o medo, o sofrimento e a tristeza causados pelos anos de encarceramento por algo que não fiz. Aquele lago virou uma coisa mágica para mim e passou a representar, mais do que o próprio Mississippi, meu “lar”.

* * *

Quando escrevemos sobre nossa vida, é impossível incluir todos os detalhes, ou até mesmo a mais pacata das vidas precisaria de vários volumes para ser registrada. Você

precisa olhar para trás e se perguntar: “O que realmente foi importante? Quais foram os grandes momentos que me moldaram e me tornaram quem eu sou?” Para mim, um desses grandes eventos foi me tornar membro da Igreja Católica.

Até onde consigo me lembrar, sempre me interessei muito por religião, espiritualidade e espiritualismo. Para mim, essas palavras abrangem uma vasta gama de assuntos, como clarividência, percepção extrassensorial, aparições e assombrações, druidas, reencarnação e ressuscitação, profecia e até mesmo ir à missa e rezar. Na época do quarto ano, comecei a ler livros sobre Nostradamus, Edgar Cayce, projeções astrais e as propriedades curativas de cristais e pedras. Eu me interessava por qualquer coisa que estivesse relacionada de alguma forma com espiritualidade. Acho que isso talvez tenha sido uma reação a todos os sermões sobre ódio, medo e a ira de Deus que eu vinha ouvindo. Suponho que precisasse de algo para contrabalançar tudo aquilo.

Um dia, enquanto examinava as pilhas de livros na biblioteca, encontrei um volume novo em folha sobre catolicismo escrito para adolescentes. O objetivo era ensinar aos jovens católicos o significado por trás de cada coisa que eles deviam fazer durante a missa. Eu tinha uns catorze ou quinze anos quando o encontrei e nunca estivera em uma igreja católica na vida.

Levei o livro para casa e fiquei lendo até tarde da noite. Eu o carregava para a escola e lia quando tinha um tempo livre. Fiquei absolutamente arrebatado e me apaixonei pela Igreja Católica. Durante toda a minha vida, havia sido forçado a ir a igrejas protestantes. Naquele momento, queria desesperadamente poder ir a uma católica. Queria ver as coisas sobre as quais eu lia, vivenciá-las pessoalmente. Genuflexão, água benta, reza com um rosário, as Estações da Cruz e, especialmente, a eucaristia — amava a ideia de tudo aquilo. Era o cristianismo como eu nunca havia visto. Todo o processo, desde o momento em que você atravessa a porta, se ajoelha e faz o sinal da cruz, tem a ver com respeito e dignidade do espírito. Aquilo era lindo.

De início, fiquei com medo de contar a Jack ou minha mãe que queria ir a uma igreja católica. No Sul ainda existe muito preconceito em relação ao catolicismo. A palavra “católico” muitas vezes é dita no mesmo tom de voz usado para lançar um insulto. Uma vez ouvi alguém comentar que uma medalha de São Cristóvão era “satânica”. Hoje em dia o Sul é a terra da Igreja Batista e pode ser um lugar cruel para qualquer um que não siga essa crença.

Eu sabia que Jack era a pessoa que teria de concordar e também sabia que eu teria de contar aquilo em uma linguagem que ele compreendesse. Então, um dia informei que

achava que tinha recebido um “chamado” de Deus e que precisava encontrar o lugar no qual deveria estar. No tipo de igreja que ele frequentava, dizer que você tinha recebido um chamado significava que você estava ouvindo diretamente a voz de Deus ou sentindo a Sua presença e que Ele o exortava a fazer algo. Um chamado podia ser visto pelo resto do mundo como qualquer coisa, desde uma intuição até um episódio psicótico. Mesmo assim, ele entendeu. E, se eu sentia que Deus estava me dizendo para fazer algo, Jack Echols seria a última pessoa a interferir. Talvez ele não me respeitasse, mas respeitava o que percebia como a vontade de Deus.

Quando perguntou aonde eu queria ir, eu sabia que não podia simplesmente dizer “à igreja católica” ou ele ficaria desconfiado. Em vez disso, falei que achava melhor ir a vários lugares, pois eu saberia qual seria o certo assim que o encontrasse. Ele assentiu com a cabeça e esse foi o fim da conversa.

Só havia uma igreja católica em West Memphis, chamada Saint Michael. Era um lugar pequeno se comparado aos enormes edifícios semelhantes a catedrais que abrigavam as igrejas batistas da região, mas era bem cuidado e estava em ótimas condições. Havia bancos de pedra do lado de fora e uma pequena estátua de São Francisco. O gramado estava limpo e não havia resíduos nem folhas secas pelo chão. A palavra que sempre me vem à mente é “dignidade”. Aquele lugar tinha dignidade e encorajava todos que ali entrassem a tê-la também. Toda a atmosfera anunciava que não era um local onde se encontrariam pessoas rolando no chão e gritando.

Fui deixado lá, entrei e me sentei. Acompanhei os movimentos das pessoas a meu redor e me ajoelhei em um banco estofado para dizer um rápido “Oi, estou aqui” a qualquer poder do universo que estivesse ouvindo. O lugar era totalmente silencioso, nada de crianças gritando, nem homens usando ternos baratos vociferando saudações detestáveis uns para os outros. Todos se sentavam, tranquilos, e esperavam. Não era um silêncio desconfortável. Pelo contrário, era muito relaxante e sossegado; era possível ficar sentado em meio a suas próprias contemplações sem ser perturbado. Senti-me muito bem acolhido.

O órgão começou a tocar suavemente e todos se levantaram à medida que a procissão do padre e dos coroinhas passava pelo corredor central até a frente da igreja. Eu não conseguia tirar os olhos daquele pequeno cortejo. Os mantos, as velas, o livro no alto — eu estava testemunhando pura magia. Gostei de todos os momentos e saboreei a experiência. Depois da cerimônia de abertura, o padre falou durante cerca de trinta minutos, com um tom de voz calmo e suave, sobre o que ele acabara de ler. Não havia

gritos, ele não batia com o punho no púlpito e não disse sequer uma palavra sobre o fim iminente do mundo. Lamentei ter de ir embora quando terminou e teria preferido passar o dia ali, examinando as cenas nos vitrais, admirando as estátuas nos cantos ou até mesmo observando o tremeluzir das velas votivas.

Naquela noite, quando Jack perguntou como tinha sido, disse-lhe que havia encontrado meu lugar. Quando ele perguntou como eu sabia, respondi que era porque aquele lugar me dava a sensação de lar. Ele não falou mais nada e me levou até lá novamente na semana seguinte.

Dessa vez, esperei até todos saírem para o estacionamento. Aproximei-me do padre Greg Hart, um homem pequeno, em vias de ficar calvo e que usava óculos com uma armação de metal. Apresentei-me e, sem preâmbulos, perguntei:

— Como me torno católico?

Sentamos e conversamos um pouco, e ele me explicou que eu teria de frequentar as aulas de conversão, pois havia muito a aprender. Ele mesmo dava as aulas na segunda-feira à noite. Depois de obter todas as informações necessárias, saí e vi Jack me esperando na picape para me levar para casa.

Fui a todas as aulas, nunca faltei a nenhuma. O padre Hart arrumou uma carona para mim com uma mulher que também as frequentava. No total, éramos menos de dez. Aprendemos tudo, desde os ensinamentos da Igreja sobre vários pontos do dogma até como rezar o terço. Eu gostava das aulas quase tanto quanto da própria missa. Para minha confirmação, escolhi meu nome em homenagem a São Damião.

Quando o dia de receber o sacramento do batismo e da primeira comunhão chegou, um diácono que havia sido o padrinho de minha conversão, Ben, me deu dois presentes. Um era o rosário que sua esposa usou até o dia em que morreu; o outro era um terno para aquela ocasião. Fiquei muito comovido com os dois presentes. Infelizmente, perdi contato com aquelas pessoas gentis e simpáticas pouco tempo depois.

A única vez que minha mãe ou Jack pisaram na igreja foi na noite do meu batismo e primeira comunhão. Eu tinha quinze ou dezesseis anos. Eles se sentaram na última fila e pareceram pouco à vontade e deslocados durante toda a cerimônia. No final, levantaram-se e aplaudiram com todas as outras pessoas. Fiquei feliz por eles terem ido, pois sentia que havia conquistado algo e queria que alguém testemunhasse aquilo.

Só parei de ir à missa quando minha vida foi para o inferno dois anos depois. Desde então, deixei para trás qualquer crença na teologia cristã mais convencional e até desenvolvi certa animosidade em relação ao cristianismo em geral, em decorrência do que

pessoas que se declaravam cristãs fizeram comigo. Mas ainda amo o ritual e a cerimônia da Igreja Católica. Um padre velho e pequeno vem aqui uma vez por mês, e eu o observo ministrar os sacramentos aos detentos católicos no Corredor da Morte. Sinto-me reconfortado só de olhar e muitas vezes me pego lembrando o prazer que aquilo costumava me suscitar.

* * *

Hoje, Sexta-Feira Santa, comecei a interpretar o ritual do Santo Anjo Guardião descrito em *O livro da magia sagrada de Abramelin, o mago*. Trata-se de uma prece que pede a um eu superior ou a uma inteligência externa orientação, proteção e perdão por todas as fraquezas e os pecados. Praticantes experientes vestem mantos brancos e queimam velas e incenso, além de usarem outras parafernálias esotéricas. Obviamente, não tenho todo o material sugerido, mas não acredito que seja necessário. Estava dando uma olhada nas escrituras que serão lidas durante a missa hoje e, de repente, fui arrebatado pelo sentimento de que preciso começar *agora*. Senti uma força e uma paz das quais eu queria estar próximo. Tomei um banho e pus roupas brancas limpas; depois, ajoelhei-me para rezar. Se Aleister Crowley conseguia realizar o ritual montado em um cavalo, eu poderia realizá-lo na cela de uma prisão.

Orei para ser perdoado por todas as minhas transgressões, para ser protegido e amparado, para que me fosse concedida a força de que preciso, bem como a sabedoria e a eloquência do Santo Anjo Guardião. Não rezava assim desde a infância. Em seguida, quis apenas ficar sentado e me deixar acalantar pela sensação de paz que vivenciava. Sei que precisarei ficar atento para não ser completamente arrastado para a devoção, ou não serei capaz de manter a objetividade. Aleister Crowley salientou a importância de não acreditar nem desacreditar; tenho uma tendência a me tornar um fanático.

O ritual foi muito informal e impulsivo, mas eu queria executá-lo, mesmo que apenas por motivos simbólicos, por ser Sexta-Feira Santa. Amanhã vou começar de maneira muito mais formal, montando um altar e esfregando esta cela de cima a baixo.

* * *

Hoje, às 8h15, rezei para ter a sabedoria e a eloquência do Santo Anjo Guardião. Repeti a prece às 9h55 quase como uma compulsão. Adoro a sensação de limpeza e concentração que toma conta de mim depois disso. Pedi a sabedoria e a eloquência do

Santo Anjo Guardião, assim como a força e a inteligência necessárias para completar e suportar o ritual. Juro que nunca irei usá-lo para o mal, apenas para a glória de Deus e para ajudar a mim mesmo e aos outros. Por fim, peço ajuda e orientação para seguir o único Caminho verdadeiro. Sempre termino com a frase “Peço isso em nome de Cristo, amém” e, depois, faço o sinal da cruz. Em seguida, sinto-me renovado e rejuvenescido. Fico me perguntando qual seria a diferença se tivesse *todos* os instrumentos: o óleo de Abramelin, o Bolo de Luz, incenso e vinho.

Percebi que, ao recitar a prece do Santo Anjo Guardião, tudo dentro de mim fica incrivelmente sereno. É como uma forma muito concentrada de meditação. Quando você faz meditação zazen, os primeiros vinte minutos são enlouquecedores. Suas pernas doem, seu nariz coça, você não consegue encontrar seu centro de gravidade e assim por diante, mas, quando você passa do primeiro estágio, começa a se sentir *bem*. Como se pudesse fazer aquilo para sempre. É essa a sensação que a prece do Santo Anjo Guardião começa a causar. Há uma serenidade incrível. A única coisa se mexendo dentro de você é a própria prece, crescendo cada vez mais. Você começa a senti-la penetrar também nos momentos em que *não* está rezando. Posso estar simplesmente lendo um livro e ela repentinamente aparece, trazendo-me para o momento presente. Agora consigo encontrar aquele pequeno ponto de serenidade mesmo sem rezar. Ele está *sempre* dentro de mim; só é necessária uma fração de segundo para localizá-lo. Ele está lá mesmo quando não há esperança.

A prece faz com que você se concentre. A concentração o deixa alerta o suficiente para perceber o surgimento da rachadura. O anjo atravessa a rachadura. A rachadura está em algum lugar dentro de mim, escura como um buraco que nunca foi tocado pelo sol. O anjo é azul-elétrico. Vi tudo isso em um décimo de segundo. Foi apenas um lampejo de negritude infinita e azul-elétrico.

Aquele ponto silencioso e sereno de concentração voltou hoje. Assim que me ajoelhei para começar a rezar, a sensação tomou conta de mim. É como ser a única coisa que existe; como estar em um vácuo infinito e silencioso. É ao mesmo tempo tranquilo e poderoso. Minha vida está se tornando mais compacta, como uma quantidade tremenda de energia que foi comprimida em um sol minúsculo. É assim que deve ser. A sensação é boa, como se eu tivesse descoberto exatamente o que deveria estar fazendo agora. Por muito tempo, extrapolei meu alcance, agarrando qualquer fio que passasse por mim na esperança de descobrir um farrapo de inspiração. Agora me dei conta de que os únicos nomes de que preciso são aqueles que estão em meu livro do destino desde o início. Se

quiser continuar a seguir em frente, preciso continuar a olhar para trás. Rejuvenesço-me bebendo dos poços mais velhos e profundos. Encontrei meu caminho de volta até a fonte da qual flui minha magia. Estou em casa.

Um dos motivos para eu estar forçando meu corpo além de seus limites conhecidos é que, ao longo dos anos, ergui uma barreira entre mente e corpo. Elevei a mente até o corpo se tornar quase sem valor. Isso transparece em minha postura física, o modo como meus ombros inconscientemente se curvam e minha cabeça se abaixa. Só consigo corrigir a postura por curtos períodos e aplicando toda a minha força de vontade. Preciso encontrar uma forma de me curar, de harmonizar de novo mente e corpo. Se não o fizer, alguma doença vai se instalar.

Hoje meus pés sangraram através de dois pares de meias. Foi um êxtase. A visão daquelas duas marcas vermelhas do tamanho de uma moeda desabrochando no tecido branco se tornou a Comunhão Sagrada para mim. Forçar meu corpo até aquele ponto de dor e exaustão se tornou minha religião.

A vida me ensinou que o verdadeiro insight espiritual só pode acontecer por meio da experiência direta, da mesma maneira que uma queimadura grave só pode acontecer se você puser a mão no fogo. A fé nada mais é do que uma tentativa diluída de aceitar o insight de alguém como se fosse seu. A crença é o equivalente psíquico de uma peça de roupa de segunda mão, gasta e passada adiante. Equiparo o verdadeiro insight espiritual à sabedoria, que é diferente de conhecimento. Conhecimento pode ser obtido por meio de fontes: livros, histórias, canções, lendas, mitos e, nos tempos modernos, computadores e programas de televisão. Por outro lado, só existe uma verdadeira fonte de sabedoria: a dor. Geralmente, qualquer experiência que proporciona sabedoria a uma pessoa também deixa uma cicatriz. Quanto maior a dor, maior a realização. A fé é o *rigor mortis* espiritual.

Consigo me lembrar vagamente da vida no que chamo de mundo real. Parecia uma sequência de eventos que se sobrepunham, nem sempre sem percalços, mas pelo menos de maneira natural. *Nada* é natural em minha situação atual. Nada flui, ou sequer *se movimentam*, sem que alguém aplique uma quantidade tremenda de força de vontade aos pontos de pressão de sua própria realidade. Mesmo assim, é como tentar manter uma bola à tona na praia apenas soprando-a. A vida sem ímpeto não é vida de fato. Uma pessoa precisa de movimento, ou ela começa a esquecer até mesmo que existe.

Li histórias nas quais o êxtase, por meio de alguma forma bizarra de alquimia emocional, se torna letargia ou mal-estar. Talvez seja o tédio que faz com que um príncipe

renuncie a tudo que sabe e se torne um mendigo. Não sei dizer. O que comecei a me perguntar é se o inverso pode ser verdadeiro: se, ao seguir o caminho da dor até um nível profundo o bastante, poderia encontrar mais alguma coisa. Sabia que eu não era o primeiro a se fazer esse tipo de pergunta, pois em certas tribos indígenas norte-americanas os homens às vezes se submetiam a suplícios tremendamente dolorosos em busca de insight espiritual ou psíquico.

Um dos caminhos mais tortuosos e conhecidos para ampliar os sentidos é jejua. Em minha primeira tentativa, fiquei duas semanas consumindo apenas água. Nos primeiros quatro dias, a dor da fome, combinada com a deterioração física, foi enlouquecedora. Minha pele ardia de febre. Lembrou-me os fortes episódios de febre e doença que me acometiam de repente na infância. Não havia aviso prévio; eu simplesmente acordava no meio da noite com febre alta. Ficava tão fraco que não conseguia me mexer, mas parecia flutuar. Sentia correntes de energia atravessando minha consciência e notava que estavam sempre fluindo através do mundo, mas eu só conseguia senti-las no estado febril. A explicação mais próxima que consigo dar mesmo agora seria dizer que eu ouvia um rio de vozes cor-de-rosa. Depois que entrei na adolescência, tudo isso parou. Da última vez, minha febre subiu tanto que minha mãe me mergulhou em uma banheira de água gelada para fazê-la baixar. O toque daquela água gélida em minha pele foi uma das experiências mais horrendas de minha vida. Queria gritar e lutar, mas só conseguia ficar ali, ofegando. Nem conseguia chorar. Minha mãe continuava a dizer palavras tranquilizadoras e a afastar meus cabelos enquanto despejava água fria em meu rosto. Eu só pensava: “Como ela não sabe que estou no inferno?” A febre nunca me incomodou. De certa maneira, era reconfortante. Achava que era a água gelada que ia me matar.

Durante o jejum, eu adormecia com febre, faminto e exausto, mas me sentia tão perto daquela corrente quanto na infância. Mesmo assim, havia algo que me separava dela. *Bdida* ouvi-la no horizonte como o apito de um trem distante, mas eu não a *vivenciava*. Precisava de algo mais para me aproximar.

Não sei por que comecei a correr. Nem me *lembro* de ter começado; de repente, já estava correndo. Ficar preso em uma cela significava que eu tinha de correr no mesmo lugar; portanto era o que fazia. Corri tanto que perdi a noção do tempo. No final, desmaiei. O mundo ficou escuro e os sons pareciam estar vindo do final de um corredor muito comprido. Corri novamente no dia seguinte, só que, daquela vez, pus dois pares de meias por causa das bolhas em meus pés. Corri até me pegar engatinhando em

direção à privada, sentindo ânsia de vômito e arfando enquanto escorregava em meu próprio suor. O que deveria ser horrível era de certa forma lindo. Foi uma das experiências mais maravilhosas de minha vida. Senti-me mais próximo de todas as coisas divinas do que em qualquer igreja. Corri quase duas horas sem parar nem mesmo para tomar água e descobri um novo mundo.

No terceiro dia, meus pés começaram a sangrar, deixando pequenas manchas e gotículas por todo o chão, mas só as notei mais tarde. Não entendo como pode haver magia no movimento repetitivo do corpo, mas a encontrei.

Há momentos em que minha mente grita para que meu corpo pare e diz que não é possível continuar por nem mais um segundo. Ignoro a advertência e me esforço para ir além daquele ponto. Apenas com o esforço para superar todos os limites impostos por minha mente e meu corpo é que sou capaz de nadar nas águas escuras que preciso atravessar. É daí que provém tudo que tem valor. É a dor da destruição de meus limites que me permite esquadrihar a corrente em busca de mensagens em garrafas. Cada uma contém um fantasma e todas sobem a corrente. Não sei quem ou o que joga essas garrafas, pelo menos até agora não descobri. Aqueles com menos curiosidade ou ambição simplesmente murmuram que Deus trabalha de maneira misteriosa. Pretendo pegá-lo com a mão na massa.

No final, Jason Baldwin ia para a minha casa quase todo dia depois da escola. Ficávamos sentados em meu quarto ouvindo música, conversando e rindo das outras pessoas até chegar a um clímax frenético e maníaco. Nunca ri tanto quanto naquela época. Era o tipo de riso que faz com que você perca todo o controle e caia. Anos mais tarde, Jason e eu conversamos sobre aquela época, tentando nos lembrar exatamente do que era tão engraçado. Nenhum de nós sabe ao certo, só sabemos que aquele foi o período mais hilário de nossas vidas.

Nos fins de semana, eu dormia na casa de Jason ou ele dormia na minha. Quando estávamos lá em casa, ficávamos em meu quarto comendo salgadinhos, bebendo latas de refrigerante genérico e ouvindo fitas de heavy metal. Estávamos sempre tentando ser silenciosos para que Jack não nos ouvisse — ao menor ruído, ele ficava furioso. Ele odiava automaticamente qualquer pessoa com quem eu fazia amizade e se esforçava ao máximo para ser desagradável com todos nós.

Na primeira noite que passei na casa de Jason, decidimos fugir. Eu nunca tinha feito aquilo; portanto, meu motivo era mais a emoção do que a vontade de ir a algum lugar específico. A noite começou com a mãe de Jason, Gail, nos deixando no boliche em West Memphis e mandando que não fôssemos a nenhum outro lugar. Assim que ela saiu do estacionamento, Matt, o irmão mais novo de Jason, saiu em busca de outras aventuras. Jason e eu entramos para jogar bilhar e socializar com todos os outros delinquentes. Aquele era um lugar para degenerados, e havia *mullets* para onde quer que você olhasse.

Depois de jogar algumas partidas e cumprimentar o pessoal, decidimos ir atrás de Matt. Talvez houvesse coisas mais interessantes a ser descobertas onde quer que ele estivesse. Atravessamos os estacionamentos de mercados e shopping centers para chegar até o Walmart, onde ele provavelmente estaria. Lá, aproveitamos para visitar a seção de música, juntar nosso dinheiro, comprar a última fita do Metallica e, depois, nos sentar para ler as letras. Finalmente encontramos Matt jogando videogame e voltamos os três para o boliche, onde Gail logo nos pegou.

A noite estava tão fria que tudo parecia cristalino, mágico e um pouco assustador.

De repente, o mundo tornou-se muito grande. Lembro-me de cada detalhe porque aquela foi a primeira vez que desobedecei todas as ordens completamente e com tanta audácia. Tínhamos liberdade para fazer o que quiséssemos, sem nenhuma interferência nem supervisão de um adulto. Todo um novo mundo se descortinou diante de mim. A sensação de aventura e liberdade absoluta era incrível.

Quando Gail encostou, rapidamente entramos no carro e voltamos para Lakeshore. Na casa de Jason, fomos os três para o quarto dele para ouvir a nova fita cassete do Metallica e jogar Nintendo com o velho televisor que ficava em cima da cômoda. Não lembro quem sugeriu primeiro que fugíssemos, mas aceitamos a ideia de cara. O tempo parecia passar com uma lentidão excruciante enquanto esperávamos que a mãe e o padrasto de Jason fossem se deitar. Depois que as luzes se apagaram, esperamos mais uma hora para ter certeza de que eles estavam dormindo.

Saímos pela janela do quarto de Matt, que era maior do que a de Jason. Além disso, dava para pisar diretamente na grade se esticássemos as pernas ao máximo, e, de lá, o pulo até o chão era pequeno. Jason e Matt já haviam feito aquilo antes e não tiveram dificuldade alguma. Eu, por outro lado, fiquei pendurado com uma perna dentro e outra fora. Eles decidiram me “ajudar” puxando a perna que estava do lado de fora e quase esmagaram meus testículos.

Não tínhamos um destino específico em mente, então caminhamos pelas ruas de Lakeshore por um tempo, deixando um rastro de cachorros latindo por onde passávamos. Estava tão frio que todas as poças perto da rua ficaram cobertas por finas lâminas de gelo, nas quais as luzes da rua brilhavam como se fossem diamantes. Eu estava atordoado pela excitação e considerava Jason experiente por já ter feito aquilo antes.

Decidimos ir até uma linha ferroviária que ficava lá perto, onde Jason disse que havia uma casa na árvore na qual as pessoas às vezes deixavam garrafas de vinho. Para chegar lá, tínhamos de atravessar um terreno baldio e não levamos em consideração as recentes chuvas. Nossos pés atravessaram a fina camada de gelo e, de repente, nós três ficamos com água até o tornozelo. Apesar de estarmos tremendo e batendo os dentes, nossa empolgação não arrefeceu e continuamos em frente.

Quando, enfim, chegamos aos trilhos, além de a casa estar destruída, a própria árvore havia tombado. Continuamos nosso caminho, seguindo os trilhos por cerca de um quilômetro e meio, com a intenção de descrever um círculo e voltar para o trailer de Jason. Estávamos bastante longe de qualquer luz ou trailer, e a noite era um silêncio só. Conversamos sobre histórias de fantasmas e filmes de terror, lendas urbanas e coisas que

víramos nos livros de mistério da coleção *Mistérios do desconhecido* da Time-Life. Não demorou muito até ficarmos arrepiados e sobressaltados por nossa própria imaginação. Estávamos andando em fila indiana com Jason na frente, Matt no meio e por último eu. Matt insistiu em ficar no meio para que nada o pegasse desprevenido. Falando baixinho, discutimos a história do garoto que afirmara ter visto um cadáver saltando para a frente e para trás ao longo dos trilhos na noite de Halloween. Era como se não conseguíssemos parar de alimentar nosso próprio terror. Anos depois, assisti ao filme *Conta comigo* e fiquei cheio de nostalgia porque me lembrou como éramos.

De volta ao trailer, tiramos nossos sapatos molhados e pegamos no sono em frente à TV assistindo a clipes de heavy metal do programa *Headbangers Ball*. Nunca vou me esquecer de um detalhe sequer daquela noite enquanto eu estiver vivo. Ela faz parte de quem sou. Inúmeras vezes me perguntei se Jason e Matt pensaram muito a respeito dela ao longo dos anos.

À medida que crescíamos, a emoção de fugir foi perdendo a graça porque, em uma cidade tão pequena, não havia lugar algum aonde ir e nada para fazer. Tudo fecha às dez da noite e, depois das primeiras vezes, não é muito emocionante percorrer ruas vazias. Em vez disso, todo fim de semana, alugávamos filmes de terror baratos, que eram lançados diretamente em vídeo, e virávamos a noite vendo-os e fazendo piadas. Aquilo era a coisa mais próxima de uma “orgia satânica” que jamais testemunhei. A polícia tinha uma imaginação muito fértil. Estou inclinado a acreditar que talvez eles tenham assistido a mais filmes de terror vagabundos do que deveriam.

Muitas vezes, no final dessas festividades, desfalecíamos na cama e dormíamos até o meio-dia. Não conseguíamos adormecer sem música. Nunca dormi tão bem quanto dormia com Iron Maiden ou Testament tocando ao fundo.

Com o passar dos anos, Jason e eu nos tornamos íntimos como se fôssemos irmãos pois sabíamos que não havia mais ninguém cuidando de nós. Dividíamos tudo: comida, roupas, dinheiro, o que fosse. Se um de nós tinha, os dois tinham. Era algo que não precisava ser dito.

Todo ano, após sermos liberados da escola sem cerimônias para as férias de verão, passávamos longos dias sentados em um deque mal-ajambrado no quintal dos fundos da casa de Jason pescando, dando de comer aos patos ou fazendo comentários maldosos e depreciativos sobre qualquer adolescente da vizinhança que aparecesse. Às vezes, jogávamos videogame, assistíamos com um olhar vazio aos desenhos animados da tarde na televisão, implicávamos um com o outro ou passávamos trotes por telefone. Outras

vezes, explorávamos lugares de difícil acesso em busca de cobras. No nosso bairro, cobras eram tão valiosas quanto dinheiro e podiam ser trocadas por qualquer coisa. Os dias eram lentos e preguiçosos, quentes e longos, todos iguais. Aquela era a extensão de nossas vidas e achávamos que nada jamais mudaria.

A primeira vez que encontrei com Jessie Misskelley foi completamente involuntária. Um dia, depois da escola, bati à porta de Jason e Gail atendeu. Antes mesmo de eu perguntar, ela disse:

— Ele não está. Está na casa de Jessie Misskelley.

Ela o chamava por seu nome completo, Jessie Misskelley, e mais tarde percebi que era o que todos faziam.

Saí da varanda da casa de Jason e comecei a voltar para casa porque não fazia a menor ideia de onde ficava a “casa de Jessie Misskelley”. Já ouvira aquele nome e, pelo som, devia pertencer a um dos valentões de Lakeshore. Mais ou menos na metade da rua, ouvi Jason gritar e olhei para a esquerda. Ele estava em pé na soleira de um trailer. Jessie Misskelley vivia a quatro ou cinco trailers de distância de Jason. Entrei pelo portão e Jason foi abrindo caminho para mim.

O trailer parecia limpo e arrumado, com tudo no lugar, não havia baratas nem ratos à vista. Sentado em uma cadeira ao lado da porta encontrava-se Jessie Misskelley, de jeans, camiseta e tênis. Seus pés estavam em cima da mesinha de centro, e ele segurava um sanduíche de mortadela e queijo com uma das mãos enquanto girava uma pistola de sinalização laranja com a outra. As mãos tinham manchas até o antebraço por alguma substância preta, como se tivesse trabalhado em um carro. Um boné de beisebol cobria sua cabeça; o emblema na frente era uma bandeira confederada e uma caveira sorrindo — artigo típico de paradas de caminhão. Embaixo do boné, cabelos castanhos, longos e lisos chegavam até a altura dos ombros.

Antes que meus olhos tivessem tempo de se ajustar à luminosidade, uma voz feminina gritou com uma fúria ensurdecedora:

— Sai da frente da TV!

A voz parecia estar falando comigo e vinha de uma garota magra e de cabelos escuros sentada em outra cadeira. Aquele exemplo de charme feminino era a namorada de Jessie, famosa em certos estacionamentos de trailers da cidade. Alguns caras tatuavam o nome da namorada no peito. Jessie tinha tatuado a palavra “megera”, em uma referência a Alicia.

Jason e eu nos sentamos no sofá. A namorada de Jessie voltou a seu estupor

silencioso. Ele ficou mais animado e começou a dançar *bebop* pela sala. Pegou uma estatueta de vidro de uma prateleira e começou a fazer sons de beijos.

— Esta é minha namorada — anunciou ele, levantando a estatueta de vidro.

Parecia uma pequena mulher negra com os seios nus, talvez um saleiro decorativo.

Um homem mais velho saiu de um quarto nos fundos, e calculei que fosse o pai de Jessie. Eu tinha razão. Mais do que se sentar na cadeira vagada por Jessie, ele se jogou em cima dela com um gemido e um suspiro. Parecia cansado, como se todos os dias de sua vida tivessem sido longos. Em seguida, olhou para o sanduíche de Jessie e perguntou:

— Essa não é a última fatia de queijo, é?

— Ops... — Foi a resposta de Jessie.

Quando seu pai informou que a estava guardando para o almoço do dia seguinte, Jessie tirou a fatia de queijo de dentro do pão e balançou-a no ar.

— Você ainda pode usá-la — disse ele, segurando o pedaço de queijo a distância e sorrindo para nós.

Faltavam vários pedaços que já haviam sido mordidos.

O pai não lhe deu atenção. Em vez disso, disse que Jessie precisava se preparar para entrar debaixo do trailer e verificar se todos os pneus estavam calibrados. Eles se preparavam para se mudar para outro estacionamento de trailers chamado Highland.

De repente, Jason estava pronto para ir embora. Enquanto passávamos pelo portão, Jessie gritou:

— Voltem mais tarde para me ajudar.

— Tudo bem — respondeu Jason, olhando para trás sem diminuir o passo.

Um pouco mais à frente, ele me disse que aquele era o motivo pelo qual raramente ia até lá: embora não fizessem nada, sempre tentavam fazer com que você trabalhasse. Nem preciso dizer que não voltamos mais tarde para ajudar e que Jessie não se ofendeu. Ele também tentava fugir de trabalhos manuais não remunerados.

Nunca vi muito Jessie, mas nos tornamos suficientemente íntimos para conversar quando nos encontrávamos. Jason e eu esbarrávamos com ele no boliche e ficávamos uma ou duas horas jogando bilhar ou batendo papo por um tempinho no mercado de Lakeshore. Jessie não era muito de conversa, mas suas histórias eram divertidas e as coisas estranhas que ele dizia geralmente valiam algumas risadas. Era muito claro para qualquer pessoa de inteligência média que ele não era o sujeito mais esperto do mundo. Parecia uma criança. Era inofensivo.

À volta à escola no ano seguinte foi como recomeçar do zero. Eu estava entrando no ensino médio e Jason continuaria no ensino fundamental. Nos três anos anteriores, eu desenvolvera uma sensação de segurança ou estabilidade que desapareceu naquele momento. Embora a escola de ensino médio ficasse a apenas cerca de três metros da de ensino fundamental, aquele era um mundo totalmente diferente.

Noventa e cinco por cento dos estudantes da Marion High School vinham de bairros de classe média e classe média alta. Os alunos iam para a escola dirigindo carros novos em folha, usavam roupas Gucci e tinham joias suficientes para causar inveja em astros do rap. Era um lugar no qual eu definitivamente não me encaixava. Todo mundo que andava de skate parecia ter parado de andar e mudado para outra coisa, o que significava que meu círculo de amizades havia se reduzido muito. Na verdade, eu mesmo já não estava mais andando tanto de skate.

Em reação ao novo ambiente, meu comportamento se tornou ainda mais ultrajante, e eu era visto como esquisito. Os esquisitos formavam um grupo definido de pessoas, mas às vezes é difícil explicar o que faz com que alguém entre para essa categoria. Os esquisitos não eram muito populares, mas todo mundo sabia quem eles eram só de olhar. Um garoto tinha costeletas enormes, usava calças curtas e cabeças de animais de pelúcia em cima dos sapatos. Outro cara raramente tomava banho e de vez em quando aparecia usando saia. Ele não era homossexual, só gostava de saias. Uma garota chamada Tammy (por quem fui apaixonado) era mais difícil de definir. Ela era linda, ginasta, mas usava argolas no nariz, calcinha térmica por debaixo do short e meias brancas com sandálias pretas. Tínhamos uma relação estranha porque ela me insultava e criava todo um novo gênero de palavras pejorativas para me ofender, mas pulava no pescoço de quem apenas olhasse atravessado para mim.

Iniciei uma amizade intensa e improvável com um cara chamado Brian naquele ano. Ele se sentava ao meu lado em algumas aulas e sempre ficava muito quieto, mas com um ar arrogante. Vestia-se como se precisasse ir a uma reunião de negócios todo dia, tinha cabelos louros imaculadamente arrumados e usava pequenos óculos redondos de armação dourada. Quando terminava qualquer tarefa que haviam passado para nós,

pegava um romance e lia em silêncio até o fim da aula. Quando notava a presença de alguém, era com ar de desdém. Eu não conseguia resistir à tentação de perturbá-lo. Quando lhe pedia para ver o livro que estava lendo, ele recusava, dizendo que tinha sido um presente de aniversário e que eu parecia o tipo de pessoa que o estragaria. Quando declarei que queria experimentar seus óculos, ele mais uma vez negou e disse que não tinha vontade alguma de limpar as digitais gordurosas que eu deixaria nas lentes. Parecia-me considerar um bárbaro mal-educado. Esses diálogos aconteciam diariamente enquanto as aulas prosseguiam a nossa volta. Uma vez, ele sibillou para mim, furioso:

— Pbr que você não consegue sussurrar? Mesmo calado, você continua gritando.

Isso aconteceu depois de várias advertências do professor. Ele nunca havia sido expulso de uma aula e não tinha intenção alguma de que aquela fosse a primeira vez.

Um dia, notei que ele tinha uma fita cassete apoiada em cima dos livros. Inclinei-me para a frente a fim de dar uma olhada no título, e não era de ninguém que eu conhecesse.

— O que é isso? — perguntei.

Passando-me a capa para que eu pudesse ler as letras, ele disse que era uma banda de rock cristã e que aquele era o único tipo de música que ele ouvia.

Fiquei chocado e ultrajado por algo do gênero existir; como eles ousavam corromper a santidade do rock and roll? Ele disse que tinha uma vasta coleção e que participava de muitos programas fundamentalistas para jovens, além de nunca faltar à igreja. Até teve a petulância de me convidar para ir com ele. Meu primeiro instinto foi fazer um gesto mal-educado, mas, de repente, parei. Pbr que não? Aquilo podia ser bem interessante. Minha própria religião me parecia algo tão pessoal e privado quanto a religião dele parecia viral, tendo como único propósito recrutar mais seguidores. Tudo se resumia a “salvar” outras pessoas; após “salvar” alguém, você simplesmente seguia em frente e “salvava” outros.

A cerimônia a que fomos era uma espécie de reunião de jovens. A igreja batista tinha um ginásio e foi para lá que seguimos. Havia jovens jogando basquete, pingue-pongue e até alguns jogos de tabuleiro. Não participei de nada daquilo. Em vez disso, Brian e eu nos sentamos em cadeiras dobráveis de metal no fundo do ginásio para poder observar todo mundo. Enquanto conversávamos, um grupo de umas cinco garotas se aproximou. Eram claramente amigas dele, a julgar pela maneira como o cumprimentaram.

Ao contrário do que esperava, logo percebi que estava me divertindo. Fiz amizade com uma das garotas e essa relação durou uns dois anos: falávamos ao telefone duas ou

três vezes por semana durante horas. Apesar das expectativas suscitadas por minhas experiências anteriores, ninguém pregou nem tentou me convencer. Ninguém parecia sequer estar pensando em religião. Ficávamos sentados conversando enquanto todo mundo a nossa volta continuava a cuidar da própria vida.

Além do mais, aquele parecia ser o lugar certo para romances adolescentes. Como em qualquer outro local onde jovens tendem a se reunir, era comum ver garotos e garotas trocando olhares como se estivessem prontos para se devorar. Voltamos lá várias vezes ao longo do ano e só houve um momento constrangedor.

Aconteceu quando apareci uma noite usando um sobretudo preto, calças pretas, camisa preta e coturnos de cano alto pretos e brilhantes que pareciam ter sido roubados de um nazista morto. Aqueles eram meus trajes do dia a dia na época. Não me vestia mais como um skatista. Na verdade, eu só usava roupas pretas. Toda vez que substituía uma peça de vestuário, a nova peça era preta. Até ser preso, nunca mais usei outra cor. Minha aparência também havia mudado gradualmente. Deixei o cabelo crescer e ficar emaranhado como o de Johnny Depp no filme *Edward mãos de tesoura*.

Vi Brian conversando com um homem mais velho que, mais tarde, descobri ser o “pastor da juventude”. Quando Brian voltou e se sentou a meu lado, disse que o pastor não havia gostado do jeito como eu me vestia, que parecia “satânico”. Brian sugeriu que eu pelo menos tirasse o sobretudo preto, e fiz o que ele pediu. Seus olhos se arregalaram e ele disse com urgência na voz:

— Vista-o de volta!

Evidentemente, minha camiseta, que exibia o slogan do Iron Maiden “No prayer for the dying” [“Nenhuma prece para os mortos”], era inadequada para a igreja. Eu nem havia pensado nisso antes daquele episódio, mas ela chamou a atenção de todo mundo. Aquele momento se tornou um dos pregos martelados no caixão que selou meu destino e me mandou para cá.

Sentado na prisão de Monroe County alguns anos mais tarde, esperando para ser julgado por homicídio, vi aquele pastor da juventude na televisão. Ele quase espumava de raiva enquanto falava de “pactos com o diabo”. Parecia um psicótico. O simples fato de eu ter usado aquela camiseta em uma cerimônia da igreja foi suficiente para convencer muitas pessoas de que eu só podia ser culpado.

Minha influência na vida de Brian aumentou gradualmente. A forma como ele se vestia mudou, seus cabelos cresceram e ficaram desalinados e ele não ouvia mais bandas de rock cristão. Ele logo entrou para a categoria dos “esquisitos”. Usava joias de prata e

fumava cigarros de cravo sem parar. E também passou a ir escondido vez por outra até o armário de bebidas da mãe para tomar um ou dois drinques. Brian começou a andar de skate e se tornou melhor do que eu jamais havia sido.

Ele era melhor porque era mais destemido. Era como se a possibilidade de cair e se machucar nunca passasse por sua cabeça. Uma parte de mim estava sempre com medo de cair quando eu tentava alguma manobra nova, então havia uma leve hesitação ou sensação de refreamento. Brian nunca teve isso; bastava observá-lo para ver que ele ainda não havia aprendido que a dor está sempre à espreita em cada esquina.

Logo começamos a passar os fins de semana um na casa do outro. Na primavera, íamos até a loja de conveniência na rua dele para comprar achocolatado, picolés e cigarros, depois ficávamos sentados no meio-fio observando as pessoas que entravam e saíam. Não parece muito divertido, mas para mim era relaxante.

Por outro motivo do qual não consigo mais me lembrar, comeci a escrever um estranho tipo de diário durante aquele período. Era um caderno simples e preto, sem características especiais, mas, desde então, se tornou um dos aspectos mais constrangedores e humilhantes de minha existência. Todo mundo está livre para esquecer o período da angústia adolescente, eu não. O maldito caderno está sempre lá para me lembrar. Para ser sincero, sempre fico surpreso por ainda receber cartas de pessoas que dizem que adoraram ler partes abertas ao público e que desejam ler mais. Existe gosto para tudo. Fico apavorado por ter escrito aquele lixo. Um dia, ao assistir a uma de minhas *sitcoms* favoritas, um personagem no programa observou: “Desde que decidiram que os poemas não precisam rimar, todo mundo acha que é poeta.” É verdade. Ele poderia tranquilamente dizer isso apontando para mim.

Escrevi sobre as baboseiras típicas de um adolescente: depressão, solidão, coração partido, angústia, ansiedade desenfreada, pensamentos de suicídio. Mesmo após ter me cansado daquilo, senti-me instigado a escrever mais pelo único fator que motiva garotos desde o início dos tempos: uma garota. No final, ela ficou com o caderno e eu me esqueci daquilo por completo. Nem o vi mais até o julgamento alguns anos mais tarde. Não apenas me vi sendo julgado por um crime do qual era inocente, mas os promotores jogaram sal na ferida ao ler meus pensamentos e sentimentos mais íntimos diante de um tribunal lotado, câmeras de televisão e repórteres de jornal. De alguma forma, aquilo foi considerado “prova”. Um penteado ruim, um guarda-roupa preto, “poesia” adolescente cheia de angústia e uma queda por bandas de cabeludos — isso é suficiente para que você seja mandado para a prisão. Mais ainda, para o Corredor da Morte.

O caderno acabou cheio de coisas de que eu mal me lembro: citações, pedaços de informações, frases de minhas histórias favoritas e “poemas” que eu havia escrito. Só consigo ser irônico ao chamá-los de “poemas”. Quando ouço ou leio alguém citando um deles hoje em dia, sinto vontade de rastejar e me esconder debaixo de uma cadeira. No fim das contas, apenas meu mau gosto foi imortalizado.

* * *

Na noite após nosso último dia de aula, Brian ficou em minha casa e pedimos pizza para comemorar o início das férias de verão. Ficamos sentados em volta da mesa da cozinha, comendo e observando as pessoas que passavam ocasionalmente na rua escura lá fora. Quando contei que, durante o dia, eu havia conhecido uma garota e que tínhamos sentido atração um pelo outro, sua curiosidade foi atiçada. Eu disse o nome dela, Laura, achando que ele não faria ideia de quem eu estava falando, mas ele me surpreendeu ao dizer mais de uma vez:

— Você está falando *sério*?

Descobri que ele via aquela garota e suas duas melhores amigas quase todos os dias porque uma delas, Ashley, morava na rua atrás da dele. Aquilo foi o começo de nossa rotina diária durante todo o verão. Diariamente, depois que os pais de Ashley saíam para trabalhar, Brian e eu íamos direto para a casa dela, e nós cinco passávamos o dia assistindo a vídeos ou matando tempo na piscina que havia no quintal. O nome da terceira garota era Carrie e, antes do final do verão, eu e Laura já havíamos terminado e Carrie e eu estávamos juntos. Brian e Ashley namoraram durante todo o verão. Houve algo mágico naquela estação, e um pequeno grupo de cinco pessoas se formou. Quando o verão acabou, nos separamos.

Não as encontrávamos com frequência durante os fins de semana pois isso envolveria a dificuldade de lidar com os pais. Mantínhamos contato constante por telefone, mas não nos víamos pessoalmente. Em vez disso, Brian e eu passávamos os fins de semana patinando no gelo em um shopping ali perto, ou assistindo a vídeos e batendo papo. Foi um verão de muita conversa.

Também consegui meu primeiro emprego, uma das experiências mais horrendas de minha vida. Acordei certa manhã e decidi que estava cansado de não ter um tostão: era o momento de entrar para a categoria dos trabalhadores.

Comecei me candidatando para todos os lugares que costumavam contratar

adolescentes: mercados, lanchonetes, o Walmart. Ninguém estava contratando. Então, um dia, lembrei-me de um pequeno restaurante de frutos do mar perto da estrada. Eu nunca tinha entrado naquele lugar e estava ficando desesperado porque os empregadores em potencial pareciam não valorizar o grande intelectual que se apresentava a eles. O restaurante de frutos do mar era minha última opção.

Uma tarde, entrei naquele lugar, e lá estava tão escuro que meus olhos demoraram um minuto para se adaptar. O chão era de cimento queimado e as mesas, pequenas, tinham sido cobertas com toalhas plásticas quadriculadas de vermelho e branco. A caixa registradora encontrava-se bem perto de mim e, sentado em um banco de bar a seu lado, vi um homem pequeno, grisalho e corcunda. Ele parecia absorto em algum tipo de papelada. Aproximei-me e perguntei se aquele belo estabelecimento estava contratando. Ele me olhou por um instante como se raciocinasse astutamente e perguntou:

— Você pode começar hoje à noite?

Respondi que sim, e ele disse para eu me apresentar às cinco da tarde.

Voltei para casa extasiado. Conseguira um emprego e logo teria dinheiro para fazer o que quisesse. O futuro se descortinava diante de mim e minha mente estava repleta de possibilidades. A realidade logo esmagaria meu idealismo juvenil.

Quando cheguei no horário marcado, soube que seria o novo auxiliar de garçom. Meu uniforme era um avental que parecia ter sido branco no passado. Lembro-me perfeitamente de usar minhas unhas para raspar pedaços de casca de ovo que estavam cimentadas na parte frontal. Depois de vesti-lo, mostraram-me a cozinha, onde deparei com uma visão das entranhas do inferno.

Aquele restaurante era o único lugar no planeta mais sujo do que a prisão. Você podia literalmente vomitar no chão e ninguém notaria. Pulariam a poça e continuariam andando. Era um negócio familiar, e a família era constituída por pai, mãe e três filhos. O corcunda que me contratara era o pai.

A mãe era uma figura amorfa de 120 quilos que nunca estabelecia contato visual com ninguém nem dizia palavra alguma. Vivia imunda por trabalhar noite e dia naquela cozinha. Os três filhos, dois meninos e uma menina, eram a prole do inferno. O menor, um menino com uns dois anos, só usava uma cueca com incrustações de imundície. O filho maior, que tinha uns três ou quatro, costumava estar de short, mas sem camisa e descalço. A menina não tinha mais do que cinco anos e usava todo dia um conjunto de calcinha e camiseta com tema de super-heróis. Os três estavam sempre com o rosto sujo, o nariz escorrendo e os cabelos desgrenhados.

As crianças tinham de ficar na cozinha e longe dos olhos dos clientes o tempo todo. Elas nem podiam usar o banheiro. Em vez disso, usavam um balde de vinte litros com uma tampa de privada precariamente equilibrada em cima. Isso significava que havia um balde de vinte litros de fezes e urina bem no meio da cozinha o tempo todo.

A cozinha em si parecia um cômodo da casa de *O massacre da serra elétrica*. As paredes eram engorduradas e tinham manchas pretas por causa da fumaça, as bancadas pareciam pequenas balsas para transportar lixo, e o lugar fedia a peixe podre. A verdade é que minha primeira tarefa foi tirar uns cinco quilos de peixe putrefato da pia, o que fiz engolindo meu próprio vômito. Mais de uma vez, presenciei, ao entrar na cozinha, a mãe dando banho em uma das crianças em um lado da pia enquanto filés de peixe e pernas de caranguejos estavam de molho na outra metade. Na minha primeira noite, desloquei um saco de farinha de milho e descobri uma ratazana cuidando de uma ninhada de filhotinhos rosados.

Estava trabalhando lá havia umas três semanas quando vários dos outros funcionários apareceram na porta de minha casa. Disseram que precisavam reunir todo mundo para que fôssemos trabalhar depressa porque alguém ligara para a vigilância sanitária, que iria fazer uma inspeção no local. Limpamos, esfregamos e jogamos fora lixo das duas e meia da tarde até depois de onze da noite, e o lugar ainda não parecia nem um pouco apresentável. Àquela altura, percebi que não aguentaria nem mais um segundo. Fui encarar o corcunda com minhas roupas parecendo ter saído de um depósito de lixo e cada centímetro de meu corpo coberto de todo tipo de sujeira. Falei que ia para casa e não voltaria mais. Todavia, aquele lugar continuou a me perseguir em meus pesadelos. Sonhei com o restaurante por muito mais tempo do que trabalhei lá.

* * *

Brian e eu começamos a nos distanciar quando as aulas recomeçaram. Em parte por eu ter sido reprovado mais uma vez, repetindo o primeiro ano. Com isso, eu comemoraria meu aniversário de dezessete anos no primeiro ano do ensino médio. Coincidentemente, um dos heróis de minha infância conseguira o mesmo feito. Seu nome era Andy, e era o único cara no oitavo ano que começava a ter barba. Ele não dava atenção para tendências nem mudanças na moda; sempre usava jeans com os joelhos rasgados e uma jaqueta militar verde e surrada. Tinha cabelos negros que chegavam até os ombros e usava um brinco comprido que parecia um crucifixo. Andy era o cara mais tranquilo da escola e

dormia ou desenhava em todas as aulas. Ninguém se metia com ele e vice-versa. Durante o verão, Brian e eu pegamos algumas caronas com Dawn, a irmã mais nova de Andy, que tinha nossa idade. Ela nos adorava e era maravilhosa pelo simples fato de ser normal. Dawn não ligava para como as coisas funcionavam no ensino médio e não se encaixava em nenhum grupo específico. E também consumia mais vodca do que uma adolescente deveria.

Brian passou para o segundo ano e se aproximou do pessoal mais esquisito. Parei de andar de skate e me tornei o que as pessoas hoje chamariam de “gótico”, embora nunca tivesse ouvido essa palavra e não existissem góticos em nossa escola. Eu era daquele jeito porque me agradava esteticamente. Além de Slayer, Testament e Metallica, meu gosto musical se expandiu e passou a incluir bandas como Danzig, The Misfits, Siouxsie and the Banshees e Depeche Mode. Todos os antigos pôsteres de skate sumiram de meu quarto e foram substituídos por velhas gravuras que encontrei em livros estranhos. A maioria se parecia muito com imagens das águas-fortes e esboços de Goya. Peguei dois pombos imundos e vingativos e deixei que eles voassem à vontade pelo quarto.

Comecei a passar muito menos tempo com Brian e me peguei voltando ao velho esquema que eu e Jason havíamos estabelecido. Brian estava se tornando muito mais melancólico. Um dia, no outono, fomos parar na rua de Ashley. Ele olhava para a casa dela, perdido em pensamentos, quando perguntou:

— Você sente saudade?

Eu sabia exatamente do que ele estava falando, mas mesmo assim perguntei o que queria dizer com aquilo.

— De como eram as coisas no verão.

Eu disse que não e percebi que era verdade. Aquilo não fazia parte das pessoas, momentos, lugares e coisas em minha vida que me davam nostalgia. Àquela altura, eu tinha outras coisas em mente. Estava tendo meu primeiro relacionamento de verdade.

Minha irmã não conseguia cantar nem que sua vida dependesse disso, porém esse fato nunca a impediu de tentar. O problema era que todas as canções pareciam iguais ao saírem de sua boca. Minha mãe dizia que era porque ela não ouvia bem, mas tenho lá minhas dúvidas. Estou mais propenso a acreditar que era pura falta de talento; contudo, nenhuma mãe quer dizer à própria filha que ela soa como um saco de gatos sendo espancados com um pedaço de pau. Michelle só foi autorizada a participar do coral da escola porque a diretriz era não recusar ninguém que se inscrevesse.

O diretor do coral havia achado uma boa ideia realizar o primeiro concerto menos de duas semanas após o início do ano letivo. Minha irmã pôs seu melhor vestido, e minha mãe se preparou para levá-la de carro até o ginásio e assistir à apresentação. Normalmente eu não me interessava por atividades extracurriculares, ainda mais se fosse um bando de garotas de treze anos estridulando “Amazing Grace”, mas, naquela noite, algo me atraiu. No último minuto, decidir ir também.

Assim que estacionamos, minha mãe, minha irmã e Jack entraram correndo para pegar seus lugares. Fiquei um pouco mais do lado de fora, enrolando e trocando algumas palavras com as pessoas que eu conhecia. É muito estranho ficar em uma escola à noite. A sensação não é a de sempre. O lugar se torna totalmente diferente e há certa excitação pairando no ar. Quando resolvi entrar no ginásio, era essa a sensação que eu tinha, embora não pensasse nisso.

Ao me aproximar do edifício, podia ouvir o som do piano e das pessoas cantando. Uma luz amarelada que brilhava através das janelas da frente logo me fez sentir como se o inverno tivesse chegado, embora a temperatura estivesse próxima dos 25 graus. Quando abri a porta e entrei no saguão, o som dos saltos de minhas botas batendo no chão duro só aumentou a sensação de inverno.

Três metros à frente, havia duas grandes portas de madeira que fechavam a entrada para a parte principal do ginásio. Uma garota estava em pé com o olho grudado na fresta entre as portas, espiando. Ela estava de costas para mim. Ao me ouvir entrar, deixou que a porta se fechasse e se virou para perguntar:

— Gostaria de um programa, senhor?

Em seguida, lançou-me um sorriso largo como se soubesse de algo divertido que eu desconhecia. Não foi um simples sorriso, mas um sorriso largo.

Refleti sobre isso desde então, e há uma diferença. Uma pessoa sorri quando está feliz. Um sorriso indica afeto e amizade. Um sorriso largo é algo totalmente diferente; denota prazer. Quem o lança geralmente está sentindo prazer, mesmo que à custa de sua desventura. Minha avó costumava dizer que, quando eu abria um sorriso largo, era possível ver o diabo dançando em meus olhos. Foi o que vi naquela noite: o diabo dançando. E não era uma valsa. Estava mais para uma roda punk.

A garota tinha a pele tão branca quanto a minha e cabelo na altura dos ombros tão negro quanto o meu, sem precisar de tintura. (Ao longo dos anos, muitas fontes afirmaram equivocadamente que eu tingia meu cabelo de negro, mas na verdade essa é minha cor natural.) Ela usava uma calça tão apertada que muitas pessoas poderiam chamar de vulgar e uma blusa decotada do mesmo naipe da calça. Segurava um punhado de programas para a apresentação do coral, e recusei o que ela me ofereceu.

Nunca entrei para assistir ao coral naquela noite. Em vez disso, fiquei no saguão com essa garota que cheirava a sexo. Era uma aura que emanava dela como eletricidade estática e estava presente em cada gesto: o modo como ficava próxima demais e olhava para mim, o jeito como segurava meu braço e movia o quadril para o lado enquanto falava. Parecia ser algo fora de seu controle, como uma gata no cio. Não era eu que suscitava aquele comportamento, mas qualquer homem. Passei a noite entretendo aquela garota, e o som de sua risada fez com que, em duas ocasiões, alguém fosse até a porta e nos lançasse um olhar de advertência.

Seu nome era Deanna, e ela me disse que, se eu tivesse me dado ao trabalho de olhar para trás, a teria visto em pelo menos três de minhas aulas. Eu não entendia como podia ter estado na mesma sala que ela durante quase duas semanas sem nunca ter registrado sua presença. Passamos a almoçar juntos todos os dias depois daquela noite. De início, ficávamos sentados sozinhos em nossa mesa e, gradualmente, um grupo pequeno, mas leal, se formou a nossa volta: outros casais, dois caras mais novos que haviam começado a tentar se vestir como eu e um sujeito grandalhão que se chamava Joey e dizia ser meu “guarda-costas”.

À noite, eu geralmente ia para a casa de Deanna. Sua família era muito agradável, uma típica família tranquila do Sul. Eles me convidavam para ir a sua casa e permitiam que eu participasse da rotina. Às vezes, assistíamos a filmes, jogávamos alguma coisa ou ouvíamos música. O som mais pesado permitido na casa era música country, e assistir à

MTV era uma afronta que podia resultar em castigo para Deanna e suas duas irmãs. Seus pais eram muito rígidos e até mesmo intolerantes às vezes. Depois de todas as coisas ruins que aconteceram, achei que eles fossem tiranos cruéis que queriam forçar as filhas a aceitar a religião enquanto as controlavam com punho de ferro. Ainda acho, sob vários aspectos, que era isso mesmo, e ouvi várias vezes Deanna fazer declarações de ódio em relação à mãe, mas todos os anos que se passaram desde então me deram uma nova perspectiva. Eles cuidavam das meninas da melhor maneira que sabiam. Agora consigo ver os dois lados da moeda.

No início me aceitaram como parte da família. Não percebi a honraria que estava recebendo porque eu nunca tinha vivenciado algo parecido. Nunca havia conhecido a família de uma namorada. Todas as vezes que havia uma reunião de família, eu era convidado. Isso faz tanto tempo que a maioria das recordações se dissipou e apenas o sentimento permanece. Lembro-me apenas das mais fortes, como uma festa de Natal em que Deanna me deu um gorila de pelúcia e uma lata de Hershey's Kisses. Estávamos sentados perto da lareira, comendo chocolate, enquanto o resto da família ria e comemorava a nossa volta.

Deanna era secretamente pagã, como ela mesma me disse logo após termos nos conhecido. É o equivalente atual ao que chamavam de bruxa antigamente. Uma wiccana. Eu nunca tinha ouvido esse termo. Tudo que sabia sobre “bruxas” era o que lera nos velhos livros que diziam que elas voavam até reuniões em que dançavam com o diabo e amaldiçoavam plantações ou faziam com que bebês viessem ao mundo com marcas de nascença. Só conhecia as bobagens transmitidas pela Igreja Católica e a Inquisição, como, por exemplo, dizer que todas as religiões que não fossem cristãs eram, na melhor das hipóteses, mal orientadas e, na pior, satânicas. Deanna tinha um pequeno diário verde, no qual havia todo tipo de coisa: nomes de deusas antigas pré-cristãs, plantas e seus usos medicinais e orações escritas em versos floreados.

Isso foi pouco antes de a fama (e a má fama) da wicca explodir nos Estados Unidos. Agora todo ano são publicados muitos livros sobre o assunto, e o movimento é reconhecido pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos como uma religião válida. Os tempos mudaram. Na época, eu não fazia ideia da existência de tal religião. Fiquei encantado e pasmo.

Comencei a pesquisar sobre a wicca, ler a respeito e até me encontrar com um grupo de adolescentes da cidade que eram seguidores daquela religião. Eles eram uma boa fonte de informação, mas eu não aguentava andar com eles. Todos eram extremamente instáveis

e melodramáticos. Eu ficava constrangido, pois eles não percebiam como eram socialmente ineptos. A wicca é uma bela religião em teoria, mas me distanciei de qualquer coisa relacionada a ela porque não conseguia suportar as pessoas. Muitas estão na faixa dos trinta anos e ainda tentam viver e se comportar como adolescentes. A wicca parece atrair muitas pessoas que não conseguem ou se recusam a crescer.

Todavia, aquilo serviu como trampolim para outras áreas de conhecimento depois. Desde então, aprendi muito mais sobre cabala, hinduísmo, budismo, meditação, ioga, tarô, teosofia, tantra, taoísmo, rosacrucianismo, cavaleiros templários e as práticas herméticas da Aurora Dourada. Na época, não conseguia me saciar e devorava o que pudesse sobre a wicca. Ibr muito tempo, achei tudo aquilo fascinante, sem saber que meu interesse e curiosidade seriam usados contra mim no tribunal um dia.

O início do fim foi quando os pais de Deanna descobriram que nós estávamos tendo relações sexuais. Conseguimos ocultar o fato por um tempo, mas um erro simples nos desmascarou.

Nossa primeira vez foi planejada. Quando ela foi deixada na escola, eu estava lá para encontrá-la. Fomos embora imediatamente e caminhamos até minha casa. Pegamos um caminho alternativo, seguindo a linha de trem, o que nos mantinha fora do campo de visão dos carros que passavam por ali, mas também triplicava a distância que tínhamos de percorrer. Demoramos uma hora para chegar e, uma vez na minha casa, fomos direto para meu quarto, onde ficamos pelo resto do dia. Minha mãe e Jack sabiam, mas nenhum dos dois se importava. A trilha sonora ao fundo era, apropriadamente, Suicidal Tendencies cantando “How Will I Laugh Tomorrow When I Can't Even Smile Today” [“Como vou rir amanhã se nem consigo sorrir hoje”]. Aquela se tornou nossa rotina.

Estávamos juntos havia quase um ano quando o deslizamento aconteceu. O problema foi que um dia voltamos para a escola alguns minutos mais tarde do que de costume e o ônibus dela já havia partido. Eu não sabia, por isso a deixei lá e voltei para casa. Ela teve de voltar andando para casa. A mãe de Deanna perguntou por que ela não falou com alguém na secretaria para conseguir uma carona. Em vez de dar a típica resposta adolescente — “Sei lá” —, ela disse que havia falado com alguém e que a pessoa havia se recusado a ajudar. A mãe foi imediatamente até a escola para reclamar e descobriu que a filha não havia aparecido por lá naquele dia. Foi aí que lançou-se a proverbial merda no ventilador.

Após contar toda a história para a mãe, Deanna foi proibida de ter qualquer contato comigo. Nem sequer podíamos nos falar. Eles não tinham como nos impedir durante o

horário escolar, mas tornaram impossível qualquer encontro quando ela estava em casa. Mesmo assim, tentei. Tentei tudo que podia imaginar, mas eles não eram burros. Os pais de Deanna até pediram que os funcionários da escola ligassem se por acaso ela faltasse.

Tentamos dar um jeito durante meses, mas os pais dela eram implacáveis e era como bater com as mãos em um muro. Em uma manhã cinzenta e enevoadada, logo cedo, Deanna me encontrou e disse que não aguentava mais. Ela não aguentava a pressão da família, por isso estava terminando comigo. Era a última coisa que eu esperava ouvir porque só falávamos sobre maneiras para tentar continuar juntos. Nem havíamos considerado aquela alternativa. Fiquei chocado e minha mente teve problemas para compreender suas palavras. Quando a dor bateu, foi como levar uma facada com uma lâmina de gelo no peito. Eu não disse nada, logo, a conversa não foi muito longa. Ela cortou qualquer possibilidade com a mesma rapidez de uma guilhotina.

— Não consigo mais.

Virei-me e saí vagando como uma pessoa que sofreu um acidente. “Vagar” é a palavra perfeita para o que fiz, pois não tomei nenhum rumo preciso. Simplesmente andei. Andei sem parar. Aquilo se tornaria um hobby para mim. Eu era o Forrest Gump do Arkansas.

A noite era o pior momento. Acordava soluçando por causa dos sonhos. Era sempre o mesmo sonho, com pequenas variações: Deanna se aproximava de mim e dizia que era tudo um engano, que ela havia voltado e que toda a dor passaria. Cada sonho era tão real que, ao acordar, eu quase enlouquecia.

Além de enfrentar tudo isso, tinha de lidar com Jack, que havia largado o emprego e ficava o dia inteiro em casa. Além de nunca sair de lá, nunca se levantava do sofá. Corroído pelo ódio, ele infernizava a vida de todos. Só falava para destilar veneno e brigava com minha mãe o tempo todo. Ela reclamava de um novo achaque toda semana porque o estresse a debilitava. O momento em que Jack conseguia ser mais desagradável era no jantar. Ele se sentava à mesa com uma expressão odiosa no rosto, desafiando qualquer um a falar. Eu só tentava ficar na minha, mas era impossível. Ele fazia questão de que todos se sentissem tão infelizes quanto ele. Era difícil engolir qualquer coisa, quanto mais chegar ao final de uma refeição, quando ele estava presente. Mais tarde, minha irmã alegou que ele a molestava durante esse período, mas eu não sabia.

Eu ficava fora o máximo possível. O lugar não me importava; simplesmente ia de um local para outro na esperança de atenuar a dor. Comecei a fumar porque, no início, a nicotina me ajudava a pegar no sono. Depois me mantinha acordado.

A tristeza às vezes faz com que as pessoas ajam de maneira estranha. Uma vez, fez com que eu plantasse abóboras. Eu não cuidava das plantas como um fazendeiro, apenas as deixava crescer, como um bebê criado por lobos. Guardara todas as cartas de amor que Deanna escrevera para mim como se fossem um tesouro de valor inestimável. Talvez fossem, de certa maneira. Ao longo dos anos, esforcei-me para lembrar as palavras que estavam escritas naquelas páginas, mas nada me veio à mente. Não lembro se as cartas eram bem-humoradas, apaixonadas ou cheias de desejo. Nunca vou saber. Não que isso seja muito importante agora, mas acho que deveria me lembrar de algo sobre elas porque, em um dado momento, eu as considerava muito importantes.

Eu precisava criar uma porta para o futuro e deixar o passado para trás. Precisava de um desfecho. Vagava pelos dias taciturno e emburrado, desolado e perdido. Meu feriado favorito, o Halloween, passou em branco. Naquele ano, não senti a empolgação e o entusiasmo que aquele período geralmente despertava. Não fiquei feliz. O Halloween costumava ser como o Natal para mim. Eu ficava ansioso por semanas, me fantasiando e decorando a casa, passeando pela vizinhança para admirar os enfeites de todas as outras pessoas. Nada me anima mais do que um espantalho no quintal da frente.

Havia um viço mágico no ar que combinava com as folhas caídas no chão. Uma das coisas que sempre adorei era ficar sentado na varanda respirando o aroma do ar enquanto distribuía doces. Sempre achei mais divertido distribuí-los do que ganhar. Naquele ano, porém, nem isso me acalmou.

Alguns dias após o Halloween, eu estava na casa de Jason e ele estava sentado no sofá, olhando entediado para o televisor enquanto eu vagava pela cozinha. Um velho estojo da escola em cima da mesa chamou minha atenção. Era do tipo usado por crianças do ensino fundamental para guardar lápis de cera, cola e canetas. Parecia gasto e estava sem a tampa. Dentro, havia uma grande quantidade de sementes de abóbora que a matriarca da família havia guardado ao escavar aqueles vegetais para fazer lanternas de Halloween.

— Para que serve isto? — perguntei, pegando um punhado de sementes e deixando-as escorrer por entre meus dedos e cair novamente no estojo como se fossem moedas de ouro.

Jason olhou, deu de ombros e voltou a ver televisão. Pus um punhado no bolso de minha jaqueta.

Fiquei acordado até tarde da noite, deitado no sofá, olhando a lata que continha todas as cartas de Deanna. Era uma forma de autoflagelação. Eu sentia a necessidade de

fazer *algo*, de tomar algum tipo de ação decisiva. Sabia que aquela era a única maneira de voltar a tomar as rédeas de minha vida e entrar em um novo estágio de desenvolvimento e crescimento. Estava cansado da estagnação.

Resoluto, levantei-me do sofá, peguei as cartas e fui até o banheiro. Usando um isqueiro, ateei fogo a cada uma delas e as deixei queimar até a chama chegar perto da ponta de meus dedos antes de jogá-las na pia. Queimei toda a coleção, entregando o passado a uma pira fúnebre. O banheiro estava todo cheio de fumaça quando terminei, e meus olhos ficaram irritados. Não senti o alívio que achei que fosse sentir. Mesmo assim, eu tinha decidido tomar um rumo e o seguiria até o final.

Peguei todas as cinzas da pia e pus de volta na lata. Fiquei sentado com aquela lata de cinzas e esperei até o raiar do sol. Quando os primeiros raios de luz tocaram o mundo, comecei minha viagem. Voltei até o ponto entre as colinas em que tínhamos passado aquele dia de primavera que, àquela altura, parecia ter sido em outra vida. Eram meados do outono, a grama não estava mais verde. Tudo estava marrom, havia mais caules do que folhagem. O céu tinha um tom cinza-escuro, avisando que a chuva estava a caminho. O vento açoitava meus cabelos em volta de meu rosto, e o sobretudo que eu vestia fazia um barulho parecido com o de uma vela em um navio pirata tremulando atrás de mim.

Usando a tampa da lata, comecei a cavar a terra no local em que supostamente ficáramos naquele dia. Estava de quatro, cavando aquela terra fértil e jogando sementes de abóbora como uma criatura demente em uma velha fábula infantil. Ao terminar despejei as cinzas sobre as sementes e em seguida cobri tudo com terra. Sabia que a época do ano era tarde demais para plantar alguma coisa, mas esperava que um milagre acontecesse. As abóboras são muito fortes e podem resistir ao gelo.

Não sei se elas cresceram ou não porque nunca voltei àquele lugar. Deixei a lata vazia lá e fui embora. Fiquei tentado a voltar alguns anos depois só para dar uma olhada. Fantasiava que ainda haveria abóboras crescendo ali, descendentes daquelas que eu plantara e alimentara com cinzas. Talvez elas ainda estejam por lá, décadas mais tarde. A ideia me agrada. Seria a marca que deixei no mundo e que o tempo não destruiu. Quando se sentar este ano para fazer uma lanterna para o Halloween ou estiver comendo um pedaço de torta de abóbora no jantar, talvez você esteja com uma de minhas abóboras mágicas, que, de algum modo, chegou a sua mesa. Farei indiretamente parte de sua refeição.

Minha vida parecia não ter sentido. Eu continuava a viver porque era o que o meu

corpo estava acostumado a fazer. Os dias passavam e eu não me importava realmente com nada. Comecei a dormir com outra garota simplesmente porque ela estava lá.

Domini era uma aluna que havia sido transferida de Illinois, onde morava com o pai. Ela veio para o Arkansas no meio do ano letivo e foi morar com a mãe. Desde o divórcio dos pais, morava cada hora com um dos dois.

Eu estava em alguma aula de educação cívica quando ela apareceu pela primeira vez. Deanna estava sentada atrás de mim (ainda estávamos juntos naquela época), e dois amigos, Joey e Jamie, estavam sentados a minha direita. O professor era um sujeito mal-humorado de origem italiana que havia acabado de dar um sermão dizendo que teríamos tempo de terminar o dever de casa se não ficassemos passeando e “farreando” toda noite. Apontei um dedo acusador para Joey e disse em voz alta:

— Isso mesmo.

Ele fez o mesmo comigo.

Deanna riu e o italiano mal-humorado disse:

— Vejam Damien apontando para eles.

Ele apertou os olhos e me encarou para que eu soubesse que seu comentário havia sido dirigido a meu grupo. Alguém bateu à porta e o professor saiu da sala. A turma explodiu, como sempre acontecia quando não havia alguma autoridade por perto. Quando ele voltou, Domini estava a seu lado. Ele a apresentou como Alia e disse a todos que ela passaria a fazer parte da turma. Joey estremeceu como se a achasse repugnante. Eu prestei muito pouca atenção. Ela era uma garota ruiva de olhos verdes que, estranhamente, se parecia com Axl Rose no vídeo de “Welcome to the Jungle”. Estava de calça jeans e jaqueta de brim. Virei para Jamie e Joey e continuei a discutir aonde iríamos aquela noite depois que Jamie passasse para nos pegar, exatamente como estávamos fazendo antes de o professor ter chamado nossa atenção. Não dei a mínima para Domini durante meses.

Encontrei-a fora da escola pela primeira vez cerca de um mês depois de eu e Deanna termos terminado, durante uma de minhas caminhadas infinitas do gênero Forrest Gump. Jason estava comigo, e atravessávamos uma loja a alguns quilômetros de Lakeshore. Domini estava lá com outra garota. Nunca entendi por que ela usava seu nome do meio, Alia, na escola e Domini em casa. Na escola, parecia dolorosamente tímida; nunca falava e ficava na dela. Em casa, ela era um pouco mais extrovertida. Nós quatro começamos a conversar e acabamos indo parar em um condomínio ali perto, onde Domini e a outra garota moravam. Um morador do local parecia ter uma política

de casa aberta, pois sua porta estava sempre escancarada para deixar a brisa entrar, e as pessoas pareciam circular por ali a seu bel-prazer. Imaginei que ele fosse um amigo de Domini porque ela entrou e começou a conversar com ele como se tivesse estado ali pouco antes. Jason e eu a seguimos.

Sentei-me em uma cadeira e fiquei cuidando de minha vida e olhando sem prestar muita atenção para a televisão enquanto as outras pessoas conversavam, bebiam cerveja, se provocavam mutuamente ou ficavam perto da porta falando aos gritos com quem estava lá fora, na piscina. Não me importava com nada daquilo; aquele não era meu lugar, e eu não me sentia bem ali. Dava para perceber que Jason também não estava à vontade. As únicas pessoas com quem eu falava eram Domini e sua amiga, que se apresentou como Jennifer. Estávamos lá havia pouco tempo quando Jason e eu nos levantamos para ir embora. Domini tentou fazer com que ficássemos, mas dissemos que Jason precisava ir para casa. Ela queria que voltássemos mais tarde, e, embora aquela não fosse minha intenção, eu disse que voltaria. Enquanto voltávamos a pé para casa, Jason perguntou:

— Você não vai voltar, vai?

Minha resposta foi:

— Claro que não.

No fim das contas, não foi necessário, porque ela me procurou.

Aquela noite, estava sozinho em meu quarto com as luzes apagadas. O rádio estava ligado e eu olhava para o teto. Não conseguia mais dormir muito à noite porque aquele era o momento em que a sensação de vazio aumentava. À noite, não há nada que mantenha seus pés no chão e você passa o tempo inteiro caindo em um abismo. A única cura é o raiar do sol. Estava seguindo minha rotina, esperando a luz do dia, quando minha mãe abriu a porta e disse que eu tinha uma visita.

Quando entrei na sala, Domini estava em pé me encarando. Ela conhecia pessoas que sabiam onde eu morava e tinha decidido que cabia a ela me visitar. Era tarde e ela só ficou uns quinze minutos, mas, antes de sua partida, eu a beijei. Não sei bem por quê; talvez eu achasse que era o que se esperava de mim. Eu ainda estava de luto e não sentia desejo algum por ela. Relembrando esse momento, sei que fiz aquilo pelo mesmo motivo que me levava a andar sem parar: não sabia o que mais fazer, e fazer algo era melhor do que não fazer nada.

Não houve muita paquera, nenhuma cena de sedução. Começamos a dormir juntos dois dias depois. Aquilo me distraía e me dava alguma coisa para fazer automaticamente. Era algo em que eu podia me perder, e estabelecemos uma rotina. Todo dia, Jason e eu

ficávamos zanzando no condomínio onde Domini morava ou ela ia até Lakeshore. Jason e eu “ficávamos zanzando” muito e devíamos parecer personagens bem estranhos.

Talvez Domini tenha salvado minha vida simplesmente porque eu precisava de alguém a meu lado naquela hora. Não queria ficar sozinho e pensar. Tínhamos momentos divertidos juntos, mas, quando me pergunto se houve, em alguma ocasião, uma paixão ardente por ela, devo ser sincero e dizer que não. Domini é uma boa pessoa, direta e leal, que não brinca com os sentimentos alheios. Com ela as coisas são simples, e ela nunca complica a vida como tantas outras adoram fazer. Talvez eu a elogiei para não parecer tão duro quando digo que nunca me apaixonei por ela. Domini foi, e ainda é, minha amiga.

Outra coisa interessante aconteceu naquela época. Ouvei uma informação que não era direcionada a mim e cometi o único ato de violência de que já fui culpado. Certa manhã, logo cedo, eu conversava com Josh e Lisa, um casal de amigos, e Lisa deixou escapar que Deanna tivera relações sexuais com outro rapaz enquanto ainda estava comigo.

Se minhas feridas haviam começado a formar cascas, elas foram arrancadas de repente. Aquilo era “uma história totalmente diferente”, como falou Matt. Lisa percebeu de cara que fizera uma besteira e, se eu não fosse tão branco, ela teria visto o sangue sumir de meu rosto. Eu sabia exatamente onde o tal rapaz estaria, então saí para encontrá-lo. Podia sentir fogo em meu sangue e um brilho nos olhos que me dizia que eu estava vivo. Não havia percebido até que ponto eu estava morrendo por dentro até sentir aquela chama de vida. Não tinha um plano e não fazia a menor ideia de como agiria: simplesmente me deixei levar pela corrente.

Aproximei-me dele por trás e vi algo que não havia previsto: Deanna estava com ele. Aquilo era uma novidade. Pela expressão de seu rosto, acho que ela deve ter percebido que eu sabia. A mágoa e a fúria que eu sentia deviam estar estampadas em meu rosto, pois, à medida que atravessava o corredor, muitas pessoas paravam e se viravam para olhar. Ainda acho que meu curso não era inalterável, mesmo àquela altura. A gota d’água foi vê-la olhar nervosamente para ele enquanto dizia:

— Ele está atrás de você.

Senti um mundo de traição desmoronando em cima de mim. Ela não disse “Damien está atrás de você”, mas “Ele está atrás de você”, como se fosse algo que estivessem esperando. Ao ouvir aquelas palavras, entendi toda a história.

— Ei! — gritei atrás dele.

Assim que se virou, eu estava em cima dele. Eu era menor do que o cara e nunca tinha brigado de verdade, mas ele não estava esperando a fúria nua e crua da mágoa que eu havia sofrido. Tudo aconteceu tão rápido que a única coisa que ele conseguiu fazer foi tentar me afastar. Ele recuou, tentando escapar do que devia parecer um ciclone, tropeçou nas próprias pernas e caiu. Montei em cima dele e umas vinte pessoas foram nos apartar. Enquanto tentavam me puxar, eu tentava desesperadamente segurá-lo, agarrá-lo, e deixei arranhões em seu rosto.

Mais tarde, surgiu um boato de que eu havia tentado arrancar seu olho, mas não era verdade. Só estava tentando agarrá-lo. Esse boato se espalhou e ganhou vulto com o passar do tempo, piorando minha reputação. Ou, como dizem na prisão, “lançando sombra sobre meu caráter”. Fui suspenso da escola por três dias por causa daquele incidente.

Fiquei arrependido quase de imediato. A culpa não era daquele sujeito. Desde então, sinto vontade de pedir desculpas, mas não o vejo há anos. Todavia, lamento de verdade e gostaria de me retratar.

Mas falar de coisas desse tipo me deprime, e um homem em minha posição não pode se dar ao luxo de ficar deprimido. E nós dois, você e eu, estamos conversando. Como velhos amigos. Para quem mais eu estaria contando a história de minha vida? Vamos pular para quando as coisas se tornaram mais alegres, mesmo que por um breve período.

Tive um dos melhores professores que já puseram suas habilidades à disposição do aprendizado escolar. Seu nome era Steve Baca e ele ensinava ciências físicas. O que o tornava tão interessante e eficaz era o fato de não se prender a um roteiro nem utilizar a memorização mecânica. Ele nos fazia pensar. Às vezes, nos dava uma câmera de vídeo, ensinava um dado princípio científico e, depois, tínhamos de inventar e conduzir nossa própria experiência, registrando tudo em vídeo. Em vez de ele mesmo dar as notas, toda a turma assistia aos vídeos e os avaliava. Ele nos mostrou filmes como *Sob o domínio do mal* e nos apresentou a música do Pink Floyd. Às vezes, tirávamos o dia de folga e jogávamos uma partida rápida de beisebol. Ele era um professor que fazia com que sentíssemos vontade de ir à escola. Também sabia contar piadas que agradavam as mentes adolescentes, uma tarefa que a maioria dos adultos não consegue realizar. O Sr. Baca estava aberto a qualquer tópico que quiséssemos discutir e nos dava conselhos. Não há muitos professores assim.

Foi em uma de suas aulas que Deanna voltou para mim. O Sr. Baca havia nos

mandado sair para trabalhar em algum projeto com três outros alunos. Aquele momento ficou gravado em minha mente com uma nitidez cristalina. Fomos todos para o ginásio; um membro do grupo operava a câmera de vídeo enquanto um rapaz e uma moça entrevistavam o inspetor. Sentado na escada, eu olhava para uma das portas dos fundos que estava aberta. O verão começava a chegar, e a luz do sol era tão brilhante que ofuscava os olhos. Havia uma leve brisa entrando. Deanna veio e se sentou a meu lado. Fiquei com medo de me mexer ou de dizer alguma coisa e fazê-la ir embora como uma gazela assustada. Minha garganta fechou e eu mal conseguia respirar. Queria chorar. Desde a separação, ela nunca estivera tão perto de mim.

— Quer conversar? — perguntou.

— Sobre o quê? — consegui dizer baixinho, embora soubesse muito bem sobre o que poderíamos conversar.

Meu coração batia como se quisesse pular do peito.

— Ibr que você fez aquilo? — indagou ela, referindo-se à briga que acontecera havia quase um mês.

Não nos falávamos desde então. Encolhi os ombros sem saber o que dizer. Conversamos sobre outras coisas por um tempo: o cara, que àquela altura era seu namorado, e Domini, que era minha namorada. Ela me perguntou se eu ainda queria ficar com ela.

Se eu soubesse naquela época o que sei agora, teria saído correndo. Ibrém, não sabia.

— Sim — respondi, quase sussurrando a palavra, esperando que Deanna pudesse sentir a força e a determinação por trás dela.

Ela balançou a cabeça como se tivesse acabado de tomar uma decisão; depois, sem dizer mais nada, me deixou sentado lá. O que aquilo significava? Ela ia voltar para mim?

Não cheguei nem perto do sono naquela noite. Sentia como se estivesse à beira de algo importante. Na manhã seguinte, Jason passou em minha casa e fomos andando juntos para a escola. Eu estava tão nervoso que mal conseguia conversar.

Deanna esperava por mim quando cheguei e sinalizou que queria falar comigo a sós. Eu disse a Jason que o veria mais tarde e a segui até o que costumava ser “nosso canto”. Ela estava exultante e me disse que havia terminado com o outro rapaz. Disse também que, por ter sido ela que havia estragado tudo, queria consertar a situação da melhor maneira possível. Com um tom muito oficial, perguntou se eu a aceitava de volta.

Eu deveria ter fugido como se estivesse em chamas. Deveria ter raspado a cabeça e

feito um voto de celibato. Deveria ter mandado aquele repositório de dor com cabelos corvinos se danar. Mas não fiz nada disso. Pelo contrário, abracei-a, enterrei meu rosto no alto de sua cabeça e respirei profundamente. Seu rosto estava contra meu peito e ela disse que estava respirando meu cheiro. Quando perguntei que cheiro ela estava sentindo, a resposta foi:

— De casa.

Ela me perguntou se eu havia terminado com Domini e expliquei que ainda não a havia visto e, portanto, não tinha tido oportunidade. Deanna cruzou os braços e me encarou com os olhos apertados, mas sem angústia nem ciúme porque ela sabia que não havia concorrência.

Procurei Domini naquela noite e disse que estava tudo terminado? Sim, foi o que eu fiz. Estava tudo certo no mundo e não me importava com mais nada. Domini ganhou o direito de me chamar de babaca muitas vezes. Vi que parti seu coração e não ofereci nenhum consolo. Eu queria sair de perto dela o mais rápido possível porque negava a realidade. Queria acreditar que a ruptura e o reencontro com Deanna nunca haviam acontecido — porque eu sabia que um vaso quebrado, mesmo depois de colado, nunca mais é o mesmo.

A privação de sono é um resultado direto das luzes. Elas são apagadas toda noite às 22h30. Depois, voltam a acendê-las às 2h30, quando começam a servir o café da manhã. Mesmo se conseguir dormir no instante em que as luzes são apagadas e continuar durante todas as atividades dos guardas, você só terá quatro horas de sono ininterrupto. Mas isso não é possível. Portas sendo batidas, chaves caindo no chão, guardas gritando uns com os outros como se estivessem em uma reunião de família, tudo isso nos acorda. Durante as quatro horas em que a luz está apagada, você pode esperar ser acordado *pelo menos* uma vez a cada hora. As atividades continuam ao longo do dia, com o acréscimo de luzes fluorescentes bem fortes. Qualquer tentativa de cochilo só gera mais frustração. Nunca é possível dormir muito profundamente aqui, pois você precisa ficar atento ao que acontece a sua volta. Coisas ruins podem acontecer com quem abaixa a guarda. O estresse de manter um olho sempre aberto é desgastante.

Quando o Corredor da Morte ficava na prisão de segurança máxima em Tucker, pelo menos tínhamos controle sobre nossa própria luz. O edifício era mais velho, e cada cela tinha uma instalação na parede com uma lâmpada que encaixávamos no bocal para acender e tirávamos para apagar. Precisávamos ser rápidos para não queimar os dedos.

Uma das primeiras coisas que aprendi quando cheguei foi cozinhar com uma lâmpada de cem watts. Isso pode ser feito de duas maneiras. A primeira é utilizando diretamente a própria lâmpada como fonte de calor. Para usá-la como um forno, primeiro corte a parte de cima de uma lata de refrigerante com uma lâmina descartável. Depois, encha a lata com o que você quiser preparar — café ou sobras de um cozido de carne, por exemplo. Certifique-se de que a lata está totalmente seca, sem uma gota de água sequer e, em seguida, equilibre-a sobre a lâmpada. Depois de vinte ou trinta minutos, o conteúdo da lata vai estar quente a ponto de queimar sua boca. Você precisa ter certeza de que a lata está seca porque a lâmpada explodirá na sua cara se pingar água sobre ela. Sempre dá para saber quando alguém comete esse erro: a explosão parece um tiro de escopeta.

A técnica pode ser modificada para criar uma espécie de micro-ondas dos pobres. Basta achatar algumas latas de refrigerante e usá-las para forrar a parte interna de uma

caixa de biscoitos. Depois, é só colocar a caixa sobre a lâmpada. Essa gambiarra pode ser usada para preparar algumas iguarias das mais deliciosas, como mortadela ou carne enlatada.

A segunda forma de se cozinhar com uma lâmpada é usá-la para acender o fogo. Caso prefira cozinhar diretamente sobre uma chama, antes você precisa criar um “queimador”. Isso é feito enrolando papel higiênico em volta de sua mão várias vezes e prendendo as pontas. Se você fizer isso corretamente, vai obter algo que lembra vagamente uma rosquinha. Essa técnica requer habilidade, pois, se o papel ficar apertado demais, vai queimar sem produzir chama e você sufocará por causa da fumaça. Mas caso não fique apertado o suficiente, queimará em uma questão de segundos. Você precisa de uma combustão boa e controlada que dure pelo menos cinco minutos.

Em seguida, envolve-se a lâmpada com papel higiênico — duas voltas devem bastar. É só esperar que comece a fazer fumaça, o que não deve demorar mais do que três minutos. Quando o papel estiver começando a queimar, tire-o da lâmpada e assopre; isso deverá fazer com que ele entre em combustão. Acenda o queimador com esse fogo e você estará a caminho de se tornar um mestre cuca do mundo carcerário.

Encha o queimador na beirada do vaso sanitário para que, ao final, você possa simplesmente empurrá-lo para dentro da privada e dar descarga. É possível se livrar de *qualquer coisa* usando a descarga do vaso sanitário de uma prisão: meias, colheres de plástico, garrafas de uísque quebradas, fitas cassete destruídas, cascas de laranja... Já vi tudo isso ser descartado sem esforço. Após se acostumar aos vasos sanitários de tamanho industrial usados nas prisões, você vai torcer o nariz para os caseiros. A *única* coisa boa neste lugar são as privadas.

Usei este método para fazer chá em várias ocasiões: encha uma lata de refrigerante com água, amarre um pedaço de fio dental ou uma corda de lençol na parte superior da lata; depois balance-a sobre a chama até a água começar a ferver. Encha seu saquinho de chá em uma xícara e despeje a água. Eu adoro chá. Alguns presidiários fazem chocolate quente ou até mesmo *chili*.

Outro truque que as pessoas, por algum motivo, sempre parecem achar interessante é a “pescaria”. Pescaria é o que se faz quando não consegue que alguém fora de uma cela passe algo seu para outra pessoa. Grite com o sujeito para quem você quer passar o objeto:

— Ei, me manda sua linha de pesca!

Logo uma corda vai aparecer na frente de sua porta. Amarre o que quer que seja

nela, e o sujeito a puxa. Para que essa artimanha funcione, são necessários de cinquenta a cem metros de corda e algo que sirva de peso.

A maioria das pessoas consegue a corda rasgando lençóis em tiras finas e amarrando as pontas para obter um fio comprido. Os pesos mais usados são pilhas, sabonetes ou uma garrafa pequena de loção. Se você usar pilhas, pode até pescar no vaso sanitário. São necessárias duas pessoas para fazer isso. Cada uma joga uns cem metros de corda na privada e dá descarga enquanto segura uma das pontas. Se ambas continuarem a dar descarga, as cordas vão se emaranhar em algum ponto dos canos. Um presidiário enrola o que estiver passando para você em plástico — um cigarro, por exemplo — e depois amarra o objeto à extremidade da corda e você puxa tudo através de seu vaso sanitário. Alguns homens não aprovam essa prática e se referem aos que a usam como “dedos sujos”.

Não sei o que as pessoas no mundo livre veem de tão interessante na pescaria, mas algumas pedem que eu descreva esse procedimento todas as vezes que vêm me visitar. Elas já conhecem a história tão bem quanto eu, mas, ainda assim, querem ouvi-la novamente. Para mim, trata-se apenas de outro aspecto da vida cotidiana na Unidade Correcional do Arkansas.

A maior parte das pessoas no mundo exterior olha diferente para você se descobre que já esteve preso. Elas podem usar isso contra você pelo resto da vida. Você nunca é digno de confiança e sempre se sente como um pária. Para quase todos os que estão aqui comigo, não é a mesma coisa. Não é nada fora do comum ter amigos e parentes dentro do sistema penitenciário. Isso é aceito como parte da vida cotidiana, como se todo mundo fosse preso pelo menos uma vez na vida. Vários homens no Corredor da Morte têm filhos, irmãos, tios e primos cumprindo pena na Unidade Correcional do Arkansas. Nenhum desses amigos ou parentes pediria que eles descrevessem uma cela pois a maioria já viu uma.

Uma das primeiras coisas que as pessoas sempre perguntam é como é uma cela — a minha especificamente — e querem saber se é parecida com o que viram na televisão ou no cinema. Para começar, há dois tipos de paredes. Algumas são feitas de tijolos de cimento e outras de concreto projetado e polido. A cela em que vivo na Unidade Varner é de concreto polido, o tipo que prefiro. Talvez porque eu tenha sido obrigado a olhar para tijolos de cimento durante uma década e simplesmente goste da mudança.

A cor é um azul muito claro. Tudo aqui é de algum tom de azul. As paredes são tão claras que quase chegam a ser brancas, ao passo que a porta está mais para azul-claro

acinzentado. O chão é de concreto queimado sem acabamento, muito áspero para os pés. Em dezessete anos, nunca dei um passo que não fosse sobre concreto. Sinto falta de grama e terra. Às vezes acho que uma das coisas mais bonitas do planeta deve ser a grama. O verde do verão ou o marrom do inverno — os dois são fascinantes. Eu adoraria poder tocá-la.

Minha cama é uma laje de concreto suspensa a quase cinquenta centímetros do chão. Tenho um colchonete para pôr em cima dela que parece muito com os que são distribuídos no jardim de infância para as crianças cochilarem. Ganhamos os cobertores mais vagabundos e horríveis já concebidos pela raça humana. Ao acordar de manhã, você precisa tirar pelinhos do nariz, das sobranceiras e dos cabelos. Isso sem falar no fato de que não são muito quentes. Meu travesseiro é composto de roupas extras: meias, camisetas, calças de agasalhos. Temos de comprar essas roupas. Como não existem cadeiras ou qualquer outro objeto onde sentar, passamos boa parte do tempo na cama.

Ao lado dela fica um bloco de concreto de um metro de altura que serve de mesa. Nunca dá para ver o tempo da minha porque está sempre submerso em uma montanha de livros, revistas, diários, cartas, canetas e lápis. Pbr mais que eu tente organizá-la ou arrumá-la, minha mesa sempre voltará a estar bagunçada uma hora depois. Nunca consigo encontrar nada que procuro. Às vezes, quando passo por outras celas, vejo mesas imaculadas, bem organizadas, mas nunca consigo descobrir seu segredo.

Existe uma parede que não é feita de concreto e serve como “área de banheiro”. Ela e tudo o que nela está acoplado são de aço. Tem quase três metros de altura e abriga vaso sanitário, pia, espelho, luz e chuveiro. O vaso sanitário e a pia são feitos de um pedaço grande de aço. A pia fica onde estaria a caixa de descarga na maioria dos vasos sanitários, então você precisa ficar em pé com as pernas abertas por cima da privada para fazer a barba ou escovar os dentes. O espelho não passa de um quadrado da parede de aço levemente mais polido do que o resto. Não é muito nítido, e fica impossível ver pequenos detalhes.

Sobre a pia e o vaso sanitário, fica a odiada lâmpada fluorescente. Trata-se do mesmo tipo usado no teto de edifícios comerciais, hospitais e escolas públicas. A única diferença é que a minha fica na parede e não no teto. Cerca de sessenta centímetros acima do vaso sanitário fica o chuveiro, que consiste em um grande tubo que sai da parede com um botão embaixo. Quando o botão é pressionado, a água jorra por cerca de trinta segundos. Não há como ajustar a temperatura, você precisa aceitar o que sair dali. No chão, há um ralo que mal funciona. Tenho um pequeno rosário de plástico marrom

pendurado no botão do meu chuveiro. Durante toda a minha vida, sempre gostei de segurar um rosário. O simples fato de passar as contas pelos dedos me acalma.

Nanny me deu meu primeiro rosário quando fiz quinze anos. Ela me levou a uma pequena livraria e me deixou escolher o que eu quisesse. Escolhi uma longa fileira de contas azul-turquesa com um crucifixo de prata fino e simples. Sempre o levava em um bolsinho de minha jaqueta de motoqueiro. Foi o primeiro de vários, embora não faça a menor ideia do que aconteceu com ele.

A porta da cela é feita de aço maciço. Ela possui uma janela de acrílico para que os guardas possam nos espiar e uma pequena fresta no estilo de uma caixa de correio com uma tranca robusta do lado de fora. É por ali que os guardas passam a comida. A porta está lá para garantir que não haverá ar fresco circulando nem comunicação entre os prisioneiros. Demorei um pouco a me acostumar pois havia ficado atrás das boas e velhas grades durante nove anos no presídio de segurança máxima em Tucker.

A janela é uma fenda de dez centímetros de largura através da qual tenho uma visão panorâmica de um muro de concreto e de uma cerca de arame. As coisas mais empolgantes que vejo são bandos de pombas ou pardais que vêm se empoleirar aqui.

Minha televisão fica dentro de uma caixa de aço suspensa na parte superior de um canto da cela. Só pega três canais, mas não há muita coisa que me interesse na programação. Sou viciado em duas coisas que passam na TV: David Letterman e luta livre profissional. Só recentemente descobri David Letterman, mas sempre gostei de luta livre profissional. É uma tradição em minha casa. Meu avô e meu pai assistem e, quando meu filho vem me visitar uma vez por ano, também trocamos nossas impressões sobre as lutas. Cresci assistindo a elas e, ainda pequeno, costumava participar de lutas coletivas com outras crianças da vizinhança. Todos nós discutíamos sobre quem deveria ser Jerry Lawler. Jerry “The King” Lawler era uma figura de destaque na região de Memphis. Ele era o lutador. Durante um tempo, ficou tão famoso que podia ser visto em vários comerciais locais e tinha seu próprio programa de televisão, transmitido aos domingos pela manhã.

Uma vez, minha lealdade ao *The Jerry Lawler Show* irritou e envergonhou minha avó. Uma mulher de uma igreja na cidade costumava circular pelo bairro com uma bolsa cheia de chicletes. Ela parava nas casas e tentava atrair as crianças para a igreja aos domingos. Se você promettesse ir, ela lhe dava um chiclete. Quando chegou a nossa casa, ficou conversando com minha avó por alguns instantes antes de se virar para mim e perguntar:

— Você quer ir à igreja comigo no domingo?

O brilho em seus olhos era muito eloquente e dizia: “Você sabe que não pode resistir a chicles. Vai acabar me vendendo sua alma.” Então ela ficou bastante chocada quando respondi:

— De jeito nenhum.

O sorriso em seu rosto se transformou em uma expressão de curiosidade enquanto perguntava:

— Por que não?

Encarei-a como se ela tivesse enlouquecido e disparei:

— Porque eu perderia o *The Jerry Lawler Show*.

Minha avó ficou morta de vergonha. Eu tinha acabado de comprovar que era um pagão dos piores. Ela ficou me olhando boquiaberta, incrédula. Em sua visão, eu acabara de escolher Jerry Lawler em detrimento de Jesus, e isso prejudicava a imagem de minha avó. Depois que o choque passou, ela prometeu à mulher, enquanto a acompanhava até a porta, que eu iria à igreja no domingo. Além de perder o *The Jerry Lawler Show*, não ganhei chidete nenhum.

De qualquer maneira, o *tour* de minha cela se resume a isso. As únicas outras coisas aqui são duas grandes caixas de plástico nas quais guardo tudo o que tenho. Estão cheias de pequenas embalagens de Tylenol, frascos de mostarda, sabonetes, livros, papel extra e vários outros objetos que fui colecionando ao longo dos anos.

O melhor que posso desejar para você é que nunca precise ver pessoalmente o interior de um lugar como este. É um inferno, desprovido de qualquer coisa que faça a vida valer a pena.

* * *

Uma vez estava folheando uma revista e deparei com a matéria sobre uma *vernissage* em Nova York. A artista era uma fotógrafa que sofrera sérias queimaduras quando criança. Ela havia tirado fotos de si mesma durante o lento processo de cura, sendo submetida a um número absurdo de cirurgias, que continuaram durante sua vida adulta. Ao longo dos anos, ela manteve a câmera por perto, documentando cada estágio. Em cima do minúsculo artigo, havia uma fotografia da artista sorrindo e, em um primeiro olhar, nem notei as leves ondulações das cicatrizes em seu peito e nas clavículas. Só após ler a matéria olhei novamente e percebi que ela ainda trazia marcas de seu trauma de infância.

O que mais chamou minha atenção naquele artigo foi um comentário da artista. Ela disse que era muito mais forte quando criança do que na idade adulta. Ela devia entender e apreciar os sutis mecanismos da mente para ter chegado àquela conclusão. Talvez a lembrança seja, às vezes, pior do que a dor no momento em que ela está acontecendo. Outras vezes, não.

Quanto mais envelheço, mais entendo o que aquela mulher queimada quis dizer. Coisas pelas quais passei incólume em minha juventude deixariam marcas para o resto de minha vida ou causariam danos irreparáveis se acontecessem hoje. Coisas às quais não dei a menor importância agora me destruiriam. Tanto meu corpo quanto minha mente eram muito mais flexíveis quando eu era um garoto. Eu conseguia absorver o impacto e lidar com as dificuldades.

Foi impressionante a rapidez com que a dor parou. Humpty Dumpty de fato havia se recuperado e ria como um tolo. Eu estava escarrapachado em minha carteira, em ócio total, como se não houvesse um osso em meu corpo. Deanna sentava bem atrás de mim, traçando com o dedo a linha de meus cabelos na nuca e rindo baixinho quando eu estremeia. Ela se inclinou para a frente e sussurrou:

— Só temos mais três dias de aula. Não quero perder você de novo agora que acabei de reconquistá-lo.

Aquilo era algo em que eu vinha pensando sem encontrar uma solução. Ainda não tínhamos como nos ver fora do horário escolar. Depois de alguns instantes, ela continuou:

— Ainda podemos fazer aquilo que falamos.

Obviamente, ela queria dizer ir embora. Havíamos discutido a possibilidade de fugirmos juntos como último recurso. Eu não achava que fôssemos chegar a tanto. Tinha certeza de que uma solução surgiria, mas o tempo estava se esgotando rapidamente.

— Serei seu amigo inseparável — afirmei.

Eu nunca disse palavras tão verdadeiras.

— Traga suas coisas no último dia e iremos embora.

Essa resposta selou meu destino.

Conversávamos sobre aquilo sem parar, mas não tínhamos um plano específico. Estávamos sem destino nem meta. Seria uma aventura, e nossa excitação era palpável. Optamos pela ideia imprecisa de “ir para o oeste”. Nenhum de nós tinha noção de qual seria a magnitude de nossas ações.

No último dia de aula, chegamos à escola como de costume. Iríamos embora no fim do dia, nos juntaríamos à multidão, que estaria exultante com a ideia de que outro ano letivo havia acabado. Ninguém nos notaria. Era um plano perfeito e foi executado sem empecilhos.

Seguímos por um caminho extraordinariamente longo que eu nunca havia explorado. Jason foi andando conosco. Se você está vagando sem rumo, por que não

começar pela terra mágica de Lakeshore? Normalmente levava-se apenas quinze minutos para ir a pé da escola até nossas casas, mas, naquele dia, foram duas horas e meia de caminhada constante. Atravessamos terrenos baldios onde não passava nenhuma estrada e não havia chance de sermos vistos.

Primeiro, Jason e eu continuamos com as brincadeiras de sempre enquanto Deanna ria estrondosamente de nossas piadas. Ela estava surpresa porque Jason nunca falava na escola, mas ali tagarelava como uma maritaca. Eu e ele podíamos ficar debatendo as palavras um do outro o dia inteiro até não aguentarmos mais rir. Ibucas pessoas sabem, mas Jason é hilário. Ele tem um senso de humor cáustico e inteligente. Contudo, passada a primeira hora, ficamos bem quietos.

Era o calor, que chegava a quarenta graus. O sol nos castigava sem piedade, cozinhando nossos cérebros nos crânios. Nesse dia a televisão emitia avisos para as pessoas ficarem em locais cobertos e longe do calor, mas nós estávamos ao ar livre, mantendo um ritmo pesado de caminhada. Cada passo que dávamos levantava uma nuvem de poeira no ar, e minha boca estava tão seca que eu mal conseguia falar. Em todas as direções, só havia campos planos sem nada, todos iguais. Nenhuma árvore, nenhum edifício, nenhum fio de sombra. Nenhuma lâmina de grama viva. Nós três usávamos preto, o que não ajudava em nada. A certa altura, achei que fosse desmaiar de insolação. Tinha certeza de que não podia me forçar a seguir em frente, mas foi o que fiz, um passo após outro.

Por fim chegamos a Lakeshore e nos dirigimos para um trailer abandonado que sabíamos estar vazio. A porta estava aberta; entramos e nos jogamos no chão para descansar. Até mesmo aquele trailer quente era um alívio depois de enfrentar o sol escaldante. Entreguei a Jason um maço de notas de dólares encharcadas de suor e gemi:

— Bebidas.

Ele saiu na direção do mercado de Lakeshore. Enquanto Jason estava fora, Deanna trocou suas roupas por algumas minhas que não estavam molhadas de suor, pois tive a presença de espírito de trazer outras peças. Não me dei ao trabalho de me trocar, mas fiquei obcecado com uma ideia. Só conseguia pensar em como seria maravilhoso esperar o cair da noite e, em seguida, entrar naquele lago fresco, verde e lodoso. Não me importava mais o fato de a água ser mais suja do que a de uma fossa, e eu podia praticamente sentir seu frescor em minha pele. Minha língua estava grudada no céu da boca. Estávamos sozinhos, mas com tanto calor, tão cansados e enjoados que não conseguíamos fazer nada.

Jason finalmente voltou com uma sacola cheia de Mountain Dew e Dr. Pepper. Tomei uma Mountain Dew em um único gole e abri uma Dr. Pepper para beber com mais tranquilidade. Eu sentia que estava voltando a mim. Ele até teve a astúcia de pegar alguns doces. Devorei um rapidamente. Cheio de açúcar e cafeína, estava pronto para botar para quebrar.

Investiguei o entorno enquanto Jason me dizia, sem fôlego:

— Cara, todas as aberrações do mundo estão lá fora.

Quando sugeri que talvez ajudasse se ele fosse um pouquinho mais articulado, Jason explicou que todas as crianças do bairro me procuravam como cães de caça porque a polícia aparecera atrás de mim e os vizinhos estavam convencidos de que receberiam alguma recompensa se me achassem. Parecia que os pais de Deanna não tinham perdido tempo e ligaram logo para as autoridades a fim de relatar seu desaparecimento assim que perceberam que alguma trama estava acontecendo.

— Sério? — perguntei enquanto me sentava diante de um piano, o único móvel naquele lugar.

Achei um pouco estranho que alguém vivesse em um estacionamento de trailers e tivesse dinheiro para ter um piano. Algumas das teclas estavam quebradas, mas, ainda assim, consegui tocar um pouco (Nanny havia me ensinado hinos de igreja no órgão quando eu era criança) enquanto Jason me contava que tinham tentado segui-lo, achando que ele os levaria até mim. Deanna se sentou a meu lado na banqueta do piano, e Jason espiou por uma janela. Ele se virou para mim e disse algo que não havia passado por minha cabeça:

— É melhor você parar com isso porque, se alguém ouvir o som de um piano aqui, vai ter certeza de que não se trata um fantasma.

Tirei rapidamente os dedos de cima das teclas.

Fiquei sentado em silêncio, pensando por alguns minutos antes de dizer a Jason que eu e Deanna dormiríamos ali naquela noite e pela manhã nos despediríamos dele. Não havia a menor chance de Jason ir conosco, pois ele era o pilar que sustentava sua casa. A mãe, Gail, era instável e sofria de esquizofrenia. Ela podia tomar remédios por um período e melhorar, mas, quando isso acontecia, geralmente ela interrompia o tratamento. Às vezes dizia a Jason que ia sair por algumas horas e só voltava depois de vários dias. Se ele não estivesse lá para tomar conta dos dois irmãos menores, eles se tornariam selvagens como os cães de Lakeshore. Ele realmente precisava ser a figura paterna, e sempre me impressionou a eficiência com que Jason desempenhava aquela

função. A maioria das pessoas com o dobro de sua idade não conseguiria fazer metade do que ele fazia. Jason foi embora para preparar o jantar dos irmãos.

Assim que saiu, Deanna e eu nos agarramos. Depois, aconteceu algo misterioso que nunca consegui solucionar: de algum modo, fomos descobertos.

Na última meia hora, o céu havia escurecido gradualmente, até aquele sol que nos queimara mais cedo se esconder. Não era um sinal da noite que se aproximava, mas da chegada de uma grande e violenta tempestade. O vento aumentou até eu ter certeza de que um tornado chegaria a qualquer momento. O céu estava negro como se fosse noite, e o vento continuava a uivar e soprar com tanta fúria que parecia que o trailer ia tombar, mas sem que uma gota de chuva caísse.

De repente, a ventania parou. Não foi amainando, simplesmente parou. Uma sensação muito ruim subiu por minha espinha. Parei o que estava fazendo e inclinei a cabeça para o lado como um cachorro ouvindo um som estranho.

— O que foi? — perguntou Deanna.

Esperei alguns segundos antes de admitir, relutante:

— Não sei.

Só sabia que todas as minhas células tinham acabado de ser inundadas por uma necessidade de lutar ou fugir, e fui invadido por uma terrível sensação de urgência.

— Então preste atenção em mim — disse ela.

Enquanto me inclinava para beijá-la, ouvi vidro se estilhaçando.

— Merda! — disparei, enquanto pegávamos nossas roupas.

Embora eu soubesse que era inútil, tentamos nos esconder. Era um policial. Em vez de abrir a porta e entrar, ele precisou quebrar uma janela e realizar uma fantasia no estilo invasão da SWAT. Mais tarde, mentiu e disse que havíamos pulado da janela. Ele era uma figura: cerca de um metro e meio de altura, com uma espécie de bigode que você só vê em policiais ou astros pornôis gays da década de 1970. Era o tipo de sujeito que precisava de um distintivo e uma arma para que as pessoas não rissem dele. Ele nos encontrou quase de imediato e começou a nos empurrar.

Enquanto o policial nos escoltava porta afora, o pai de Deanna se aproximou. Pôs a mão em meu ombro e começou a ofegar, como se estivesse tendo dificuldade em se conter. Encarei-o no fundo dos olhos e sorri como um chacal. Queria que ele soubesse que nada do que pudesse fazer comigo seria pior do que as coisas que eu já havia vivido. O policial o afastou e disse:

— Relaxe, deixe que eu cuido disso.

Ele recuou, e o policial nos pôs na traseira da viatura antes de voltar para falar com os pais de Deanna. Notei que até sua irmã mais velha estava presente para testemunhar a ocasião e lancei-lhe meu sorriso mais encantador.

Enquanto estávamos sentados na viatura, Deanna segurou minhas mãos e disse:

— Aconteça o que acontecer, você precisa vir me buscar.

Prometi que o faria, não importava o que acontecesse. Então ela me beijou, e foi como se tivesse visto o futuro. Era a última vez que nos tocaríamos. Outro policial havia avançado, e fomos separados, colocando-a na outra viatura. Ela me mandou um beijo e acenou enquanto o carro partia.

* * *

Cheguei à prisão de Crittenden County, nos arredores de West Memphis, e fui escoltado até minha suíte. Era uma cela escura e úmida que fedia a chulé e salgadinhos, um espaço mínimo com uma porta marrom de aço maciço. Não havia distração alguma a não ser as pichações que cobriam cada centímetro das paredes. Fiquei surpreso com as coisas que as pessoas consideravam importantes a ponto de escrever ali. Por exemplo, uma pessoa achou que era vital que o mundo soubesse que alguém chamado “Pimp Hen” [“Cafetão Galinha”] era adepto de certa manobra sexual. Sentia-me como um arqueólogo em uma tumba.

Fiquei sozinho durante um período que me pareceu ser de duas ou três horas, mas é impossível determinar o tempo em um lugar como aquele. É uma forma de tortura mental e, para mim, foi uma eternidade. Eu continuava a pensar: *Onde ela está? Será que está neste prédio? Será que a colocaram em um buraco imundo como este?* As pichações não ofereciam respostas a essas perguntas. Eu andava de um lado para outro como um animal quando um guarda chegou e abriu a porta, gesticulando para que eu o seguisse. Fui levado a um escritório no qual estava sentado um homem inchado e corpulento com olhinhos que lembravam os de um rato. Jerry Driver — juiz de menores do condado — e eu nos encontramos pela primeira vez.

Ele se apresentou com uma postura razoavelmente agradável. Começou a fazer perguntas e respondi com sinceridade, achando que não havia motivo para me comportar de outra maneira. Ele me perguntou por que estávamos no trailer e eu disse que havíamos fugido porque os pais dela não nos deixavam em paz. Não, não sabíamos para onde estávamos indo e também não sabíamos o que faríamos quando chegássemos lá.

Achávamos que as opções apareceriam no caminho.

Foi aí que as coisas começaram a ficar esquisitas. O sorriso nunca abandonava seu rosto, que parecia feito de várias camadas de massa crua.

— Você ouviu falar de satanistas nos arredores da cidade?

Achei aquilo estranho, mas respondi:

— Não.

Ele continuou a pressionar.

— Não ouviu nada sobre satanistas, planos de cometer sacrifícios ou arrombar igrejas?

Seus olhinhos de rato brilharam em minha direção, como se realmente estivesse começando a ficar excitado ao pensar naquelas coisas. Dava para perceber que havia algo de errado com ele.

Eu sabia que teria me lembrado de um bando de adoradores do diabo com sede de sangue se eles tivessem passado por mim na rua falando alto sobre aquelas coisas, então falei:

— Tenho certeza de que não.

Ele pareceu refletir sobre algo enquanto mordida o lábio inferior com seus dentinhos amarelados de roedor. Finalmente, deslocou sua massa corporal obesa para tirar algo da gaveta.

Quase deu para notar seu bigode tremendo enquanto ele indagava:

— O que você tem a me dizer sobre isto?

O objeto que o sujeito segurava era o pequeno diário verde de Deanna. Eu queria pegá-lo, mas sabia que seria à toa. Não respondi à pergunta, pois de nada adiantaria.

— Onde ela está?

Era minha vez de perguntar. Driver disse que ela estava em um centro de detenção feminino, em uma cidade chamada Helena. Ele me observou atentamente enquanto contava que Deanna tivera “problemas psiquiátricos” no passado e que seus pais achavam melhor que ela fosse se tratar. Ela ficaria detida até o dia seguinte, quando seria transferida para um hospital psiquiátrico em Memphis. Aquilo era novidade para mim. Desconhecia aqueles “problemas psiquiátricos” no passado dela. Talvez nem fosse verdade, pois logo eu iria descobrir que nada do que ele dizia era confiável. Mas naquele momento eu ainda não sabia e fiquei lá sentado, imaginando cenas de Deanna em um manicômio. Tudo que eu conseguia visualizar era um clipe do Anthrax chamado “Madhouse”, em que todas as pessoas usam camisas de força.

Disseram-me que eu passaria a semana na prisão de Craighead County, em Jonesboro, cerca de uma hora ao norte de West Memphis, e lá alguém iria conversar comigo. O próprio Jerry Driver me levou de carro até o lugar. Lá todos vestiam uma macacão laranja com “Craighead County” escrito nas costas e dormiam em celas. Havia uma sala de estar na qual os detentos jogavam Uno com um maço velho de cartas sebetas e vincadas. O tempo parecia ter parado por completo. Mais tarde, descobri que não fazia sentido eu ter sido levado para lá porque quem era pego como nós não recebia nada mais sério do que uma advertência, ou no máximo um ano de liberdade vigiada, antes de ser mandado para casa. Deanna e eu estávamos indo para a prisão porque Jerry Driver ainda não havia terminado seu trabalho conosco.

Um dia, ainda naquela semana, fui escoltado até uma salinha nos fundos do tribunal e vi uma mulher grande como uma montanha que parecia ter usado uma espátula para se maquiar. Ela falou comigo por cerca de uma hora, depois aplicou um teste que consistia em me mostrar fichas rapidamente, antes de dizer a Jerry Driver:

— Temos um leito para ele.

Fiquei intrigado com o significado daquela frase até me explicarem que eu também seria mandado para um hospital psiquiátrico dali a alguns dias. De repente, me vi no clipe de “Madhouse”.

Fiquei na prisão enquanto tomavam providências para que eu tirasse umas férias no hospício. Precisava esperar três dias para ser transferido e, durante aquele tempo, fiquei caminhando sem parar de uma extremidade à outra do pavilhão. Havia sempre outros dez ou quinze homens por lá e, mais tarde, eu descobriria que todos eram reincidentes típicos. Digo “típicos” porque, ao longo dos anos, tive a oportunidade de observar inúmeras pessoas atrás das grades, e a maioria delas tem muito em comum. Cobiça, raiva, frustração, luxúria, ódio e inveja, tudo abrigado em um só corpo. Sempre cheguei à mesma conclusão: não é de espantar que esses sujeitos estejam onde estão.

Não há muito a se fazer na cadeia, então, um dia, decidi ligar para casa e dar um sinal de vida. Minha mãe sabia de meu plano e até me deu um dinheirinho e disse para ligar se precisasse de alguma coisa. Ela estava no tribunal quando Jerry Driver argumentou perante o juiz que eu deveria ser mantido na prisão até a data do julgamento em vez de ser mandado para casa, como teria acontecido com qualquer réu primário. Liguei para minha mãe para ver se, por acaso, ela sabia mais do que eu. Eu estava prestes a ficar chocado. A semana havia sido dramática para todos: meu pai estava de volta.

Parecia que minha mãe finalmente tinha caído em si e mandado Jack embora. Não

que ela tivesse muita escolha; afinal, minha irmã o acusara de molestá-la sexualmente. O Serviço Social enviou um representante e informou a minha mãe que Jack não deveria em hipótese alguma entrar naquela casa. Há registros de que uma investigação foi feita, mas desconheço qualquer prova ou decisão conclusiva sobre essa questão.

Depois que Jack partiu, e com isso quero dizer que ele se mudou para outro trailer a uma rua de distância, minha irmã começou a ligar para várias pessoas atrás de meu pai. Nunca perguntei por quê, e ela nunca explicou. Joe estava no Arkansas visitando a família, e ele e minha mãe conversaram sobre voltar a viver juntos. Fiquei atônito. Parecia que o mundo havia sido virado de cabeça para baixo da noite para o dia enquanto eu estava sentado em uma jaula. Em outras circunstâncias, teria ficado extasiado, mas, naquele momento, havia outras coisas ocupando minha mente. Eu dera minha palavra a Deanna de que a encontraria, mas o tempo escorregava por entre meus dedos. Eu começava a sentir que nunca mais saberia como era a vida fora daqueles muros. Após ficar trancado em uma jaula durante semanas, a ideia de algum dia sair dali se tornou uma daquelas coisas boas demais para ser verdade.

Meus pais foram me visitar no dia seguinte. Não havia modo de nos tocarmos e tínhamos de conversar através de um vidro à prova de balas com cinco centímetros de espessura. Meu pai mal me reconheceu. Quando ele e minha mãe entraram na sala, eu o ouvi perguntar:

— É ele?

Tínhamos permissão para conversar durante quinze minutos, eles de um lado do vidro e eu do outro. Não é muito tempo para restabelecer contato, mas meu pai prometeu que voltaria a fazer parte de minha vida a partir de então. Em seguida, o guarda veio e disse-lhes que era hora de ir embora.

Agora, olhando para trás, fico com uma raiva imensa, pois foi tudo muito injusto. A punição para um réu primário por arrombamento e invasão e acusação de conduta sexual imprópria não era de forma alguma adequada ao crime que cometi. Tudo o que fiz foi entrar em um trailer abandonado. Aquilo não fazia sentido.

Na data de minha audiência, alguns dias depois, Jerry Driver recomendou ao tribunal que eu fosse enviado para uma instituição psiquiátrica e disse para mim e para meus pais que aquela era a alternativa a nove meses de prisão até o julgamento. Na época, não parecia lógico, mas era o menor de dois males. Deram-me minhas roupas e mandaram que eu me vestisse. Se você nunca teve de usar uniforme de penitenciária, não vai entender o que é finalmente poder vestir suas roupas de novo. Você demora um

pouco para se acostumar. O uniforme da prisão é concebido para nos privar de qualquer identidade e nos reduzir a um número. Quando o usamos, nem sequer nos sentimos como seres humanos. Não temos dignidade.

Nós quatro fizemos a longa viagem no carro de Driver. Demoramos muitas horas para ir de Jonesboro a Little Rock, onde ficava o hospital de Maumelle. Ele se conteve e não fez perguntas relacionadas a satanismo na frente dos meus pais, mas eu podia perceber que aquilo quase lhe causava dor. Toda vez que eu levantava a cabeça, seus olhinhos de rato estavam me encarando pelo retrovisor. Por algum motivo desconhecido, ele havia visitado minha mãe enquanto eu estava na prisão e pedido para ver meu quarto. Ela permitiu e deixou-o lá sozinho. Ele disse que estava “confiscando” algumas coisas, embora aquilo fosse claramente ilegal. Driver tirou das paredes os esboços que lembravam obras de Goya e levou um diário que eu havia começado. (Era um livro de registro funerário, bastante mórbido.) Levou também minha coleção de caveiras.

Parece esquisito ter uma coleção de caveiras, mas vou explicar. Há uma trilha de terra batida atrás de Lakeshore onde os jovens da região ficavam perambulando. Não dá em nenhum lugar específico; só circunda um pequeno lago e alguns campos. Eu costumava encontrar pedaços estranhos de esqueletos de gambás, guaxinins, esquilos, aves e, ocasionalmente, até cães ou gatos que haviam morrido ali. Comecei a colecioná-los porque minha mente adolescente os achava legais. Não sou o único e nunca neguei ter um gosto questionável no que diz respeito a decoração de interiores. A coisa mais bizarra que Jason e eu encontramos foi uma garrafa de cerveja com duas caveiras minúsculas dentro. O problema era que não dava para tirá-las de dentro da garrafa porque eram um pouco grandes demais. Passamos horas tentando descobrir como elas haviam entrado na garrafa.

De qualquer forma, Jerry Driver pegou meus pertences pessoais como “provas”. Do quê, ele não disse. Eu só viria a saber disso bem depois, já que um bom tempo passaria antes que eu voltasse a ver Lakeshore. Naquele momento, estava a caminho do manicômio.

Quando chegamos, todos os outros pacientes já haviam ido para a cama. Eram dez da noite e o lugar estava silencioso. Meus pais foram totalmente convencidos pelo tom respeitável de Driver de que aquele era um direito dele e eles não tinham outra opção. Os dois ficaram sentados em uma pequena sala fornecendo minhas informações pessoais para a encarregada de preencher a papelada dos novos pacientes. O procedimento demorou cerca de trinta minutos, e Jerry Driver ficou sentado em silêncio ouvindo tudo.

Eu estava muito nervoso, pois nunca tinha entrado em um ambiente como aquele. A única coisa que eu podia usar como base para minhas expectativas era a prisão que eu havia acabado de deixar; portanto, esperava o pior. Para mim, assim como para meus pais, a autoridade de Driver não deveria se questionada; eu achava que ele era um policial legítimo. Nenhum de nós entendeu que podia refutar ou contestar suas decisões. Estávamos agindo movidos pelo medo das consequências e, nesse ínterim, sem que soubéssemos, nossos direitos, que nunca nos foram explicados, nos foram roubados.

Uma enfermeira chegou para me escutar e me levar para o interior do edifício. Minha mãe ainda respondia a perguntas quando fui embora: se eu era alérgico a algo, minha data de nascimento, histórico familiar de doenças. Nada sobre meu estado mental ou meu comportamento. Atrás daquelas portas, o ambiente não era nem de longe tão agradável como o do saguão que eu acabara de deixar para trás, mas também não era uma câmara dos horrores. A mobília parecia feita de plástico; assim, se alguém vomitasse ou se urinasse, não restariam manchas. Além disso, havia a vantagem extra de um jato d'água bastar para resolver uma ocasional mancha fecal.

Mandaram que me sentasse atrás de uma mesa pequena, onde fui apresentado a um negro alto e magro chamado Ron. Ele revistou minha mala, anotou tudo o que eu tinha e depois me levou para um quarto com duas camas, uma escrivaninha, uma cadeira e um pequeno guarda-roupa. Estava sozinho, não havia ninguém na outra cama. Eu passara por tanto estresse e trauma nas semanas anteriores que caí imediatamente em um sono profundo que durou até a manhã seguinte.

Os dias lá começavam com uma enfermeira que despertava todos às seis da manhã. Ela acendia as luzes e ia de quarto em quarto dizendo para se prepararem para o café da manhã. Todo mundo levantava, tomava banho, se vestia e realizava sejam lá quais fossem os rituais matutinos que os loucos executam em privado. Depois, íamos até a sala de estar, nos sentávamos nos sofás à prova de vômito e ficávamos olhando um para a cara do outro até as sete horas.

Em minha primeira manhã, só havia três outros pacientes. A primeira que vi era uma garota loura sentada de costas para mim cantando uma música do Guns N' Roses. Olhei para a parte de trás de sua cabeça por um tempo, até sentir curiosidade em saber como era seu rosto. Quando não consegui mais me conter, contornei-a e parei em frente a ela. A menina levantou a cabeça, me fitou com olhos azuis muito claros que pareciam semiadormecidos ou totalmente hipnotizados e então sorriu. Só pelo olhar dava para perceber que algo não estava certo naquele quadro. Ela parecia feliz, e com razão, pois

receberia alta mais tarde naquele mesmo dia. Seu nome era Michelle, e ela me disse que havia ido para lá por ter tentado o suicídio engolindo tachinhas e grampos de cabelo.

Logo um segundo paciente entrou. Usando uma bermuda e chinelos de dedo, ele poderia facilmente ter passado por irmão gêmeo de Michelle. Eu nunca soube por que aquele rapaz estava ali, e ele recebeu alta em menos de três dias. A terceira pessoa era um jovem negro que parecia ser o mais normal dos três. Ele foi para casa no dia seguinte.

Se eu tinha algum medo de ficar sozinho lá, essa possibilidade rapidamente desapareceu. Pacientes começaram a chegar diariamente e logo o local estava cheio. Tive de dividir meu quarto com um jovem sociopata interessante que foi mandado para lá depois de seu mais novo hobby ter sido descoberto: ejacular em uma seringa e injetar o conteúdo em cachorros. A ala inteira era um festival de personagens bizarros.

Toda manhã, fazíamos fila e íamos andando até a cozinha para um saboroso desjejum composto de pãezinhos com molho de carne de porco, suco de laranja, muffins de blueberry, bolinhos de batata, ovos mexidos, torrada, linguiça e Sucrilhos. Os loucos não contam carboidratos. A comida era deliciosa, e eu apreciava cada refeição. A conversa em torno da mesa nunca era chata e incluía assuntos como quem havia roubado a roupa de baixo de quem e se Quasímodo havia ou não sido um lutador de sumô algum dia.

Quando o café da manhã terminava, voltávamos em fila indiana (em teoria) até nossa ala para a primeira de quatro sessões de terapia diárias. Naquela sessão, você tinha de estabelecer uma meta para si próprio por dia, tal como “Minha meta para hoje é aprender as regras” ou “Minha meta para hoje é lidar com minha raiva de maneira mais construtiva do que ontem”. Essa tarefa deixava todos irritados, pois é difícil criar uma meta diferente a cada dia e não podíamos usar a mesma duas vezes. As últimas sessões em grupo aconteciam pouco antes da hora de ir para a cama, e você precisava dizer se havia alcançado ou não sua meta e, em caso negativo, o motivo.

Em seguida, tínhamos uma consulta semanal com a psiquiatra. Todos nós ficávamos esperando irrequietos nos sofás enquanto ela nos chamava, um de cada vez, para conversar. Seu consultório era uma sala pequena, escura e agradável, cheia de estantes. Ela era a médica encarregada de fazer o diagnóstico e decidir a medicação que precisávamos tomar. Meu diagnóstico foi depressão. Que grande surpresa... Minha vida era um inferno e não mostrava sinais de melhora, meu pai adotivo era um babaca de marca maior, eu havia passado duas ou três semanas na prisão por motivos que ainda não entendia, não sabia onde estava minha namorada e estava trancado em um edifício cheio de sociopatas, esquizofrênicos e aberrações de vários tipos. É claro que eu estava

deprimido. Estranho mesmo seria se eu *não estivesse* deprimido. De qualquer maneira, recitaram-me antidepressivos, que comecei a tomar logo depois de ter chegado ali.

Os antidepressivos foram uma invenção horrenda. O único efeito que eu conseguia perceber era que aquele medicamento me deixava tão cansado que eu não conseguia pensar direito. Falei para uma das enfermeiras que havia algo de errado, pois era difícil abrir os olhos e eu pegava no sono toda vez que parava de me mexer. Disseram para eu não me preocupar porque aquilo era natural e eu me acostumaria. Isso não é algo que você gostaria de ouvir. Com o tempo, realmente me acostumei à medicação e, em um mês, eu nem percebia que tomava alguma coisa.

Após falarmos com a médica, íamos para o ginásio praticar um pouco de exercício matinal. Havia uma bicicleta ergométrica, um saco de boxe, um aparelho de remo e um simulador de escada. Todo mundo fazia um pouco de cada exercício. Também havia uma mesa de totó e um armo de basquete que podíamos usar após o almoço.

Uma vez ou outra, íamos a uma sala de artesanato para trabalhar em projetos individuais. Fiz dois unicórnios de cerâmica que levei para casa quando fui embora. Não faço ideia de que fim levaram, mas me orgulhava daquelas peças na época.

Na hora do almoço, voltávamos para a cozinha; em seguida, outra sessão em grupo, geralmente recebida com gritos indignados de “Isso é a maior besteira!”. Eu concordava plenamente, mas mantinha minha opinião para mim. Depois de passar por aquela infâmia, podíamos tirar um cochilo de trinta minutos.

À tarde, saíamos para uma grande área gradeada para caminhar e aproveitar o ar livre. Conversávamos, olhávamos para o bosque ou ficávamos rebatendo bolas de tênis de um lado para outro. Antes de dormir, podíamos escolher um lanche. Havia barras de cereais, achocolatado, manteiga de amendoim e biscoitos, ou uma taça de pudim. Não era um lugar ruim para um hospital psiquiátrico.

Nosso bom comportamento era recompensado por excursões. Uma vez, fomos todos colocados em um grande furgão branco com um símbolo gigantesco de deficientes na lateral e levados para o circo. Era difícil dizer se havia mais palhaços no picadeiro ou nas arquibancadas. Outra vez, fomos levados para nadar, e nem sequer entrei na piscina. Fiquei embaixo de um guarda-sol, vestido de preto dos pés à cabeça, esperando para ser levado de volta ao hospital. A última e mais infame das excursões foi a um cinema, onde assistimos a Whoopi Goldberg em *Mudança de hábito*.

A vida prosseguia e minha ansiedade continuava a aumentar. Depois de cerca de três semanas no hospital, recebi uma licença de 24 horas e meus pais e minha irmã foram me

visitar. Uma terapeuta os recebeu para uma conversa em particular, descreveu como eu estava e o que havia feito durante as semanas precedentes e disse que o hospital achava que eu estava bem o bastante para receber alta. Antes de nos deixar sozinhos, ela informou que eles podiam procurá-la e perguntar qualquer coisa que porventura quisessem. Aquela foi a primeira oportunidade real que tive de falar com meu pai em muitos anos. Ele não havia mantido contato conosco durante sua ausência, e conversamos tanto sobre o futuro quanto sobre o passado.

Meu pai morava no Oregon e se preparava para voltar quando minha irmã o procurou. Casou-se várias vezes depois que saiu lá de casa, e eu tinha um meio-irmão de oito anos que morava com ele. Fiquei surpreso ao saber que ele e minha mãe planejavam se casar de novo e, assim que eu saísse do hospital, nos mudaríamos para o Oregon. Normalmente eu teria ficado feliz, pois era tudo que poderia desejar: Jack havia ido embora, meu pai voltara, eu tinha uma licença de 24 horas para passar o dia seguinte com minha família e estávamos subindo na vida. Mas, naquelas circunstâncias, era um pesadelo. Deixaria Deanna para trás. Comecei a me balançar devagar na cadeira enquanto chorava silenciosamente. Não emiti um ruído, mas as lágrimas brotavam tão rápidas e pesadas que eu não conseguia ver a sala. Eu olhava para o mundo por trás de uma cachoeira. Estava triste e desesperado, mas algo dentro de mim se transformou em ação. Manteria a promessa que fiz para ela de qualquer jeito.

Mal dormi naquela noite: uma hora ficava empolgado com a aventura em potencial à frente, e logo depois arrasado pelo que estaria deixando para trás. Aquela era uma vida totalmente nova. Podia abandonar meu passado como uma pele velha; era uma oportunidade que, em outro momento, eu teria feito qualquer coisa para ter.

Quando amanheceu, me vesti e arrumei minhas coisas pois passaria aquela noite em um hotel. Adoro hotéis. Há algo de excitante neles, ainda que a gente só vá lá para dormir. Fazia muitos anos que eu não tinha a oportunidade de me hospedar em lugar algum, desde que meus pais ainda estavam casados.

Eles chegaram para me pegar no Dodge Charger de meu pai e fiquei impressionado. Detalhes cromados, uma boa pintura e um som de alta qualidade. Apaixonei-me imediatamente pelo carro. Perguntaram o que eu queria fazer, e fomos ao McDonald's, onde vi alguns conhecidos. Eram da banda da escola e estavam em Little Rock participando de algum tipo de concurso. Foi alguma incrível coincidência, foram exatamente àquele McDonald's. Quando uma garota chamada Becky perguntou o que eu fazia ali, respondi que aproveitava uma licença de 24 horas do hospital psiquiátrico.

Depois de perceber que eu estava falando sério, ela começou a rir.

Arrumamos um quarto de hotel, e meu pai e eu fomos alugar um videocassete e algumas fitas. Pegamos todos os filmes de Steven Seagal disponíveis na locadora e voltamos para assistir. Ele já tinha todos aqueles filmes em casa, e eram alguns de seus favoritos. Naquela noite, me diverti como não fazia havia muito tempo, embora algumas coisas me preocupassem. Pedimos pizza, assistimos aos filmes e conversamos sobre como era o Oregon. Eles tentaram me agradar e mantiveram as cortinas fechadas e o ar-condicionado forte, de maneira que o quarto ficou gelado. Parecia até meu aniversário. Eles sabiam que eu havia passado pelo inferno e foram especialmente legais. Dormi cedo, emocionalmente exausto.

Na manhã seguinte, comemos rosquinhas no café da manhã para depois voltar ao hospital. Antes de eles irem embora, a médica lhes disse que eu receberia alta em 24 horas e que eles poderiam ir me buscar. Nunca entendi o motivo de voltar por mais um dia, mas passou bem rápido. Depois de me despedir dos outros pacientes, eu estava a caminho do Oregon.

A viagem para o Oregon demorou quase uma semana, e eu curti todos os momentos, apesar de uma tristeza que pesava em meu coração. Estava deixando para trás minha casa e sentia muito medo de nunca mais ver nada nem ninguém conhecido. Eu chorava tanto que só consegui ver a estrada à frente quando já estávamos no meio de Oklahoma. Dava para perceber que aquilo deixava meu pai nervoso pela maneira como ele ficava me olhando de esguelha. Depois do primeiro dia, esgotei minha reserva de dor e não consegui mais chorar por um tempo. Foi aí que a viagem se tornou mais divertida.

Demoramos muito porque viajamos no carro de meu pai puxando um trailer U-Haul cor de laranja. Ouvíamos música o tempo todo, alternando entre a coleção de meu pai e a minha. The Eagles, Conway Twitty e Garth Brooks eram seguidos de Ozzy Osbourne, Anthrax e Metallica, sempre a todo volume. Comíamos sempre em restaurantes de beira de estrada e passávamos todas as noites em hotéis baratos. Aquela era a vida que eu amava na infância: quando meus pais estavam juntos e nos mudávamos para um novo estado mais ou menos a cada mês.

Meu pai ficou de ótimo humor durante toda a viagem, e eu ria de suas maluquices até perder o fôlego. Um dia, passamos a manhã inteira apontando as marmotas que víamos ao lado da estrada e perto das paradas. Com um ar sério e a expressão de alguém que transmite a sabedoria divina, ele explicou que eu deveria ficar de olhos abertos porque, se visse alguém atropelar uma marmota, logo veria todas as suas amigas saírem correndo para devorá-la. O modo como ele passou aquela informação me fez ter um acesso de riso. Ele me olhou por um instante antes de dar uma risadinha, parar o carro de repente e olhar para um lado e para outro como se temesse que alguém estivesse ouvindo. Aquilo me fez rir ainda mais porque percebi que ele não fazia ideia do que eu estava achando tão engraçado.

Observar meu pai interagir com os funcionários dos restaurantes era uma experiência interessante e engraçada. É difícil dar um exemplo específico, mas, vendo a situação como um todo, era hilário. Ele pedia uma xícara de café e, em seguida, olhava fixamente para a garçonete enquanto enfatizava as palavras *duas colheres de açúcar*. Quando ela se virava para ir embora, ele a chamava com um “Ei!”. Quando ela se virava

de volta, ele estabelecia contato visual enquanto levantava lenta e solenemente dois dedos para fazê-la lembrar: “Duas.”

Meu irmãozinho, Timothy, também era uma figura. Parece estranho dizer que ele era igual a meu pai ainda que totalmente diferente, porém é verdade. Seus maneirismos eram só seus, mas tudo o que fazia parecia algo que meu pai faria. No entanto, perdi o contato com ele de vez: quando fui preso, ele foi morar com a mãe, mas penso nele com frequência e me pergunto que tipo de pessoa meu irmão se tornou.

Chegamos ao Oregon e nos mudamos para um apartamento de três quartos em uma cidade chamada Aloha. Era um lugar muito agradável, e fiquei com o maior quarto, embora eu não possuísse nada para enchê-lo. Ao descarregar a mobília do trailer, percebi que minha mãe não havia trazido quase nada de nossos pertences. Perguntei onde estavam nossas coisas e ela disse que havia deixado tudo em Lakeshore. Quase não acreditei. Ela não tentou vender nada para conseguir mais dinheiro para a viagem, nem deu nada para outras pessoas que talvez precisassem, simplesmente abandonou tudo. Só o que me restou foi uma única mala com minhas roupas e minha música. Aquilo me deixou atordoado.

Mais tarde, quando voltei para o Arkansas, Jason me disse que um dia passou por minha casa e viu todas as minhas coisas em uma grande pilha perto do meio-fio: televisão, aparelho de som, bastão de beisebol, antigo fuzil japonês, skate, guitarra e mais outras coisas que antes estavam em minha casa. Perguntei se alguém deu uma olhada e levou alguma coisa, mas ele balançou a cabeça e disse:

— Achemos que devia estar tudo quebrado, ou não teriam jogado fora.

Objetos que tínhamos colecionando a vida toda haviam desaparecido como se nunca tivessem existido. Teria ficado mais chateado se não fosse o fato de, dois dias depois, estar começando em um novo emprego. Calculei que logo poderia substituir tudo, pois ia trabalhar em tempo integral.

Meu pai era o gerente de uma rede local de oficinas e postos de gasolina e me pôs para trabalhar com ele. Eu ganhava bem mais de quatrocentos dólares a cada duas semanas, e o trabalho era fácil. Fui designado para os mesmos turnos que um veterano do Vietnã chamado Dave em uma oficina que atraía pouquíssimos clientes. Passávamos boa parte do tempo sentados vendo os carros passar enquanto tomávamos refrigerante e ouvíamos música country no rádio. Dave era um velho safado, cínico e intratável que se tornou a coisa mais próxima de um amigo que tive no Oregon. Apesar de nossa diferença de idade, nos dávamos muito bem. A maior parte do vocabulário de Dave era

composta de palavras, que ele disparava como se fossem tiros em cima de qualquer um e de qualquer coisa.

Trabalhando em tempo integral, eu não estava mais na escola. Nunca tomei a decisão de abandoná-la — meus pais é que, de certa forma, a tomaram por mim. Eles não disseram com todas as letras “Você vai sair da escola”, mas não foi necessário. Ficou bastante óbvio quando matricularam minha irmã e meu irmão na nova escola e não fizeram o mesmo comigo. Fiquei sentido, mas não falei nada. Pelo menos eu ganhava meu dinheiro.

Meu irmãozinho começou a desenvolver alguns hábitos estranhos. Ele assistia a *O massacre da serra elétrica 2* várias vezes, embora ficasse com tanto medo que não conseguia dormir à noite. Imitava os personagens do filme, caminhava pela casa coçando a cabeça com um cabide enquanto fingia comer flocos de caspa. Timothy tinha um pequeno girassol de plástico que usava óculos escuros e gravata-borboleta e que, quando colocado perto de um rádio, dançava ao ritmo da música. Meu irmão o carregava para todos os lugares e, pelo que sei, aquele era o único amigo que ele tinha para brincar. Minha irmã começou a circular com um pessoal barra-pesada e estava sempre bebendo ou indo a festas. Era a primeira vez na vida que ela se sentia livre e resolveu aproveitar. Quando estávamos com Jack, ele raramente a deixava sair de casa.

Cerca de um mês após termos nos estabelecido, decidi que era hora de ligar para a casa de Deanna. Quando sua mãe atendeu, pedi que minha irmã perguntasse por Deanna. Assim que a chamaram, peguei o telefone e falei:

— Sou eu.

Sua voz parecia estranha, quase como a de uma garotinha:

— Onde você está?

Eu disse que estava no Oregon e perguntei se havia alguém perto dela, e Deanna respondeu que realmente havia. Meu coração ficou exultante só de ouvir sua voz e voltar a ter contato com ela. Era mais do que apenas ela: eu estava falando com meu lar, com o mundo que conhecia. Estava ao telefone com alguém que não parecia ter um sotaque do norte. Sentia-me vivo novamente. Sentí que aquele era eu, algo que não acontecia havia muito tempo.

É difícil descrever o que tinha mudado. Após passar pelas portas daquela instituição psiquiátrica, eu me sentia como um velho que arrastava os pés pelos corredores de um asilo. A conversa com ela fez com que uma onda de energia me atravessasse e eliminasse a ferrugem; estava pronto para me mexer novamente. Tudo

aquilo acabou em menos de sessenta segundos.

— Você ainda quer que eu vá buscá-la?

Se a resposta fosse sim, eu partiria na hora, mesmo que tivesse de ir a pé.

Contudo, ela não disse sim. Suas palavras foram:

— Não sei.

Deanna estava hesitante, incerta. A magia havia se rompido. A última coisa que ela me falou foi:

— Preciso ir agora.

Desligou o telefone e nunca mais nos falamos.

Até aquele momento, minha vida tivera ao menos um propósito, uma direção; uma parte de mim ainda tinha esperança de que tudo ia dar certo. Essa sensação desapareceu, e fiquei infinitamente esgotado. Sentei-me na beirada da cama e olhei para a parede por muito tempo, sem saber mais o que fazer.

Meus pais iam visitar uns parentes na Califórnia e ficariam fora alguns dias. Nanny ia pegar um avião e encontrá-los lá, pois, quando nos mudamos, ela achou que não tinha forças suficientes para fazer a viagem de carro conosco, mas agora viria para o Oregon com meus pais. Optei por ficar em casa. Depois que eles partiram, fui até o mercado da esquina e comprei duas garrafas do vinho mais barato que eles tinham: Wild Irish Rose. Fiquei a noite toda na varanda, olhando para a rua lá embaixo e afogando minha dor com a pior bebida alcoólica já concebida pelo homem. Acho que eu me encontrava naquele estado que a maioria das pessoas chama de “o fundo do poço”. Estava tão solitário que não queria mais gastar a energia necessária para continuar a viver. Quando o sol começou a raiar, fui para a cama e não me levantei por vários dias.

Eu mal sabia que Jerry Driver estivera muito ocupado em minha ausência. A relutância de Deanna vinha do fato de Driver ter dito aos pais dela que eu era um monstro satânico e líder de um enorme culto responsável por todo tipo de patifaria naquela região. Driver não tinha dúvida de que a vida de Deanna estava em perigo, pois não havia como saber que trama pérfida eu havia arquitetado para enredá-la. Ele disse que tinha certeza de que eu havia cometido sacrifícios por toda a cidade, incendiado igrejas (embora nenhuma igreja naquela área tivesse pegado fogo), além de estar por trás de uma infinidade de outros crimes. Driver elaborou uma história na qual eu era a própria encarnação do diabo, pronto para instituir o inferno no Arkansas.

Obr que ele fez isso? Não sei. Só fiquei sabendo de todos esses fatos mais tarde, quando adolescentes de lá me contaram que ele os interrogava a meu respeito todas as

vezes que iam para a rua em Lakeshore. Gastava gasolina e dinheiro dos contribuintes aterrorizando aqueles jovens. Sem dúvida, era um indivíduo muito doente, e nunca entendi por que ficou obcecado comigo. Uma vez ele chegou a fazer com que Jason tirasse a camisa para que pudesse “procurar marcas satânicas”. Eu também soube mais tarde que, durante as investigações após minha prisão no verão de 1993, ele convenceu os pais de Deanna a mandá-la para um “centro de desprogramação” para ter certeza de que ela não estava mais sob a influência de meu nefasto feitiço e a contactá-lo imediatamente se me vissem ou se eu os procurasse. Foi exatamente o que aconteceu.

Depois do telefonema, os pais de Deanna a indagaram sobre a ligação, e ela acabou contando que falara comigo. Eles ligaram para Driver e mandaram um alerta vermelho. A reação de Driver foi contatar a polícia no Oregon e dizer que eu estava em liberdade condicional no Arkansas por todo tipo de crime relacionado a satanismo e que deveria ser preso imediatamente. A polícia deve ter achado que se tratava de alguma brincadeira, mas, como ele continuou a exigir que eu fosse preso por ligar para Deanna, enviaram alguém para falar comigo. Eu soube disso por meio do próprio Driver, que queria me mostrar que sabia o que eu estava fazendo a todo momento.

Um policial à paisana foi até nosso apartamento para investigar. Sentado à mesa da cozinha, bebendo café, ele interrogou a mim e a minha família. Eu disse que, de fato, havia ligado para Deanna, mas que eu não era nenhum líder satânico e que não fazia ideia do que Driver estava falando. O policial relatou que não infringi nenhuma lei, não parecia anormal e que o apartamento não era o foco de atividade satânica que Driver tentava fazer com que eles acreditassem que era. Imagino o ataque que Jerry Driver deve ter dado quando eles se recusaram a me prender.

Enquanto isso, eu ficava mais letárgico e desanimado a cada dia. Nada mais me importava. Minha mãe estava preocupada, achando que eu pudesse fazer algum mal a mim mesmo, embora eu nunca tenha pensado seriamente nisso. Tudo explodiu uma noite por causa de um simples mal-entendido.

Eu tinha um pouco de Kahlúa e estava planejando tomá-lo com leite. Nunca fui de beber nenhum tipo de álcool regularmente, mas aquilo tinha um gostinho bom de chocolate e me ajudava a dormir. Despejei o licor no leite e mexi com vontade. Minha irmã foi dizer a minha mãe que eu estava na cozinha “fazendo alguma coisa escondido”. É claro que eu estava sendo furtivo — tentava gastar o pouco dinheiro que tínhamos em bebida sem ser pego!

Minha mãe não se deu ao trabalho de ir me perguntar nada. Ao voltar para meu

quarto, percebi que ela falava baixinho ao telefone, então parei para escutar. Ela dizia à pessoa do outro lado da linha que eu andava deprimido e taciturno e que ela temia que eu pudesse me suicidar. Eu não podia acreditar no que ouvia. Aquela era a coisa mais baixa que alguém jamais havia feito comigo. Era uma traição de proporções épicas.

É preciso entender minha mãe para compreender de verdade por que ela fez aquilo. Se você não a conhece, pode facilmente confundir sua ação com a preocupação de uma mãe carinhosa. Na verdade, foi a ação de uma diva. Minha mãe adora criar dramas, como eu já disse. Continua a fazê-lo. Hoje em dia, toda vez que um repórter aparece, ela não consegue ficar com a boca fechada e começa sua cena de “pobre mãe”, com muitas lágrimas. Já vi isso acontecer inúmeras vezes.

Segui para meu quarto e fiquei ouvindo rádio por alguns minutos, sabendo que ela havia desencadeado uma seqüência irrefreável de eventos. Não sei se ela ligou para Driver em busca de conselho, mas, em pouquíssimo tempo, alguém bateu à porta e, quando eu a abri, deparei com um policial. Ele perguntou se eu conversaria com ele e nos sentamos na sala de estar. Eu não conseguia acreditar na diferença entre a polícia do Oregon e a do Arkansas. O sujeito estava bem-vestido e em forma, era muito educado e falava corretamente. Além disso, me tratava como um ser humano, e eu até poderia ter gostado dele em outras circunstâncias. O resultado das comunicações entre minha mãe e a polícia (e possivelmente outras) foi que decidiram que eu deveria ser levado para a unidade psiquiátrica do hospital St. Anthony’s, em Portland, não muito longe dali. O policial foi embora e entrei no carro com meus pais.

Fiquei sentado no hospital esperando uma consulta com um médico e me perguntando por que diabos aquilo estava acontecendo comigo. Meus pais haviam sido convencidos por estranhos de que seu filho era um provável suicida e mentalmente instável, e a solução era me internar. Minha mãe sempre foi de ter atitudes idiotas, mas acho que essa foi a mais ridícula. Meu relacionamento com meu pai também mudou naquela noite.

Tantos anos se passaram que nem lembro mais exatamente o que ele disse, mas foi algo como: “Você precisa tomar jeito e andar na linha. Estou cansado de ver você choramingando o tempo todo, blá-blá-blá.” Depois fez algum tipo de ameaça. Ele estava tentando ser durão porque eu me recusava a falar com ele ou com minha mãe. Eu não tinha nada a dizer, não depois de terem feito aquilo comigo. Ouvei todo o seu discurso raivoso calado, mas cada palavra que ele dizia mudava a visão que eu tinha dele.

Naquele momento, vi meu pai não como um adulto, mas como um garoto. Era

uma criança que nunca havia assumido responsabilidade alguma em sua vida e fracassara comigo de todas as maneiras imagináveis. Tinha me abandonado, me largado na pobreza e na esqualidez com um pai adotivo que era um fanático religioso cheio de ódio e uma mãe que não movia uma palha para nos proteger da tirania daquele homem. Eu o via como um fraco, pois sabia que ele mesmo não sobreviveria ao desespero de uma vida como aquela em que ele havia me largado. Não queria ouvir nada mais que viesse dele. Com total desprezo, cuspi as palavras:

— Eu devoraria você vivo.

Durante meu julgamento, o promotor tentou dizer que minha intenção com aquelas palavras era literal, que eu era um canibal e só me faltava um osso atravessado no nariz. É claro que eu não quis dizer nada disso. O que eu realmente disse é que percebia que era mais forte do que meu pai, que eu sobrevivera a uma vida que ele não tinha aguentado e que ele abandonara anos antes. Eu havia sobrevivido sem ele, e sua volta a minha vida naquele momento não era nenhum grande favor. Estava enojado por sua infantilidade.

Quando um médico enfim me consultou, ele me internou e me mandou para um quarto. A ala psiquiátrica não tinha nada a ver com o hospital em Little Rock; parecia mais um manicômio. Não havia sessões de terapia em grupo, nenhuma interação com os funcionários, nenhuma rotina programada, nada. Os pacientes ficavam o tempo todo vagando pelos corredores, olhando pela janela para a cidade lá embaixo e sussurrando entre si.

Meus pais foram me ver no dia seguinte, e minha mãe se comportou de maneira típica, como se tudo fosse ser perdoado para que voltássemos a ser amigos. Mas não daquela vez. Eu estava farto dela. Falei que, se ela não me tirasse daquele lugar imediatamente, nunca mais queria vê-la. Sua única reação foi dizer “Se é isso que você quer...”, e eles foram embora. Era demais pedir que ficassem longe, e eles voltaram no dia seguinte.

Fui levado ao consultório de um médico e descobri meus pais sentados em um sofá lá dentro. Não estava a fim de fazer amizade e me comportei de maneira rude. O médico finalmente me perguntou:

— O que você quer?

Talvez essa seja uma pergunta que apenas um médico tem a inteligência de fazer, pois meus pais sem dúvida nunca a fizeram. Eu não confiava mais em meus pais e só conseguia ver uma opção:

— Quero voltar para casa.

Não estava falando do apartamento no Oregon. Quando disse “casa”, me referia ao Arkansas. Eu não acreditava que houvesse uma chance sequer de aquilo acontecer, então fiquei pasmo quando meus pais concordaram. Enquanto eu estava sentado lá, o médico, que estivera em contato com Jerry Driver e sabia de minha “internação” anterior, ligou para ele e disse que eu voltaria para o Arkansas. Tomaram providências para que eu recebesse alta na manhã seguinte e retornasse de ônibus para o Sul.

Não dormi muito naquela noite. Fui para a cama, mas fiquei me revirando de um lado para o outro na cama. Eu continuava a tentar traçar um plano do que faria ao chegar no Arkansas, mas não conseguia me concentrar. Nem tinha um lugar para onde ir quando chegasse lá, mas não me importava. Sabia que tudo se ajustaria a seu tempo. Tudo o que me importava era que logo voltaria para casa. O mês que eu havia passado fora pareceu durar anos.

Ao raiar do dia, tomei banho, me vesti e tomei café da manhã. Um segurança me levou para o térreo e saímos pela porta da frente, onde vi meus pais em pé na calçada ao lado de um táxi. Minha mala estava a seus pés. Meu pai me entregou uma passagem de ônibus e o dinheiro que havia sobrado de meu último contracheque. Abracei-o em sinal de despedida, mas seu corpo estava duro e rígido, como se estivesse relutante em me tocar. Ele não disse muita coisa. O mesmo aconteceu com minha mãe. Pus minha mala no táxi e entrei para seguir até a rodoviária. Estava nervoso, empolgado e sozinho aos dezessete anos.

Eu nunca havia viajado de ônibus; por isso, a experiência foi um pouco surreal. Esperava na rodoviária havia cerca de quinze minutos quando o alto-falante anunciou que todo mundo deveria embarcar. Minha mala foi colocada em um compartimento de bagagem e ocupei um assento qualquer no meio de uma fileira.

Enquanto observava o ônibus se encher rapidamente, percebi que os passageiros aparentavam ter muito em comum. Todos estavam com a barba por fazer e pareciam precisar de um banho; a maioria estava mal-humorada e rosnavia para qualquer um que se aproximasse. De alguma forma, toda a escória da sociedade havia se encontrado em um único ônibus. Era o expresso fedorento e entediante dos infernos.

Fiz minha cara mais ameaçadora esperando afugentar qualquer um que se sentisse tentado a se instalar a meu lado. Parece que funcionou. Ninguém queria se sentar ao lado de uma criatura emburrada, despendeada e vestida de couro preto.

A viagem mágica durou no total cinco encantadores dias. Parávamos sobretudo em

postos de gasolina e lojas de conveniência para que as pessoas comprassem suprimentos e depois partíamos de novo. Sobrevivi com uma dieta constante de salgadinhos e refrigerante, e ocasionalmente um sanduíche. Às vezes, parávamos em um McDonald's para o café da manhã, mas eu nunca entrava. Em estado constante de ansiedade, eu ficava perto do ônibus, com medo de ser deixado para trás.

No segundo ou terceiro dia, fui relutantemente puxado para uma conversa com dois outros homens que haviam embarcado na parada anterior. Um deles era jovem, tinha dezenove ou vinte anos, e o outro parecia ter uns cinquenta, mas era difícil dizer por causa das camadas de gordura e sujeira de viagem. O cara mais jovem tinha cabelos negros compridos e vestia uma jaqueta de couro com uma foto da Madonna pintada com aerógrafo nas costas. Falava com voz suave e baixa e fumava cigarros de cravo toda vez que o ônibus fazia uma parada. O sujeito mais velho tinha uma voz alta e irritante, cabelos grisalhos engordurados, e usava uma calça de moletom cortada e uma camisa imunda azul-esverdeada. Estavam viajando juntos e queriam me convencer de que eu deveria me juntar a eles e trabalhar em um parque de diversões itinerante que ia de um estado para outro. Falavam sem parar sobre as glórias e riquezas que eu poderia adquirir se optasse por exercer aquela nobre profissão. Agradei, mas declinei a oferta dizendo que esperava algo muito mais lucrativo na indústria pornográfica. Em algum lugar entre o Oregon e o Missouri, eles caíram fora e continuei a viagem sozinho.

A parada mais longa foi em St. Louis, onde passei seis horas. Saí da rodoviária para explorar a cidade e deparei com um número extraordinário de indivíduos suspeitos. Um velho negro que parecia um fugitivo de UTI tentou me vender drogas a menos de três metros da rodoviária. Aquele era um local em que ninguém gostaria de estar depois do pôr do sol e, como a noite se aproximava com rapidez, logo voltei para a rodoviária. Passei o resto do tempo conversando com um alemão que tinha ido para os Estados Unidos em busca do pai.

Cruzamos a fronteira do estado do Arkansas entre duas e três da madrugada, mas ainda era difícil acreditar que eu estava lá. Uma parte de mim tinha certeza de que aquele lugar não existia mais, que desaparecera depois de minha partida. Olhei pela janela em direção à escuridão e fiquei pensando: “Estou de volta, estou de volta, estou de volta”, projetando meu pensamento na noite. Era manhã de sábado e todas as outras pessoas no ônibus dormiam. Eu não conseguia ficar parado. Cada ponto de referência que reconhecia me deixava ainda mais animado. Quando passamos pelo cemitério em que meu avô estava enterrado, precisei de todo o meu autocontrole para não dizer ao

motorista: “Preciso descer *agora!* Deixe-me saltar *aqui!*”

Encostamos na rodoviária quando o sol estava raiando. Ninguém se mexeu; eu era o único a desembarcar. Desci do ônibus, recuperei minha mala e olhei à minha volta. Tudo que conseguia ver estava exatamente igual a como eu havia deixado.

Fui parado por um policial menos de dez minutos após descer do ônibus em West Memphis. Não havia ninguém para me receber, por isso tive de caminhar e carregar minha bagagem. A pessoa mais próxima que eu conhecia era Domini, que morava a uns cinco quilômetros de distância. Achei que talvez pudesse deixar minha mala na casa dela enquanto procurava um lugar para ficar e foi para lá que me encaminhei.

Quando fui atravessar a rua em frente à rodoviária, uma viatura policial dobrou a esquina. Fui saudado por luzes azuis piscando e os gritos de uma sirene. Não sei o que fiz para levantar suspeita, mas o policial encostou a meu lado e abaixou o vidro da janela. Atrás do volante, havia um balofo insolente com uma barriga tão grande que mal cabia no banco da frente. Com um tom de voz entre o zumbido de alguém com lábio leporino e um ganido irritante, ele começou a perguntar:

— Qual é seu nome? Para onde está indo? Por que está vestido desse jeito?

Eu não havia violado nenhuma lei e não estava fazendo nada de errado. Ele me assediou simplesmente porque podia. O único motivo que o fez me deixar em paz foi uma chamada no rádio. Se não fosse por isso, não sei onde aquilo teria terminado.

Os cinco quilômetros de caminhada com minha mala grande e pesada demoraram uma vida. Precisei parar algumas vezes para esfregar as mãos, que rapidamente ficavam cheias de bolhas. O dia esquentava depressa e a manhã se tornava um belo exemplo do brutal verão do Arkansas. Cheguei ao condomínio em que Domini morava exausto e banhado em suor.

Tive uma sensação estranha enquanto caminhava entre os prédios. Era uma complexa mistura de pensamentos e sentimentos, entre eles surpresa (e talvez prazer) por nada ter mudado. Quando ia até lá para ver Domini, sempre ficava impressionado pela diferença entre aquele lugar e Lakeshore. Como alguém que voltava para casa, tudo me parecia, de um modo surreal, familiar. Eu sentia sono e fome e não conseguia decidir o que parecia mais um sonho: o tempo que passei no Oregon ou o fato de estar ali naquele momento.

Meus sentimentos em relação a West Memphis e ao Arkansas em geral sempre foram um pouco paradoxais. Muitas vezes, as pessoas foram cruéis e detestáveis comigo,

e eu me sentia sozinho naquele lugar a ponto de achar que o tédio me mataria. Não me encaixava nos cenários sociais e não havia muitas oportunidades lá, mas aquele era meu lar. O lugar em si possui uma espécie de magia capaz de fazer com que meu coração pareça estar explodindo. Há um aroma no ar que não consigo descrever. Gostaria que todas as pessoas que leem isto pudessem ter essa sensação uma vez. Você se lembraria dela para sempre.

Quando parei na frente do prédio de Domini, ela estava no segundo andar, olhando por uma janela aberta. Olhou para baixo e me viu; pareceu chocada por um segundo, depois entrou para o quarto e desapareceu. Alguns segundos mais tarde, a porta da frente se abriu e Domini saiu correndo. A única coisa que disse ao me abraçar foi “Oi”. A seu modo, ela me parecia familiar, mas sem a mesma força e paixão que tinha com Deanna.

A palavra que associo a Domini é apenas “prazer”. Abraçar Domini era prazeroso. Eu disse que havia voltado de vez e perguntei se podia deixar minha bagagem lá até saber o que faria. Ela me ajudou a carregar a mala para dentro e, depois, disse que iria comigo a Lakeshore. O passo seguinte seria avisar a Jason que eu estava de volta.

Enquanto Domini e eu percorríamos os quase dois quilômetros até Lakeshore, contei tudo sobre o hospital, o retorno de meu pai e a grande aventura no Oregon. Ela explicava que me deixaria ficar com ela se não fosse pela objeção dos tios quando um policial me parou pela segunda vez naquele dia. Ainda nem era a hora do almoço. Ele encostou o carro perto de nós, saltou e fez uma pose de super-herói obeso. Perguntou as mesmas coisas que o primeiro e tive de passar por tudo de novo.

Quando criança, ensinaram-me na escola que viver nos Estados Unidos nos dá automaticamente o direito a certas liberdades; porém, conforme fui crescendo, deparei com a dura realidade. Aqueles policiais podiam me parar em qualquer momento, em qualquer lugar, e fazer exigências que não me deixavam outra opção a não ser obedecer. Embora eu não estivesse fazendo nada de errado, era obrigado a dizer aonde estava indo, de onde era e qualquer outra informação pessoal que me pedissem, tudo porque não gostavam de minha aparência. A única liberdade que eu tinha era obedecer ou ir para a cadeia. Nunca me ensinaram isso na escola.

Quando aquele policial enfim nos liberou, continuamos até Lakeshore. Não havia me dado conta da falta que eu sentira daquele inferno devastado até vê-lo novamente. O estacionamento de trailers era um lugar mágico. Ainda sinto sua falta, embora o Lakeshore que conheci não exista mais. A água verde e lodosa e o cheiro de peixe morto

no ar representavam meu “lar” para mim mais do que tudo.

Quando o trailer de Jason entrou em meu campo de visão, tive vontade de disparar em sua direção. Eu sabia que ele ainda estaria dormindo, então bati na janela perto de onde sua cabeça estaria. Ele olhou pela janela com ar irritado e sonolento; depois percebeu quem era e correu para abrir a porta da frente. Jason estava muito empolgado e nos convidou para entrar. Ele estava em casa sozinho. Quando nos sentamos, tive de explicar mais uma vez onde eu estivera e o que acontecera. Eu não via Jason nem falava com ele desde o momento em que ele me deixara com Deanna no trailer abandonado naquela tarde, por isso tudo era um mistério para ele.

Ele nos contou como bateu à minha porta um dia e descobriu uma família totalmente diferente lá dentro, e nenhuma daquelas pessoas jamais ouvira falar de mim. Era como se eu tivesse desaparecido da face da Terra sem deixar rastros. Ele estava convencido de que nunca mais me veria de novo. Quando falei sobre o Oregon, ele simplesmente balançou a cabeça e disse:

— Eu nunca teria voltado.

Eu teria dito a mesma coisa se não tivesse vivido aquela experiência.

Discutimos o fato de eu ainda não saber ao certo onde ficaria e como seria bom se eu pudesse ficar com ele. Nós dois sabíamos que a mãe dele nunca concordaria; ainda assim, mais tarde naquele mesmo dia, ele tentou convencê-la. Como esperado, a ideia foi recebida com muita hostilidade.

Minha única opção de verdade era Brian. Fui até a casa dele acompanhado por Jason e Domini. Começamos a rir no momento em que ele abriu a porta e viu quem era. Ficamos todos sentados no quintal, e expliquei pela terceira e última vez onde estivera. Brian ficou mais surpreso do que eu esperava, pois pensava que eu continuava nas redondezas e havia simplesmente sumido por um tempo. Ele achou toda a história muito divertida e riu como se minhas desventuras fossem o epítome da burrice e da hilaridade. Fez perguntas para esclarecer algumas coisas e continuava a me olhar como se não pudesse acreditar no que ouvia.

Brian tinha um plano ao mesmo tempo simples e engenhoso: eu ficaria com ele, mas não diríamos a ninguém. Se sua mãe não soubesse que eu estava morando na casa, não poderia se opor. Fiquei impressionado com aquela lógica. Depois de muita súplica e adulação, convencemos seu irmão a ir de carro até a casa de Domini para pegar minha mala.

O fim de semana foi muito animado, pois eu estava feliz por estar de volta e cercado

de pessoas conhecidas. Conversamos sobre as novidades enquanto eu estivera fora, dirigimos por Memphis como nos velhos tempos, reencontramos pessoas que eu havia esquecido e nos divertimos. Dormi no chão do quarto de Brian no sábado e no domingo e, na segunda-feira de manhã, fui com ele para a escola.

A tentativa de me matricular de novo se revelou mais um item em uma longa lista de decepções. O diretor me informou que eu precisava que um de meus pais me matriculasse porque eu ainda não tinha dezoito anos. Expliquei que seria impossível, pois eles estavam morando do outro lado do país. Ele sugeriu que eu obtivesse um diploma de equivalência. Não gostei da ideia, mas vi que não ia conseguir o que queria. Desanimado, voltei para a casa de Brian, onde pedi uma pizza e assisti à televisão pelo resto do dia.

Quando Brian chegou da escola, contei o que havia acontecido e resolvemos pensar juntos para encontrar uma solução. No fim, chegamos à conclusão de que deveríamos ver se era possível que a mãe dele me matriculasse. Ela não sabia que eu estava hospedado em sua casa, mas nos dávamos bem. Nunca tivemos a oportunidade de testar aquele plano, e a escola logo se tornaria a última de minhas preocupações. No dia seguinte, eu voltaria para a cadeia.

Na terça-feira de manhã, Brian se levantou e seguiu sua rotina para se preparar para a escola. Eu estava com inveja porque ele podia ir, e eu não. Eu adorava ir para a escola, só não gostava de estudar. Sempre achei a escola mais divertida que um parque de diversões. Todo mundo que eu conhecia estava lá, então meu dia seria um tédio mortal durante o horário escolar.

Brian saiu, e me preparei para outro longo dia vendo televisão. No horário do almoço, pedi outra pizza. Sabia que não podia comer o que tinha em casa, senão a mãe de Brian ficaria desconfiada. Eu tinha certeza de que podia viver de pizza até meu dinheiro acabar, e aí precisaria pensar em outra solução.

Vinte minutos após eu ter feito meu pedido daquele dia, bateram à porta. Achando que era minha encomenda, abri a porta e deparei com Jerry Driver e um de seus dois camaradas. Driver fazia o possível para parecer uma autoridade competente. Usava óculos espelhados que cobriam seu rosto roliço. Seu parceiro era um homem negro e magro que uma dia acabaria do lado errado de uma escopeta após dormir com a mulher de outro homem.

— Estou aqui para prender você — disse Driver ofegante.

Aquilo foi um choque para mim, já que o único crime que havia cometido era não

estar na escola, e não foi por falta de tentativa.

— Por quê? — perguntei.

Ele começou a gaguejar como se minha pergunta o tivesse pegado despreparado. Suas bochechas tremiam enquanto ele insultava minha inteligência dizendo que meu delito era ter menos de dezoito anos e não estar morando com meus pais. Eu duvidava seriamente que aquilo fosse um crime; no entanto, mais uma vez, não imaginei que Driver estivesse agindo fora de sua jurisdição, e eu não conhecia meus direitos. Fui algemado e acorrentado como um condenado enquanto Driver me escoltava de volta até a prisão de Crittenden.

Daquela vez, as perguntas de Driver se tornaram ainda mais bizarras e absurdas. Fui levado para uma pequena sala e acorrentado a uma cadeira enquanto ele e seu parceiro tentavam fazer com que eu lesse textos escritos em latim. Ele me mostrou objetos estranhos que eu nunca havia visto, tais como pirâmides de vidro e anéis de prata com desenhos esquisitos. Ele queria que eu explicasse o significado daqueles itens. Eu não fazia a menor ideia do que era aquilo, mas ele se recusava a aceitar aquela resposta. Quando Driver finalmente parou, fui deixado em uma cela por mais algumas semanas.

Eu sabia o que esperar daquela vez, mas isso não tornou o suplício menos terrível. Os dias sem fim em uma jaula, as brigas que explodem ao redor, a gororoba intragável, as humilhantes roupas cor de abóbora e o fato de ser tratado como lixo pelos guardas, tudo isso se acumula e cria uma pressão mental incrível e enlouquecedora. Você se sente derrotado e sem esperança. O que piorava ainda mais a situação era que, daquela vez, eu sabia que não tinha feito nada de errado. Estava sendo punido por um capricho de um mentiroso obsessivo, delirante e com sede de poder. Não conseguia imaginar por que aquele palhaço havia ficado obcecado por mim.

Depois de um período na cadeia, fui mandado mais uma vez de volta para o hospital de Maumelle. O próprio Jerry Driver me levou de carro, pois conseguira uma ordem judicial para minha internação. Ele me deu as mesmas opções de antes: ir para o hospital ou esperar meses na cadeia até o julgamento. Era o equivalente a uma transação penal e, novamente, fiquei entre a cruz e a caldeirinha. Na ausência de meus pais, Driver providenciou para que Pat, irmã do meu pai, desse o consentimento, assinasse a papelada e respondesse a todas as perguntas feitas outra vez no hospital. Permaneci algemado e acorrentado durante toda a viagem. Quando chegamos, os outros pacientes ficaram muito perturbados ao me ver. Mais tarde, alguns revelaram que acharam que eu fosse um louco varrido para precisar de tanta contenção. Você sabe que cheguei ao fundo do poço

quando pacientes psiquiátricos questionam sua sanidade.

Por sorte, só precisei ficar duas semanas no hospital daquela vez. Durante minha primeira conversa com a médica, ela disse:

— Não sei por que eles trouxeram você de volta para cá, pois não vejo nenhum motivo.

Levaria muito tempo para explicar a fixação de Driver, então simplesmente dei de ombros como se quisesse dizer: “Não sei por que a senhora está perguntando para mim, eu só moro aqui.” Fiquei internado duas semanas só para cumprir o tempo de praxe e depois recebi alta. Em meu último dia, me despedi de todos os outros pacientes; eu realmente gostava de alguns deles. Toda vez que alguém é liberado, é um momento de bastante emoção.

Fui até a recepção e lá, esperando-me em pé, estava ninguém menos do que Jack Echols. Driver o contactou enquanto eu estava internado, contou onde ele devia me buscar e disse que eu era de sua responsabilidade, já que ele me adotara legalmente. Se eu tivesse escolha, me internaria de novo. Infelizmente não tinha essa opção. Eu voltaria a viver com Jack Echols. Estava preso em um ciclo infernal infinito.

Os guardas trouxeram outra excursão hoje. Isso acontece quase todo mês. Às vezes, trazem um grupo de adolescentes que desejam intimidar e tornar mais submissos. Os jovens ficam em pé, sem saber o que fazer, enquanto os guardas dizem que, se continuarem a viver daquela maneira, vão acabar aqui mais cedo ou mais tarde. Sempre falam que o Corredor da Morte é o pior. Dizem aos turistas que, nestes pavilhões, estão as pessoas que matariam os próprios filhos e violentariam as próprias avós. Na verdade, os indivíduos que cometem os crimes mais hediondos não estão no Corredor da Morte. Estão entre a população carcerária geral, com sentenças muito mais leves. A maioria das pessoas no Corredor da Morte veio para cá só porque seu caso ganhou mais notoriedade do que os outros. A diferença entre uma pena de prisão e uma pena de morte pode ser apenas o fato de haver poucas notícias aquele dia.

Nem sempre as excursões são de jovens. Às vezes trazem grupos religiosos ou pessoas que estão fazendo determinados cursos universitários. Uma coisa que eles têm em comum é que todos sabem meu nome. Frequentemente eu os ouço perguntar aos guardas:

— Onde está Damien Echols?

Os guardas apontam para mim, e o grupo forma um círculo e todos sussurram enquanto me observam. Fazem isso sem constrangimento algum, como se eu fosse um animal que não faz ideia do que está acontecendo. Como se eu não tivesse o menor traço de humanidade. A maioria não tem noção de como seus atos são socialmente ineptos. Um grupo já cruzou aqui dentro com minha família, que me visitava, e ficou olhando para nós como se tivéssemos sido colocados ali para entreter-los. Provavelmente, seria humilhante se meus sentimentos não estivessem enterrados sob uma montanha de asco.

Sempre vivi dentro de minha cabeça, mas, uma vez trancado em uma cela, retirei-me *completamente* para o mundo da mente para fugir deste ambiente horrível. Deixo meu corpo aqui para enfrentar o pesadelo enquanto minha mente caminha por outros corredores. Às vezes, preciso escutar meu corpo, mas é difícil. Se minha atenção se desvia por uma fração de segundo sequer, retiro-me automaticamente para aquelas tocas de coelho psíquicas. As pessoas tendem a pensar na alma como algo de forma humana

composto por uma substância vaga e fantasmagórica. Na verdade, ela é mais como uma casa assombrada por Deus todo-poderoso, na qual os quartos estão mudando, se deslocando e se reconfigurando o tempo todo. Um pequeno armário marrom se torna um salão de baile cavernoso em suas costas. Você sempre vê movimentos com sua visão periférica, mas nunca consegue descobrir a origem daqueles ruídos baixos que parecem vir de algum canto sempre distante.

Os fantasmas podem assombrar quase tudo. Já os ouvi na voz sussurrada de uma canção e os vi entre as capas de um livro. Eles se escondem em árvores para que seus rostos possam espiar através do córtex e pairam sob a superfície prateada da água. Como disfarce, assumem a forma de rachaduras no concreto ou aparecem no delírio de uma febre. No verão, eles mantêm seu ritmo como a sombra de nossa sombra. Espreitam na respiração das meninas que nos dão nosso primeiro beijo. Já vi homens serem assombrados, a ponto de enlouquecerem, por coisas que nunca existiram e coisas que deveriam ter existido. Vi fantasmas nas rugas do rosto de uma mulher e os ouvi no balançar de chaves. Os fantasmas do fogo congelam e os do gelo queimam. Alguns morreram há muito tempo; outros nunca nasceram. Alguns se utilizam do sangue que corre em minhas veias para chegar a meu cérebro. Às vezes, até me confundo com um deles. Às vezes, sou um deles.

Morar com Jack naquele momento foi pior do que jamais havia sido. Eu podia perceber que ele não me queria, mas sentia que não tinha escolha. Enquanto estive no Oregon, ele alugou um quartinho em West Memphis pouco maior do que um armário, por isso foi obrigado a encontrar um novo lugar para morar. Esse lugar acabou sendo um trailer minúsculo em Lakeshore. Mal havia espaço para ficarmos um fora do caminho do outro. Não me lembro de ter falado com meus pais naquele período, embora minha mãe talvez tivesse contato com Jack.

Como era de se imaginar, ele não tinha um único amigo. Todos os momentos em que ele não estava trabalhando eram passados em uma cadeira na frente da televisão. Além de gritar comigo, os únicos temas das conversas eram como minha irmã arruinara sua vida ao contar ao Serviço Social que Jack a havia molestado e como minha mãe o maltratara ao entrar com o pedido de divórcio. Ele me enojava, e eu odiava a simples visão dele com suas camisas manchadas de suor.

Jack ia para a cama todo dia às oito da noite, o que significava que eu era obrigado a fazer a mesma coisa. Depois das oito, eu não podia acender nenhuma luz pois ele dizia que a claridade não o deixava dormir; logo, eu não podia ler. Não tínhamos telefone. Eu não podia ver televisão nem ouvir rádio, nem mesmo um walkman. Ele dizia que dava para escutar o som em seu quarto mesmo que eu estivesse com os fones bem apertados nos ouvidos. Eu não podia sair depois das seis porque ele precisaria ficar acordado para me deixar entrar. Quando perguntei por que ele simplesmente não me dava uma chave, respondeu que era porque não poderia passar a tranca na porta e eu o acordaria ao entrar. Ele usava três trancas e, mesmo assim, sentia a necessidade de encostar uma cadeira na porta toda noite para que ninguém arrombasse o trailer. A única coisa que um ladrão poderia levar era um jarro de moedas de um centavo que ficava ao lado de sua cama ou a enorme imagem de Jesus pendurada na sala de estar. Só um viciado em crack arrambaria aquele lugar.

Jack Echols estava sempre com raiva. Às vezes, chegava quase ao ponto de explodir; em outras tinha acessos e começava a gritar. Eu não podia evitá-lo ou permanecer invisível em um lugar tão pequeno, mas sua raiva era sempre direcionada para mim. Ele

não fazia nada a não ser ficar sentado em sua cadeira, ruminando, enchendo os cômodos de infelicidade e ódio. Era insuportável. Brian se mudou para o Missouri no dia em que saía do hospital; portanto, meu único refúgio era a casa de Jason. Eu dormia lá sempre que possível.

Por motivos desconhecidos, Jerry Driver também dissera a Jack que eu deveria me apresentar em seu escritório uma vez por semana. Toda segunda-feira, eu caminhava os oito quilômetros até o escritório de Driver, onde ele e seus dois ajudantes (Steve Jones e outro, chamado Murray) me interrogavam. Sua abordagem já não parecia amigável. Eles haviam mudado de tática, tornando-se diretamente antagônicos. Na maioria das vezes, Driver e eu ficávamos sozinhos, mas, se um dos outros dois homens estivesse lá, fazia de conta que estava perdido em pensamentos enquanto Driver perguntava sobre “atividades satânicas”.

Jack trabalhava em uma empresa de construção de telhados e, durante os meses de inverno e em dias de chuva, os trabalhos costumavam ser adiados, então ele me levava ao escritório de Driver. Enquanto Jack estava presente, Driver evitava sua insanidade habitual. Os olhos esbugalhados brilhavam e o bigode tremia enquanto ele me olhava do outro lado da mesa, mas conseguia se conter. Depois que Jack passou mais de um mês me acompanhando toda semana, Driver deve ter ficado exasperado, pensando que nunca mais me veria sozinho. Admitindo derrota, ele disse que eu não precisava mais me apresentar.

Enquanto Jason e Domini estudavam, eu não tinha nada para fazer, a não ser ler. Como não podia ir à escola, aprendia por conta própria. Passava a maior parte do dia na biblioteca pública de West Memphis, devorando um livro atrás de outro. Adorava a biblioteca. Reli tantas vezes os romances de Stephen King que as duas bibliotecárias separavam os lançamentos para que eu lesse primeiro. Havia algo um pouco assustador em tanto conhecimento contido em um único lugar. Aquilo dava um aspecto levemente sinistro aos livros.

Por fim, aceitei o conselho de meu ex-diretor e obtive o diploma de equivalência. Esperava ter de frequentar aulas ou algo do gênero, mas não tive essa sorte. Passei no exame com facilidade.

Como ainda tomava os antidepressivos receitados durante minha primeira visita ao hospital, precisei fazer visitas periódicas a um centro local de saúde mental, onde um médico renovava minha receita. Eles nunca se davam ao trabalho de me reavaliar ou questionar se eu ainda necessitava tomar o medicamento. Eu apenas recebia uma nova

receita, como se fosse uma autorização.

Achava minha vida bastante chata, mas Jerry Driver devia ter outra opinião. Um dia, Jason e eu víamos televisão no trailer enquanto Jack estava no trabalho. Fui atender alguém que batia à porta e deparei com Bo, um dos rapazes de Lakeshore. Ele estava suado e sem fôlego ao entrar e pegou um refrigerante antes de me dizer que Driver estava ali perto, no mercado de Lakeshore, fazendo perguntas a meu respeito.

— Ele me perguntou em que rua você morava e eu disse que não sabia — Bo me informou sem ironia nenhuma em sua voz.

Driver também dissera a todo mundo na loja para ficar longe de mim porque, mais cedo ou mais tarde, eu ia “me dar mal” e qualquer pessoa que estivesse comigo teria o mesmo fim.

Ao ouvir aquela notícia, Jason me olhou irritado e disse:

— Que diabos estamos fazendo? Nunca fazemos nada, mas esse maluco fica dizendo a todo mundo que estamos “aprontando”. Ele não tem nenhum crime de verdade para solucionar?

Aparentemente, não.

A última vez que vi Driver antes de meu julgamento foi na noite do jogo de futebol americano para comemorar a volta às aulas dos alunos do ensino médio. Jason e eu fomos porque não tínhamos absolutamente mais nada a fazer. Tivemos de voltar andando para casa após o final da partida e fomos interceptados por meu velho amigo. Ele dirigia para cima e para baixo pelas ruas de Lakeshore, provavelmente me procurando. Perguntou aonde íamos, o que estávamos fazendo e assim por diante. Quando terminou o interrogatório, continuamos a caminho do trailer de Jason, onde passamos a noite assistindo a filmes de terror. Esqueci totalmente esse incidente até meu julgamento por homicídio em que Driver foi testemunha. Ele disse muitas mentiras, entre as quais, que Jessie Misskelley caminhava conosco naquela noite, que estávamos os três carregando bastões e vestidos com roupas de satanistas e que ele achava que estávamos voltando de algum tipo de orgia de adoradores do diabo. O júri engoliu tudo como se fosse doce e adorou cada detalhe sórdido. Uma história digna dos tabloides, do naipe de “Rê Grande avistado!” ou “Menino morcego nasce em caverna!”. Isso era *prova*.

A tristeza de morar com Jack atingiu seu ponto máximo quando ele decidiu que eu precisava trabalhar e era incapaz de arrumar um emprego sozinho. Na verdade, é quase impossível convencer alguém a contratá-lo quando você não tem um carro ou alguém disposto a levá-lo para o trabalho. Tentei em todos os lugares. Jack convenceu seu chefe a

me contratar para trabalhar a seu lado, construindo telhados.

O serviço era duro, chato e perigoso, mas a pior parte é que eu não ficava um segundo longe da presença de Jack. Levantávamos ao raiar do dia e só voltávamos para casa após o anoitecer. A única coisa que eu conseguia fazer era voltar para casa, jantar, ir para a cama e descansar para o dia seguinte. Estava acorrentado a ele noite e dia. Isso durou meses. Comecei a odiar minha vida e me via preso naquela armadilha para sempre. Jack piorava a cada dia e não era só eu que notava. As pessoas com quem trabalhávamos tentavam ser simpáticas, mas eram tratadas com ódio.

Fui ficando cada vez mais desesperado para fugir da presença de Jack. Vasculhei meu cérebro na tentativa de encontrar uma ideia que permitisse minha libertação. Finalmente descobri a resposta, que o próprio Jerry Driver me dera. Ele insistira para que eu ficasse confinado em uma instituição psiquiátrica em duas outras ocasiões e, naquele momento, eu tiraria partido daquela decisão.

Seguindo uma sugestão de minha mãe, fui até o escritório do Serviço Social e me inscrevi para receber benefícios por incapacidade. Eles examinaram minha solicitação, que detalhava as passagens pelo hospital, e me declararam mentalmente incapaz. Eu teria direito a um cheque mensal. Não podia trabalhar e descontar o cheque ao mesmo tempo; portanto, assim eu me livrara do trabalho com Jack. A corrente estava partida. Quando contei a Jason, ele riu e os chamou de “vale-doideira”. O nome pegou e foi assim que começamos a nos referir a minha renda: “Já recebeu seu vale-doideira?” Na verdade, sim.

Doris e Ed, meus avós paternos, mudaram-se para West Memphis, e comecei a passar algum tempo na casa deles, a alguns quilômetros de distância. Fazia companhia a minha avó enquanto meu avô trabalhava. Amo meus avós paternos. Ibr mais velho que eu esteja, sempre me sinto como uma criança quando estou com eles. Sentir-se assim com qualquer outra pessoa seria irritante, mas não me importava de ter essa sensação junto deles. A vida parecia limpa e simples. Não dá para ficar de mau humor durante uma visita a minha avó — é impossível. Jason costumava ir comigo pois sabia que sempre havia comida lá. Assim que entrávamos, minha avó começava a preparar enormes tigelas de *chili* para nós, ou bacon e ovos com torradas; às vezes, costeletas de porco ou frango frito. As sobremesas eram sempre bolinhos e latas bem geladas de Coca-Cola. Minha avó é uma santa.

Um dia, enquanto eu a visitava, minha mãe ligou. Minha avó disse que eu estava lá e, em seguida, me entregou o telefone. Falei com meus pais, que ainda viviam no Oregon. Não foi desagradável; eles perguntaram como eu estava, onde passava as noites,

como estavam Domini e Jason. Tinha minhas restrições, mas não me importava de falar com eles. Aquela se tornou uma rotina: quando estava na casa de minha avó, falávamos ao telefone. Estávamos nos dando bem, mas eu continuava, até certo ponto, com o pé atrás em relação a eles, como faria com um cachorro que já tivesse me mordido.

Domini aparecia pouco na escola e ficava comigo enquanto Jack trabalhava. Nunca tivemos um romance tórrido, mas fazíamos companhia um ao outro. Eu não tinha nenhuma vontade de cair em outra situação na qual corresse o risco de passar pelo tipo de trauma que havia sofrido com Deanna, e Domini me dava segurança. Éramos amigos que faziam sexo, e aquele era o único tipo de relacionamento que eu estava disposto a ter. Talvez isso faça com que eu pareça egoísta, mas só quero ser sincero. Meu pior medo no mundo era sofrer uma desilusão amorosa. Quando Domini me ligou um dia e disse para eu ir até sua casa, eu já sabia o que era.

Ao chegar lá, sabia exatamente o que ela me diria, mas, curiosamente, eu não sentia nada. Sabia que minha vida estava prestes a mudar para sempre, porém eu estava estranhamente distante. Não estava feliz nem triste. Não havia empolgação nem medo. Fui um mestre zen por um dia.

Quando cheguei, Domini sorria, deslumbrante. Havia vários papéis espalhados sobre a mesa da cozinha e sua mãe estava a seu lado. Os papéis eram folhetos médicos. Sentei-me em uma cadeira, ela se acomodou em meu colo e pôs os braços em volta de meu pescoço. Em seguida, disse exatamente o que eu já sabia que ela ia dizer: estava grávida.

Hoje, por uma fração de segundo, senti o cheiro de casa. Era o cheiro do pôr do sol em uma estrada de terra. Achei que meu coração fosse explodir. O mundo que deixei para trás estava tão próximo que quase podia tocá-lo. Tudo em mim clamava por ele. É incrível como certas nuances de agonia têm sua própria beleza. Acho que nunca vou conseguir acreditar que o lar que conheci não existe mais. Ainda é real demais em minha cabeça. Gostaria de ter um punhado de terra daquela época para mantê-lo em uma garrafa e tê-lo sempre por perto.

O tempo mudou para mim. Não me lembro exatamente de quando aconteceu, nem se foi uma mudança repentina ou gradual. De alguma forma, a mudança simplesmente chegou sorrateira até mim, como um lobo na ponta dos pés. Droga, nem sei quando comeci a *notar* a mudança. O que *de fato* recordo é como cada dia parecia durar eternamente quando eu era criança. O tempo era tão longo e dilatado quanto o discurso de um político. Juro por Deus que, para mim, cada dia de verão durava vários meses. Era um garoto suado, sem camisa, que ficava sentado na varanda de minha avó enquanto os mosquitos voavam a minha volta como em um sonho. Os dias eram tão longos que minha jovem mente não conseguia conceber um bloco de tempo que perfizesse uma semana. Verão, calções, cortes de cabelo à escovinha e picolés existiam desde o Big Bang e só um idiota acreditaria que algum dia tudo aquilo acabaria.

Então, um dia me virei e percebi que anos inteiros escorriam como água entre meus dedos. A juventude fora roubada de mim às minhas costas. Ainda está acontecendo. Parece que assim que o sol nasce já está se pondo novamente. Agora vejo os anos passarem como um sopro e, às vezes, fico em pânico tentando agarrá-los com as unhas enquanto eles sobem por minha garganta. O próprio tempo se tornou uma corrida cruel rumo a um pôr do sol acinzentado. Ele abre portas para doenças e me deixa de mãos abanando. Não entendo como isso aconteceu. Como isso *continua* a acontecer. Até mesmo olhar essa situação de frente não muda nada, apesar de os idosos sempre dizerem que, “se você ficar de olho, as panelas nunca fervem”. O *sempre* pode ser medido com uma régua, e a eternidade não dura mais do que uma brisa.

Meu Deus, sinto falta do som das cigarras cantando. Eu costumava ficar sentado na

varanda, ouvindo aquelas hordas invisíveis gritando nas árvores como loucas. O único lugar em que as ouço agora é na televisão. Já vi transmissões ao vivo nas quais era possível ouvi-las ao fundo. Quando percebi o que estava ouvindo, quase caí de joelhos soluçando e negando aos gritos tudo o que havia perdido, tudo que foi roubado de mim. É um som poderoso, o som que meu lar produziria se não estivesse a uma eternidade de distância.

Ouvir as cigarras é como ter o coração esfaqueado por lâminas de gelo. Elas me lembram que a vida continuou para o mundo enquanto fiquei isolado em uma caixa-forte de concreto. Em muitas noites, fui acordado pela sensação de ratos caminhando sobre meu corpo, mas nunca ouvi o canto de verão das cigarras. A última vez que o ouvi, ainda não tinha vinte anos.

As pessoas em lugares como West Memphis não gostam de *nada* que se destaque, inclusive inteligência e beleza. Se uma mulher é inteligente o bastante para cuidar de seu corpo e não se tornar uma massa disforme e assexuada, as outras a olharão com ódio. Elas fazem olho gordo enquanto servem outro prato de brioches e costeletas de porco fritas. Se um homem é um pouco inteligente demais para o gosto dos moradores locais, ele logo cairá no ostracismo. A maioria não tem autodisciplina nem respeito próprio para se aprimorar e despreza quem os tem porque aquilo faz com que eles se sintam pequenos e inadequados. A menos que queira ser alvo de ressentimento, você precisará manter a cabeça baixa e arrastar os pés como o resto do rebanho. O que é menos tolerado em absoluto é a magia. Qualquer sinal de prodígio ou magia deve ser eliminado a todo custo. Depois, em vez de lamentar a perda, eles se congratulam. Nada é prosaico o bastante para o rebanho. Rostos interioranos insossos em lugares interioranos insossos.

Quando eu era criança, começou a circular em West Memphis uma história. Não sei de onde surgiu, mas algo a respeito dela me aterrorizou. Na verdade, a cidade inteira estava muito tensa. As pessoas diziam ter visto um cachorro com cabeça de homem. O boato era que o animal havia fugido do show de horrores de um parque de diversões itinerante que passara por aquela região. Um pregador jurou tê-lo visto ao olhar pela janela de casa. Os vizinhos ficavam em pé no gramado à noite com as mesmas expressões de quando vasculhavam o céu em busca de tornados. “Volte para dentro”, eles diziam bruscamente às crianças atraídas pela excitação que pairava no ar. Tenho certeza de que não fui o único que começou a ter pesadelos com o cão-homem.

No final, as pessoas parecem ter esquecido tudo, e aquela história desapareceu das conversas. Contudo, a *sensação* nunca foi embora. Uma atmosfera vaga de terror e medo

ficou pairando como neblina durante a década seguinte. Era o tipo de medo que priva as pessoas da capacidade de pensar com clareza. Era o tipo de medo que geralmente termina com uma turba assustada ferindo alguém.

Nesta parte do mundo, todos os templos são construídos em homenagem ao grande espírito da mediocridade. As comemorações são para eventos medíocres, e todos louvam um deus medíocre. As cabeças sobre os travesseiros produzem sonhos medíocres e os ventres dão à luz filhos medíocres. Ao fim de uma vida sem propósito, uma morte medíocre está à espera. O amor vem embrulhado em um pacotinho sem graça, e a satisfação das necessidades biológicas leva a um declínio acelerado. Não há momentos de grandeza nesta terra de estupor.

Aqui, no Sul profundo e escuro, conhecemos e vivemos o mundo real. O idealismo da Terra da Fantasia é silenciosamente sufocado pela umidade implacável. Este é o mundo no qual o punho encontra o rosto. É aqui que os calos na mão de um homem são maiores do que sua consciência e os sonhos são afogados em suor e lágrimas. A destruição mutuamente assegurada viaja pelas estradas em cavaletes para armas nas janelas traseiras de picapes. A bondade da natureza humana é guardada com os brinquedos da infância, e o único terceiro olho que tenho é o que uso para vigiar minhas costas. Todo mundo põe roupa de domingo e paga seu tributo ao matadouro da religião, e em seguida janta em uma comunhão canibal. As pessoas apoiam as costas nas pedras do campo e empurram até suas entranhas se romperem, depois arrancam suas refeições da terra com mãos ensanguentadas. Instrução é algo desconhecido para as bestas de carga queimadas de sol, e o analgésico vem do Tennessee sob a forma de garrafas com rótulos pretos. Ninguém aqui se movimenta com rapidez, mas *todos* se movimentam com certeza absoluta.

Meu aniversário de dezoito anos, em dezembro de 1992, passou em branco. Não houve bolo, comemoração, nem votos de felicidade. Jack nem sequer lembrou, ou, se lembrou, não se manifestou. Àquela altura, tenho certeza de que seu ódio por mim era igual ao nojo que eu sentia por ele. Ter-me em sua casa era uma lembrança de seu relacionamento falido e sua vergonha. Pelo menos agora eu me tornara oficialmente um adulto e estava fora da jurisdição de Jerry Driver. Como juiz de menores, ele só podia atormentar crianças.

Os tios de Domini haviam decidido se mudar e deixá-la para trás com a mãe, que tinha uma saúde muito debilitada. Ela era diabética e precisava de injeções de insulina, sem contar que o lado esquerdo do seu corpo estava quase totalmente paralisado por causa de um derrame. Ela demorava dez minutos para atravessar um cômodo e muitas vezes precisava de ajuda para se vestir. Nem é preciso dizer que as portas da oportunidade não estavam exatamente escancaradas para ela.

Depois de procurarem um lugar para ficar, Domini e a mãe localizaram um trailer em rápida desintegração em Lakeshore. Arrumaram um furgão para transportar seus pertences, mas uma garota de 55 quilos grávida e uma mulher semiparalisada não se revelaram muito hábeis no processo de mudança. No final, a maior parte do carregamento e descarregamento sobrou para mim, mas não me importei. Era uma chance de ver todas as coisas interessantes que elas haviam acumulado: velhas gaiolas de pássaros, piteiras em forma de cobra, livros embolorados e outros tesouros variados. Elas estavam extremamente preocupadas com o pagamento das contas.

Enquanto isso, a pressão continuava a aumentar com Jack. Ele me acusava o tempo todo de várias coisas que eu não havia feito, como dar festas e deixar que pessoas entrassem em seu quarto enquanto ele estava no trabalho. Eu não conhecia gente suficiente para dar uma festa e não havia nada de valor em seu quarto. Ele surtava e gritava comigo, aproximando seu rosto do meu, mas não me batia. Eu percebia que, às vezes, era o que ele tinha vontade de fazer, mas Jack nunca me bateu.

Uma noite, eu não estava mais aguentando. Ele berrou comigo como sempre e eu simplesmente me levantei e fui embora. Saí porta fora enquanto ele falava.

Estava escuro, frio e garoava, e eu andava para cima e para baixo pelas ruas de Lakeshore. Ainda devia ser inverno, pois me lembro de que usava um casaco de couro. Parece que está sempre escuro, frio e garoando quando passo por momentos de mudança emocional. Eu costumava usar um velho chapéu preto e gostava de ver a chuva pingando da aba. Sentia-me como um personagem em um *western spaghetti*. Foi o que fiz por umas duas horas antes de finalmente ir para a casa de Domini, onde passei aquela noite.

No dia seguinte, fui pegar minhas coisas enquanto Jack estava no trabalho e as levei para a casa de Domini. Com meu “vale-doideira” e o dinheiro que Domini recebia do pai, conseguíamos pagar o aluguel e sobreviver. Até começamos a comprar alguns itens para o bebê que logo nasceria. Não tínhamos dinheiro para um carro; portanto, um emprego decente continuava fora do meu alcance. Eu tinha certeza de que, se eu tivesse um meio de cruzar a ponte e ir até Memphis todo dia, poderia encontrar algo bom.

Domini abandonou a escola por causa da gravidez, e passávamos os dias juntos. Saíamos para caminhar, víamos televisão, alimentávamos os patos que iam até o lago ou fazíamos companhia a sua mãe ouvindo música. Passamos os dias assim durante vários meses. Conversávamos sobre como seria depois que o bebê nascesse e concordamos que deveríamos nos casar, embora nunca tenhamos feito planos sólidos.

Eu continuava a falar ao telefone com meus pais e, logo depois que contei sobre a gravidez de Domini, eles me disseram que estavam voltando para o Arkansas. Parecia que as coisas não iam muito bem no Oregon. Eu não tinha certeza do que sentia em relação àquilo, pois sabia que significava que eles voltariam a fazer parte de minha vida. Poderia ser bom ou ruim. Só o tempo diria. Eles iam chegar dali a uma semana mais ou menos. Dei nosso endereço para que pudessem nos visitar.

Durante aqueles meses calmos e serenos com Domini, passei a acreditar que as coisas nunca mudariam. Não que eu desejasse que as coisas ficassem daquela maneira para sempre, mas parecia que eu não tinha muita escolha. Estava perdendo minhas forças. Desde criança, eu sentia que nunca fazia nada, apenas esperava que meu lugar especial na vida se revelasse para mim. Muitas vezes, tinha medo de não perceber quando isso acontecesse. Achava que a vida estagnada que levava não era o que estava reservado para mim, mas não tinha ideia do que fazer a respeito disso. Tudo o que eu podia fazer era esperar, esperar, esperar. Sabia que não deveria viver e morrer em um estacionamento de trailer do qual o resto do mundo nunca tinha ouvido falar.

Meus pais chegaram ao Arkansas pela manhã em um dia de semana no início da primavera. Domini e eu ainda dormíamos quando minha mãe e minha irmã bateram à porta e a mãe de Domini as convidou para entrar. Eu ouvia a conversa delas na sala e concluí que era melhor me levantar. Ao que parecia, o sotaque sulista de minha mãe ficara mais forte enquanto ela esteve fora. Foi muito estranho ouvir sua voz ao vivo outra vez; parecia que o dia era especial de algum modo, como se fosse feriado.

Demorei intencionalmente a me vestir e escovar o cabelo antes de entrar na sala de estar, sobretudo porque não sabia o que fazer. Não tinha ideia de como me comportar naquela situação. Quando enfim entrei na sala e vi minha mãe e minha irmã sentadas, percebi que minha irmã estava com os olhos arregalados, mas em silêncio. Meu pai não estava. Perguntei-me se aquilo significava alguma coisa. Minha mãe se virou e me viu olhando para ela, depois se apressou em me abraçar. A primeira coisa que me chamou atenção era quanto eu havia crescido. A cabeça de minha mãe batia em meu queixo. Enquanto ela fazia uma cena derrubando algumas indispensáveis lágrimas, abracei minha irmã e perguntei onde estava meu pai. Ele estava na nova casa deles, descarregando a mudança. Meu irmão caçula estava com ele. Meu pai nos encontraria na casa de minha avó Doris para tomar café da manhã.

Domini e eu fomos com elas e, no caminho, ouvimos as histórias de suas aventuras no Oregon. Elas pareciam descansadas e felizes, apesar de terem viajado uma semana de carro. Quando pus os olhos em meu pai, vi algo que parecia dúvida em seu rosto, como se ele, assim como eu, não soubesse o que fazer. Ele estava nervoso e inseguro.

Sem ter a mínima ideia do que dizer, abracei-o. Domini fez a mesma coisa. Aquilo pareceu deixá-lo à vontade. O constrangimento sumiu e ele começou a se comportar normalmente. O traço mais característico de meu pai é sua tosse. Ele tossia muito por ter fumado a vida toda, e ouvi-lo tossir me deixava à vontade por algum motivo; amolecia meu coração em relação a meus pais. Talvez porque aquilo me lembrasse que eles eram apenas humanos, sujeitos aos mesmos sentimentos que todas as pessoas. Minha mãe engravidara de mim aos quinze anos; ambos abandonaram o ensino médio e nunca conheceram outra vida.

Eu pelo menos sabia que outra vida era possível, embora tivesse dificuldade em conquistá-la. Eles acreditavam que aquele era o único tipo de vida existente. Não tinham imaginação para vislumbrar outra coisa nem vontade de alcançá-la. Eu sentia pena deles.

Ainda sinto às vezes, embora isso não signifique que sua idiotice constante não me leve às raias da loucura. Eles nunca aprenderam com os próprios erros. Provavelmente, seria mais fácil para todos se eu parasse de esperar que aprendessem.

Depois que se instalaram na casa nova, comecei a passar algum tempo com eles. Alternava entre a casa de Domini e a de meus pais. Domini fazia o mesmo, e Jason também dormia lá de vez em quando. Um dia, de brincadeira, ele me chamou de nômade após termos feito escala nas duas casas antes de ir à de minha avó para ver quais pratos saborosos ela serviria. Aquele comentário fez com que eu passasse a me sentir um pouco como um cigano. Eu não brigava com meus pais naquela época, talvez porque sempre pudesse fugir deles.

Eu já era legalmente adulto, estava prestes a me tornar pai e tinha um relacionamento que certamente acabaria em casamento. Nunca abandonaria Domini. Às vezes, acho que isso vinha da simples determinação de não cometer os mesmos erros de meu pai. Mas eu não estava apaixonado.

Pensava com frequência em Deanna e imaginava o que havia acontecido. Pbr pura coincidência (uso essa palavra, mas não acredito na existência dela), descobri a igreja que a família de Deanna tinha começado a frequentar. A possibilidade de vê-la novamente me atormentava. Eu não conseguia tirar aquilo da cabeça e ficava imaginando o tempo todo o que aconteceria, como ela reagiria e o que eu veria em seus olhos. Tinha uma porção de perguntas que precisavam de respostas. Eu não conseguia entender como ela havia rompido de maneira tão absoluta e completa nossa ligação. Precisava de uma explicação.

Em um domingo de manhã, lá estava eu me preparando para descer ao maldito reino do fundamentalismo. De fora, a igreja parecia uma lanchonete do KFC com um campanário. Sabia que aquele não era meu lugar, mas precisava fazer aquilo ou não teria paz. Esgueirei-me lá para dentro, sentei-me em um dos últimos bancos da congregação e observei a atividade. As pessoas gritavam irritantemente saudações, apertavam mãos e davam tapinhas nas costas umas das outras como se não se vissem havia anos. Reparei que alguns me olhavam de esguelha, mas ninguém se aproximou. Ninguém sorriu para mim, apertou minha mão ou me deu tapinhas nas costas. Ninguém sequer disse “oi”.

Esquadrinhando as fileiras, vi Deanna sentada bem no meio daquele lugar com a família. Fazia um ano que não a via, mas ela não mudara. Não sei ao certo o que senti, mas meu coração veio parar na boca. Eu não conseguia respirar. Ela me viu... e desviou o olhar. Não vi nem um aceno de reconhecimento. O que aquilo queria dizer? Eu esperava algo, qualquer coisa, mas seus olhos passaram por mim como se eu nem estivesse ali.

Fiquei sentado durante os noventa minutos em que o pastor com o rosto corado gritou e bateu com os punhos no púlpito, mas não escutei uma palavra sequer. Eu encarava as costas de Deanna, desejando que ela se virasse e demonstrasse algum tipo de reação, mas isso nunca aconteceu.

Quando tudo terminou, saí e fiquei em pé na calçada. Eu tentava descobrir o que aquilo significava enquanto observava a família dela entrar no carro e ir embora. Virei-me para ir embora e ouvi alguém dizer:

— Ei! Quero falar com você um minuto.

O pastor olhava para mim sem piscar e se aproximava.

Ele parou na minha frente de braços cruzados e não se ofereceu para apertar minha mão.

— O que é isto? — perguntou ele, apontando para um broche na minha jaqueta.

Era a cruz de ferro da capa do álbum *Appetite for Destruction* do Guns N' Roses.

— É alguma espécie de objeto satânico?

Respondi que com certeza não era, mas ele ainda parecia duvidar.

— Não quero você por aqui deixando as pessoas constrangidas.

Ele estava começando a ficar irritado.

— Não se preocupe, não vou voltar.

Saí andando, ainda tentando descobrir o significado de tudo aquilo.

Em maio, Domini e eu já estávamos discutindo um pouco, mas nada sério. Coisa de quem passa tempo demais junto e precisa se desligar um pouco. Dormi na casa de meus pais por algumas noites para nos dar algum espaço. Um dia, levantei-me e fui comer uma bela tigela de Froot Loops no café da manhã. Aquele tucano faz um cereal bom para caramba. Enquanto mastigava alegremente e contemplava o fato de que logo o leite de minha tigela ficaria rosa, liguei a televisão. Nada combina mais com Froot Loops do que desenhos animados. Não estavam passando desenhos naquele dia. Todos os canais mostravam o mesmo boletim especial de notícias sobre três crianças assassinadas que haviam sido encontradas no dia anterior. Todas as reportagens diziam a mesma coisa: os corpos de três meninos de oito anos tinham sido encontrados mutilados em um bosque próximo. Parecia que todos os repórteres do mundo haviam baixado em West Memphis.

Não era só o pessoal da televisão que falava sobre aquilo: a cidade inteira estava em polvorosa. Era o assunto do momento e os boatos logo começaram a correr. Ouvi as mesmas duas palavras inúmeras vezes durante o mês seguinte: “satanistas” e “sacrifício”. Cada dia que passava sem que um suspeito fosse preso aumentava o falatório e as palavras se cimentavam mais na mente de todos os fofoqueiros da cidade.

Naquele mesmo dia em que vi a primeira reportagem, 7 de maio, uma sexta-feira, policiais começaram a farejar minha casa, embora mais tarde tenham negado e dito que só foram me considerar um suspeito várias semanas depois. Assim que a cobertura da mídia começou, um policial chamado James Sudbury e o ajudante de Jerry Driver, Jones, bateram a minha porta. Achei interessante o próprio Driver não ter aparecido. Eles entraram em minha casa e disseram que queriam falar comigo em particular. Evidentemente, não queriam que minha família ouvisse o que tinham a dizer. Minha mãe, minha irmã e minha avó paterna viram quando levei Sudbury e Jones para o quarto de Michelle e fechei a porta. Eles se sentaram na beirada da cama, e eu no meio.

Aquela foi a primeira vez que vi Sudbury. Ele era barrigudo, cobria sua careca penteando os cabelos por cima de uma forma medonha e tinha olhos cansados e lacrimosos. Também usava aquele bigode de ator pornô dos anos 1970 tão popular entre seus colegas. Sudbury não falou muito, apenas ficou sentado em silêncio enquanto o

ajudante de Driver fazia as perguntas. Com voz melosa e olhos mentirosos, Jones falava coisas como: “Algo ruim aconteceu e precisamos muito de sua ajuda.” Em vez de me interrogar sobre os assassinatos, ficava ladeando com assuntos do tipo: “Qual é o seu livro da Bíblia preferido e por quê?”, “Você já leu alguma coisa de Anton LaVey?”, “Qual é seu escritor favorito?” Parecia que eles não conseguiam decidir se iam conduzir uma investigação de assassinato ou escrever uma resenha literária. No final, obviamente, veio o inevitável:

— Você ouviu falar de adoradores do diabo na região ou de planos para sacrificar crianças?

Achei tudo aquilo repugnante. Em vez de tentar descobrir quem havia assassinado três crianças, estavam se entregando a fábulas e joguinhos infantis. Um bom exemplo da utilização dos impostos pagos pelos contribuintes.

Antes de eu sair, tiraram uma foto minha com uma Polaroid. Mais tarde, descobri que eles a mostraram a quase todas as pessoas na cidade, usando-a para incutir ideias nas mentes de um público já assustado. No tribunal, negaram terem tirado a foto e até mesmo terem ido me ver naquele dia. Eles não tinham outra escolha, pois Jones e Driver eram de um departamento diferente e não deveriam estar envolvidos de forma alguma na investigação. Àquela altura, no tribunal, as mentiras deslavadas não me chocavam mais, pois eu as havia ouvido muitas vezes.

Aquela visita foi a primeira de várias. Logo eles passaram a me procurar diariamente. Iam à casa de meus pais, ao trailer de Domini e à casa de Jason. Não eram sempre os mesmos agentes; havia um rodízio entre seis deles. As perguntas eram as mesmas, dia após dia. Ficou bastante claro que aqueles palhaços não estavam procurando um assassino. Jerry Driver e seus dois ajudantes, Jones e Murray, puseram uma pulga atrás da orelha do departamento de polícia de West Memphis. Em vez de conduzir uma investigação de homicídio de verdade e verificar provas forenses, a polícia começou imediatamente a correr atrás de histórias de figuras com mantos negros que dançavam em volta de fogueiras e entoavam cânticos demoníacos.

A partir daquele dia, era só disso que as pessoas falavam. Toda a cidade estava petrificada porque tinha certeza de que o inferno havia tomado conta do Arkansas. Todo pregador bronco da região fazia sermões sobre o “fim dos tempos” que enfrentávamos; portanto, era melhor nos acertarmos com Deus, senão o diabo também viria atrás de nós. Não se esqueça de que este é um estado no qual um quarto da população não sabe ler textos mais elaborados que os da quinta série. Ignorância gera superstição. As

pessoas acreditavam naquelas histórias e ajudavam a disseminá-las. Depois de ver minha foto, um homem jurou à polícia que eu o havia feito levantar. Outro jurou que a polícia afirmava ter encontrado pedaços de corpos embaixo de minha cama. Esse tipo de história passava por investigação.

O assédio constante continuou a se intensificar. Em poucos dias, em vez de ir a minha casa, eles me levavam à delegacia. Era mais fácil brincar de policial bonzinho/policial malvado lá. Um deles (geralmente Sudbury, que tinha hálito de quem comia cebolas de manhã, de tarde e de noite) ficava gritando na minha frente: “Você vai para a cadeira elétrica! Portanto, é melhor confessar agora!” O outro policial fingia, então, ser meu amigo e agia como se estivesse me salvando da “ira” de Sudbury. Eu era só um adolescente e tudo aquilo já parecia bastante patético até para mim.

Isso continuou diariamente por um mês. Minha avó ficou preocupada e vendeu suas alianças para contratar um advogado para me acompanhar à delegacia, mas a polícia se recusou a deixá-lo entrar. Eles mentiram e disseram que nunca o chamei, embora eu o tenha feito diversas vezes. Minha avó perdeu as alianças de noivado e casamento à toa.

Eu não via problema algum em responder àquelas perguntas, pois não tinha nada a esconder. Não havia feito nada de errado e imaginei que, mais cedo ou mais tarde, eles iam parar com aquela insanidade. Não foi o que aconteceu. Quanto mais eu cooperava, mais agressivos e beligerantes se tornavam.

Apesar do comportamento violento, a ameaça não parecia mais intensa do que o tom de assédio que se arrastava havia dois anos com Driver. Isso mudou permanentemente na última vez que fui levado até a delegacia antes de ser preso. Fiquei lá oito horas. Não pude tomar um gole d’água, comer nada, nem mesmo usar o banheiro. Eles gritavam e me ameaçavam o tempo todo, tentando me forçar a confessar. A pressão psicológica era enorme. Teriam me mantido lá a noite toda se eu não tivesse finalmente pedido para que me acusassem de algum crime ou me deixassem ir para casa. Estava sofrendo de exaustão extrema, minha cabeça latejava e meu corpo continuava tentando vomitar, embora não houvesse nada em meu estômago. Parecia que eu havia sido atropelado. Se você nunca passou por algo assim, não vai conseguir entender. Não há outra palavra a não ser “tortura” para descrever o que eles fizeram comigo.

Na noite de 3 de junho, meus pais e Nanny foram a um cassino para uma noite de jogatina. Minha avó adorava jogar vinte e um mais do que qualquer outra coisa no mundo, e meus pais ficavam felizes em lhe fazer companhia. Eles ficaram fora a noite toda. Michelle, Jason, Domini e eu tínhamos decidido ficar vendo filmes de terror.

Estávamos ridicularizando um filme que parecia ter sido produzido com mais imaginação do que dinheiro quando alguém começou a esmurrar a porta. Não bater, mas esmurrar. Dava para sentir as vibrações até no chão. Do lado de fora, alguém gritou:

— É Sudbury! Abra a porta!

Meu primeiro pensamento foi: *Dane-se*. Eu estava farto daqueles palhaços me atormentando todo dia. Imaginei que fosse a mesma lenga-lenga de sempre e que eles acabariam se cansando de esperar e iriam embora. Quando as pancadas na porta continuaram e se tornaram ainda mais insistentes, percebi que havia algo errado. Estavam sendo ainda mais agressivos do que de costume. Fui atender e ver o que queriam.

Quando abri a porta, havia três policiais em pé na escada, todos apontando armas direto para meu rosto. Os canos das armas estavam a menos de dez centímetros de minha pele. Outro policial ficou no chão, apontando uma arma para meu peito. No seu afã para me algemar e pôr dentro de uma viatura, Sudbury quase me derrubou. Olhando para trás, eu disse a Domini:

— Não se preocupe.

Afinal, é impossível provarem que você fez algo se você não fez, certo? Pelo menos era o que eu pensava.

Foi uma cena de caos total. Não lembro se meus direitos foram lidos em meio ao barulho e à correria da polícia. Não vi se prenderam Jason; fui carregado para fora muito depressa. Mais tarde, descobri que o levaram logo depois de mim. Após ter sido posto em uma viatura, fui levado direto para a delegacia e escoltado até um pequeno escritório por um policial que parecia um porco que havia aprendido a andar em duas pernas. Não vi um único policial na delegacia que parecesse estar minimamente em forma, mas aquele sujeito era o pior de todos. Era tão gordo que seu próprio peso o sufocava. Pesava no mínimo 160 quilos. Não tinha pescoço, e o nariz era virado para cima como um focinho. Aprendi, ao longo dos anos, que mais cedo ou mais tarde a aparência física de uma pessoa começa a se assemelhar ao que ela tem no coração. Sinto arrepios ao imaginar qual era a verdadeira natureza daquele sujeito. Por algum motivo, eu não conseguia parar de pensar nele como o “Porquinho”.

O Porquinho era um babaca da velha guarda. Dava para perceber que ele nunca tinha sido bem-sucedido em nada na vida e queria se vingar. Parecia pensar que sua missão pessoal enviada por Deus era me assediar e atormentar de todas as maneiras possíveis. Suas mãos ficavam em cima de mim o tempo todo; ele me empurrava, puxava e sacudia toda hora.

Depois de dez ou quinze minutos, o inspetor-chefe entrou no escritório e se sentou atrás de uma escrivaninha. Seu nome era Gary Gitchell, e eu o vi na delegacia algumas vezes antes, mas nunca tinha precisado falar com ele. Gitchell era ligeiramente mais inteligente que os colegas, e provavelmente por isso era o chefe. Não era um grande intelectual, mas também não precisava ser, se comparado ao resto.

— Você quer me dizer alguma coisa? — perguntou.

Respondi com um olhar vazio e não falei nada.

— É melhor você me contar alguma coisa agora porque seu amigo já confessou. Esta é sua única chance de não levar toda a culpa.

Eu me senti perdido naquela conversa, ou como se tivesse deixado passar alguma coisa, pois nada daquilo fazia sentido para mim. Amigo? Confessou?

— De quem você está falando? — perguntei.

Era a vez dele de me encarar com um olhar vazio. Não fazia ideia de a quem ele poderia estar se referindo, pois sabia que não podia ser Jason.

Ele continuou seguindo a mesma linha com afirmações do tipo: “Você deveria nos contar algo logo porque seu amigo já está apontando para você. Se não quiser que ele jogue toda a culpa em você, esta é sua única chance.”

Isso prosseguiu por pelo menos meia hora; Gitchell falava enquanto o Brquinho observava. Quando ele enfim percebeu que aquilo não ia dar em nada, fui colocado em uma cela não muito maior do que uma cabine telefônica. Fiquei largado lá a noite toda, confinado a um espaço tão pequeno que eu sequer podia esticar as pernas. Não havia água, banheiro, nada. Vez por outra, Gitchell entrava e repetia as mesmas perguntas. A certa altura, veio e disse:

— Um dos guardas me disse que você queria falar comigo.

Havia horas que eu não via guarda algum.

— Ele mentiu — informei a ele.

Isso continuou até bem depois do raiar do dia.

Quando eu não estava sendo interrogado, tentava entender aquele mistério. A quem Gitchell se referia? O que o tal amigo dissera que eu tinha feito? Nada daquilo fazia sentido.

Um policial entrou e pediu minhas roupas. Eu nunca havia passado por algo semelhante e achei que ele fosse alguma espécie de pervertido, a julgar por sua aparência. Deram-me outras: um uniforme de policial velho e esfarrapado, pelo menos dez números maior do que meu tamanho. Precisei embolar o cós e amarrá-lo com um nó

para que as calças não caíssem. Foi assim que apareci no tribunal pela primeira vez.

Às dez da manhã de 4 de junho, fui levado ao juiz. Jason, Jessie e eu fomos convocados separadamente. Escoltaram-me por um corredor estreito que, de repente, se abria para um tribunal. Fiquei atordoado com o contraste. A prisão em si era imunda e estava infestada de baratas a ponto de eu não querer tocar em nada com medo de ser contaminado. Era um lugar que o público em geral nunca deveria ver. Eu me acostumara, por isso o tribunal imaculadamente limpo e bem iluminado era dissonante.

Pisquei como um animal arrancado de uma toca e olhei a minha volta. A sala estava abarrotada e os únicos rostos que reconheci foram os de meus pais. Todas as outras pessoas me observavam com ódio nos olhos. A cada intervalo de poucos segundos, alguém se levantava e tirava fotos minhas. Eu não dormia havia cerca de 36 horas; portanto, tudo me parecia ainda mais surreal.

O juiz, cujo nome era Rainey, começou a murmurar enquanto eu me apoiava em uma parede para evitar que meus joelhos cedessem. Quatro policiais me seguravam o tempo todo, como se esperassem que eu me soltasse e sáísse correndo a qualquer momento. Em cerca de dez minutos, fui acusado de homicídio triplo qualificado. Não ouvi as acusações por causa do pânico, do medo e da exaustão em minha cabeça. Quando o juiz chegou à parte do espetáculo em que diz “O réu afirma ser culpado ou inocente?”, respondi:

— Inocente.

Estava seguindo as instruções de um advogado que me fora temporariamente designado e que dissera, minutos antes da audiência, o que eu deveria responder. Minha voz soou sem emoção, monótona e baixa. Senti uma onda de indignação vinda da galeria crescer em minha direção. A voz monocórdia do juiz se parecia estranhamente com a de um leiloeiro quando ele começou a falar de uma confissão. Eu estava tão exausto e chocado que só conseguia acompanhar muito pouco do que ele dizia. Finalmente percebi que ele me perguntou se eu queria que a confissão fosse lida em voz alta ou simplesmente anexada aos autos. Estava começando a me sentir um pouco irritado e minha voz soou um pouco mais resoluta quando disse:

— Leia.

Dava para perceber que ele não gostou nem um pouco da ideia. De fato, parecia incomodado ao olhar para baixo e começou a embaralhar os papéis.

Ibr fim, o juiz murmurou que não faria aquilo, mas pediria um recesso até eu terminar a leitura. Durante o recesso, fui levado para um almoxarifado cheio de material

de limpeza e recebi uma pilha de papéis enquanto dois policiais me encaravam. Meu cérebro estava tão embotado que eu só conseguia entender um quinto do que lia, mas pelo menos descobri quem havia feito a confissão. O nome escrito no topo da página era “Jessie Misskelley”. A primeira coisa que pensei foi: *Será que ele realmente fez aquilo?* Logo em seguida, refleti: *Por que ele disse que fui eu?* Mesmo em estado de choque, percebia que havia algo de errado naquela “confissão”. Para começar, cada linha parecia contradizer a anterior. Qualquer idiota poderia ver claramente que ele só estava concordando com tudo o que os policiais diziam. Foi aí que saquei por que o juiz não quis ler a confissão em voz alta. Qualquer pessoa com um QI médio veria que era uma armação. Tudo aquilo cheirava muito mal.

Não me espanto muito com o fato de os policiais terem forçado Jessie a dizer o que queriam. Se o tratamento que lhe deram foi o mesmo dispensado a mim, era surpreendente que Jessie não tivesse sofrido um colapso nervoso. Eles usaram tortura física e psicológica para me desestabilizar. Em um dado momento, ameaçavam me matar; no momento seguinte, comportavam-se como se fossem meus melhores amigos e como se tudo que estavam fazendo fosse para meu próprio bem. Empurravam-me contra paredes, cuspiam em mim e não me davam um minuto de trégua. Quando um deles se cansava, outro chegava para substituí-lo. Quando eu recebia autorização para voltar para casa nos primeiros interrogatórios, estava com enxaqueca e havia passado por períodos de náusea e vômito. Sobrevivi porque, quando pressionado, eu me comportava como um babaca, exatamente como os próprios policiais. Meu argumento é que não passávamos de garotos. Adolescentes. E eles nos torturaram. Como esperar que alguém como Jessie, com o intelecto de uma criança, pudesse suportar tudo aquilo e sair inteiro?

Fico enojado ao pensar que o público confia nessas pessoas, que são responsáveis por defender a lei, mas torturam jovens e deficientes mentais. As pessoas neste país acreditam que os corruptos são a exceção. Não são. Qualquer um que já precisou se envolver profundamente com eles sabe que os corruptos são a norma. Já me perguntaram muitas vezes se tenho raiva de Jessie por ele ter me acusado. A resposta é “não”, porque a culpa não é de Jessie. A culpa é dos “funcionários públicos” fracos e preguiçosos que abusam da autoridade que as pessoas, em boa-fé, põem em suas mãos. Tenho raiva de policiais que preferem torturar um garoto retardado a procurar um assassino. Tenho raiva dos juízes e promotores corruptos que arruinam a vida de três pessoas inocentes para proteger seus empregos e promover suas ambições políticas. Para eles, não passávamos de lixo, moradores de trailers dos quais ninguém sentiria falta. Eles

achavam que podiam tirar nossas vidas e assim encerrar a questão, varrendo tudo para debaixo do tapete. Se o mundo não tivesse percebido, era exatamente assim que a questão teria sido encerrada mesmo. Não, não sinto raiva de Jessie Misskelley.

* * *

Tudo o que eu havia visto na TV e lido em livros me fazia acreditar que os policiais eram bons e que os corruptos eram poucos e raros. Então por que ninguém se apresentava para expor aquele monte de mentiras? Por que todos compactuavam com algo tão fraudulento? A resposta: para salvar a própria pele. Os policiais designados para meu caso eram membros da força-tarefa para o combate de narcóticos de West Memphis, policiais que normalmente não investigariam aqueles homicídios. Também houve uma oferta de ajuda na investigação por parte da Polícia Estadual do Arkansas que foi recusada. Parece que vários dos policiais da força-tarefa para o combate de narcóticos estavam sendo investigados pelo FBI por tráfico de drogas, lavagem de dinheiro e violação de provas confiscadas, e a última coisa de que precisavam era que o mundo inteiro os visse zanzando de maneira incompetente e fingindo conduzir uma investigação. Eles precisavam resolver aquele caso logo e nós fomos a solução fácil. Um dos policiais disse a Jason:

— Vocês não passam de gentinha. Poderíamos matá-los e jogar seus corpos no Mississippi e ninguém se importaria.

Éramos descartáveis, sub-humanos. Bastava nos jogar no moedor de carne e o problema desapareceria. Nunca seríamos ninguém mesmo.

Após ter lido o roteiro/confissão, fui levado de volta ao tribunal. O juiz voltou a murmurar, e eu estava a ponto de desmaiar. De repente, todo mundo se agitou quando um homem gordo e de pele ruim pulou de seu assento e tentou atravessar o corredor. Gritava algo incoerente quando os policiais o pegaram, e fui tirado apressadamente da sala. Mais tarde, descobri que era o pai de uma das crianças assassinadas. Eu não podia culpá-lo. Agora tenho um filho e talvez tivesse feito a mesma coisa se pensasse estar frente a frente com o homem que o machucara. Ele só precisava de alguém a quem atribuir a culpa por sua dor. Ele não estava interessado em fatos, nem em provas.

Quando voltei para a parte escura e suja do edifício, eles começaram a passar correntes por minha cintura, por minhas mãos, por meus pés e por qualquer outro lugar que parecesse adequado. Vi Jason a alguns metros de mim sendo submetido ao

mesmo tratamento. Também usava um uniforme da polícia velho e esfarrapado. A sua frente, estava Jessie Misskelley, também acorrentado, mas vestindo suas próprias roupas. Talvez aquela fosse outra forma de punir a mim e a Jason por não termos feito a confissão que eles queriam.

Empurraram Jessie para fora e pude ver a luz do sol e ouvir o rugido da multidão. Era como se um juiz tivesse cometido um erro no Super Bowl. Em seguida, eu e Jason saímos acompanhados ao mesmo tempo. Havia um círculo de policiais a minha volta, todos tentando me arrastar. Teria de correr para manter o passo deles, mas minhas pernas estavam acorrentadas e meus pés, descalços. Arrastaram-me pelo concreto, arrancando duas unhas e uma boa quantidade de pele de meus pés. A multidão ficou frenética quando nos viu. Parecia que toda a cidade tinha ido nos ver, e todo mundo gritava, berrava e atirava objetos. Eles queriam nos crucificar ali mesmo. Imaginei que aquilo fosse o mais próximo que um homem moderno pudesse chegar da experiência do Coliseu romano.

Jogaram-me na traseira de um carro e me mandaram ficar abaixado. Havia dois outros policiais no banco da frente, ambos gordos e com os bigodes de sempre. Poderiam passar por irmãos. O que estava ao volante logo saiu dirigindo em alta velocidade. Em posição fetal no banco de trás, eu vomitava e tinha espasmos. Um policial olhou para mim, xingando. Enojado, cuspiu:

— Que ótimo!

Ninguém me dirigiu mais a palavra até o fim da viagem. Não sabia para onde me levavam.

Em algum momento naquela tarde, finalmente paramos diante de um pequeno edifício branco com várias viaturas policiais estacionadas do lado de fora. Alguns homens velhos e encarquilhados molhavam os carros com mangueiras sem muito empenho. Quando me escoltaram para dentro do edifício, ouvi os policiais dizerem para lavarem o banco traseiro onde eu havia vomitado.

Uma vez dentro da prisão do condado Monroe, as correntes foram removidas e me disseram para tirar a roupa. Fiquei nu enquanto um policial borrifava algum tipo de repelente para piolhos em todo o meu corpo. Quatro ou cinco outros policiais observavam e conversavam distraidamente. Aquilo não era novidade para eles. Logo eu mesmo começaria a ver aqueles eventos como corriqueiros. Depois de meu banho antipulgas, recebi um par de calças brancas e uma camisa azul. Um dos velhos que lavavam carros me entregou uma toalha, um cobertor e uma esteira igual às usadas pelas

crianças no pré-escolar. Após o fim da cerimônia de integração, fui empurrado para dentro de uma cela que seria meu lar durante a maior parte do ano seguinte.

A cela à qual fui confinado em 4 de junho tinha quatro lajes de concreto que serviam de camas. Havia uma pequena mesa de metal presa ao chão, um compartimento com chuveiro e, suspenso em um canto, um televisor que só transmitia dois canais. Durante a primeira semana, só havia mais uma pessoa na cela comigo. Seu nome era Chad, um sujeito branco com um problema terrível de acne e cabelos cacheados e sujos. Estava ali por causa de uma acusação de homicídio passível de pena de morte. Matara alguém com uma escopeta de cano serrado enquanto roubava uma casa. As costas de meu companheiro de cela já haviam começado a se curvar formando uma corcunda, como se ele fosse um velho, embora tivesse apenas dezesseis anos.

Chad parecia um pouco lento de raciocínio, se é que você me entende. Ele afirmou que estava ali havia anos e se mostrou muito empolgado por ter companhia. Não consegui responder a nenhuma de minhas perguntas: não sabia onde estávamos, a que distância ficava West Memphis, como fazer para dar um telefonema ou qualquer outra coisa que eu quisesse saber. Ele simplesmente abria um sorriso e jogava as mãos para o alto como se quisesse dizer: "Sei lá. Só Deus sabe." Em seguida, ficava balançando para a frente e para trás por um tempo. Não era muito animador.

Fiquei uma semana sem saber onde estava. Deduzi que talvez meu paradeiro estivesse sendo mantido em segredo absoluto e que nem Domini nem minha família soubessem onde eu me encontrava. A reação de Domini me preocupava. Meus pais e eu não nos dávamos tão bem assim, mas, quando você está afundando daquela maneira, tenta se agarrar a qualquer coisa. Sentia-me perdido, sozinho e vazio. Se estivesse flutuando no espaço sideral, o medo seria o mesmo. Não tinha feito nada para merecer aquilo e estaria ferrado se aqueles babacas me pegassem para bode expiatório.

Ainda tomava antidepressivos, que os guardas me davam todas as noites. Naquela primeira semana, tive a engenhosa ideia de guardá-los e tomar todos de uma vez. Era a única saída que conseguia enxergar àquela altura. A situação só piorava. Sherlock Holmes não estava a caminho para resolver o caso e me libertar. Além disso, que motivo tinha para viver? Só seria triste não ver o bebê. Seria legal estar lá para conhecê-lo.

Quando estive em um dos hospitais, ouvi que oitocentos miligramas daquele

antidepressivo específico que eu tomava eram suficientes para que uma pessoa entrasse em um coma irreversível. Queria ter certeza de que faria tudo certo, então tomei 1,2 grama. Engoli os comprimidos e me senti para escrever um bilhete para Domini e minha família. Apenas algumas linhas rabiscadas rapidamente com um lápis. Não me lembro, e não quero me lembrar, do que escrevi. Depois me deitei na minha laje de concreto e comeci a folhear uma das revistas de Chad. Ele não era um grande leitor, mas adorava fotos. Ele também não gostava muito da ideia de perder sua única companhia. Não tinha me dado o trabalho de esconder dele o que eu estava fazendo, pois não achei necessário.

A principal sensação que tive foi a de estar tão cansado a ponto de doer. O que eu queria como nunca na vida era dormir. Fechei os olhos e me entreguei. Foi aí que o circo pegou fogo. Cerca de dez guardas chegaram. Chad, que não queria ficar sozinho novamente, especialmente com um cadáver, havia lhes contado o que eu fizera. Eu podia ouvi-los falar, mas não conseguia abrir os olhos. Alguém os abriu para mim e iluminou-os com uma lanterna. Outra pessoa despejou um líquido com um gosto horrível em minha boca e me mandou engolir. Era alguma espécie de xarope vômito. Eles me colocaram no banco traseiro de um carro e saíram a uns duzentos quilômetros por hora para me levar para um hospital. Àquela altura, eu estava tão confuso que continuava a me perguntar se os medicamentos já estavam fazendo efeito ou se eu tinha morrido. Tentei dizer ao policial ao volante que já teríamos chegado se estivéssemos nas costas de uma aranha gigante. Infelizmente, minha boca não obedecia a meus comandos.

Não me lembro de muita coisa do hospital naquela noite. Sei que estava em algum lugar em Monroe County. Acordei por um instante quando alguém enfiou um tubo que subiu por meu nariz e desceu por minha garganta. Dois policiais ficaram sentados a minha frente, observando, enquanto todos os médicos e enfermeiras se movimentavam apressados. Não podemos deixar o astro do show morrer, não é mesmo?

Estranhamente, todos ali pareciam terapeutas do hospital psiquiátrico. Eu estava tão atordoado que mal sabia o que estava acontecendo comigo e não conseguia imaginar onde me encontrava naquele momento. Fui acordado algumas vezes durante a noite por alguém que iluminava meus olhos e perguntava se eu lembrava meu nome, mas dormi durante todo o procedimento de lavagem estomacal. Quando finalmente acordei em algum momento do dia seguinte, estava na unidade de terapia intensiva.

Meu advogado designado pelo tribunal, Scott Davidson, fez sua primeira visita quando eu estava no hospital. Ele ficou comigo uns dez minutos, tempo suficiente para

se apresentar e me dizer que minha família sabia onde eu estava detido. Pareceu incrédulo quando eu lhe disse que era inocente. Eu o veria mais umas três vezes ao longo do ano seguinte, nunca por mais do que trinta minutos. Seria de imaginar que, se um sujeito vai ser julgado e corre o risco de ser condenado à morte, seus advogados passariam muito tempo preparando-o para o tribunal. Não foi o que meu advogado fez. Ele não me disse o que faria na preparação para o julgamento, nem me deu ideia alguma do que esperar ou fazer até então. Pensei que talvez os casos de pena de morte fossem tratados daquela maneira. Afinal, o sujeito era um advogado e devia saber o que estava fazendo, certo? Eles certamente não me designariam um advogado incompetente ou desinteressado. Eu tinha muito a aprender...

O mesmo tribunal que me levaria a julgamento também pagava meu advogado. Você empregaria alguém que o faria parecer estúpido e que esfregaria seus erros em sua cara? Não. Você vai contratar um sujeito que conhece seu lugar e segue o programa. Esses caras ganham o mesmo salário perdendo ou ganhando, então por que fazer um grande esforço? Mais tarde, durante o julgamento, quando perguntei por que ele não insistia em um argumento nem contestava uma decisão, ele respondeu:

— Temos de trabalhar com o juiz diariamente e não queremos irritá-lo.

As expressões “sem sombra de dúvida” e “inocente até que se prove o contrário” desapareceram. Depois que eles se dão ao trabalho de montar uma acusação e decretar sua prisão, você será condenado, a menos que tenha alguns milhões de dólares em mãos para contratar sujeitos com chumbo grosso para ajudar em sua defesa. Mas naquela época eu era tolo. Ainda inexperiente. Achava que o propósito do sistema judiciário era garantir que a justiça fosse feita. É assim que acontece na TV. Enquanto contava com uma intervenção divina, eles tramavam meu fim.

O sistema judiciário não tem a mentalidade de um homem são, embora se aproveite dele. Trata-se de uma cobra insana, de proporções gigantescas e enroscada em si mesma. É cruel e demente, e morde tudo o que consegue alcançar. Está tão emaranhada e embriagada que acabará estrangulando a si própria. Não há como transmitir sua loucura a alguém que não tenha tido contato com seu lento abraço. As pessoas que operam em seu âmbito se tornaram tão loucas quanto a própria cobra lunática, e justiça é um conceito desconhecido. Elas seguem procedimentos longos e sem sentido como se fosse uma religião. Nada as deixa mais indignadas do que uma ideia que faz sentido, e não há nada que elas combatam de maneira mais aguerrida. Não é de surpreender que haja tantas piadas sobre advogados. As coisas só estão piorando desde o tempo de Kafka. Não

há como entendê-las. É um mundo desprovido de lógica.

* * *

Quando recebi alta do hospital e fui levado de volta para a cadeia, colocaram-me sem roupa em uma cela acolchoada. Fiquei apenas de cueca por dias a fio. Ouvira falar de quartos acolchoados a vida toda e os imaginava como travesseiros gigantes. Não é nada disso. Tudo é coberto por uma substância grossa e gordurosa semelhante a borracha. Parece mais um pneu de bicicleta cheio de cimento do que um travesseiro. Como não tinha roupas, eu sentia bastante frio. Um dos guardas que passavam por ali enfiava algumas cópias da *National Enquirer* por debaixo da porta. Eu as lia durante o dia e as usava para me cobrir à noite. Nada mais podia ser feito. Era apenas um cômodo vazio.

Havia uma pequena fresta na porta e, às vezes, um dos outros prisioneiros do pavilhão se sentava ali perto e falava um pouco. Todos no pavilhão, com uma exceção, eram jovens negros que já haviam sido presos pelo menos uma vez. A única exceção era um velho na casa dos cinquenta anos. Seus cabelos eram tão brancos quanto sua pele era negra, e todos os outros se aproveitavam e tiravam vantagem dele. Ninguém o respeitava. Ele se sentava perto de minha porta e chorava sem parar durante meia hora às vezes, como se eu, de algum modo, pudesse ajudá-lo. Estava lá por ter tido dois filhos com a própria filha. Era ao mesmo tempo o pai e o avô das crianças. Ele tentava ficar calado e não atrapalhar ninguém, mas isso nem sempre funcionava.

Fiquei uma semana na cela acolchoada, falando com pessoas através da fresta na porta e congelando. Ao contrário do que os filmes e a televisão me levaram a crer, nenhum dos outros prisioneiros parecia um criminoso calejado que mataria a própria mãe por uns trocados. Alguns eram bastante engraçados. Toda noite, depois de apagarem as luzes, alguém dizia ao sujeito na cela ao lado:

— Ei, cara, venha aqui um minuto. Preciso mostrar uma coisa para você.

Ouviam-se risadas e depois:

— Cale a boca, idiota. Estou tentando dormir.

Várias vezes por dia, alguém batia a minha porta e perguntava:

— Tudo bem aí?

Suas brincadeiras evitavam que eu me sentisse muito triste, pelo menos até as luzes se apagarem. Quando elas eram apagadas e todos já estavam na cama, o desespero voltava com força total. Em várias noites, chorei até pegar no sono.

Após alguns dias na prisão, fui levado por um guarda para uma sala de interrogatório. Lá fui apresentado a dois visitantes: Ron Lax e sua parceira, Glori Shettles. Ron disse ser um investigador particular e estar interessado em meu caso assim que vira a cobertura da mídia sobre nossa detenção. Eles começaram a me fazer perguntas — “Eu conhecia as crianças ou as famílias?”, “Onde estava na noite dos assassinatos?” — direta e especificamente sobre o que havia acontecido. Disseram-me que tinham muito interesse no caso porque se opunham fortemente à pena de morte e viam que, pelo destaque que me fora dado, eu era o réu com maior probabilidade de ser sentenciado à morte. Eles haviam contatado meus advogados imediatamente e pedido para serem os investigadores designados pelo tribunal, uma parte comum da equipe de defesa, em meu caso. Eu estava arrasado demais para absorver o que diziam ou entender que eles poderiam ser úteis para meu caso.

Quando saí da cela acolchoada, depois de uma semana, fui levado de volta ao pavilhão com Chad. Ele estava muito feliz porque, contando comigo, tinha agora três companheiros de cela. Enquanto fiquei fora, dois outros sujeitos haviam sido colocados lá. Ambos eram adolescentes negros, um chamado James, e o outro, Nikia (todos o chamavam de Kilo). Kilo se revelou o segundo melhor amigo que tive na vida. Aquele sujeito era inteligente de verdade e extremamente engraçado. Muitas vezes, falávamos a mesma coisa ao mesmo tempo ou, quando eu tentava explicar algo, ele se empolgava e dizia:

— É! É isso mesmo!

Ele deslizava de joelhos pelo chão do pavilhão fazendo uma imitação impecável de Michael Jackson e eu ria até me acabar.

Conseguimos um tabuleiro de xadrez com alguém e ensinei Kilo a jogar. Eu havia aprendido em algum momento lendo as instruções na caixa. Depois de disputar várias partidas por dia por cerca de um mês, nunca mais consegui derrotá-lo. Ele acabava comigo todas as vezes, a menos que estivéssemos jogando xadrez expresso com minhas regras — uma variação que eu tinha inventado, cujo objetivo era evitar que você pensasse sobre seu próximo lance. Você contava até cinco e seu adversário tinha que mover uma peça, senão você podia começar a bater na testa dele. Era uma contagem muito rápida, deixando pouco menos de dois segundos para pegar uma peça e movê-la.

A família de Chad levou alguns jogos para ele também, então nós quatro passávamos o tempo jogando Banco Imobiliário, dama e dominó. Juntávamos nosso dinheiro para que quem tivesse menor quantia não precisasse jogar sem apostar. Se

minha família me deixava vinte dólares, eu comprava vinte dólares em doces e salgadinhos que eram considerados de todos. Kilo, Chad e James faziam o mesmo. Nunca brigamos, coisa rara entre homens obrigados a conviver 24 horas por dia.

Os guardas na prisão de Monroe County eram diferentes de quaisquer outros que eu tinha visto até então: gentis, educados, bem-apegoados e nada agressivos. Caí na besteira de achar que todos os guardas eram assim. Não percebi que aquilo era um milagre. Eles nos tratavam como seres humanos e até nos deixavam fazer coisas que os outros prisioneiros não podiam, como ficar acordados a noite toda. Nós quatro nunca ficávamos trancafiados sozinhos; improvisamos camas na área comum entre nossas celas e vivíamos como se estivéssemos sempre em meio a uma eterna festa do pijama.

Kilo e eu esperávamos com ansiedade a meia-noite de sábado, horário da transmissão de um programa de televisão chamado *Night Fright* [Terror Noturno]. Tínhamos tanta sede de música que escutávamos qualquer coisa e aquela era nossa única válvula de escape. Não era nosso tipo de música preferido, mas era o que tínhamos. Você só percebe quanto precisa de música quando não a tem. A falta era tanta que meu coração até doía.

* * *

Meus pais e Domini iam me visitar uma vez por semana. Tínhamos vinte minutos e conversávamos através de um vidro à prova de balas. Domini estava quase no quinto mês de gestação quando fui preso, mas, mesmo assim, quase não dava para perceber. Nos últimos três ou quatro meses da gravidez, ela cresceu em um ritmo alarmante. Em julho, seu corpo ainda tinha o mesmo tamanho de sempre, mas sua barriga havia se tornado enorme e dura.

Em 4 de agosto, fui levado a uma audiência preliminar com Jason e Jessie, na qual nós três nos declaramos inocentes. O juiz David Burnett, que havia sido designado para o caso depois da primeira audiência com Rainey, presidiu o encontro. Ele era um juiz de Craighead County, sua conduta era administrativa e presunçosa: a seus olhos, já estávamos condenados. Ele só estava cumprindo as formalidades e preenchendo a papelada do processo. Naquele momento, ele “desvinculou” o julgamento de Jessie do meu e do de Jason; os advogados de Jessie foram eficazes ao argumentar que nossa notoriedade prejudicaria seu caso. Na sala anexa, embora eu estivesse a apenas alguns metros de Jessie e Jason, não havia como falar com eles. Nós três estávamos em choque.

Jessie nunca levantou a cabeça; ficou sentado olhando para os pés. Jason parecia estar com raiva e, se conseguíamos estabelecer contato visual, ele balançava a cabeça para mim, demonstrando total aturdimento e incredulidade.

Eu não estaria presente ao nascimento de meu filho. Mais uma coisa que foi tirada de mim. Um guarda passou a cabeça pelo vão da porta na manhã de 9 de setembro e me disse que eu era pai. Essa foi a comemoração.

Tivemos um menino. Domini deu-lhe meu nome, só que escrito de outra maneira: Damian. Como segundo nome, escolhi Seth, que é como todos o chamam. Demos a ele um terceiro nome, Azariah, só para ter certeza de que nunca teria complexo de inferioridade. Eu não estava presente para assinar os papéis, então ele tem o sobrenome de Domini. Ela o levava para me ver durante vinte minutos todas as semanas, mas eu não podia tocá-lo. A única vez que me permitiram tocá-lo ou segurá-lo foi durante o julgamento, alguns meses mais tarde; com as câmeras ligadas, o tribunal permitiu que eu segurasse meu filho para que ficasse registrado no filme.

Toda semana, meu pai ou minha avó me levavam cinco livros de bolso comprados em um sebo e, geralmente, na visita seguinte, eu já havia acabado de lê-los. Sempre adorei ler, mas, àquela altura, os livros haviam se tornado a única forma de esquecer o pesadelo que era minha vida. Eu me escondia neles e viajava até outro lugar durante horas a fio. Os outros rapazes ficavam impressionados com a quantidade de livros e a velocidade com que eu os lia. Na prisão, li alguns milhares de livros. Sem eles, teria enlouquecido há muito tempo.

Cinco meses se passaram dessa maneira. Eu ainda tomava antidepressivos e tinha algumas distrações momentâneas, mas que só duravam um breve período: a ameaça desconhecida de um julgamento iminente pairava sobre minha cabeça todos os dias. Em uma audiência em outubro, foi decidido que Jason, que só tinha dezesseis anos quando foi preso, seria julgado como um adulto. Apesar das provas que Ron e Glori disseram ter encontrado, suas descobertas muitas vezes só reforçavam a ideia de que eu provavelmente seria sentenciado à morte. Eles me contaram que eu com certeza seria condenado por homicídio e que eles trabalhavam com a possibilidade de vencer posteriormente uma apelação. Mas, primeiro, eu seria condenado por homicídio.

O Natal passou em branco — não teria feito diferença se fosse qualquer outro feriado, tamanho era o vácuo em que eu vivia. Tudo que conhecia havia sumido, estava completamente ausente. Entre aquele período e fevereiro de 1994, raras foram as vezes que vi Ron pessoalmente, embora tenham me dito que ele estava investigando o caso e

descobria informações úteis quase todo dia. Ele reavaliou os registros policiais de West Memphis e descobriu dados imprecisos e incoerências, além de informações e pistas pouco confiáveis nos relatórios, e entregou tudo a meus advogados de defesa. Infelizmente, meus advogados (um outro defensor chamado Val Price havia sido designado além de Davidson) não usaram as informações, nem deram prosseguimento às pistas que ele descobrira. Nem sequer ligaram para as pessoas localizadas e entrevistadas por Ron, que poderiam testemunhar a respeito de meu paradeiro na noite dos homicídios. Para que as informações fossem usadas, meus advogados precisavam obter uma declaração juramentada daquelas testemunhas, um “esforço” que nunca se deram ao trabalho de fazer por mim. Eles nunca tentaram provar meu alibi.

Glori ia me ver praticamente toda semana e sempre levava pizza. Na época, eu achava que ela realmente estava interessada no caso, pois tanto ela quanto Ron tinham muito trabalho para me visitar fora dos horários preestabelecidos e falar dos progressos que faziam. Mais tarde, descobri que eles estavam sendo pagos pelo tribunal e, na verdade, não haviam feito nada além do que qualquer investigador é obrigado a fazer naquela situação. Porém, em meu aniversário, Glori até me levou uma caixa de cupcakes. Ficamos sentados sozinhos em um pequeno escritório comendo e revisando o processo. Ela me dava esperança. Ao longo dos anos, descobri que esse é o trabalho deles, dar esperança. Na verdade, trata-se de uma manobra, pois eles também fazem parte da fórmula predeterminada de defesa do tribunal.

* * *

Em 26 de janeiro de 1994, Jessie foi a julgamento. Assisti de minha cela à cobertura jornalística. Foi extremamente doloroso ver aquilo. A falsa confissão de Jessie era a peça central do procedimento, a única suposta prova que o promotor, John Fogleman, tinha. Nossa culpa foi cimentada na mente de todos e nossa condenação ficou garantida antes mesmo que fôssemos a julgamento. No oitavo dia, Jessie foi condenado à prisão perpétua e a mais duas sentenças de vinte anos.

Também tínhamos virado tema de um documentário da HBO. Em 5 de junho, o dia seguinte à coletiva de imprensa da polícia de West Memphis para anunciar que haviam capturado os supostos perpetradores do crime, uma executiva da HBO chamada Sheila Nevins viu um artigo meio escondido no *New York Times* e o compartilhou com dois cineastas, Joe Berlinger e Bruce Sinofsky. A manchete, “Três jovens do Arkansas

detidos pela morte de três crianças de oito anos”, tinha potencial para se tornar um filme provocador e picante sobre satanismo, sacrifício humano e devassidão de proporções góticas. Joe e Bruce levaram imediatamente uma equipe de filmagem a West Memphis e começaram a entrevistar os moradores, os pais das vítimas, meus amigos, conhecidos e parentes, bem como as famílias de Jason e Jessie. O que começou a emergir foi um quadro muito diferente das circunstâncias conhecidas. Joe e Bruce reconheceram, depois de falar com a população local, que nós três estávamos sendo levados a julgamento por crimes que não havíamos cometido.

Algumas semanas antes de meu julgamento, fui transferido para a prisão de Craighead County na cidade de Jonesboro. A princípio, fui transferido para que pudesse ficar mais perto de meus advogados para montar nossa estratégia nas semanas antes do julgamento. Aquele lugar não tinha nada a ver com a prisão de Monroe County. Todos os guardas eram cruéis e agressivos. Falavam conosco como se estivessem se dirigindo a uma forma de vida inferior, por mais educados e civilizados que fôssemos com eles. Via-os baterem em prisioneiros quase todo dia. Anos depois, deitado em minha cela no Corredor da Morte assistindo ao noticiário, vi que cinco guardas haviam sido demitidos em Jonesboro por algemarem um prisioneiro e surrã-lo até desmaiar. Foram demitidos. Não foram processados. Na maioria das vezes, sequer são demitidos, apenas rebaixados de cargo. Se você se aproximar de um homem na rua e lhe der um soco na cara, será preso por agressão. Faça a mesma coisa com um homem na prisão e você será rebaixado.

Naquela prisão, havia um mexicano franzino que sofria de esquizofrenia catatônica. Ficava sentado ou em pé em posições estranhas durante horas por causa de sua doença mental. Os guardas o espancavam só para ver se conseguiam fazê-lo se mexer. Para eles, era um jogo. Costumam cuspir na comida para ver se arrumam briga. Se você disser alguma coisa, chamam cinco ou seis colegas para espancá-lo. Quando você está atrás das grades, não tem jeito, o mundo não se importa.

Em Jonesboro, fui colocado sozinho em um pavilhão. Não havia ninguém com quem falar, nenhum livro para ler, nenhuma televisão, nem banho de sol. Ficava trancado em uma caixa-forte de concreto vazia dia e noite. Sabia que Jason estava no pavilhão vizinho pois o barulho era tanto que dava para escutar os homens do outro lado através da parede. Ele estava em um pavilhão com cerca de mais dez pessoas. Teria sido um grande conforto ficar sentado no mesmo cômodo com ele e conversar, tentar, talvez, entender o que dera errado, mas os guardas impediam até que nos víssemos.

Fui ficando cada vez mais desesperado. Sem um milagre, morreríamos na prisão. Jason e eu iríamos a julgamento juntos, embora os advogados estivessem brigando entre si. Os de Jason queriam que ele fosse julgado em separado a fim de afastá-lo de minha culpa já estabelecida. Parecia que o mundo inteiro uivava por meu sangue.

Em 19 de fevereiro de 1994, na primeira manhã de nosso julgamento, Jason e eu recebemos coletes à prova de balas para usar no caminho de ida e volta até o tribunal. As emoções estavam afloradas e os policiais não queriam correr riscos. Seríamos levados diariamente ao tribunal em um comboio de viaturas policiais, seis carros, para ser exato. Quando parávamos na frente do fórum, precisávamos atravessar um corredor polonês. Havia uma multidão de repórteres e pessoas que queriam nos ver mortos, e tínhamos de passar no meio deles como Moisés abrindo o Mar Vermelho. Os gritos de ódio eram tão altos que não era possível discernir as vozes. Os repórteres enfiavam câmeras e microfones em nossa cara a cada passo, todos fazendo perguntas aos gritos ao mesmo tempo.

Uma coisa interessante começou a acontecer com o passar dos dias. No meio da multidão começaram a surgir pessoas que nos apoiavam e acreditavam em nós, uma ou duas de cada vez. Elas sorriam ou faziam um leve gesto com a cabeça quando eu entrava ou saía do tribunal. Eram, em sua maioria, rapazes ou moças que ficavam apartados das outras pessoas, muitos deles vestidos de preto. Passei a receber pequenos trechos de poesias rabiscados em pedacinhos de papel. Alguém me enviou uma rosa vermelha. O número e o volume dos simpatizantes nunca se equipararam aos das pessoas que me odiavam, mas eles eram muito importantes para mim.

Também havia alguns casos estranhos. Ron iniciou um ritual que consistia em apontar as garotas que, segundo ele, estavam “me comendo com os olhos”. Enquanto eu saía do carro certa manhã, uma garota gritou: “Ai, meu Deus, ele olhou para mim!”, como se tivesse acabado de ver John, Paul, George e Ringo concentrados em uma só pessoa.

Os repórteres eram os piores. Se as pessoas soubessem até que ponto o que leem nos jornais ou veem nos noticiários é distorcido ou completamente falso, as empresas de mídia logo faliriam. Vi mais ficção nos noticiários locais do que li em romances. Com bastante frequência, os relatos dos jornais não tinham nada a ver com o que eu vira acontecer no tribunal. Informações valiosas não eram relatadas e desdobramentos ridículos eram inventados. Um dia, eu estava sentado em minha cela assistindo à

cobertura do julgamento quando a transmissão foi interrompida por um boletim extraordinário: um pedaço de pau coberto por uma substância vermelha e cabelos havia sido encontrado no trailer de minha mãe, na época abandonado. O anúncio foi feito e a programação voltou ao normal, mas, na mente de todas as pessoas, ali estava uma possível arma do crime. Na verdade, tratava-se de uma vareta coberta de tinta, do tipo usado para misturar a tinta em uma lata recém-aberta. Minha mãe tinha disciplinado seus dois lulus-da-pomerânia com a ponta daquela vareta usada e, antes que alguém fizesse alguma coisa lógica, a mídia de alguma forma conseguiu pôr as mãos naquele objeto. Em um exemplo posterior de histeria, durante uma audiência após o julgamento, novas provas foram apresentadas: marcas de dentes haviam sido encontradas em um dos corpos, e elas não correspondiam a minha arcada. Não houve menção a esse fato nos jornais do dia seguinte.

Burnett e Fogleman gostavam da presença da imprensa e, com os meus advogados e os de Jason, permitiram que Joe e Bruce filmassem o julgamento para a produção da HBO. Eles provavelmente pensaram que seriam o centro de uma importante vitória judiciária ao fim do julgamento. Como tanto Joe quanto Bruce haviam me visitado com frequência na prisão antes do julgamento, àquela altura eu os conhecia bem e já estava acostumado com as câmeras. Eles não discutiram os detalhes do processo comigo, mas me perguntaram sobre minhas origens e minha infância e muitas vezes questionaram por que a polícia havia se concentrado em mim como suspeito. Também entrevistaram bastante Jason e Jessie. A presença deles era reconfortante no tribunal; no meio do mar de pessoas ultrajadas e enfurecidas, suas conversas e a atenção comigo eram a única parte conhecida de minha vida para mim àquela altura.

É enlouquecedor ficar sentado horas a fio, dia após dia, sendo julgado por algo que você e os policiais sabem que você não fez. Você se sente perscrutado por centenas de olhos que observam seus menores movimentos. Muitos pareciam achar que aquela era a melhor forma de entretenimento que já haviam visto. Urubus arrancavam a carne de meus ossos enquanto eu ainda estava vivo.

Nunca tive chance alguma. Durante as pausas, o juiz e os promotores contavam piadas a meu respeito e riam como se estivessem esperando um tapinha nas costas. Burnett comentava a respeito da bela bunda de uma das moças que poderiam vir a fazer parte do júri, e Fogleman mostrava os dentes enquanto gargalhava. Convencer doze pessoas de que elas deveriam votar a favor de meu assassinato era apenas mais um dia no escritório para eles.

Toda vez que apresentavam alguma prova que pudesse me ajudar, o júri era escoltado para fora da sala para não ouvir. Descobriu-se que John Mark Byers, o padrasto de uma das crianças, tinha uma faca suja com sangue que correspondia ao de pelo menos uma das vítimas. Não foi permitido que meus advogados lhe perguntassem diretamente “Você matou aquelas crianças?” em presença do júri. Ibr quê? Segundo disseram, porque não era ele que estava sendo julgado, mas eu. Na verdade, não foi um julgamento. Foi mais uma formalidade a ser cumprida antes do veredicto de condenação. Os pais e familiares das vítimas não se pronunciaram, nem se expressaram de nenhuma forma no tribunal, embora falassem com frequência e de bom grado para as câmeras do lado de fora. Eu os via no noticiário mais tarde na minha cela. Meus pais, Jack e Michelle, bem como amigos da família, ficavam lá sentados, assistindo a tudo aquilo todos os dias. Quando eu, sentado na bancada dos réus, olhava para trás, eles retribuía meu olhar com ar impotente. Acho que queriam fazer algo por mim, ajudar em minha defesa, embora simplesmente não soubessem como e mal entendessem os procedimentos que se desenrolavam diante de seus olhos. Depois de escutar e prestar atenção por um curto período, eu desistia de tentar: era doloroso demais registrar aquela “precipitação”, um termo que todos começaram a usar logo. Os advogados de Jason eram muito rígidos quanto a nossa comunicação, não permitiam que ele chegasse perto de mim ou falasse comigo, embora estabelecêssemos contato visual vez por outra.

Seria redundante analisar cada detalhe, porque o homicídio e os julgamentos foram minuciosamente registrados em quatro documentários e diversos livros; na verdade, é possível ler mais sobre os procedimentos em damienechols.com, wm3.org, freewestmemphis3.org ou no site de minha editora. Eu só soube de muitos dos detalhes que vieram à luz durante o julgamento mais tarde, e boa parte das provas (ou da falta de provas) que finalmente estabeleceram minha inocência só foi encontrada ou apresentada anos depois.

Jason e eu fomos considerados culpados em 18 de março de 1994. Ironicamente, foi o julgamento mais longo da história do sistema judiciário penal do Arkansas. Não precisei consultar um vidente para saber o que aconteceria, mas mesmo assim foi um choque total. Talvez faça parte da natureza humana querer se agarrar a qualquer migalha de esperança que conseguimos reunir. Foi o que eu fiz até o último segundo. É devastador, mesmo quando você já está esperando por aquilo. Quando o veredicto foi lido, ouvi Domini começar a soluçar e sair correndo do tribunal. Não pude me virar para olhar porque minhas pernas teriam cedido. Estava determinado a não deixar que

vissem até que ponto me feriram. Eu me recusava a lhes dar aquela satisfação. Não choraria, não desmaiaria e não demonstraria fraqueza. Tive de me manter em pé pondo as mãos sobre a mesa, mas tentei dar um ar casual àquele gesto. Por dentro, comecei a morrer. Não havia nenhum lugar seguro para mim em todo o mundo. Meu estômago estava cheio de água gelada. Ouvir Domini foi a última gota. Algo dentro de mim se partiu. Nem todos os cavalos e homens do rei conseguiriam me recompor novamente.

Não consegui dormir. Um detento que trabalhava para o presídio ficou parado bem próximo a minha cela, vigiando naquela noite para garantir que eu não tentasse me ferir.

No dia seguinte, fui sentenciado à morte; Jason, à prisão perpétua sem condicional e mais quarenta anos. Depois da leitura da sentença, fui imediatamente levado para fora do tribunal e colocado em um carro. Enquanto caminhava entre a multidão lá fora, alguém gritou:

— Você vai morrer!

Outra pessoa berrou:

— Não vai, não!

A porta do carro foi fechada com força e saímos do estacionamento. Eu estava a caminho do Corredor da Morte.

Para ir do tribunal de Craighead County até a prisão de segurança máxima em Tucker, levamos cerca de três horas. Isso é uma eternidade para um homem que não sabe em que tipo de situação está se metendo. Todos os detentos têm histórias de terror para contar sobre a cadeia. Muitas pessoas acham que uma cela na delegacia e um presídio são a mesma coisa, acham que sabem o que é uma penitenciária porque uma vez foram detidas por dirigirem embriagadas. Uma cela de delegacia é como um jardim da infância. Prisão é para quem tem doutorado em brutalidade.

Minha mente estava entorpecida e eu não conseguia pensar. Agora sei que aquilo era uma combinação de choque e transtorno de estresse pós-traumático, a mesma coisa sentida pelos soldados que passaram por um combate armado. Eu tremia descontroladamente, embora o frio não estivesse vindo lá de fora. Minha vida estava acabada. Essa era a coisa mais próxima de um pensamento que eu conseguia formular. A data de minha execução havia sido marcada para 5 de maio. Dali a dois meses. Os advogados me disseram:

— Não se preocupe com isso, sua primeira data de execução não quer dizer nada. Todo mundo recebe uma, mas uma suspensão da execução é algo automático.

Queria ver se eles ririam se fosse o nome deles escrito em um papel com uma data ao lado. Ha, ha, ha, engraçadinhos. Essa foi boa.

Meus advogados eram tão incompetentes que não perceberam que era necessário apresentar uma petição para que fosse obtida a suspensão da execução. Acabaram descobrindo antes que fosse tarde demais, mas foi por um triz. Consegui falar ao telefone com Glori, que me disse que, de algum modo, um deles havia descoberto o deslize no último minuto.

A maioria das pessoas condenadas à prisão passa primeiro pelo chamado Centro de Diagnóstico. Lá você é submetido a uma avaliação física e mental completa. Acho que Jason ficou no centro três semanas, e Jessie, quase um ano. Se você vai para o Corredor da Morte, não há escala naquele lugar. Qual seria a lógica? Saúde física e mental não é importante se você vai ficar diante de um pelotão de fuzilamento. Fui direto para a prisão propriamente dita.

Estava escuro quando o carro parou, mas o lugar era iluminado como uma árvore de Natal. As luzes nunca são totalmente desligadas na prisão e há holofotes se mexendo sem parar para um lado e para outro. Fui tirado do carro e levado até a base da torre de guarda atrás da prisão, onde passei por uma revista sem roupas e recebi o uniforme branco do presídio.

Havia um palhaço gordo usando calças de poliéster, uma camisa de manga curta e uma gravata de presilha dando ordens. Pelo ar de presunção, talvez fosse possível imaginar que era um carcereiro ou algo do gênero. Tinha um corte de cabelo infantil horrendo e, como de praxe, o bigode de ator pornô dos anos 1970. Ele não era o carcereiro. Durante a primeira semana, outro prisioneiro me disse que ele havia sido designado para o pavilhão de saúde mental e não tinha autoridade alguma. Como não há orçamento, recursos, nem serviços de saúde mental estruturados para detentos no Corredor da Morte, ele não tinha motivo algum para estar ali.

Há uma coisa em comum em todo o setor penitenciário: se você pegar alguns fracassados que passaram a vida inteira ensacando compras ou perguntando “Você gostaria de batatas fritas para acompanhar?” e os fantasiar de guardas com uniformes de poliéster, eles vão inflar o peito como pombos e marchar por aí como se fossem pequenos Hitlers. Este é o único lugar em que eles conseguem se sentir importantes, por isso se apaixonam pelo trabalho. O emprego se torna sua vida, e preferem morrer a perdê-lo.

O palhaço gritou para mim:

— Seu número é SK931! Lembre-se!

Naquele momento, olhei por acaso para um relógio digital que marcava 9h31 da noite. Fiquei me perguntando se o número de todos era igual à hora de entrada. (Foi apenas uma coincidência estranha.) Um enfermeiro mediu temperatura, pressão e pulsação. Eles pareciam achar hilário o fato de minha pulsação estar igual à de um coelho em uma armadilha.

Depois que terminaram, fui levado a um pavilhão imundo e infestado por ratos que continha 54 celas. O Corredor da Morte. Você ficaria surpreso com a quantidade de cartas que recebi de pessoas que diziam lamentar o fato de eu estar no “Corredor da Morte”. Sempre comparo ao momento em que um crocodilo abocanha você e começa a rodar e rodar. Ele o dilacera e afoga ao mesmo tempo. O corredor da morte. Fui colocado na cela número quatro e adormeci imediatamente. Estava exausto por causa do trauma. Desligar era a única maneira de preservar minha mente.

Acho que meu primeiro telefonema foi para meus pais, para avisar que estava vivo. Não me lembro de quando fiz essa ligação porque o sistema telefônico na época era muito complicado. Era necessário preencher formulários para fazer uma simples ligação de cinco minutos. A papelada demorava uma semana para ser analisada e aprovada ou não. Agora é muito diferente, pois o sistema penitenciário tem um acordo com uma empresa de telefonia para repartir o custo de qualquer chamada. Hoje qualquer pessoa pode telefonar praticamente o quanto quiser, desde que pague. A prisão tem um lucro enorme; uma ligação de quinze minutos custa cerca de 25 dólares.

Quando me levantei de minha laje de concreto para começar meu primeiro dia completo de vida na prisão, percebi que alguém havia largado um pacote em minha cela. Ao abri-lo, vi que continha alguns envelopes selados, caneta e papel, um tubo de creme de barbear, uma lâmina, um bolinho de chocolate, um refrigerante de uva e uma carta de apresentação. A carta era de um sujeito do andar de cima chamado Frankie Parker. No entanto, ninguém o chamava pelo nome. Todos o chamavam de Ju San ou de Si-Fu. Ele era zen-budista e foi ordenado pastor rinzai antes de sua execução. Daí vinha o nome Ju San. Si-Fu é um termo genérico que significa *mestre* em chinês. Ele era um sujeito branco enorme com a cabeça raspada e tatuagens de dragões em estilo asiático nas costas. O pacote era algo que ele dava a toda nova pessoa que chegava, para ajudá-la a se reerguer.

Seu companheiro constante era um sujeito que se parecia muito com um homem das cavernas. Chamava-se Gene e tinha cabelos escuros que batiam na cintura e uma barba que chegava até o peito. Gene era um teósofo, um seguidor de H. P. Blavatsky. Os dois me emprestaram livros sobre budismo e teosofia e responderam a inúmeras perguntas. Ouvi-os debater no pátio era como assistir a uma partida de tênis. Os dois acenderam em mim uma centelha que se tornou um processo educacional de uma década. Estudei textos como *O livro tibetano dos mortos* e *Ísis revelada*.

Aqueles sujeitos não eram estudiosos áridos. Adoravam rir, e, para eles, nada era mais engraçado do que a perversão. Ambos eram completamente irreverentes. Não era raro ouvir um ou outro fazendo comentários como: “Gosto da maneira como sua bunda fica empinada quando você se curva diante daquela pequena estátua de Buda.” Gene era um artista notável e, uma vez, vi uma tela que ele havia pintado como uma nota gigante de um dólar. Se você olhasse de perto, daria para ver que não era George Washington no centro, mas Jesus. Se olhasse mais de perto ainda, perceberia que, no lugar de uma orelha, Jesus tinha um pênis. Gene falou durante uma hora sobre o significado daquele

simbolismo. Acredite se quiser, mas aprendi muito com ele.

Também aprendi muito com o sujeito na cela ao lado da minha, embora nunca tenha posto em prática tal conhecimento. Ele era um velho motociclista de uma gangue chamada Outlaws, rival dos Hells Angels. Com 140 quilos, um olho cego e quase incapaz de andar, era uma visão horrível. O epítome da astúcia odiosa da velhice. Era velho demais para lutar, então encontrou outras maneiras para se vingar daqueles que o haviam prejudicado. Ficou conhecido por se aproximar dos inimigos para, em seguida, lhes dar veneno de rato e ácido de bateria. Certa vez, um sujeito lhe roubou cinco dólares e foi parar no chão cuspidando sangue após tomar uma xícara de café. Ele me contou tudo que precisava saber para me mexer e atuar dentro do sistema. Também me vendeu meu primeiro rádio. Depois de ficar um ano sem ouvir música, Lynyrd Skynyrd parecia um coro de anjos.

Passé as primeiras duas semanas no Corredor da Morte vomitando e dormindo. Tive uma forte crise de abstinência dos antidepressivos que tomava havia três anos. O sistema carcerário gasta o mínimo possível em assistência médica para os detentos, portanto não havia chance de pagarem por um item de luxo como um antidepressivo. Em vez de suspenderem a medicação gradativamente, como deveria ter sido feito, me forçaram a parar de uma hora para outra. Meu sono foi afetado e eu não conseguia segurar nada no estômago. Embora tenha sido uma agonia, percebo agora que foi melhor assim. Depois que o medicamento saiu de meu organismo, me senti melhor fisicamente e com a mente mais clara. Também perdi todo o peso que havia ganhado enquanto fiquei na cadeia do condado. Você não faz muito exercício quando está trancado em uma jaula, então ganhei mais de 25 quilos até a época do julgamento. Perdi tudo isso e mais um pouco. Em um dado momento, cheguei a pesar 52 quilos. Meus advogados talvez tenham me visitado uma única vez, e nada do que disseram me ajudou a ter alguma ideia de quais passos eu poderia dar legalmente para apelar de minha condenação. O objetivo primário deles era impedir que eu participasse de minha própria defesa, por isso nada era explicado nem perguntado com clareza.

Entretanto, comecei quase imediatamente a receber pedidos para dar entrevistas. Achei que aquela poderia ser a chance de contar minha história ao resto do mundo, já que nenhuma outra pessoa havia articulado meu lado. Era óbvio que ninguém mais o faria por mim. Então, dei algumas entrevistas com resultados desastrosos. Um canal local de notícias pegou as imagens de uma delas e afirmou que eu havia falado com eles “com exclusividade”. Na verdade, nunca falei com ninguém daquele canal; eles cortaram e

editaram o material para que parecesse assim. Um apresentador dizia algo como: “Aqui está Damien Echols falando sobre seu papel de líder de um culto satânico!” Em seguida, mostravam trechos em que eu falava sobre algo que não tinha nada a ver com o que fora anunciado. Mas aquela não foi a pior parte. O pior foi quando a administração da prisão decidiu me mostrar que eu estava me comportando de maneira insana.

As pessoas na prisão têm sua própria linguagem e você leva algum tempo até se acostumar. Ibr exemplo, “Solte uma pipa” significa “Não discuta negócios em voz alta, escreva e passe para mim”. “Dar o pira” significa “Calar a boca e sair, senão logo haverá violência”. “Botucar” significa que você está observando alguém de muito perto. “Corujar” significa que alguém está tentando ouvir sorrateiramente sua conversa. “Chacoalhada” é quando os guardas estão chegando para destruir sua cela em busca de contrabando. Foi com uma chacoalhada que minha lição começou.

Um dia, pouco após minha chegada, eu ouvia rádio quando dois guardas foram até minha cela e gritaram: “Chacoalhada!” Começaram a derrubar minhas coisas no chão e andar em cima delas, tentando deliberadamente destruir os poucos pertences que eu tinha permissão para ter. Minha família enviara fotos, alguns livros e um rádio. Um dos guardas sacou uma faca da bota e a jogou em cima da minha cama, depois pediu uma câmera. Tirou uma foto da faca e escreveu um relatório dizendo que a havia encontrado em minha cela. Eu não podia acreditar no que via. Achava que, uma vez na prisão, não seria mais incriminado por coisas que não fiz. Eu estava enganado.

Uma vez, quase meia-noite, ouvi barulho de chaves balançando no corredor e percebi que estavam atrás de mim. Dois guardas entraram na minha cela, me algemaram e me levaram ao gabinete do diretor. Um guarda me segurava pelos cabelos enquanto o diretor apertava meu pescoço. Ibdia sentir o cheiro de álcool em seu hálito enquanto ele delirava sobre o quanto eu era “doente”. Um dos guardas continuava a me dar socos na barriga e perguntava sem parar: “Vai contar sobre isto a alguém? Vai?” Eu nunca havia sido submetido a nada parecido e achava que os adultos só tinham um comportamento tão bárbaro em filmes.

Eles me jogaram no “buraco”. O buraco é um grupo de celas localizadas nos fundos da prisão que não podem ser vistas nem ouvidas por ninguém. No verão, a temperatura pode chegar a quase 48 graus naquele lugar, que é ainda mais escuro e imundo do que o resto da prisão. Você não é autorizado a ter nenhum pertence enquanto está no buraco, nada de escova de dentes, pente ou desodorante, e também não pode ter contato algum com o mundo exterior. O objetivo é a total e absoluta privação sensorial.

Se você for mandado para o buraco, ficará lá sozinho por pelo menos trinta dias, a despeito da infração que tiver cometido. A punição por espancar alguém até quase a morte ou improvisar um quebra-luz para a lâmpada em sua cela é a mesma: trinta dias no buraco. A única coisa diferente é o tratamento que você recebe lá.

Enquanto estava no buraco, apanhei, passei fome, recebi cusparadas, fui ameaçado de morte e submetido a várias outras formas de abuso, grandes e pequenas, perpetradas pelos guardas. O motivo? O diretor disse que eu havia denegrido o Sistema Correccional do Arkansas nas entrevistas que concedera.

Aconteceu mais de uma vez só naquele episódio específico. Em três outras ocasiões, os guardas entraram em minha cela e me espancaram. Uma vez, fui acorrentado às grades da cela enquanto três deles se revezavam. Outra vez, foram cinco guardas. Soube que haviam planejado me manter no buraco por muito tempo. Toda vez que trinta dias se passavam, eles podiam simplesmente decidir que eu ficaria lá mais trinta dias por qualquer motivo. O que me salvou foi que a informação vazou para o restante da prisão e um diácono da Igreja Católica soube o que estava acontecendo. Ele disse ao diretor que, se aquilo não parasse, começaria a contar às pessoas. Eles não queriam se arriscar, por isso fui tirado do buraco e levado de volta a minha cela.

A administração da penitenciária abusará de você enquanto você ficar calado. A única maneira de não o machucarem é se alguém estiver prestando atenção. Comecei a falar com mais pessoas e a dar mais entrevistas, pois sabia que só assim me deixariam em paz. Não podem machucá-lo se o mundo estiver assistindo. Não podiam me levar para um beco escuro se um refletor estivesse me iluminando. Até processei o diretor e alguns dos guardas responsáveis.

No fim, o processo foi uma perda de tempo para mim, já que eles mais uma vez escolheram o advogado que me representaria. Eu o vi uma vez, por cerca de dez minutos, antes do início do “juízo”. Ele não fez absolutamente nada para me ajudar. Negaram-me o direito de um julgamento perante um júri, e meu advogado simplesmente deu de ombros, como quem diz: “Tudo bem, é a vida.” Um único juiz decidiu sobre meu caso. Nem me deixaram falar durante o procedimento. Não fomos a um tribunal — o juiz foi até a prisão, de maneira que a sessão pudesse ser realizada em uma pequena sala longe dos olhos do público. As mentiras que a administração contou foram incríveis. “Provaram” que o diretor não poderia ter feito nada comigo porque estava no hospital, recuperando-se de um ataque cardíaco. O advogado que me foi designado investigou essa alegação? Não. Ficou sentado em silêncio, tomando refrigerante.

O diretor acabou sendo demitido, mas não por causa de algo que tenha feito comigo. Alguns de seus outros atos ignóbeis o atropelaram. Os piores guardas daquele grupo também foram demitidos ou promovidos e enviados para outras prisões no estado. Aquele que pôs a faca em minha cela continuou trabalhando na prisão de segurança máxima em Tucker por muitos anos, apesar dos relatórios constantes de abuso. No final, o Sistema Correccional do Arkansas não teve outra escolha senão “tomar providências” quando ele foi filmado batendo na cara de um detento algemado. Nenhuma queixa foi apresentada contra nenhum deles. Afinal, eles não estavam agredindo pessoas; apenas prisioneiros.

As células de meu corpo armazenam medo como outras armazenam gordura. Todas as situações aterrorizantes e traumáticas que vivenciei ainda estão contidas em minhas fibras musculares e em meu tecido cerebral. Elas permeiam quase todos os aspectos de minha vida e influenciam quase todas as minhas ações. Todos me acham corajoso, mas reconheço minha própria covardia em tudo que faço. Às vezes, sinto o medo se amontoando em minha garganta como um grito.

Certo dia, alguns sujeitos de outro pavilhão tiveram uma espécie de desentendimento. Eles não estavam no Corredor da Morte, mas costumavam ficar no pátio junto conosco. O desentendimento se tornou um empurra-empurra, e logo um deles sacou o mais infame de todos os artefatos em uma prisão: uma faca improvisada. O outro, que estava desarmado, tentou escalar a grade para fugir. Se tivesse conseguido, o guarda na torre o teria matado com um tiro e dito que se tratava de uma tentativa de fuga. No entanto, ele não conseguiu passar para o outro lado. Em vez disso, ficou preso no arame espetante que ficava em cima da grade. O arame espetante é muito pior do que o farpado simples e produz lesões terríveis quando faz contato com a carne humana. Enquanto o detento se dilacerava, o outro sujeito subiu e começou a esfaquear várias vezes sua bunda. Foi terrível. Não sei quantos ferimentos foram feitos no traseiro do fugitivo. Basta dizer que foram mais do que ele desejava. O cara não era muito querido por seus camaradas, que resolveram sacaná-lo perguntando por qual daqueles buracos ele faria as necessidades. Este é um mundo duro, onde você muitas vezes busca em vão um pouco de solidariedade.

Pr mais desagradável que tenha sido aquela cena, houve uma ainda pior, uma imagem que me fez ficar encarando o teto durante mais de uma noite insone. A ignorância e a crueldade dos carcereiros não têm limites. Eles ganham a vida abusando de homens que não têm muita sorte. Não existe profissão mais covarde. Eles adoram ver

alguém acorrentado e algemado para poder torturá-lo livremente. Se aquele mesmo sujeito não estivesse acorrentado nem algemado, os carcereiros sairiam correndo, ou pelo menos reuniriam dez ou doze amigos para fornecer “apoio moral”.

Dois desses homens desprezíveis (uso a palavra “homem” em seu sentido mais vago) estavam atormentando sem parar um presidiário no Corredor da Morte. O tormento durou várias semanas antes de o prisioneiro surtar. Eles logo perceberam que todos têm seus limites, especialmente quando não se tem nada a perder. Alguns dos caras no Corredor da Morte estavam jogando basquete no pátio quando alguém atirou a bola por cima da grade. Quando os guardas abriram o portão para jogar a bola de volta, instalou-se o pandemônio. Kurt, o homem que eles estavam atormentando, começou a apunhalar os dois guardas repetidamente. O que foi menos ferido levou uns sete golpes. Havia sangue por toda parte. A arma escolhida foi um pedaço da cerca de arame que ele havia arrancado.

Nem consigo dizer como aquilo me afetou. Ver dois homens encolhidos em posição fetal sobre poças do próprio sangue não é algo que se apague da memória. Por um bom tempo, fiquei andando atordoado, pensando comigo mesmo: *Que tipo de mundo é este onde coisas desse tipo acontecem?* A única coisa que havia me afetado daquela maneira eram imagens nos noticiários de terroristas iraquianos decapitando um refém americano. É difícil compreender que algo assim ainda aconteça hoje em dia.

Quanto a Kurt, ele não estava em condições muito melhores que a dos dois guardas no momento em que tudo acabou. Quando eu era bem criança e tinha cerca de nove ou dez anos, meu pai adotivo me levou a uma espécie de expedição de caça para fregar rãs. Jack, seu cunhado, meu irmão adotivo e eu saímos à noite, navegando silenciosamente pelo pântano em um barco de doze pés. Fiquei encarregado da iluminação. Isso significava que, enquanto os outros três estavam armados com apetrechos que pareciam forçados extremamente longos, eu devia varrer as margens com um refletor para encontrar as rãs. Nunca fui muito bom naquilo porque achava a atividade repugnante, sem uma qualidade sequer que a redimisse. De qualquer forma, quando vinte guardas acabaram de espancar Kurt, parecia que ele havia sido atacado por uma equipe de fisgadores de rãs. Isso era o que passava por minha cabeça toda vez que eu o via depois daquele incidente. Em minha mente, enxergava-o como uma rã gigante. Eles o surraram tanto que parecia que ele tinha duas cabeças. Foi pior do que parece. Eles o torturaram até o momento de sua morte. Era possível ver medo nos olhos daqueles guardas por causa do que Kurt fizera. Eles tinham tanto medo que faziam de tudo para parecer

destemidos. Nunca vou me esquecer disso. O que torna as coisas ainda piores para mim é saber que eu nunca deveria ter sido mandado para cá a fim de testemunhar cenas como aquela.

A equipe da HBO ainda trabalhava no documentário iniciado antes do julgamento. Após cerca de um ano de prisão, eu havia quase me esquecido de tudo aquilo, achando que não tinha dado em nada. Eu, Domini, minha família, os policiais, as famílias das vítimas e todas as outras pessoas dispostas a falar haviam sido entrevistadas. Também filmaram todo o julgamento, do início ao fim. Em 1996, quando finalmente foi transmitido, não assisti ao documentário, mas muitas outras pessoas ao meu redor o viram.

Comecei a receber cartas e cartões diariamente de pessoas de todo o país que viram o filme *Paradise Lost* e ficaram horrorizadas. O sentimento predominante era: “Eles poderiam ter feito isso comigo!” Para calcular o impacto que isso teve em mim, é preciso entender que, até aquele momento, eu não havia encontrado solidariedade nem empatia em ninguém. Para onde quer que me virasse, só encontrava desdém, desprezo e ódio. O mundo inteiro desejava que eu morresse. É impossível ter esperança diante de tal oposição. De repente, eu estava recebendo cartas de pessoas que diziam: “Lamento o que fizeram com você. Gostaria de poder fazer algo para ajudar.”

Uma única carta assim teria sido suficiente para acender uma pequena centelha de esperança em meu coração, mas recebi centenas delas. Todo dia, pelo menos uma ou duas cartas chegavam; às vezes, dez ou vinte. Eu ficava deitado em minha cama folheando a correspondência, saboreando-a como uma criança gorda com um punhado de doces, sussurrando sem parar: “Obrigado... Obrigado.” Apertava aquelas cartas contra meu peito e dormia com elas embaixo da cabeça. Nunca havia ficado tão grato por alguma coisa em toda a minha vida.

Não quero uma vida “santa” de prece e contemplação. Quero uma vida de discórdia, luxúria, lutas, buscas, esforços e devassidão. Não me contento com uma única experiência quando há toda uma gama de experiências a ser vivida. Tenho tanta fome de conhecimento que vivo várias vidas ao mesmo tempo para adquiri-lo. Católico e budista, leitor e escritor, pecador e filósofo, marido e pai, indígena americano e branco — não desejo mais me encaixar em nenhuma categoria. Não vejo motivo para não gostar igualmente de pornografia e da arte de Michelangelo. Quero ver a vida a partir de todos os ângulos. Sinto que aprendi muitíssimo em minha incursão pelo reino do pensamento,

da filosofia e da prática oriental, coisas que carregarei comigo até o último de meus dias. Mesmo assim, isso não chega nem perto das lições que aprendi com a mulher que hoje é minha esposa.

Eu estava no Corredor da Morte havia cerca de dois anos quando recebi uma carta estranha em fevereiro de 1996. Era de uma mulher que adorava cinema e recentemente vira o documentário sobre meu caso em um festival em Nova York. Seu nome era Lorri Davis e ela fez algo que ninguém havia feito até então: desculpou-se por invadir minha privacidade ao me procurar. Aquilo realmente chamou minha atenção, pois eu sentia que não tinha mais privacidade alguma. Toda a minha vida fora exposta para que qualquer um a examinasse e me cutucasse com um pedaço de pau. Eu era uma mosca cujas asas haviam sido arrancadas por uma criança maldosa. Era a proverbial formiga sob uma lente de aumento. Todo dia, recebia cartas de pessoas que só faziam perguntas sobre os aspectos mais íntimos de minha vida, quase como se todo mundo se sentisse no direito de me perguntar tudo o que quisesse saber a meu respeito. Imagine ser perseguido por *paparazzi* que, em vez de tirarem sua foto, jogam pedras e tentam dissecá-lo.

Ali estava uma mulher que entendia o valor da cortesia mútua. Ela disse que ficou muito mal com o que eu havia sofrido e sentiu vontade de entrar em contato comigo, mas que não queria causar nenhum incômodo. Respondi àquela carta de imediato e, desde então, tentamos nos corresponder diariamente. Nossas cartas agora enchem todo um armário.

Ela é a coisa mais mágica do mundo, mas levei pelo menos um ano para conseguir entendê-la, pois ela era muito diferente de tudo o que eu conhecia. Lorri era de Nova York, fizera faculdade, viajara a lugares distantes como a América do Sul e o Oriente Médio e era uma arquiteta que trabalhara em projetos para pessoas que eu só conhecia pelos filmes de Hollywood. Através dela, fui apresentado a um estilo de vida totalmente novo.

Nossa correspondência era obsessiva, e falamos ao telefone pela primeira vez cerca de um mês após a primeira carta. Do nada decidi ligar para ela um dia. Estava muito nervoso, pois sabia que precisaria improvisar a conversa e não roteirizá-la de antemão. Agora, ela sempre ri quando conta a alguém sobre minha primeira ligação. Ela atendeu ao telefone e ouviu um forte sotaque sulista perguntar:

— Você está bem?

Foi um choque tão grande que ela demorou um segundo para responder. Disse que quase morreu de susto. Às vezes, Lorri ainda zomba de meu sotaque, mas seus

amigos de Nova York costumam dizer que ela começou a falar como eu.

Lorri veio me visitar cerca de seis meses depois. Lembro-me de que era verão, porque ela não usava casaco. Não tínhamos ideia do que esperar e estávamos os dois no piloto automático, na falta de maneira melhor para descrever aquela situação. Sabíamos que precisávamos conversar e depois nos encontrar. Lorri chegou na noite anterior para poder estar na prisão às oito da manhã, quando o período de visita de três horas começava, e voltou para Nova York no mesmo dia.

Foi um processo lento e gradual que fomos construindo juntos. No início, eu não conseguia sequer articular o que estávamos fazendo, pois não conhecia o conceito de sutileza. Agora, é uma obsessão para mim conhecer mais a respeito da sutileza. Acho que essa obsessão começou com a literatura. O escritor latino-americano Julio Cortázar teve um grande impacto na vida de Lorri e os livros dele estavam entre seus pertences mais prezados. Quando ela os mandou para mim, fiquei perplexo. Realmente não conseguia entender por que alguém achava aquelas histórias suficientemente importantes para colocá-las no papel. Elas não faziam sentido para mim. Eu havia sido criado com a crença de que uma história de verdade tinha começo, meio e um fim no qual todas as partes soltas se encaixavam. Aquelas histórias pareciam desafiar a lógica.

Soube que estava apaixonado por Lorri quando comecei a acordar furioso no meio da noite, amaldiçoando-a por fazer com que eu me sentisse daquela maneira. Era uma dor inacreditável. Nunca senti dor igual. Tentava dormir o máximo possível apenas para fugir. Rilhava os dentes até que se tornassem cotocos. Agora, anos mais tarde, é exatamente o contrário. Agora, não existe dor, mas ela ainda faz com que meu coração exploda. Agora, há apenas diversão, amor e tranquilidade. Ela me leva à loucura, pois nunca é o bastante para mim.

Nos primeiros dois anos, Lorri vinha de avião de Nova York até o Arkansas a cada dois meses mais ou menos; portanto, além da conta de telefone, aquele era um relacionamento extremamente caro para ela.

Quando ela ia me visitar, havia uma lâmina de vidro que nos separava. Era enlouquecedor e, muitas vezes, soprávamos através da tela na parte inferior do vidro apenas para sentir a respiração um do outro. Eu adorava ficar sentado olhando para Lorri, pois ela tem um corpo perfeito. Ela é a fantasia de todos os homens, como uma *pin-up* dos anos 1950. Ter tanta inteligência em um corpo como aquele é um milagre. Dá para perceber que ela cuida muito bem de si mesma. Isso me inspira e faz com que eu me esforce cada vez mais para estar melhor para ela.

A questão é que faço coisas somente para surpreendê-la. Ela diz que sei tudo e sempre fica espantada com as informações que forneço a respeito de qualquer assunto. Devo ler montes de livros apenas para impressioná-la com meu conhecimento. Faço exercícios duas vezes por dia — flexões de braço, abdominais, polichinelos, corrida sem sair do lugar e ioga — só para que ela adore meu corpo como eu adoro o dela.

Lorri e eu só pudemos nos tocar em dezembro de 1999, quando nos casamos. Tivemos a única cerimônia budista de casamento na história do sistema carcerário do Arkansas. Os guardas não sabiam o que fazer. Foi um evento pequeno que durou cerca de 45 minutos, e pudemos chamar seis amigos como testemunhas. Eram amigos meus e dela. Depois, as pessoas disseram que a cerimônia foi tão bonita que até se esqueceram de que estava sendo realizada em uma prisão. A certa altura, comecei a suar frio e quase desmaiei, afinal essa é a predisposição genética de todo homem em relação ao casamento. Já casados, Lorri e eu tivemos permissão para ficarmos sozinhos em um mesmo aposento, mas todas as visitas feitas enquanto estive preso foram supervisionadas.

Lorri se mudou para Little Rock em 1997 para começar uma nova vida e ficar perto de mim. Ela manteve, e ainda mantém, todos os aspectos de minha vida — e o andamento de meu processo — arquivados e sob controle, mesmo quando me rebelo. Ela agora me representa para o resto do mundo. Quando vai a uma reunião em meu lugar, todos sabem que é como se eu estivesse lá sentado. Ela é a única pessoa em quem confiei para cuidar de mim como se estivesse cuidando de si mesma. Quando as coisas precisam ser feitas “lá fora”, sei que posso ficar tranquilo porque Lorri dará conta de tudo.

Passo todos os dias da semana ansioso para que chegue a sexta-feira, que é quando temos nosso “piquenique” semanal em uma cela de visitas. Todo o resto é apenas uma contagem regressiva para aquelas três horas. Não passamos todo o nosso tempo esperando algum dia distante em que estarei fora da prisão porque temos uma vida juntos aqui e agora. Esta é nossa vida e não há um momento sequer no qual não estamos no coração e na mente um do outro.

Os pais de Lorri apoiam muito nosso relacionamento e viajam até a prisão para visitas ocasionais. Eles foram muito mais tolerantes do que eu teria sido se minha filha anunciasse que havia se casado com um sujeito no Corredor da Morte. Meu filho também a ama, e ela assume o papel de madrastra toda vez que ele vem me visitar. Ela desempenha melhor o papel de pai do que eu, pois ainda não me acostumei a alguém me chamando de “papai”. Nos primeiros anos, Domini trouxe Seth para me visitar duas

vezes. Depois, passou a mandá-lo de avião para que se encontrasse com Lorri, que o trazia para me visitar. Porém, depois que Seth completou doze anos, ele e a mãe pararam de me visitar. Isso acontece o tempo todo: nos primeiros dois anos, os parentes visitam semanal ou mensalmente; depois, a vida deles segue e as visitas vão escasseando.

Eu passaria de novo por tudo o que vivi se soubesse que aquilo era necessário para que Lorri me encontrasse. Ela me achou quando eu estava me afogando e me deu um sopro de vida. Eu havia desistido e ela me deu esperança. Pela primeira vez em minha vida, estou inteiro.

Qualquer amizade válida é como um lugar escuro e secreto no qual você esconde partes de si mesmo. A porta só pode ser aberta pelas duas pessoas que têm a chave, e você a leva consigo aonde quer que vá. Amplie isso um bilhão de vezes e você começará a ter uma ideia do que é o casamento.

Lorri e eu tivemos dificuldades, brigamos, choramos e rimos enquanto éramos forçados a descobrir novas conexões. Ela é a única pessoa que conheço que tem a tenacidade e a força de vontade para seguir em frente quando todos os outros teriam desistido e ido embora derrotados. Tivemos de nos revezar guiando um ao outro por lugares escuros. No fim, isso nos ajudou a criar um elo mais forte do que os das pessoas que moram juntas sob o mesmo teto. Crescemos juntos como um único organismo.

Houve momentos difíceis e mágicos. Nunca me esquecerei do Natal que passamos com o coração partido, sussurrando ao telefone, listando todos os presentes que adoraríamos dar carinhosamente um ao outro. Às vezes, decidimos quais programas de televisão ver ao mesmo tempo, e é como se estivéssemos indo ao cinema em um encontro amoroso. Ajustamos nossos horários de sono para dormir e acordar juntos. Conversamos o dia inteiro. Por exemplo, penso em algo que ela disse ou fez da última vez que estive aqui e, de repente, me pego rindo de seu jeito engraçado e dizendo em voz alta: “Sua palhaça!”, esquecendo por um instante que estou sozinho na cela de uma prisão. Em vez disso, durante aquele momento, estamos brincando e rodopiando juntos. Nós dois fazemos isso.

* * *

Tenho uma propensão a observar a área de visitas para ver o que os outros estão fazendo ou sobre o que estão falando. É possível ver uma ampla variedade de experiências e atividades acontecendo. Algumas pessoas ficam incrivelmente felizes por estarem lá com

um ente querido, outras chegam atrasadas e agem como se preferissem não estar ali.

Um pai vinha toda semana na esperança de persuadir o filho a desistir de suas apelações e permitir que o Estado o executasse. Ele tinha dois motivos para achar aquilo uma boa ideia. O primeiro era que acreditava que aquela fosse a ação cristã que o filho deveria fazer. O segundo era que a viagem de ida e volta à prisão para a visita era difícil. Eu me afastei enojado, incapaz de compreender um pai que encoraja o próprio filho a cometer suicídio.

Vários visitantes parecem constrangidos porque não sabem o que dizer a seu ente querido. Eles olham a sua volta, pigarreiam e perguntam: “E os Cowboys?”, achando que futebol americano é o único assunto seguro. Quando a hora da visita termina, alguns se levantam bruscamente, aliviados pelo fim daquela experiência dolorosa e ávidos para ir embora. Outros apertam mãos e abraçam, tentando obter um último beijo. Alguns choram ao partir; outros riem e gritam despedidas estridentes. Alguns condenados arrastam os pés e olham para o chão, outros ficam olhando para os entes queridos que vão se distanciando até sumirem do campo de visão.

Alguns detentos e visitantes nem têm a oportunidade de se tocar e são obrigados a conversar através de um vidro, como Lorri e eu nos primeiros três anos de nosso relacionamento, antes de finalmente recebermos a aprovação para ficarmos juntos no mesmo aposento. Algumas pessoas nunca recebem tal permissão. As crianças observam os pais sem poder abraçá-los, às vezes por anos a fio.

Meus pais se separaram de novo durante meu primeiro ano na prisão. Os dois continuaram a viver na área de West Memphis e Marion. Meu pai me visitava regularmente durante o primeiro ano e trazia sua nova esposa. Ele parou de vir depois de 1997. Minha mãe também se casou de novo. Em geral, vinha me ver duas, três vezes por ano nos primeiros anos. Não podia vir com mais frequência porque não tinha dinheiro suficiente. Ela nunca teve um carro que custasse mais do que algumas centenas de dólares e, portanto, não tinha os meios para fazer a longa viagem até a prisão — assim como não pôde arcar com os custos de uma consulta veterinária quando seu amado gato se meteu em uma briga com um gambá.

Durante uma visita, ela ficou sentada em uma cadeira de plástico rígido diante de mim comendo vagarosamente um saco de torresmo comprado em uma máquina da prisão e descrevendo todos os detalhes da amputação que ela mesma executara no animal de estimação da família. Ela falava com um tremendo orgulho enquanto eu me contorcía em minha cadeira e tentava não ficar violentamente enojado. Era óbvio que ela estava feliz

com o trabalho que havia realizado e não conseguia entender por que alguém não ficaria admirado e não a parabenizaria. Ao que parece, ela se considerava a Madre Teresa do mundo dos gatos.

O malfadado felino voltou para casa com uma de suas pernas traseiras quase totalmente arrancada. Ela juntou as partes e a enfaixou, esperando que tudo se recompusesse milagrosamente. Não foi o que aconteceu. Logo o gato começou a exalar cheiro de carne podre enquanto a gangrena se alastrava. Depois de perceber que o cheiro não ia melhorar, ela ligou para o veterinário e pediu conselhos. O veterinário disse que havia duas opções: o gato podia ser sacrificado ou eles podiam amputar sua perna, o que custaria uma pequena fortuna para alguém em situação de pobreza.

Minha mãe não conseguia suportar a ideia de sacrificar o animal e não podia pagar pela amputação, por isso, decidiu realizar o procedimento por conta própria. Em velhos filmes, ela havia aprendido que o éter deixa as pessoas inconscientes, então, calculou que também funcionaria com o gato. Seu primeiro passo foi entrar em uma loja de peças automotivas e comprar algo em uma lata com “éter” escrito no rótulo. Como éter não é algo que uma pessoa pode simplesmente comprar na venda da esquina, só Deus sabe o que aquela lata continha. Ela despejou o líquido em um frasco de vidro e segurou a cabeça do gato em cima do recipiente, forçando seu paciente a inalar aqueles gases. Fora provocar repulsa na criatura, parece que não houve efeito.

Ela decidiu que pílulas eram a segunda melhor opção e vasculhou o armário de remédios. O gato foi prontamente forçado a engolir um Valium e um relaxante muscular que haviam sido receitados para minha mãe. O animal ingeriu analgésicos suficientes para derrubar um ser humano adulto. Após alguns minutos, nem estava mais se mexendo. O único sinal de vida era o ronronar alto e contínuo emanado de seu pequeno e inerte corpo.

O próximo passo foi arrumar os instrumentos cirúrgicos, que se limitavam a um saco de lixo, uma tesoura grande e um pequeno kit de costura. O saco de lixo foi usado para cobrir a bancada da cozinha e conter a sujeira. O pobre coitado foi colocado em uma mesa cirúrgica improvisada, ao lado da qual minha mãe se postou com a tesoura em riste. Ela percebeu que não tinha coragem para fazer o corte “porque o gato confiava demais em mim”, então recrutou seu novo marido para participar da cirurgia. Ele pegou a tesoura e cortou a pequena perna com um único gesto enquanto minha mãe segurava a cabeça do animal e o reconfortava como podia.

Em seguida, o cotoco foi lavado com água fria embaixo da torneira da cozinha

(“calculei que água fria ajudaria a estancar o sangramento”) e a ferida foi embebida em peróxido de hidrogênio e álcool. Depois de achar que era impossível suturar a ferida, ela decidiu experimentar um novo produto no mercado chamado Liquid Skin. Normalmente é algo para ser usado no lugar de um curativo adesivo para unir as beiradas de um pequeno corte. Minha mãe o usou para selar o cotoco do gato.

Eu estava curvado e com a cabeça entre as mãos. Quando consegui me erguer, vi minha mãe limpando as migalhas de torresmo da mão e Lorri com cara de quem estava entrando em estado de choque.

— E o gato está bem? — perguntei.

— Ah, sim, está ótimo. Ele cai vez por outra quando perde o equilíbrio. Às vezes, esquece que não tem uma perna e seu cotoco se contorce quando ele tenta coçar a cabeça, mas, fora isso, está saltitando como sempre.

Era evidente que ela estava orgulhosa de si mesma e irradiando alegria.

Mães são coisas estranhas. Costumamos pensar logo em seus aspectos afetuosos, mas também existe uma obscuridade em tudo aquilo, muito mais forte em relação aos filhos do que às filhas. É fácil para uma mãe cruzar uma linha invisível e escravizar um filho com sua bondade. Não há nada mais revoltante do que um homem incapaz de se soltar da barra da saia da mãe. Ele sempre volta a ser um menino em sua presença. Vejo o tempo todo garotos com um apego não natural em relação à mãe. É um sinal de uma era na qual ninguém nunca cresce. Vivemos em uma época confortável.

Minha mãe simplesmente não é capaz de ter sentimentos muito profundos. Ou pelo menos não tão profundos quanto os meus. Nem raiva, nem amor, nem ódio. Nada. Você pode insultá-la, dizer que a odeia, e ela encenará o drama do momento, mas, no dia seguinte, agirá como se nada tivesse acontecido. Meu rancor está sempre presente e meu humor não é leviano.

Vinte e quatro

Sou de sagitário, um signo de fogo. Os sagitarianos são conhecidos por sua necessidade de estar sempre se mexendo, explorando, aprendendo. Como o fogo, os sagitarianos devem ser alimentados, senão morrem. Seu combustível deve ser um fluxo constante de novas experiências. Não há muitas jornadas a serem empreendidas quando você está trancado em uma jaula. O movimento extrínseco para por completo. Você tem duas opções: voltar-se para dentro e começar sua jornada lá ou enlouquecer.

Na prisão, não há tempo, a menos que você o crie para si mesmo. As pessoas lá fora parecem acreditar que o tempo transcorre lentamente na prisão, mas não é o que acontece. A verdade é que ele não passa de jeito nenhum. Trata-se de um vácuo eterno, e os momentos não têm significado porque não têm contexto. Não há diferença entre amanhã e ontem. É por isso que há tanta estagnação inerente à vida em um presídio: não existe nenhum tipo de impulso.

Só há uma forma de não ser engolido pelo mal-estar, desespero e solidão: criar uma rotina a ser mantida a todo custo. Uma rotina física, uma rotina mental e até mesmo uma rotina espiritual. Você não passa tempo, mas o cria.

Comecei a medir o tempo fazendo trinta flexões de braço por dia até conseguir chegar a fazer mil muitos anos mais tarde. Comecei fazendo dez minutos de meditação por dia; depois me esforcei até alcançar cinco horas diárias. Foi só me tornando mais disciplinado, focado e obstinado que evitei a entropia e a morte interna.

Uma das primeiras coisas que tanto Ju San/Frankie quanto Gene me disseram foi que você deve transformar sua cela em uma escola e mosteiro. Você passará pelo menos 23 horas por dia naquela cela, totalmente sozinho. Depois que fui transferido para Varner, só passava três horas por semana fora de minha cela, quando Lorri me visitava. A maioria das pessoas não aguenta ser forçada a ficar diante de si mesma, então se torna rumorosa e malvada, como babuínos procurando um objeto brilhante para se distrair. A principal distração é a televisão. Grande parte dos detentos engorda e fica fora de forma porque passa horas infinitas na frente da TV. Eles assistem a futebol americano, basquete, beisebol, novelas, *The Jerry Springer Show*, *Judge Judy* e qualquer outra coisa que passar na tela. Vêem televisão do momento em que levantam de manhã até o momento em que

vão para a cama. Eu não queria me tornar um homem de Neandertal descerebrado e obeso. Tive de cortar esse mal pela raiz e não cair nesse padrão.

Passava de uma área de estudo para outra. Além dos textos de teosofia de Gene e dos textos budistas de Ju San, comecei a praticar um tipo de misticismo cristão descrito em *Um curso em milagres*. Fui apresentado a essa escola de pensamento por um homem chamado Mike. Nunca consegui descobrir se o sujeito era um gênio ou um psicopata. Na verdade, ele não era um detento do Corredor da Morte, mas o que costumam chamar de “porteiro”. Cumpria uma sentença de prisão perpétua sem possibilidade de condicional, e sua tarefa era manter o Corredor da Morte limpo: varrer, passar pano, lavar janelas, esfregar os chuveiros, tirar pó etc.

Acordei uma noite às duas da manhã com o barulho de algo sendo raspado. Levantei-me para ver do que se tratava e vi Mike de quatro, esfregando o chão com uma escova de dentes. Quando perguntei que diabos estava fazendo, ele me explicou que não precisava mais dormir e pensou que podia usar seu tempo de maneira construtiva. Aquela era uma resposta típica dele. Dizia que apenas o ego precisa dormir. Mike também era propenso a ter visões. Uma vez, ele me disse que, em uma visão, foi informado de que, se jejuasse por uma semana, poderia se recompensar com sorvete. (Se alguém de fato manda dinheiro para sua conta, a prisão tem uma pequena lista de coisas que podem ser compradas. Sorvete é uma delas.) Quando eu tinha certeza de que ele era louco, Mike fazia algo que me deixava totalmente desconcertado.

Um curso em milagres é um livro de práticas que demoram um ano para serem completadas se cada lição for seguida. O objetivo é mudar de vez a maneira como sua mente foi programada para pensar desde o nascimento. Você passa a vivenciar a realidade de uma forma totalmente diferente, em que qualquer coisa é possível. Esse livro se baseia na física quântica, mas usa terminologia bíblica. Tornou-se bastante popular nos últimos anos e há grupos de estudos dedicados a *Um curso em milagres* por todo lugar.

Mike aparecia diante de minha cela todos os dias e ficava sentado em cima de um balde de vinte litros. Nosso único assunto era *Um curso em milagres* e como aquela obra estava relacionada à Cabala, um livro de misticismo judaico. Depois de terminarmos *Um curso em milagres*, nos dedicamos ao estudo da Cabala. Mike estudava com um sujeito cabalista; depois vinha e explicava tudo para mim. É surpreendente quantos estudantes de vários tipos de misticismo você pode encontrar na prisão. Esses prisioneiros geralmente estão determinados a aproveitar ao máximo seu tempo e não repetir os mesmos erros. São homens que anseiam por um tipo de conhecimento que não é ministrado no mundo

comum e estão prontos a aprender e a transmitir o que já sabem. Continuei a estudar por um tempo depois que Mike foi mandado para outra parte da prisão.

Em seguida, dediquei-me ao estudo da filosofia e da prática de uma organização conhecida como A Ordem Hermética da Aurora Dourada. Tratava-se de um grupo de pessoas que praticavam ritos de passagem metafísicos para marcar os diferentes estágios da evolução da consciência. Estava tudo relacionado ao processo constante de aprendizado e crescimento pelo qual todos passam e a como acelerá-lo. O grande poeta W. B. Yeats foi um dos alunos mais conhecidos dessa escola de pensamento. Eu ficava com a cara enfiada nesses livros o dia inteiro.

Muitas pessoas doaram dinheiro para um fundo universitário que foi criado para Jason e para mim, então comecei a fazer cursos de uma faculdade aqui no Arkansas. Primeiro, interessei-me principalmente por psicologia, mas acrescentei outras matérias, como sociologia e alemão, para contrabalançar. Psicologia me parecia infinitamente interessante com todas as suas experiências e debates sobre inato *versus* adquirido, mas, a esta altura, acho que ninguém se surpreende ao ouvir que me interessei por psicologia.

Mais tarde, percebi que aquela não era de forma alguma minha paixão, ao contrário de história. Passei a gostar de história mais do que de qualquer outra disciplina e comecei a acreditar que é possível entender muito mais a respeito do mundo através da história, especialmente a militar, do que através da psicologia. De início, mergulhei em todos os aspectos de todos os períodos históricos, mas, aos poucos, meu escopo foi se estreitando e comecei a perceber o que me atraía.

Minha paixão é a história italiana, mais especificamente a história das cidades de Florença e Veneza no período entre 1400 e 1800. Meu exemplo é Cosme de Médici, embora também goste de seu neto, Lourenço, o Magnífico. O que adoro a respeito do período no qual os Médici estiveram no poder é a estrutura social e todas as intrigas que a acompanhavam. Entre as esferas aristocráticas, a vida era como uma partida de xadrez. Era preciso pesar cada palavra, e as conversas eram repletas de sutileza. O sucesso ou fracasso social podia basear-se na pessoa com quem você era visto estabelecendo contato visual. Isso para não falar dos estilos e modas decadentes que eram a última tendência. Ninguém usava jeans largos e bonés de beisebol virados para trás. Hoje ninguém faz esforço algum.

No entanto, nenhuma prática rotineira ou espiritual no mundo atenua a realidade da vida cotidiana no Corredor da Morte. Uma pessoa normal não comete homicídio. Durante quase dezessete anos, esperei que entrasse pela porta alguém com quem eu

pudesse conversar, mas isso não acontece. Todas as pessoas aqui têm problemas mentais que variam desde um leve retardamento até esquizofrenia extrema. Outros estão presos em uma espécie de terra de ninguém, entre a sanidade e o delírio. Não há gênios do crime caminhando por estes corredores. A maioria, além de serem analfabetos culturais, mal consegue se expressar em inglês. Nunca conheci um prisioneiro com nível superior e posso contar nos dedos de uma das mãos os que terminaram o ensino médio. Quase todos viviam em pobreza absoluta, e a maioria foi abusada de uma forma ou de outra. Nenhum deles é capaz de exercer uma função normalmente na sociedade, e essa não é uma habilidade que estão dispostos a aprender quando ficam trancados em uma cela no meio de outros tão maus ou piores que eles mesmos. Ainda estou para ver algum sinal de “reabilitação” ou algum programa concebido com essa finalidade. A maioria das pessoas que você conhece na prisão já esteve aqui várias vezes. Algumas passaram pelo cárcere três ou quatro vezes antes de chegar ao Corredor da Morte. Esses homens afirmam que odeiam e desprezam tudo a respeito da prisão, mas sempre voltam. É como se estivessem juntando milhagem de viajantes frequentes ao inferno. Eles mesmos não conseguem explicar e usam desculpas como: “É difícil ficar fora uma vez que você já esteve aqui dentro.” Por quê? Como? É difícil se conter e não arrancar a bolsa de uma velhinha? É difícil não cometer estupro? De repente, você se pegou acidentalmente arrombando uma casa e roubando um carro? Não entendo por que eles não aprendem a lição na primeira vez. Só isso já é prova de que têm alguns parafusos soltos.

No Corredor da Morte, costumávamos ter televisores que ficavam em um suporte a um metro e meio de distância das celas. Os guardas deviam fazer verificações de segurança a cada meia hora e, nesse momento, podiam mudar de canal se você quisesse, mas isso nunca acontecia. Vi até oito horas se passarem sem que um único guarda se apresentasse. Uma vez, um detento ficou deitado no chão, morto, a noite inteira, após ter sofrido um ataque cardíaco, e os guardas só o encontraram depois do café da manhã.

Sem ninguém por perto, tínhamos de arquitetar uma forma de mudar de canal por conta própria; então alguém inventou o que logo ficou conhecido como o “troca-canais”. Um troca-canais é feito de cartolina, canetas e pedacinhos de fita adesiva surrupiada. É surpreendente como é possível fazer uma lança muito resistente com esses materiais. E um troca-canais é basicamente isto: uma lança. Com ela, você pode se estender para além das grades de sua cela e mudar o canal do televisor.

No espírito de escalada da guerra, um detento conhecido como Risinho e outro conhecido como Mendigo modificaram seus troca-canais para causar o máximo de

estrago. Usaram latas vazias de refrigerantes para criar ponteiras afiadas de metal e, depois, começaram a estocar um o rosto do outro por entre as grades. Continuaram por pelo menos uma hora e ambos sangravam antes de enfim se cansarem. Quando alguém perguntou quem havia começado tudo aquilo, Risinho apontou para o Mendigo e disse:

— Ele estava tentando me “pejorizar”.

Ninguém sabia exatamente o que ele queria dizer, o que não era nada fora do comum. Em geral, ninguém se importava com a conversa de Risinho a ponto de tentar acompanhá-la.

Eu mesmo lhe dei essa alcunha, que pegou. Logo toda a população do Corredor da Morte passou a chamá-lo assim e até ele começou a se referir a si mesmo daquela maneira. Parecia perfeito. Risinho tem mais ou menos 1,65 metro, estrutura corporal média e é igual a um gambá. De fato, seu nome de guerra é “Kid Gambá”. Ele só tem um dente na boca, bem na frente. Diz que os outros apodreceram por causa das drogas, embora eu esteja mais propenso a acreditar que foi simplesmente falta de uma boa higiene oral. Digo isso porque Risinho tem o hábito de um filhote de dragão e nunca foi visto na presença de uma escova de dentes. Uma vez, tentei usar o telefone depois dele e o cheiro que ele deixou no fone me causou ânsia de vômito. Lavei-o por vários minutos com água e sabão, mas o cheiro permaneceu. Ibr fim, tive de jogar colônia barata em cima do aparelho. Já ouviram Risinho dizer: “Não tomo café porque mancha meu dente.”

Não é apenas sua boca que fede, já que ele evita cronicamente todas as formas de limpeza. Risinho é a única pessoa na Terra que fede mais quando sai do chuveiro do que quando entra. Na verdade, ele não se lava, apenas espirra água para todos os lados enquanto tenta conversar com outras pessoas. Os guardas discutem para decidir quem terá de escoltá-lo, pois ninguém quer chegar perto.

Risinho chegou ao Corredor da Morte depois de ter sido condenado por esquarterar duas idosas com um cutelo. Outros detentos costumavam deixá-lo louco, atormentando-o com cutelos feitos de cartolina. Enquanto simulavam estar esquarterando alguém, imitavam a voz de uma velha e gritavam: “Não, Risinho! Ibr favor, não me mate! Você vai ser condenado à morte!” Risinho ficava louco de raiva e ameaçava matar todos que estivessem a sua frente.

Risinho e Mendigo não tiveram apenas uma briga ao longo dos anos e, durante a maioria delas, um jogava fezes ou urina no outro. Uma vez, presenciei Mendigo jogando uma caneca de urina na cara de Risinho, que nem se deu ao trabalho de se lavar em seguida. Ele simplesmente enxugou o rosto com uma toalha e voltou ao que estava

fazendo.

Homens que cultivam a sujeira são uma ocorrência comum na prisão. Eles se justificam dizendo: “Não vou a lugar algum tão cedo, então por que me preocupar?” São chamados de bárbaros ou vikings. Embora os vikings sejam brutos, os considerados bárbaros já desistiram de qualquer pretensão de humanidade civilizada.

Todo dia, homens são selecionados para trabalhar nos campos. Eles balançam uma enxada da alvorada até a hora do jantar e, quando voltam para a prisão, estão suados, imundos e enlameados. Um viking tira as roupas e vai para a cama sem tomar banho. Um bárbaro entra na cama sem sequer tirar as botas sujas de lama. Dá para sentir o cheiro de um bárbaro na cela ao lado. Passei por essa experiência. Uma vez, vivi na cela adjacente à de um bárbaro durante três meses. Nem conseguia me sentar perto da porta para ver televisão sem colocar um pedaço de pano sobre o nariz e a boca. Aquele bárbaro em especial até mandou que lhe arrancassem os dentes para evitar a formalidade de escová-los. Uma dentadura o pouparia daquele esforço. O que me pareceu mais estranho foi a insistência do bárbaro em dizer que não fedia apesar de todos no pavilhão dizerem o contrário.

Também tive o azar de viver perto de outro bárbaro, que todos chamavam de “Azulão”. O nome era uma referência ao fato de ele usar o mesmo par de cuecas todo dia até que elas assumissem um tom cinza-azulado. Na verdade, não eram nem cuecas, mas ceroulas cujas pernas ele havia cortado. Depois de cerca de um ano, não passavam de um trapo cheio de buracos e todo esfarrapado. Ao contrário de Risinho ou do outro bárbaro, Azulão tinha uma desculpa válida: era louco varrido.

Notei que Azulão assistia ao noticiário toda manhã com a intensidade de um gato ao lado de um buraco de ratos. Ele me segredou que não estava assistindo ao noticiário, mas às informações sobre horário e temperatura no canto da tela. Azulão não tirava os olhos daqueles números minúsculos porque acreditava que fossem uma mensagem secreta destinada a ele. Quem mandava aquelas mensagens? Eram “eles”. Ele não podia, ou não queria, ser mais claro a respeito, e também não dava maiores explicações sobre a natureza daquelas mensagens. Devo admitir que, depois que ele me disse isso, comeci a desviar o olhar para o canto da tela para me certificar de que não havia nada mais ali além de números.

Vivo com homens que não têm contato com a realidade há anos. A verdade é que a insanidade, assim como o retardo mental, é galopante no Corredor da Morte. A lei diz que os dementes e os retardados mentais (terminologia legal, e não minha) não podem

ser executados, mas é o que acontece regularmente. É ao mesmo tempo triste e assustador. Triste porque muitos deles sequer entendem que estão no Corredor da Morte ou o que os espera.

Os deficientes mentais são executados regularmente enquanto os políticos fazem discursos sobre tratar o crime com dureza. Nunca encontrei um único homicida que tivesse as faculdades mentais necessárias para entender plenamente o horror do que havia feito. Eles não têm maturidade emocional suficiente para sentir empatia. Suas vidas são um pesadelo, porém não são capazes de perceber isso. São a escória da humanidade, tanto por nascimento quanto por escolha. A prisão e a mentalidade carcerária não são o que a sociedade foi levada a acreditar que sejam. Essas pessoas não são capazes de cuidar de si mesmas e sofrem de todos os problemas de saúde imagináveis. Não há assassinos atraentes aqui. É como se a feiura dentro deles conseguisse se transformar em suas feições, de maneira que o exterior se pareça com o que eles têm dentro de si. Não há conversas aqui. Há ameaças, insultos e gritos, mas uma conversa é algo impossível. Conceitos como amor, honra e respeito próprio são tão estranhos a este lugar quanto cozinha francesa. Eu vacilo entre os extremos da pena e do nojo.

O sistema penitenciário não faz esforço algum para ajudar os doentes mentais. Não há sessões de terapia, tratamentos, nem medicamentos de ponta. A única coisa que fazem é entupi-los de clorpromazina caso comecem a ficar irritados. É possível identificar os movimentos de um homem que toma clorpromazina a um quilômetro de distância. Todas as suas ações demoram dez vezes mais do que deveriam porque ele faz um esforço hercúleo para se mexer.

O pior medo de muitas pessoas na prisão é enlouquecer, porque, uma vez que isso acontece, não há mais esperança alguma. Você ficará trancado não apenas dentro daquelas paredes, mas também dentro da própria mente em rápida degeneração. Não existe ajuda e você não consegue nem trabalhar em seu próprio caso para converter a sentença de morte. Fica sentado em uma cela brincando com fezes e gritando com fantasmas que ninguém mais consegue ver. Este não é o lugar no qual você quer pirar. Se você achar que as paredes estão se fechando a seu redor, terá de dar um jeito para lidar com o problema ou se livrar dele.

Às vezes, é ainda mais perturbador ver os casos de retardo mental do que os de insanidade no Corredor da Morte. Digo isso porque muitas vezes há algo bastante infantil nas ações dos retardados. Ver uma pessoa retardada sendo levada para a execução é uma abominação. É algo que nunca deveria acontecer, mas que acontece. Às vezes, até

mesmo retardados inocentes são executados, o que é duplamente grotesco.

Tivemos um sujeito aqui com o QI de uma criança, e todos sabiam que ele não havia cometido o crime pelo qual fora condenado. Estava levando a culpa de algo que o irmão fizera, no lugar de quem foi executado, por fim. O sujeito era obviamente retardado e sobrevivia com uma dieta de batatas fritas, doces e bolo. Conseguia o dinheiro para essas coisas com uma freira que vinha visitá-lo de vez em quando. Às vezes, sua mãe vinha vê-lo e, como não tinham do que falar, os dois apoiavam a cabeça na mesa e dormiam. Era de partir o coração. Não me lembro de tê-lo visto tomar banho alguma vez. Ele só ficou sentado em silêncio em sua cela até o dia em que foi morto.

Todos parecem concordar que é errado executar os retardados, porém é o que continua acontecendo. Neste exato momento, há retardados esperando para serem executados. Um deles precisa repetir o que diz várias vezes porque ninguém consegue entendê-lo. Outro junta palavras que não fazem sentido. Ele chama as pessoas por nomes como “Reixe Mais” e “Foda-se, Bart”. Caminha pela cela às quatro da manhã gritando: “Girem os dedos! Girem os dedos! Vamos rolar!” Depois, diz uma série de obscenidades.

Com um homem são, é possível raciocinar e conversar; você pode adivinhar seus motivos e prever suas ações. Um louco, por outro lado, pode tentar matá-lo porque está convencido de que é o desejo divino. Como Nu-Nu.

A ameaça de violência paira sobre Nu-Nu como uma nuvem negra. Ele não é o tipo de pessoa que você gostaria de abrigar sob seu teto ou à qual você gostaria de dar as costas. Se já houve algum caso incontestável de esquizofrenia, era esse. Nu-Nu atirou em um rapaz matando-o em uma lavanderia self-service. Quando os policiais chegaram para investigar o incidente, encontraram um vídeo de segurança com imagens dele dançando em volta do corpo. Muitas vezes, acordei às duas da manhã com Nu-Nu se esgoelando. Ele afirma que as freiras no hospital dos detentos estão bebendo seu sangue e defecando em sua comida. Todo o pavilhão já o ouviu discutir com um espelho durante horas a fio, ameaçando de morte o próprio reflexo. Depois, ele para e começa a fazer um sermão com uma voz muito tranquila, instruindo sua congregação a “abrir o Livro de Salmos e segurá-lo com sua bola esquerda”.

Outros são igualmente dementes, porém mais inócuos. Não tenho dúvida de que mataram alguém em algum momento, mas é quase como se seu ímpeto assassino tivesse morrido com as vítimas. Agora, são apenas lunáticos esgotados.

Temos um personagem aqui com o apelido infeliz de “Tufos”. Tufos detesta esse

apelido e mataria alegremente qualquer pessoa que o usa. Toda vez que você o chama dessa maneira, ele se vira com um brilho de puro ódio nos olhos. Ele recebeu o apelido porque usa um penteado exatamente igual ao de George Jefferson no velho seriado de comédia *The Jeffersons*: crespo dos lados e nada no topo. Uma vez, alguém salientou que estavam lhe faltando alguns tufos de cabelo e o apelido pegou. Foi assim que Tufos nasceu.

Tufos não é o tipo de sujeito com o qual você gostaria de fazer amizade. Ele faz de tudo para irritar qualquer um. É o tipo de pessoa que muda de canal só porque sabe que você está vendo televisão. Finge que está ao telefone só para que você não possa usá-lo. Falando claramente, Tufos é um babaca. Ninguém fica em uma cela adjacente à dele por muito tempo porque logo começa a desprezá-lo e, em seguida, faz o que for necessário para se afastar. Não há nada de que Tufos goste mais do que ver os outros se darem mal, e esse é o único momento em que você o verá rindo.

Tufos tem uma coleção bastante interessante, até mesmo pelos padrões da prisão, e é muito melindroso em relação a ela. Se você o abordar quando ninguém mais puder ouvir a conversa, ele a mostrará. Se você disser algo sobre ela quando outros estiverem por perto, ele negará a existência da coleção e, depois, o xingará pelo resto do dia. O mais estranho é que quase todo mundo já viu a tal coleção em algum momento e sabe que ele está mentindo quando se faz de desentendido. Aqueles que desejam atormentá-lo gritam entre os pavilhões e perguntam a respeito. A reação é raiva explosiva ou silêncio sepulcral. A única outra coisa que o enfurece tanto quanto isso é quando alguém começa a cantar uma famosa canção dos anos 1970 que faz referência a seu apelido.

Então o que exatamente Tufos coleciona? Pornografia de travestis. Pornografia que se enquadra em títulos tão criativos como “gatas com pintos”. Ele não apenas a guarda como se fosse um tesouro, mas também a transforma em livros *pop-up* que são astutamente disfarçados como cartões de aniversário. Ele os guarda como um Fort Knox de perversidade, como se acreditasse que todos querem roubar seu trabalho árduo. Esse amontoado de pornografia *pop-up* de travestis é interativo. Ele pega uma lâmina de barbear e vasculha revistas pornográficas em busca de fotos de pênis. Quando encontra uma, recorta-a cuidadosamente e abre fendas nas imagens dos travestis para que os membros recortados possam ser inseridos e retirados das ranhuras. Na verdade, é perturbador, mas ninguém pode negar que ele é um homem que conhece com precisão seus próprios gostos.

É mais estranho e desagradável que Tufos possa ser, aqui não falta quem se

equipare a ele. Um bom exemplo dessa triste espécie seria J. C.

Notei J. C. pela primeira vez depois que já estava aqui havia alguns meses, quando fui transferido para uma cela no terceiro andar. Não conseguia olhar para ele sem pensar em um espantalho; J. C. se parecia muito com Iggy Bp. Tinha longos cabelos grisalhos, era magro como um fiapo, e todos os músculos em seu torso eram muito definidos. Ele se exercitava constantemente e era o que estava fazendo quando chamou minha atenção pela primeira vez. Olhei e o vi fazendo agachamentos usando apenas uma cueca samba-canção. Olhei uma segunda vez para ver o que eram aquelas pequenas manchas pretas espalhadas por todo o seu corpo. Um exame mais atento revelou que eram grilos. Estavam presos aos seus ombros, peito e barriga com pequenos pedaços de fita adesiva. Até havia um em seu pescoço. Ele gostava de chamá-los de seus “bebês” e sabia como fazê-los cantar com um simples toque especial. Ele guardou aqueles grilos, ou seus descendentes, por um bom tempo antes que os guardas entrassem em sua cela, jogassem-nos na privada e dessem descarga. J. C. pareceu ter ficado arrasado ao perdê-los, como se fosse realmente apegado àqueles insetos.

J. C. era um artista tremendamente habilidoso, embora seu trabalho viesse das profundezas mais obscuras de uma psique perturbada. Um dia o vi em pé na soleira vestindo apenas sua costumeira cueca samba-canção. Um cigarro pendia do canto da boca e seus olhos estavam meio fechados por causa da fumaça. Parecia olhar para algo em cima de minha cabeça quando me jogou um pedaço de papel grosso enrolado dentro de um tubo de papelão como o que encontramos em um rolo de papel higiênico.

— Dá uma olhada e me diz o que você me dá por isso — murmurou ele antes de voltar para dentro da cela. Desenrolei o papel e vi o desenho impecável do corpo reclinado de uma mulher. A parte terrível era que J. C. havia desenhado a própria cabeça no corpo da mulher. Olhei aquilo chocado, incapaz de me mexer. Foi um choque tão grande para minha mente que fiquei sem saber o que fazer. Gritar? Rir? O quê? Ibr fim, fiz a única coisa possível: enrolei o papel, joguei-o de volta para ele e disse:

— Desculpe, J. C., mas já tenho um igualzinho.

Ele aceitou aquela explicação como se fosse totalmente plausível e passou o desenho para o próximo cliente em potencial.

Desenhar não era o único meio de expressar sua criatividade. Uma vez, ele fez bestas usando abaixadores de língua, cola e elásticos de alta resistência. Não se tratava apenas de meros brinquedos, já que aquelas armas tinham força suficiente para furar a carne. Algumas pessoas ficavam nervosas quando o viam com uma delas nas mãos,

embora ele nunca tenha alvejado ninguém. Você até sentia algo passando de raspão por sua orelha, mas a única coisa em que ele realmente atirava eram ratos. Ele reduziu a população de roedores da prisão por um tempo. Um dia, Mendigo ficou nervoso quando J. C. começou a agitar as balestras em sua direção e o dedurou. Foi o fim dos dias de atirador de J. C.

Seu hábito mais irritante era ir para o chuveiro completamente nu e voltar do mesmo jeito. Caminhava para cima e para baixo lentamente, como se não houvesse nada de estranho. Não seria nada de mais se fosse possível ignorá-lo, mas ele ia até você e tentava puxar assunto. Geralmente, as pessoas ficavam bastante incomodadas. Cada um lidava com a questão de maneira diferente. Assim que ele abria a boca, alguns homens gritavam ultrajados: "Já disse mil vezes: não tente falar comigo quando estiver sem cueca!" Outros olhavam a sua volta nervosos para ver se alguém observava e, depois, tentavam responder o mais rápido possível para ele seguir em frente. Em geral, ele era um personagem bastante divertido, e ninguém ficou feliz quando o Estado enfim o executou.

Outro esquizofrênico potencialmente perigoso foi executado há pouco tempo após ter passado 22 anos no Corredor da Morte. Ele ficou todo esse período aqui porque havia sido considerado demente demais para ser executado. O Estado finalmente o medicou para que ele pudesse ficar são o suficiente para apreciar o fato de que estava prestes a morrer. Quem o conhecia não tinha dúvidas acerca de sua sanidade. Formei minha opinião no dia em que ele cuspiu em minha cara e me acusou de encravar suas unhas do pé. Ele ainda gritava comigo quando os guardas o levaram para o buraco.

Essa é uma coisa com a qual não é possível se acostumar. Em um dia, um homem está aqui; no seguinte, se foi. É difícil acreditar que alguém com quem você estava falando alguns dias antes se foi para sempre. Você convive com esses homens durante anos, mas não tem nem a oportunidade de ir ao funeral deles; portanto, não há uma sensação de desfecho. Os pregadores ficam com um brilho nojento nos olhos quando uma execução está próxima. Eles pairam sobre a cela do condenado como moscas, ameaçando-o com a danação a não ser que ele compre a ideia que estão vendendo. Eles não têm tempo para você a menos que esteja prestes a morrer. Até aquele momento, nem param para dizer "oi". Muitos homens juram que vão atacá-los verbalmente se eles ficarem rondando suas celas quando a execução for iminente. O sentimento é: "Você não teve tempo para mim quando eu estava vivo. Agora que estou morrendo, não tenho tempo para você."

A pior parte das semanas que precedem uma execução são os guardas. Dá para ver

que ficam animados, afinal aquilo acrescenta um pouco de excitação ao trabalho. Um porta-voz do Sistema Correccional do Arkansas vai à televisão fazer um discurso e dizer que aquela situação é muito difícil para eles, mas são apenas palavras para convencer um público crédulo de que são muito humanos. A verdade é que os guardas ficam contando piadas antes e depois de uma execução. São cordiais com o condenado às vésperas do evento, mesmo que o tenham maltratado e negligenciado até então. Isso é feito por pura morbidez. Eles querem poder dizer aos outros que conversaram com o morto.

Alguns prisioneiros não conseguem se lembrar do que você lhes disse, e vice-versa, algumas horas antes. Se você repetir a conversa, falarão que aquele diálogo nunca aconteceu. Outros são adultos com mais de trinta anos que ainda se comportam como adolescentes rebeldes. Seu (parco) desenvolvimento mental parou quando começaram a usar drogas e álcool.

Dizer que alguém não consegue segurar o barro é gíria carcerária para incontinência. Com isso em mente, deixo que você imagine por que um detento ganhou o apelido de “Barranco”. Barranco não poderia ser mais alheio à realidade nem se andasse com um saco na cabeça. Seu principal talento era mentir para si mesmo, e sua missão na vida era distorcer todas as informações que passavam por seus sentidos. Se o autoengano fosse uma arte, Barranco seria um mestre. Ele é a única pessoa que não consegue enxergar através da própria cortina de fumaça e diz coisas que deixam todos incrédulos.

Um exemplo de seu autoengano são seus vícios. Barranco venderia a alma por cigarros ou maconha. Toda vez que descobre que alguém no pavilhão tem algum, fica enlouquecido. Implora a todos e vende o que tiver para obter sua mercadoria. Fuma tanto que tudo em sua cela fede. Um dia, entreouvi-o dizendo que logo seria executado, só para que seu pai lhe mandasse dinheiro. Funcionou da primeira vez, mas, na segunda tentativa, o pai ligou para o advogado de Barranco e descobriu a verdade: a data de execução não estava nem perto. Quem em sã consciência forjaria a própria morte em troca de cigarros? Mas Barranco fica furioso quando é chamado de viciado e doidão e vive dizendo às pessoas que “parou”. Na verdade, isso significa que não está conseguindo encontrar drogas naquele momento. Quando lhe perguntam por que o pai não fala mais com ele, Barranco insiste que é porque ele cortou relações com os parentes para que não tivessem mais de se preocupar com sua situação. E ele *se obriga* a acreditar nisso. Ele não vê a contradição em suas ações: se realmente não queria preocupar a família, não teria ligado com notícias de uma data de execução que não existe.

Barranco é conhecido por fazer sermões nos quais diz que não acredita em violência gratuita para, em seguida, ameaçar de morte outro detento por tentar mudar o canal da televisão. Pelo menos uma vez por dia, condena alguém por fazer algo que ele mesmo fez no dia anterior. É bastante interessante observar. Eu o vejo fazer alguma besteira e digo a mim mesmo: “Não é possível de forma alguma que ele consiga dar uma roupagem positiva a essa situação. Ele *vai ter* de encarar os fatos.” Engano-me todas as vezes. Ele sempre tira algum coelho da cartola. Seria de se esperar que aprendesse com os próprios erros, mas isso nunca acontece. Vive arrumando encrencas e ignora esse padrão. Estou convencido de que essa é uma necessidade porque provavelmente cometeria suicídio se fosse obrigado a olhar atentamente para si mesmo.

Grande parte dos hábitos e bizarrices de Barranco é repugnante, embora alguns sejam hilários. Muitas vezes, ri dele até perder o ar. Uma dessas ocasiões foi no fim de 1999, quando ele estava se preparando para o *bug* do milênio.

Barranco ouvia sem parar uma estação de rádio com vários programas sobre teorias conspiratórias. Pelo menos uma vez por ano, eles transmitem um programa que insiste que um asteroide gigante está se dirigindo para a Terra e que toda a criação será aniquilada em uma determinada data. Essa tal data chega e passa sem nenhuma consequência nefasta, mas isso nunca impede que façam outra matéria semelhante dali a cerca de um ano. Também não impede que Barranco acredite em cada palavra como se fosse a mais pura verdade. Avistamentos do Pê Grande, acidentes de OVNI, abduções alienígenas, tramas chinesas para dominar o mundo etc. Barranco nunca se farta. Quando começaram a transmitir programas prevendo o *bug* do milênio, ele não conseguia falar de outra coisa. Quase deixou todos nós loucos com suas constantes profecias do juízo final. Segundo ele, no instante em que o calendário passasse para o ano 2000, todos nós morreríamos.

Um dia, quando eu estava a caminho do pátio, notei uma grande pilha na cela de Barranco. Ele tinha várias caixas de macarrão instantâneo, uma pirâmide de refrigerantes, montes de biscoitos salgados e cerca de quinze rolos de papel higiênico. Barranco explicou que estava estocando mercadorias porque, quando o *bug* do milênio chegasse, não teria mais água nem comida. Pensei um instante antes de perguntar:

— Se não houver mais água, como você vai cozinhar todo esse macarrão?

Ele me descreveu sua receita secreta: ferveria o macarrão no refrigerante aquecido por papel higiênico em chamas. Ele já havia experimentado a preparação para se acostumar a comê-la. Infelizmente, a deliciosa empreitada acabou sendo em vão, pois

nossa destruição iminente foi adiada.

O fiasco do *bug* do milênio não foi o único hábito culinário questionável de Barranco. Ele é um pão-duro de marca maior. Uma vez, depois de ter acabado com a manteiga de amendoim de um pote, vi-o encher o recipiente de água quente e separá-lo. Achei que talvez o estivesse lavando para reutilizá-lo. Em vez disso, ele bebeu toda a água turva em que os restos de manteiga de amendoim estavam boiando. Aproveitava o dinheiro gasto até o fim. Outros o viram fazer a mesma coisa com um pote de queijo fundido. A partir daquele dia, toda vez que ele se metia em alguma discussão, alguém dizia:

— Pelo menos não bebo água de queijo.

Barranco costumava usar o que chamava de “máscaras antipeidos”. Ele fabricava esses artefatos a partir de amostras de perfumes que arrancava de revistas e fixava sobre o nariz e a boca com elásticos presos atrás das orelhas. Pareciam máscaras cirúrgicas. Ele as usava, respirando perfume puro, pelo menos duas vezes por semana, durante os momentos em que, segundo ele, os gases do Mendigo fediam tanto a ponto de lhe causar ânsia de vômito.

Na prisão, pornografia vale mais do que dinheiro. Você pode trocá-la por qualquer coisa que quiser. Barranco coleciona pornografia para usar como moeda de troca junto aos traficantes que alimentam seus vícios. Uma vez, tive a oportunidade de ver sua coleção e a achei mais perturbadora do que erótica. Uma grande folha de papel coberta apenas de fileiras e fileiras de peitos. Outra fileira, coberta de vaginas. Uma terceira, só com ânus. Não havia cabeças, braços, nem pernas. Tudo havia sido recortado. Quando o questioneei sobre isso, ele respondeu que não precisava ver um cotovelo para “ficar excitado”. Embora eu achasse seu gosto grosseiro e esteticamente não muito agradável, até que fazia sentido. Ou pelo menos pareceu fazer sentido até eu ver que ele também tinha uma caixa de fósforos cheia de olhos. Ele havia folheado uma pilha de revistas e recortado meticulosamente os olhos de todas as fotos com uma lâmina de barbear. Barranco pareceu ficar profundamente ofendido quando sugeri que aquilo talvez fosse anormal e insisti que tinha a ver com um trabalho artístico que estava criando. Depois, a caixinha de olhos desapareceu e ninguém nunca mais a viu.

É possível identificar quem usa drogas há muito tempo pelas marcas deixadas em seus corpos. Os mais óbvios são aqueles cujos dentes estão se esfureando na boca. Às vezes, eles têm o hálito de quem está apodrecendo de dentro para fora. Sorriem com dentes arruinados enquanto dizem a você como usar drogas é bom. Não, obrigado. Sou

vaidoso demais para usar algo que vai estragar minha aparência.

O simples fato de estarem na prisão não significa necessariamente que não estão mais usando drogas. Pelo preço certo, os guardas estão mais do que dispostos a ajudá-los a obter uma dose do que precisarem. Alguns são alcoólatras que fabricam sua própria bebida. Isso é *muito* comum. É algo feito com os ingredientes mais terríveis que você possa imaginar, e o simples cheiro do produto final é de embrulhar o estômago. A gíria carcerária para essa nojeira intragável é “veneno”. Não é *merlot* e você não vai ver esse líquido engarrafado por nenhuma vinícola.

Observo homens enrolando os próprios cigarros em páginas arrancadas da Bíblia. Dizem que estão “fumando o Espírito Santo”. Quem não tem tabaco fuma qualquer coisa que encontrar: saquinhos de chá velhos, detergente para vasos sanitários, qualquer coisa. Vi um homem cair no chão, se debater e espumar pela boca depois de fumar algo que parecia uma pedra de sal azul-claro. Ele revirava os olhos enquanto atravessava o chão de concreto debatendo os pés. São dias difíceis para os demônios, e os viciados já venderam a alma há muito tempo.

Você não cria muitas recordações na prisão, pelo menos nenhuma que deseje manter ou relembrar com orgulho. É mais como se cenas e situações horríveis estivessem sendo queimadas a ferro em sua psique. Porém, a capacidade de criar boas lembranças... sumiu. Aquelas que você tinha ao entrar aqui são as únicas que terá pelo resto da vida. Eu revisitava as minhas o tempo todo, tentando desesperadamente arrancar cada grama de sustento possível. Era como um vampiro, sugando-as até o fim e, depois, peneirando a poeira na esperança de encontrar uma gota negligenciada nas cem vezes anteriores. Em algumas ocasiões, eu revisitava uma experiência de vida profunda; em outras, ficava ruminando um detalhe minúsculo, como uma hiena tentando encontrar o tutano no centro de um osso velho. Durante duas semanas, relembrei a maçaneta da porta de entrada da casa de minha avó. Fiquei recordando como era olhá-la nas manhãs de inverno, sabendo que ela me causaria uma sensação fria como gelo na mão. Relembrava como era levantar o braço para pegá-la, fechar meus dedos brancos em volta do metal cinza. Depois, a melhor parte: a lufada de ar quente quando abria a porta. Não era apenas o calor que me envolvia, era a sensação de lar que me banhava, me circundava, me acolhia. Depois, a porta se fechava de novo, o processo recomeçava pela décima, ou talvez centésima, vez naquele dia. Perdida a conta. O número era insignificante: a experiência era o que importava. São surpreendentes todas as pequenas coisas de que comecemos a nos lembrar quando não há novas experiências para nos distrair.

Gradualmente, à medida que os anos iam passando, eu conseguia me aprofundar cada vez mais nesse estado de recordação. No fim, a prisão desaparece por completo e apenas o mundo dentro de sua mente retém alguma importância. Eu usava várias denominações para esse estado, um dos quais era a Terra de Node. Node era a cidade para a qual Caim foi banido no livro do Gênesis, e era assim que me sentia: exilado, expulso. O mundo não me queria, então eu me retirava nas profundezas da Terra de Node.

Outras vezes, eu o chamava de Dezembro. Nas minhas lembranças, era sempre dezembro. Para mim, dezembro se tornou sinônimo de lar. E havia outras ocasiões em que eu poderia jurar que o passado quase tinha uma personalidade. Nesses momentos, eu o chamava de Nostalgia. A nostalgia é o único amigo que fica com você para sempre.

O meio mais potente e forte que eu tinha para entrar na Terra de Node era através da escrita. Todo dia, eu desaparecia nas páginas de meu diário, rabiscando-o de uma margem à outra, chafurdando nas recordações de mil tardes de dezembro enquanto minha mão movia a caneta. Enchi uma dúzia de diários encadernados em couro, muitos com a mesma recordação examinada de todos os ângulos. Nunca quis voltar e ler o que havia escrito porque não era algo importante para mim. Esperava também que, talvez, algum dia, aquelas páginas pudessem ter alguma importância para alguém em algum lugar, mas não para mim. As lembranças eram para mim, mas os diários eram para outra pessoa. Os diários eram um castelo que eu construía para que algum mágico do futuro encontrasse e explorasse. Havia cômodos cheios de beleza, dor, magia, amor, horror, desespero e deslumbramento. Toda página era um canto oculto. Quando estava dentro daqueles diários, nas profundezas da Terra de Node, a prisão deixava de ter importância. Não estava mais morrendo lentamente em uma jaula esquecida por Deus. Na Terra de Node, estava mais vivo do que nunca.

* * *

Em 22 de agosto de 2003, fui transferido da prisão de segurança máxima em Tucker para a Unidade de Segurança Supermáxima de Varner, em Grady, a mesma prisão em que Jason e Jessie estavam (embora, ironicamente, Jason tenha logo depois sido transferido para Tucker). Fui acordado às duas da manhã por um grupo de guardas exaltados, farristas com rifles M-16 e cães de ataque. Acordaram os 37 de nós que estavam no pavilhão e dois outros detentos que se encontravam no buraco, acorrentaram-nos e nos

colocaram, espremidos como sardinhas, em furgões. Havia oito prisioneiros e dois guardas em cada veículo. Uma acomodação apertada e uma viagem longa e desconfortável.

Chegando a nosso destino, fomos colocados no que corresponde a um confinamento solitário. Trata-se de uma cela de concreto com uma sólida porta de aço. Nunca tínhamos contato com outros detentos e só era possível falar com a pessoa na cela ao lado se você pressionasse o rosto contra uma fresta e gritasse. O lugar era imundo. Eles limpavam os corredores e as áreas de visitação se fosse acontecer uma inspeção, mas nunca dentro das celas. Eu não sentia a luz do sol na pele havia meses. Demorei algum tempo até me ajustar ao confinamento absoluto e ao isolamento, mas tinha muito mais privacidade, que é um artigo raro na prisão.

Por ordem da administração carcerária, fui proibido de me comunicar com Jason e Jessie, embora nada tivesse sido legalmente declarado e apesar do fato de eles estarem alojados juntos e dormirem em camas contíguas havia alguns anos.

Minha primeira apelação foi indeferida pelo sistema judiciário do Arkansas em 1994. Grande surpresa, não?

Minha segunda apelação, conhecida como Regra 37, abrangia uma miríade de reclamações de inépcia profissional na minha defesa e, em última instância, abriu as portas para o incompreensível e infinito labirinto legal que se tornou minha defesa e meu esforço para ser libertado.

Como já mencionei, os esforços de Joe e Bruce culminaram no documentário *Paradise Lost*, lançado em Sundance e em outros festivais em 1996 e exibido em vários cinemas pequenos, inclusive no Quad Cinema em Manhattan e em outra sala em Little Rock. O filme surtiu um enorme impacto em nosso processo e conscientizou o público a respeito dos homicídios. Entre as muitas pessoas que o viram nos anos subsequentes, estava Eddie Vedder, do Pearl Jam, que ficou intrigado o suficiente para contatar meu advogado naquele período. Infelizmente, e por ironia do destino, meu advogado nunca ouvira falar em Pearl Jam, portanto Eddie demorou até encontrar alguém que fosse receptivo a sua oferta de apoio. Em 1999, ele finalmente entrou em contato com minha equipe e se envolveu na luta para provar minha inocência. Suas doações financeiras para meu fundo legal, além de sua devoção e energia ao defender minha libertação, representaram um momento crucial em todos os anos gastos com meu processo. Eddie se mostrou um verdadeiro amigo diversas vezes. Quantos astros do rock você conhece que visitam prisioneiros em uma penitenciária quando passam por aquela cidade? É

sempre muito divertido toda vez que ele vem aqui e conta suas últimas aventuras.

Depois de dez anos, Jason e eu nos vimos em uma tarde de sábado em 2004 enquanto eu estava com Lorri no meio de nosso piquenique semanal. Levantei a cabeça e o vi a cerca de cem metros de distância, no corredor, olhando para mim através do vidro. Ele levantou a mão e sorriu, depois desapareceu, como um fantasma. Gostaria de ter falado com ele, mesmo que apenas para dizer: “Agente firme.”

É a mesma coisa que continuo a dizer a mim mesmo.

Agente firme.

Fiz a prece do Santo Anjo Guardião três vezes hoje. Por volta de 8h30, meio-dia e 18h30. Tenho recitado essa oração exatamente como está escrita no Livro de Abramelin. Depois, repito as preces com minhas próprias palavras, tornando-as o mais sinceras possível. Parte da novidade está começando a se dissipar, o que faz com que pareça uma obrigação. No entanto, por algum motivo que não consigo definir, sinto que minha fé no procedimento está crescendo.

Sonhei que eu lutava com um leão e um cachorro na rua onde morei em Lakeshore. Segurava as mandíbulas do leão abertas, ainda que fosse extremamente doloroso. Mantinha o leão entre mim e o cachorro, de modo que, toda vez que o cão me atacava, ele mordia o leão em vez de mim. No fim, eu conseguia atravessar o portão correndo e fechá-lo.

Tive uma experiência agradável enquanto fazia a última oração hoje. Estava ajoelhado, de cabeça abaixada, quando, de repente, senti como se estivesse olhando um cômodo do alto. A única descrição que posso fazer é que tudo era branco e, fico tentado a dizer, feito de mármore. Eu o observava de cima, de uma altura entre quinze e trinta metros, mas não o via com meus olhos.

Do êxtase ao tédio. Passo da sensação de que estou à beira de algo enorme à relutância quando penso em mais uma rodada de preces.

Igual a ontem. Só trabalho e nenhum prazer no ritual. Estou esperando um segundo fôlego. Fiz cerca de vinte minutos de ássanas de hatha ioga hoje para relaxar. Uma vez que inicio o ritual do Santo Anjo Guardião, acho-o muito agradável. Ele tem algo de atemporal. Só fico relutante em começar. Eu o vejo como uma criança vê o dever de casa.

Não há anjo nenhum. Não há nada.

Tudo está fragmentado, os pedaços de tudo se juntam, colidem, depois se afastam e colidem

novamente.

Não existe magia.

Perdi toda a fé, toda a crença. Vacilo à beira da desesperança. Tudo é uma luta e estou muito cansado. Estou muito cansado de lutar: quero gritar até gargarejar meu próprio sangue.

Os sonhos chegam com rapidez e fúria. Sonhos de liberdade. Dói muito acordar.

O tempo está ruindo para mim. Em alguns momentos, não consigo mais sentir um passado, qualquer passado, deixado para trás como a pele de uma cobra. Em outros momentos, parece que o passado é a única coisa real. Hoje, eu era duas pessoas, uma rindo da outra.

O verão paira sobre mim como um fantasma. Eu choraria de desejo se não fosse tão inútil.

Nada faz sentido. Parece não existir nenhum motivo para tentar. Tudo desmorona. Farei 32 anos daqui a exatamente seis meses.

Minha exaustão ultrapassa as profundezas de meu corpo. Penetrou em minha alma e, todo dia, me rouba um pouco mais do que já fui antes. Do que eu deveria ser. Não há descanso aqui, e não há vida. Quando tento olhar para a frente, a luz parece um pouco mais distante a cada dia. Há desespero em minha respiração e nenhum salvador em vista. Dizem que só é a morte se você aceitá-la, mas, atualmente, sinto cada vez mais que não tenho escolha. Continuo dizendo a mim mesmo: “Não vou parar. Não vou parar.” Se não por outro motivo, que seja por simples vontade. Se tudo mais der errado, continuarei seguindo em frente movido apenas por força de vontade. Tem que haver um pouco de magia em alguma coisa, em algum lugar.

Antigamente, era certa iniquidade que dançava pela superfície do oceano, crepitando como uma série de relâmpagos. Agora o desespero é mais sutil; afunda silenciosamente nas ondas e vai parar em lugares escuros e venenosos. A superfície se torna pálida e emana um sentimento doentio, cinzento e untuoso que, no fim, leva à loucura. É um ciclo sem fim que gera um suprimento infinito de frustração. Seu sofrimento é cor de chumbo e nada no

mundo pode curá-lo.

O verão me torna suicida. Suga toda a magia de minha vida, e até o sono se torna um exercício infrutífero de brutalidade. Não consigo entender o que está nas almas que esperam essa infelicidade. Nada útil consegue sobreviver no calor. Os pássaros e as abelhas são arautos do inferno, abrindo alas para uma estação de doenças. Nada nestes meses me diz algo. Eles conspiram para me impedir de algum dia chegar a meu lar.

Se você perguntasse a cada homem o que ele mais odeia na prisão, a resposta de cada um provavelmente seria diferente. Algumas coisas são universais, como a impossibilidade de sair à noite e ver as estrelas ou a incapacidade de ficar com sua família, mas cada pessoa também tem seus aborrecimentos de estimação. Para mim, são os mosquitos e a privação de sono.

A situação aqui em Varner é melhor, mas Tucker era um inferno no que dizia respeito aos mosquitos. Era cercada de campos por todos os lados e, se o calor for suficiente, sempre há uma plantação ou outra crescendo. Toda a região é como uma incubadora gigante de mosquitos. Se você acha que sabe como é um enxame de mosquitos só porque já acampou ou ficou sentado no quintal em uma noite de verão, está redondamente enganado. Vi paredes inteiras cobertas por insetos. Cada vez que você dá um passo, uma nuvem se levanta do chão.

Já chorei de frustração várias vezes porque os mosquitos eram um tormento. Minhas mãos foram picadas tantas vezes que ficaram inchadas e doloridas. Meus dedos ficaram tão vermelhos e intumescidos que pareciam linguças. É preciso se mexer constantemente, pois, se ficar parado, eles pousam no seu corpo inteiro. Todo ano, as paredes parecem pinturas abstratas por causa das manchas de sangue dos mosquitos esmagados. Não dá para descansar porque ficam zumbindo em seu ouvido, mordem seus lábios e pálpebras e quase o levam a um colapso nervoso. Isso dura todo o verão. Fica ainda pior quando eles descobrem que podem se reproduzir nos vasos sanitários das celas vazias.

Enquanto você está em sua cama, tentando dormir o pouco que dá, não há nada mais irritante do que mosquitos zumbindo em seus ouvidos e mordendo seu rosto. Quando você soma a esse tormento o calor sufocante, a situação se torna insuportável, só que você não tem escolha. Pode tentar dormir totalmente vestido, com meias nas mãos e o rosto coberto (mas aí o calor é pior), ou então tirar a roupa na esperança de se refrescar,

oferecendo um banquete aos mosquitos.

Algumas vezes, todo o pavilhão ficou tomado por fumaça porque as pessoas estavam queimando papel na tentativa de espantar os mosquitos. Não funciona. Também já vi um homem que não estava mais aguentando e então começou a planejar sua vingança. Ele prendia os mosquitos em um copo plástico, arrancava suas asas e, depois, urinava neles. A julgar pelos palavrões e pelo riso ensandecido que acompanhavam tal ato, diria que ele obteve muita satisfação com seus esforços.

Hoje, um pássaro pousou em meu esquelético parapeito. A largura da janela em si é igual à altura do pássaro. Ele ficou ali, imóvel como uma pedra, e me encarou diretamente por mais de uma hora. Fiquei em pé em minha cama com o rosto bem perto do vidro, mas ele não saiu voando. Nossos olhos ficaram a apenas uns cinco centímetros de distância enquanto nos observávamos. Todo o corpo do pássaro era de um tom cinza empoeirado, mas não se tratava de um pardal. Sei como é um pardal. O estranho foi ele ter ficado totalmente imóvel com o bico escancarado. Um pequeno fio de saliva pendia da parte superior do bico até embaixo, fazendo-me lembrar o fio da teia de uma aranha. Depois de alguns instantes, levantei a mão e bati no vidro bem perto de sua cabeça. O pássaro nem piscou. Continuou a me observar com olhos negros esbugalhados e o bico aberto. Nunca havia visto um pássaro se comportar daquela maneira. Parece que ele queria dizer algo, como se fosse uma espécie de presságio. Tenho certeza de que o pássaro tinha o cheiro de uma tempestade se aproximando.



and veins. The holiday spirit is less than rampant.

11-25-05

Terri is going mountain climbing today with Jennifer F. A place called Pinnacle Point. I'd love to be able to do that today. That's where I belong right now - by myself on the side of a mountain, the physical activity making thinking unnecessary. It reminds me of something I heard on the news this morning. I was half asleep, so I didn't hear where it was at, but somewhere a sixteen year old boy has been sitting beneath a tree and meditating for six months. They say he's had no food or water. People are saying it is the Buddha reincarnated. They've even nick-named him "Buddha boy."

Today feels empty. All the energy that lets you know it's a holiday seems to have dispersed. That void has always made me feel more lonely than spending the holiday alone. When I was a kid, this was the day we'd put up all of our Christmas decorations.

I finished reading "True Lies" and am now starting of "Magical Thinking" by Augusten Burroughs.



They took Eric Nance to the death house first thing this morning. The death house is what they call the building that has the executing chamber in it. They usually move the intended victim over there a couple of days in advance. That way if he were to fight them, have a nervous breakdown, or a panic attack, we wouldn't see it. They want it to seem as clinical as possible to the rest of the world. It's necessary if they want to continue passing the practice off as "humane".

I always have trouble remembering all the executions that have taken place in my time here. Hoyt Cline, Bill Holmes, Percy Richley, Charles Pickens, Jonas Whitmore, Barry Lee Fairchild, Earl VogDentoy, Paul Ruiz, Kurt Waigwright, Marjory Pruett, Clay Smith, Mark Gardner, Alvin Willett, Eugene Perry, Frankie Parker, Richard Snell, Charles Singleton, Gypsy Henderson, Duke Neal - and it seems like there's someone I'm forgetting.



One again there's trouble with the DNA testing. This time the analyst who was conducting the testing is quitting. No one knows what's going to happen. I am frustrated nearly to the point of insanity. The entire legal process is like dealing with a truckload of clowns. I finished reading the book about Ruby "Hurricane" Carter, and I could see my own situation mirrored all the way through it. The only reason he got out is because he had supporters who forced his attorneys to take the offensive. Otherwise he'd still be sitting in a prison cell, just as I am. Overtime, a person in this situation grows to be as angry with their own attorneys as they are at the cops and prosecutors. You start to see it all as one big machine that grinds the life from you.

One of the guards just said that Parcel Hill has died. For some reason this reminds me how over and over again in my life I've felt like things would never change. Just let enough time pass and eventually even the unchangeable changes.

John Lenon has been dead for 25 years now. People have gathered at his grave all day today. He was a sad, dark and magical man. I can smell him.



2-19-06

Lorri is scheduled to leave San Francisco and come back to Arkansas today — if the airport isn't too iced over. The roads are littered with the wreckage of stacked-jawed knuckle-draggers who have slammed into one another.

The Dickens biography is very inspirational. He was a man who was driven. His ambition was a fire burning him up inside, causing him to always look towards the future. Even while working on one project, he had another in mind. I can relate to that more than nearly anything else I read about. I feel the same way when I hear stories of Benjamin Franklin. It maps me way to build worlds. The only thing I've been building so far today is another collage. It's all about monsters and freaks.

There are now four very visible bald patches on the back of my head, thanks to the ineptitude of the prison barber. He must be insane to believe this is somehow a normal haircut. It's like something a child would do if given a pair of scissors. I've actually considered showing it all off and starting over again.

25/1/05

Lorri vai escalar montanhas hoje com Jennifer F. Um lugar chamado Pinnacle Point. Eu adoraria poder fazer isso hoje. Esse seria meu lugar neste momento: sozinho, no flanco de uma montanha, a atividade física tornando o pensamento desnecessário. Isso me faz lembrar algo que ouvi no noticiário da manhã. Eu estava meio adormecido, por isso não escutei onde aconteceu, mas, em algum lugar, um garoto de dezesseis anos está sentado embaixo de uma árvore, meditando, há seis meses. Dizem que ele não comeu, nem bebeu nada. As pessoas estão dizendo que o garoto é a reencarnação de Buda. Até o apelidaram de “menino Buda”.

Hoje o dia parece vazio. Toda a energia que permite que você saiba que é um feriado parece ter se dispersado. Esse vazio sempre fez com que eu me sentisse mais solitário do que o próprio fato de passar o feriado sozinho. Quando criança, este era o dia em que pendurávamos todos os enfeites de Natal.

Acabei de ler *True Lies* [Mentiras verdadeiras] e agora estou começando *Magical Thinking* [Pensamento mágico], de Augusten Burroughs.

Levaram Eric Nance para a casa da morte bem cedo hoje de manhã. A casa da morte é como chamam o edifício onde fica a câmara de execução. Costumam transferir a vítima para lá com alguns dias de antecedência. Assim, se ele resistir, tiver um colapso nervoso ou um ataque de pânico, não veremos. Eles querem que tudo pareça o mais clínico possível para o resto do mundo. É necessário se pretendem continuar dando a ideia de que se trata de um procedimento “humano”.

Sempre tenho dificuldade para me lembrar de todas as execuções que aconteceram durante meu período aqui. Hoyt Clines, Bill Holmes, Daryl

Richley, Charles Pickens, Jonas Whitmore, Barry Lee Fairchild, Earl Van Denton, Paul Ruiz, Kurt Wainwright, Marion Pruett, Clay Smith, Mark Gardner, Alvin Willett, Eugene Perry, Frankie Parker, Richard Snell, Charles Singleton, Gypsy Henderson, Dobie Noel — e parece que estou esquecendo alguém.

Mais uma vez, o teste de DNA está dando problema. Desta vez, o perito que conduzia os testes está pedindo demissão. Ninguém sabe o que vai acontecer. Estou frustrado a ponto de enlouquecer. Todo o processo jurídico é como lidar com um caminhão de palhaços. Acabei de ler o livro sobre Ruby “Hurricane” Carter e vi minha situação espelhada em tudo aquilo. O único motivo para ele ter se safado foi o fato de as pessoas que o apoiavam terem *forçado* seus advogados a assumir a ofensiva. Senão, ele ainda estaria na cela de uma prisão, como eu estou. Com o passar do tempo, uma pessoa nesta situação fica com tanta raiva dos próprios advogados quanto dos policiais e do promotor. Você começa a ver tudo como uma grande máquina que mói a vida que existe em você.

Um dos guardas acabou de dizer que Darel Hill morreu. Por algum motivo, isso me lembra que várias vezes em minha vida achei que as coisas nunca mudariam. É só deixar o tempo passar e tudo, até o imutável, acaba mudando.

John Lennon está morto há 25 anos. As pessoas se reuniram em seu túmulo o dia inteiro hoje. Ele era um homem triste, obscuro e mágico. Posso sentir seu cheiro.

* * *

19/2/06

Lorri deve partir de São Francisco e voltar ao Arkansas hoje — se o aeroporto não estiver congelado demais. As estradas estão coalhadas de destroços dos carros de caipiras boçais que bateram uns nos outros.

A biografia de Dickens é muito inspiradora. Ele era um homem

determinado. Sua ambição era uma chama que ardia internamente, fazendo com que sempre olhasse para o futuro. Mesmo enquanto trabalhava em um projeto, tinha outro em mente. Consigo me identificar com isso mais do que com todo o resto que li. Sinto a mesma coisa quando leio histórias sobre Benjamin Franklin. Sinto vontade de construir mundos. A única coisa que estive construindo hoje é outra colagem. O tema são monstros e aberrações.

Agora existem quatro pontos carecas bem visíveis na parte de trás da minha cabeça, graças à engenhosidade do barbeiro da prisão. Ele deve ser louco para acreditar que este é um corte de cabelo normal. Parece algo que uma criança faria com tesouras. Pensei em raspar tudo e começar do zero novamente.

O décimo segundo ano que passei na jaula foi de longe o pior para mim. Meus nervos estavam em frangalhos e minha vida era infeliz. Foi o ano em que quase desisti e perdi a vontade de viver. Minha saúde física estava se deteriorando rapidamente, a pressão para tentar manter um casamento nestas circunstâncias estava acabando comigo e eu havia esgotado minha força de vontade até a última gota. Então um milagre aconteceu. O Boston Red Sox venceu o campeonato. Minha sanidade foi salva por Johnny Damon.

Há algo místico no beisebol. Alguma qualidade saudável e brilhante que o torna mito e jogo ao mesmo tempo. Assisto às partidas porque é algo que me acalma e reconforta, me deslumbra e enfeitiça. Ao chegar à base com um bastão na mão, um jogador deixa de ser um homem. Ele se torna a encarnação da esperança, uma força mágica capaz de combater a doença e o mais negro desespero. Quando alguém joga uma bola para além do muro, você pode fazer um pedido como se estivesse vendo uma estrela cadente. Um homem que balança aquele bastão se torna uma força da natureza, um ato de intervenção divina. Ele abre um buraco na escuridão e nos lembra que os milagres não desapareceram totalmente. É uma sibila vestindo roupas esportivas, um duto através do qual tudo o que é bom brilha.

Só existem duas coisas dentro destas paredes que podem me acalmar e relaxar. Uma é ir à missa, a outra é o beisebol. Um dos padres que vêm nos visitar pega três prisioneiros e os leva para um almoxarifado que faz as vezes de capela. Ele celebra toda a missa naquele quartinho e também traz um bispo para a missa natalina. O efeito que um jogo de beisebol na televisão surte em mim é o mesmo de ficar sentado em uma cadeira de balanço em uma varanda. É como a mantinha para um bebê. Quando chego ao fundo do poço da desesperança, ligo a TV para assistir a uma partida, deitado em minha cama e me enfito debaixo das cobertas. Deixo uma pequena abertura para poder ver a televisão com um olho. O som da voz do locutor me embala, relaxando-me de um modo quase hipnótico. É algo curativo.

Talvez a qualidade reconfortante que o beisebol tem para mim derive do fato de que algumas de minhas melhores recordações de infância são de jogos aos quais assisti ao lado de Nanny. Ela torceu a vida inteira pelo St. Louis Cardinals e nunca deixou de ver

nenhuma partida. Quando ela desviava o olhar da tela da televisão para mim, eu via que tinha os olhos de uma menina. Na época, isso me assustava um pouco porque eu era jovem demais para entender. Não compreendia que, naqueles momentos, ela não era mais uma avó. Não era mais uma mulher de idade, nem uma vítima da artrite. Era leve e jovem. Era uma estranha para mim. Estava em outro mundo.

Eu ficava sentado a seu lado no sofá enquanto ela assistia ao jogo, ou deitado em silêncio no chão. No Natal, ela me comprava figurinhas de beisebol, envelopes plásticos para protegê-las e álbuns nos quais guardá-las. Embora tenha me tornado um torcedor do Boston, ainda sinto uma quedinha pelo St. Louis. Quando os vejo jogar, ainda consigo sentir minha avó perto de mim.

O beisebol é minha válvula de escape. Quando estou assistindo a uma partida, sou envolvido pelo sentimento de que tudo vai ficar bem. O jogo me faz lembrar que, se eu aguentar tempo suficiente, qualquer coisa poderá acontecer.

Em certa manhã de 2006, liguei para Lorri no horário de sempre, às oito horas, e ela me disse que vários peritos haviam revisado boa parte das provas e chegado às mesmas conclusões: a grande maioria dos ferimentos nos corpos foi feita após a morte e, segundo eles, por animais. Era um grande avanço a meu favor; no entanto, muitos outros já haviam acontecido.

A perícia fora possível graças a Peter Jackson e Fran Walsh, que viram *Paradise Lost* em 2005 e mandaram dinheiro para meu fundo de defesa. Eles também contataram Lorri, que recebeu de bom grado o apoio e os recursos. Foi uma reviravolta para mim e para Lorri. Embora ainda fosse levar vários anos e não houvesse nada de garantido, Peter e Fran desempenharam um papel importante em minha libertação.

* * *

Aumentam os boatos de que animais de um tipo mais mundano são responsáveis pela maior parte das lesões às crianças assassinadas. Até eu estou começando a ficar convencido, e sou um cético por natureza. Se não estivesse tão esgotado, provavelmente me empolgaria mais. Hoje, não fico ansioso esperando por nada porque a natureza do jogo é a falsa esperança. Você é atraído todo o tempo como se fosse um viciado a menos que saque as artimanhas. Não sou ingrato, mas também não sou mais tão jovem. O reflexo fácil do entusiasmo e da esperança que tinha quando adolescente sofreu uma morte cruel nesta terra solitária. Meus olhos só vão se iluminar quando os boatos começarem a ganhar peso

Uma parte de mim sempre soube que eu sairia da prisão um dia. Não era algo que eu soubesse em nível intelectual e estava além do nível que as pessoas chamam de instinto. Era um conhecimento que não vinha nem da cabeça, nem do coração, mas da alma. Era uma certeza semelhante à de que o sol vai raiar e se pôr. Não me ocorreu questioná-la, nem mesmo refletir sobre ela. Aquilo simplesmente era. Talvez fosse como assistir a um filme quando você sabe que o herói tem de vencer no final. Você espera que ele enfrente perigos, dificuldades e tristezas, mas sabe que, no pior momento, ele ainda assim vai prevalecer. Eu sabia que as pessoas que me sujeitavam a viver aquele inferno eram más e não conseguia conceber um universo que permitisse que o mal triunfasse. Não me entenda mal, sei muito bem que horrores e atrocidades acontecem todo santo dia em cada canto do planeta. Todavia, aquelas histórias não eram a minha. Cresci ouvindo histórias, me alimentando delas, vivendo através delas. Cresci sabendo que minha própria vida era uma história, e as histórias que eu lia sempre tinham algo de mágico. Portanto, a expectativa de que houvesse magia em minha vida era algo arraigado em mim, nos níveis mais profundos de meu ser. Tinha toda a fé do mundo de que a magia me guiaria e salvaria.

Nunca me envolvi muito com o trabalho técnico, jurídico, de meu processo. Toda vez que tentava mergulhar naquilo, ler a respeito ou compreender seu significado, sentia-me vazio por dentro. O sistema era uma casca sem alma. O fato de entrar em contato com tudo aquilo sugava minha esperança e magia; por isso, era algo que eu evitava a todo custo. Deixei as tecnicidades e as minúcias jurídicas para os advogados. Não tinha fé alguma neles (pelo menos não nos primeiros). Tinha fé em Lorri.

Durante os dois primeiros anos de meu encarceramento, ninguém fez absolutamente nada em meu lugar. Foi Lorri, e apenas ela, que mudou isso.

Não aconteceu tudo de uma vez. Ao se tornar parte de minha vida, Lorri começou a se instruir, a aprender cada vez mais a respeito do processo jurídico. Quando ficou claro que o defensor público ia fazer com que eu fosse morto, Lorri começou a pesquisar advogados de defesa. Quando encontrou quem ela acreditava que pudesse dar conta do recado, cercou-os até que aceitassem o caso. Quando chegou a hora de pagá-los, ela implorou e pediu dinheiro emprestado até conseguir. Também fez empréstimos com

parentes e amigos.

A luta diária era infinita. No início de minhas apelações, os advogados ficavam preguiçosos ou iam trabalhar em outros casos que, em sua opinião, lhes traria mais prestígio. Todo dia, Lorri tinha de suplicar e ameaçar para que continuassem a avançar, mesmo que a passo de tartaruga. Era enlouquecedor, fatigante, exaustivo. Havia momentos em que o estresse e a frustração de lidar com pessoas insensíveis e gananciosas a levavam à beira de um colapso, mas, mesmo assim, ela não parava. Parar significaria minha morte.

Ela precisou aprender todos os detalhes do processo: nomes, datas, lugares, tudo. Lorri tinha de ser minha porta-voz, minha representante. Nenhuma outra pessoa no mundo teria feito o que fez, conseguido o que consegui.

Em muitos aspectos, Lorri era como um general travando uma batalha em várias frentes. Às vezes, lutava contra advogados de defesa com a mesma força com que lutava contra o Estado. Algumas dessas batalhas foram vencidas, outras perdidas. Uma derrota veio logo do advogado de Jason. O pilar de sua estratégia de defesa foi, desde o início, me fazer parecer culpado. Seu plano era despejar o peso de todo o caso em cima de mim e dizer que Jason havia sido arrastado para aquela situação por causa da proximidade comigo.

Para alcançar esse objetivo, o advogado mentiu para Lorri e para mim. Ele nos pediu para falar com um mitigador, que, segundo ele, poderia ser útil. Em casos de homicídio com pena de morte, um mitigador entra em cena após a condenação e trabalha para atenuar a sentença, idealmente eliminando a pena de morte. Concordamos. Passei um dia falando com uma mulher que urdiu um relatório de saúde mental que passou a ser conhecido como Prova 500. Nele, ela alegava que eu era esquizofrênico, bipolar e suicida, sofria de alucinações extremas e tudo o mais que você possa imaginar. Até hoje, aquele relatório é citado como a pior prova contra mim. A mulher que o redigiu não podia sequer testemunhar no tribunal porque já havia dito antes que mentira como testemunha em outro processo. Para contornar esse pequeno problema, ela simplesmente arrumou outra pessoa para apresentar o relatório sobre mim. O nome da tal pessoa está naquele relatório até hoje. Eventos como esse aprimoraram as habilidades de Lorri, afiaram suas garras e transformaram-na em uma guerreira. Sem sua força e determinação, eu estaria morto há muito tempo.

O advogado que eu tinha na época não se importava muito. E ainda não entendíamos o bastante sobre o processo jurídico para saber o que estava acontecendo.

Quando percebemos o que o advogado de Jason estava fazendo, já era tarde demais. O estrago já havia sido feito. Tornou-se uma mancha em minha vida que me marcaria para sempre. O próprio Jason ainda não sabe nada disso. Ele não teve culpa alguma. Durante todo esse período, uma nova data de execução pairava ao fundo, embora nenhuma data tenha sido realmente marcada, pois as contendas jurídicas nunca permitiram que meu processo fosse levado a um tribunal federal. Após uma suspensão de execução, uma nova data só é atribuída quando as apelações do Estado se esgotam. De 1996, a data em que eu deveria ter pisado em um tribunal federal, até minha libertação em 2011, essa instância permaneceu fora de alcance.

Assim que fui sentenciado e encarcerado, pessoas de vários lugares enviaram cartas de apoio e também, muitas vezes, doações monetárias que variavam de um a mil dólares e foram usadas por minha equipe de defesa. Inquéritos foram realizados em inúmeros níveis, desde a investigação dos assassinatos até as falhas em nosso julgamento ou a descoberta de novas provas e testemunhas que pudéssemos usar em apelos futuros a fim de obtermos um segundo julgamento. Todos esses esforços custavam um dinheiro que não tínhamos e sem o qual nada aconteceria, isso sem contar a contratação de novos advogados de defesa (sete trabalharam em meu caso em vários momentos ao longo dos anos), que, por sua vez, eram encarregados de abrir novas investigações, encontrar peritos legais e preencher a papelada. Um dos aspectos mais caros de uma grande defesa é a papelada; o custo acumulado de fotocópias e mais fotocópias é inacreditável.

Em 2001, uma nova lei relativa aos exames de DNA entrou em vigor e abriu ostensivamente as portas para provar nossa inocência. A lei determina que o Estado pague todos os testes necessários, mas é preciso esperar a vez de seu caso. Para que as coisas avançassem, tivemos de pagar todos os exames de DNA antecipadamente. As provas examinadas incluíam objetos (roupas e coisas assim) encontrados perto da cena do crime e além, bem como vários itens que não haviam sido guardados no tribunal ou no laboratório criminal. Muitos desses itens ficaram guardados por anos no departamento de polícia de West Memphis, podendo ser acessados por inúmeras pessoas sem supervisão nem luvas.

A pessoa que nos ajudou tremendamente a essa altura foi Henry Rollins, que não apenas apelou para as celebridades e os músicos que conhecia, mas também produziu um álbum, fez uma turnê e levantou dinheiro suficiente para a primeira rodada de exames de DNA. Em 2002, a petição para os testes foi apresentada, embora só fôssemos saber de algo que se assemelhasse com resultados em 2006.

* * *

Também estou com os dedos cruzados agora, esperando que os resultados de um exame de DNA saia logo. Às vezes, tudo parece demorar uma eternidade. Os exames de DNA avançaram muito nestes onze anos que passei preso. Atualmente eles podem fazer coisas que não eram possíveis uma década atrás. Não havia como fazer isso até hoje porque ninguém podia arcar com o custo. A diferença agora é um exército de um homem só chamado Henry Rollins, que se matou de trabalhar para garantir que tudo acontecesse. Ainda fico pasmo todas as vezes que vejo uma carta com “H. Rollins” como remetente porque me dou conta de que estou me correspondendo com uma lenda viva. Ele está determinado a fazer com que a verdade seja revelada e nada o detém quando ele decide fazer algo. São coisas como essa que realmente me fazem ver até onde este processo chegou. Vez por outra, fico quase petrificado, mas não tenho escolha, devo continuar lutando.

* * *

Em 2004, fui adotado (mais uma vez), por mais estranho que isso pareça. Eu vinha me correspondendo e falando ao telefone com uma mulher que havia visto *Paradise Lost* e resolveu entrar em contato comigo mais ou menos na mesma época em que Lorri me procurou. Ela era uma psicóloga que queria me ajudar. Falávamos ao telefone com frequência e, sob vários aspectos, ela se tornou uma terapeuta para mim. Falar com ela era uma fuga. Nunca conversávamos sobre o processo; em vez disso, ela era engraçada e divertida, e implicávamos e ríamos um do outro o tempo todo. Então ela me adotou para poder me visitar e passar algum tempo comigo. Cally, também conhecida como “Mama Mouse”, decidiu que não estava mais satisfeita com uma casa cheia de gatos e resolveu me adotar apesar de meu sarcasmo constante. Quanto mais desagradável eu era, mais ela se gabava de mim para os amigos. Seu trabalho é ajudar a moldar a mente dos jovens de hoje dando conselhos em uma escola na Califórnia. E as pessoas se perguntam como os californianos ganharam a fama de malucos. Aponto o dedo para Cally.

Ela é uma mulher que usa meias com imagens de animais da fazenda e bisbilhota todas as conversas a seu redor em uma cafeteria. Ela insistia em me mandar relatórios sobre a evolução da saúde de seus 99 gatos, incluindo informações sobre os que estavam com diarreia. Você logo vê que ela não pode ser normal, afinal quis voluntariamente me adotar. Cally mora em São Francisco e diz que o clima lá é bastante igual o tempo inteiro. Não existem tornados, tempestades de neve, nem ondas de calor escaldante que

deixam a terra morta e marrom, apenas eternos e entorpecedores vinte graus. Primeiro, fiquei intrigado com isso. Na verdade, parecia mágico. Porém, quanto mais pensava, mais incomodado eu ficava. Então percebi o motivo: algo naquilo lembra vagamente a prisão. Parece quase enfadonho de certa maneira. Como uma pessoa pode vivenciar diferentes estados emocionais e psíquicos morando em um ambiente eternamente estático? A vida se resume a isso na prisão: um ambiente contínuo que rouba sua alma. Algo do gênero pode embalá-lo até que, sem perceber, você cai no estupor, atrofiando e calcificando seu espírito.

Cally também doou quantias extraordinárias para nossos esforços de defesa e nunca vacilou em seu apoio e afeto por mim ao longo de todos os anos em que fiquei encarcerado.

Nos primeiros anos, Jason e eu nos correspondíamos através de nossos vários visitantes. Dizíamos um ao outro para não desistir e continuar lutando a todo custo. Ele descrevia as condições de vida da população carcerária em geral — tudo o que você leu a respeito de prisões é verdade, só que ainda pior. A violência é incompreensível e Jason foi brutalizado de maneiras inenarráveis. Entre outras coisas, seu crânio foi fraturado e ele teve de ser internado depois de ser jogado de cabeça em um piso de concreto por outro detento. Ele me disse que não viu quem o atacou. Ele havia sido meu melhor amigo e senti sua falta durante aqueles anos, embora estivéssemos vivendo perto um do outro. Os guardas e diretores eram obcecados pela ideia de que não deveríamos nos falar. Quando uma carta foi descoberta, Jason foi ameaçado, então não tentamos nos comunicar com frequência.

Eu ainda era uma criança quando fui mandado para o Corredor da Morte. Tornei-me adulto, tanto física quanto mentalmente, neste buraco infernal. Vim parar nesta situação ainda ingênuo e com olhos arregalados. Agora, vejo a maioria das coisas e pessoas com desconfiança e olhos semicerrados. Aprendi na marra que o mundo não é meu amigo. Achava que quase toda a raça humana queria que eu tivesse uma morte lenta e dolorosa até que um milagre ocorreu. Parece que minhas esperanças de receber uma intervenção divina não foram de todo ignoradas.

Uma coisa que notei muitas vezes na prisão é a velocidade com que as pessoas no mundo exterior se esquecem de você. A vida delas não para simplesmente porque a sua parou. Mais cedo ou mais tarde, elas superam o processo de luto e seguem em frente. Até mesmo sua família. Dois anos é muito tempo para que alguém se mantenha a seu lado quando você está na prisão. A maioria das relações nem dura tanto tempo assim.

Domini seguiu a própria vida; agora está casada, tem uma linda filha e vive do outro lado do país. Não vejo meu pai há muitos e muitos anos. Ele tem outra família com a qual se preocupar agora. De qualquer maneira, não havia muito que pudesse fazer por mim.

Entre outubro de 2009 e setembro de 2010, apresentamos uma petição para que fosse realizado um debate oral perante o Supremo Tribunal do Arkansas requerendo um novo julgamento com base em todas as novas provas e revelações dos exames de DNA que acumuláramos ao longo dos dez anos anteriores. Não houve garantia de uma audiência e, àquela altura, Lorri e eu estávamos esgotados por causa do processo. Tínhamos exaurido todas as possibilidades de descoberta de novas provas de minha inocência, e nenhuma delas havia funcionado. Buscávamos todos os elementos de que precisávamos naquela batalha, mas simplesmente não conseguíamos fazer com que o sistema judiciário prestasse atenção, e nosso tempo se esgotava. Na verdade, parecia que passaríamos o resto de nossas vidas correndo atrás de algo que estava fora de nosso alcance.

A meu redor, estavam homens que haviam abandonado a própria fé. Ninguém ia vê-los nem incentivá-los. Ninguém escrevia longas cartas com notícias de casa. Eles não tinham para quem ligar quando estavam tristes e assustados a ponto de achar que não conseguiriam mais seguir adiante. Ninguém lhes enviava alguns dólares para que não tivessem de comer a gororoba rançosa da prisão.

Aqueles homens são os verdadeiros mortos-vivos. O mundo seguiu em frente e eles foram esquecidos. A ideia de que eu poderia facilmente ter sido um deles enche meu coração de terror. Não tenho como descrever minha sorte, pois tive alguns amigos que ficaram a meu lado quase desde o início.

Campo mórfico. É o nome usado quando um tipo de padrão de energia é repetido várias vezes até criar algo como uma aura. Esta prisão, por exemplo: todo o ódio, a ignorância, a dor, a humilhação e a cobiça constantemente excretados por todos aqui dentro criaram um puta campo mórfico negativo. A peculiaridade dos campos mórficos é que eles se comportam como ímãs. Os iguais se atraem. Este lugar chama mais energia do mesmo tipo para si e afeta todos os que vêm aqui. As pessoas que me visitam sentem imediatamente nojo, raiva e repulsa pelo tipo de gente com o qual têm de lidar neste lugar. Isso também explica por que todos os guardas que vêm trabalhar aqui são um pouco mais brutais e ignorantes do que os anteriores. Ao se tornar cada vez pior, o campo mórfico atrai o tipo de gente que tem a mesma vibração que a sua.

Até os planos mais bem concebidos parecem dar errado em uma fração de segundo. Tudo que você pode fazer é ficar aqui em estado de choque, perguntando-se o que deu errado. É um dos piores sentimentos possíveis assistir ao mundo que escorre por seus dedos como se fosse areia. Seu coração parece esvaír-se junto.

O que aconteceu comigo foi uma grande interrupção. Foi o safanão repentino e violento de algo que descarrilhou horripelmente. Agora, fico sentado nesta cela no lugar de outra pessoa. Um assassino deveria estar aqui, não eu. Muitas vezes, me pergunto se este erro foi cometido deliberadamente por aqueles que têm algo a esconder. Outras vezes, me pergunto se há algum propósito grande e secreto conhecido apenas por uma força muito superior a mim. Mas acho que a questão mais importante de todas é o que será necessário para corrigir as coisas. O que será necessário para pôr minha vida de volta nos trilhos com precisão? Já está acontecendo?

Venho de uma estirpe de homens sem pais. Não tenho tradições paternas para passar a minha prole e posso contar nos dedos de uma das mãos as vezes em que vi meu filho. Dizem que sangue chama sangue, mas tenho 32 anos de dúvida e nenhuma contradição. Não tive ninguém para me ensinar a fazer um nó de gravata ou me explicar a mecânica do sexo. Tive de aprender pelo caminho, onde fosse possível. Meu filho nem sequer me conhece. Tudo que ele tem é um punhado de lembranças empoeiradas de outra pessoa, das quais a maioria nem é precisa.

Há longos períodos que voam tão silenciosamente que, quando você vai ver, outro ano já se passou sem que você percebesse. O ano pode parecer tão liso quanto o aço do cano de uma arma. Outras vezes, o estresse chega e inunda tudo. Rouba seu sono e sua clareza de pensamento. A consciência se torna uma infelicidade mental que deixa suas marcas no corpo. Todas as preocupações mundanas se apresentam no momento em que você menos desconfia. Fraturas de estresse traçam seu caminho pelo crânio e se assentam em uma pulsação profunda. Nunca há tempo, paciência, dinheiro nem entusiasmo suficientes. A pressão é implacável, e eu me contorço ao vento como um lençol no varal. A estratégia em constante mutação me desgasta e esgota. O ciclo se repete infinitamente, e não tenho distrações. Questões de vida ou morte não passam de lapsos tardios para as engrenagens que fazem as rodas girar. Continuo a achar que, se pudesse fazer uma pausa, encontraria o caminho para seguir em frente. Isso nunca acontece. Estou na última lona.

Ontem à noite, sonhei que um bando de caipiras me queimava amarrado a um pedaço de pau no estacionamento de um Walmart. Por incrível que pareça, não era de todo desagradável. Ainda estava consciente depois de virar fumaça, e a sensação de pairar no ar era boa. Eu não ficava apenas flutuando como em geral acontece com a fumaça. Voava rapidamente e com um objetivo. Estava seguindo alguém, mas não consigo lembrar quem nem por quê. Só me lembro de observá-lo atravessar um campo invernal cinzento a uma grande distância enquanto eu formava uma espiral branca gigante no céu. Eu me sentia livre e forte, vibrante por ter um propósito. Às vezes, nos esquecemos da força bruta dessa sensação quando deixamos a pureza da juventude para trás. Reconheci-a e me lembrei dela no sonho. Quando acordei, seus vestígios ainda se prolongavam.

Em meus melhores sonhos, sempre corro de quatro, como um animal. Ainda tenho o mesmo corpo, mas viajo como um quadrúpede. Corro e, de repente, percebo que posso me deslocar muito mais rápido se usar as mãos. Inclino-me para a frente o suficiente para encostar as mãos no chão e, depois, uso os quatro membros para dar impulso à frente como se fosse um coelho, um guepardo ou um cervo. É uma sensação de liberdade e poder absolutos. Esses sonhos são dez vezes melhores do que os poucos nos quais conseguia voar. Tenho esses sonhos desde sempre e esse modo de correr sempre me pareceu a coisa mais natural do mundo. Uma vez, alguém me disse que neles estou me tornando meu animal totem, assumindo a forma de meu guia espiritual e que, provavelmente, isso tem algo a ver com minha ascendência de indígenas americanos. A única falha nessa teoria é que, quando me vejo nesses sonhos, não pareço nenhum animal. Tenho minha aparência, só corro mais depressa do que qualquer ser humano conseguiria.

O trauma da vida me circunda como uma alcateia. Espera até que a exaustão me ponha de joelhos para poder me devorar a seu bel-prazer. Delonga-se em meus ossos, orgulhando-se de seu banquete macabro. Quando a vida nos devora, sempre começa pelo coração.

Sempre desdenhei a fraqueza e aqueles que precisam de um analgésico para chegar ao fim do dia. Meus risos sarcásticos eram causados por falso orgulho. A única coisa forte a meu respeito é a força com que agarro minhas máscaras e delírios. Agora, tudo que sinto é uma cirurgia sem anestesia. Tudo que conheço é o medo e não consigo encontrar minha saída.

Tenho um novo vizinho de cela. Ele não dorme há vários dias. Caminha durante a noite,

discutindo sozinho com diversas vozes. Uma delas é um resmungo profundo e grave, outra é um guincho estridente e uma terceira apenas fala palavrões e xinga as outras duas. Às vezes, todas elas se fundem em um gorgulho sufocante e de olhos esbugalhados. As vozes só param ao raiar do dia.

Pela primeira vez, vejo como passei a vida inteira em um pêndulo, indo e vindo entre as duas faces de Deus — a face que se esconde na sombra e a que brilha na luz. Os cigarros, a ioga, os comprimidos para dormir, a meditação, os filmes de terror baratos, a música de Bach, meu alheamento no sexo, o catolicismo, o ímpeto autodestrutivo e minha entrega ao êxtase do amor. Vi a face de luz ao lutar para entender a vida através do coração da Rosa.

O que desejo mais do que tudo hoje é ficar sentado do lado de fora de um café em um dia fresco de outono. Só quero sentir aquela brisa de fim de ano enquanto tomo uma xícara de chá verde e me delongo com uma fatia de torta de abóbora. Eu afundaria na cadeira e deixaria minha mente vagar por onde quisesse. Nada mais no mundo simboliza tão bem a liberdade absoluta para mim do que esse pensamento. Eu poderia estar sozinho ou com um amigo que conheço tanto a ponto de não precisarmos falar. Às vezes, acordo de manhã pensando em torta de abóbora.

Estou convencido de que as pessoas veem os fantasmas de si próprias o tempo todo, mas a maioria simplesmente opta por ignorá-los. As palavras nem fazem sentido para mim, e sei que é verdade. Quando tinha sete anos, vi o fantasma de mim mesmo aos dezoito. Desde aquele dia, me martirizo por não ter feito perguntas. Não faça ideia do que meu eu aos dezoito anos poderia ter me dito àquela altura, talvez absolutamente nada. Ainda assim, não consigo deixar de pensar naquela situação como uma oportunidade perdida. De alguma forma, houve uma leve flutuação na corrente e dois eus atravessaram o tecido ao mesmo tempo.

Ao tentar descobrir o sentido por trás de eventos desse tipo, você pode enlouquecer, pois não há resposta. Talvez tenha sido alguma espécie de solução. Ou talvez eu estivesse fazendo algum esforço hercúleo para entrar em contato comigo mesmo e aquilo foi tudo que consegui.

Eu costumava ficar me perguntando se algum outro eu havia morrido no Corredor da Morte, fazendo com que todas as outras instâncias de mim mesmo recuassem como um

elástico arreventado e se assombrassem mutuamente. Agora, duvido disso, embora não haja outra resposta mais provável. Simplesmente não parece certo.

Essas coisas sempre são mais fortes em dezembro, quando o ano é tão fino e transparente quanto uma película plástica. Alguma coisa no meio de meu peito se alegra porque este é o mês de meu nascimento e entra em êxtase como um fanático religioso com um punhado de Aleluias.

11 DE DEZEMBRO

Nunca vi o sol em meu aniversário. Ele simplesmente não brilha. Este dia é imortal, fica sempre esperando que eu volte para ele uma vez a cada ano. É um quarto cinza e sensível que permanece fora da autoridade rotacional do mundo. É o dia do eclipse de inverno e o cemitério de minha alienação. O tempo é marcado com uma ampulbeta cheia de neve em vez de areia.

Este dia é uma das coisas mais próximas de uma tradição ou ritual jamais adotada por minha família. É o dia mais silencioso do ano: nenhum pássaro canta, nenhum carro faz barulho, ninguém ri. Ele me envolve em um casulo macio e calmante e me guarda como um segredo. Até as imagens nas paredes cantam em exaltação. Se houvesse apenas um dia em Marlou Island, seria este.

25 DE DEZEMBRO

O dia do Natal em si é sempre agrídoce porque é o último daquela bela magia que vai se acumulando no mês precedente como uma onda de maré. Em uma semana, será difícil me lembrar de como foi. Ficarei desolado com a ideia de que tudo passou e só voltará dali a um ano.

Em casa, eu sempre preferia a véspera ao próprio Natal. Toda a família vinha para a festa. Havia sanduíches, biscoitos e doces caseiros, salgadinhos e pastinhas, e todo mundo ficava de bom humor. Depois que todos iam embora, minha irmã e eu recebíamos permissão para abrir nossos presentes à meia-noite, a menos que eu estivesse na igreja para

a missa de Natal. Se estivesse lá, abríamos os embrulhos assim que chegássemos em casa. A casa estava sempre quentinha. Ninguém ficava de mau humor porque estávamos vivenciando a magia que havia se acumulado durante meses. Os olhos de minha mãe brilhavam.

A última vez em que realmente comemorei o Natal ou fiz uma refeição decente neste dia foi há uns catorze anos. A sensação deste dia consegue penetrar por estas paredes de concreto, mas não tenho com quem compartilhá-la, nem sei o que fazer com ela aqui. Ficaria feliz em passar por um estranho na rua e ouvi-lo dizer “Feliz Natal”, ou então em poder desejar-lhe o mesmo. Quero estar todo encasacado enquanto caminho sob o céu vespertino com seu tom de ardósia. Quero ficar sentado e olhar árvores que piscam enquanto tomo goles de eggnog. No mundo exterior, o ar daria a sensação de uma caixinha de música, exatamente como nos velhos tempos.

Este é o momento do ano em que mais dói estar aqui. O verão pode ser uma tristeza para meu corpo, mas perder a magia fere minha alma.

Dezembro tem o gosto de Hershey’s Kisses. O mês de dezembro e aquelas pequenas gotas de chocolate estão ligados de uma forma que não consigo articular com precisão. Pelo menos para mim. Sei que comer um Hershey’s Kiss é como um ato de comunhão, é como pôr uma ínfima parte do sabor de dezembro dentro de mim. Não gosto de comê-los em outros momentos do ano porque não quero que essa associação especial se dissolva.

Às vezes, acho que a maior parte do ano é expectativa para mim. O ano é a viagem, dezembro é o destino. Em 30 de novembro, sempre fico acordado a noite inteira para saudar a chegada de dezembro. Digamos que gosto de recebê-lo à porta. Depois, passo a noite de 31 de dezembro em branco, mas não para dar as boas-vindas ao Ano Novo, mas para saborear os últimos momentos do meu mês favorito. Outubro e novembro são muito bons, mas dezembro é excelente.

Meu momento favorito do ano começa em 20 de dezembro e se estende até a alvorada do dia 25. Durante esse período, consigo sentir o mundo todo parando. Nesses poucos dias, os pelos em minha nuca se arrepiam e o mundo parece um pêndulo que chegou a uma extremidade de seu percurso e fica suspenso por uma fração de segundo antes de fazer o caminho inverso. Ao raiar do sol em 25 de dezembro, o feitiço é quebrado e começamos a oscilar na direção oposta. Os dias mágicos se foram e só voltarão dali a um ano; minha vigília recomeça.

Estranhamente, a canção que soa mais como dezembro é uma balada chamada “High Enough”, do Damn Yankees. Tenho toda uma lista de músicas para dezembro:

“Love Is on the Way”, do Saigon Kick; “Don’t Cry”, do Guns N’ Roses; “Wait”, do White Lion; “House of Pain”, do Faster Pussycat; e “Don’t Close Your Eyes”, do Kix. Essa é a trilha sonora para o mês de dezembro. Ah, sim, esqueci uma: “Don’t Know What You’ve Got (Till It’s Gone)”, do Cinderella. Sim, ainda gosto do Cinderella. E, sim, consigo ouvir suas manifestações de desgosto. Não me incomodam nem um pouco. Já estou acostumado, já que até Lorri faz a mesma coisa.

Quando tento imaginar o paraíso, vejo um lugar no qual é sempre dezembro, as estações de rádio tocam bandas de cabeludos e, toda vez que ponho as mãos nos bolsos, eles estão cheios de Hershey’s Kisses. Há uma parada de Natal em cada rua, todo dia é meu aniversário e o sol sempre se põe às 16h58.

A inércia está me matando, me esgotando a cada dia que passa. O sistema judiciário se contenta em me deixar morrer de velhice. Se alguém não fizer algo logo, não sobrará nada de mim a ser salvo.

Acordei hoje cedo e encontrei uma aranha na bandeja do café da manhã. Estava esmagada em um pedaço de pão. Parecia perverso demais para que fosse um acidente. Fiquei mal o dia inteiro. Toda vez que penso na aranha, sinto meu estômago embrulhar de novo.

Esta noite, me dividi e me vi novamente, como aconteceu quando eu tinha sete anos. Esta noite, eu era o fantasma de mim mesmo aos dezesseis anos. Passou tão rápido que não deu tempo de dizer ou fazer nada. Foi só uma faísca. Estava arquejando como um peixe fora d’água e meu coração pulsava como um trovão. Foi o jejum que o desencadeou. Não tenho sentido vontade de comer por causa da aranha. Uma aranha morta me fez vislumbrar fantasmas. Há um campo entre mim e o fantasma dos dezesseis anos. As coisas esperam naquele campo, incapazes de atravessar a linha que divide o meu eu de agora de meu eu de então. Caminhe com vigor e se mexa com um objetivo, ou os fantasmas esvoaçam a seu redor. Eles quase nunca têm a chance de nos tocar, mas estão sempre à espreita caso alguma oportunidade apareça. Geralmente, nem conseguem nos ver, a menos que nos deixemos levar por essas rápidas aparições. Estou indo para a frente e para trás ao mesmo tempo. Uma parte de mim está sempre nas aparições de fantasmas.

Ou essas aparições encontram-se em mim. Está ficando difícil dizer. Tudo está acontecendo ao mesmo tempo e não consigo precisar nada. Tudo é demais. As aparições são

como vapores de gasolina inalados. Um brilho vulgar sem falsa graça e um mundo em si mesmos. As aparições são um lugar no qual tudo existe como uma série de movimentos espasmódicos.

Não consigo fazer minhas mãos pararem de tremer, mas não sinto o frio.

Ontem à noite, Rosa teve um sonho profético e de complicações burocráticas. Ela nadava em uma competição, capaz de literalmente avançar pela água encontrando balaústres dentro dela. Depois de ter vencido com facilidade, os juizes a desclassificaram por causa de um pequeno aspecto técnico. Ela ficou furiosa porque viu do que se tratava: burocracia sem sentido.

Ela sabia que aquilo simbolizava o processo. Já vimos isso várias vezes. O lado positivo foi que o sonho a encheu de certeza. Ela sabia que, se podia vencer uma vez, podia vencer novamente. Na vez seguinte, ela os derrotaria em seu próprio jogo. Fodam-se os advogados, promotores, juizes, mentirosos, policiais e todas as outras pessoas que estão contra nós. Elas nunca vencerão porque não desistiremos. Derrubem-me 99 vezes e eu me levantarei cem.

Fui trancado dentro de uma caixa de concreto no coração da prisão de segurança supermáxima anos atrás e, desde então, não tenho contato com ar fresco, luz do sol, grama ou qualquer outra coisa que as pessoas associam a uma vida de verdade. Meu espaço vital é tão confinado e não natural quanto o de um astronauta no espaço. Tudo aquilo me fez concluir que estou sendo tratado como um vitelo, e pelo mesmo motivo.

A administração penitenciária não quer que você fique muito saudável porque senão você seria forte. Quanto mais fraco você estiver, mais fácil será o trabalho deles, sobretudo quando surgir uma execução. Se nos mantiverem flácidos em uma cela mínima na qual mal podemos nos mexer, nos alimentarem só com gordura e carboidratos e garantirem um nível de estresse constantemente elevado, morreremos bastante rápido quando chegar o momento da execução. A maioria dos homens já está pelo menos 25% morto quando chega à câmara de execução. Na verdade, acho que eu nem deveria mais usar esse nome, “câmara de execução”. Nestes tempos politicamente corretos, eles a rebatizaram com algum outro nome menos autoexplicativo que não consigo lembrar. Mesmo assim, todo mundo aqui sabe que aquele é o lugar onde são levadas a cabo todas as mortes oficiais.

Um amigo me disse há pouco tempo que uma revista nacional publicou um artigo sobre como as prisões de segurança supermáxima levam os detentos à loucura. Eu já sabia

disso porque é o que vejo todos os dias. Há pouco tempo, um guarda cometeu um erro e apertou o botão que abre simultaneamente todas as portas em um pavilhão. Na mesma hora, um esquizofrênico esmagou o crânio de outro homem com uma barra de ferro e o matou. Nenhum dos dois poderia ser considerado são, nem com muita criatividade.

A percepção se torna distorcida aqui dentro, o que acarreta comportamentos bizarros. Isso porque você não tem com o que comparar. Não há nenhum barômetro para julgar o que é "normal", então os processos mentais começam aos poucos a se desviar para direções estranhas. Quando você vai ver, alguém surta e começa a gritar que há sangue na comida. No início, quando algo assim acontecia, eu ficava horrorizado, em um estado que só posso descrever como assombro. Agora, acho que um louco varrido é apenas ligeiramente incômodo.

Depois de um tempo, você se pergunta se você mesmo não enlouqueceu. Se tivesse acontecido, como você saberia? Todos os loucos parecem achar-se completamente sãos, então não devem ser capazes de notar a diferença. Não posso pensar nisso por muito tempo para não ter cólicas. A última coisa que preciso adicionar a minha lista atual de problemas é a insanidade.

Os tribunais julgaram que executar uma pessoa insana é desumano, então o que fazem agora é entupir os lunáticos de remédios algumas semanas antes da data de execução. Dessa forma, podem deixá-los lúcidos o suficiente para entender que serão assassinados em uma determinada data, o que os qualifica como sãos. De alguma forma, isso me parece muito mais desumano do que permitir que uma pessoa permaneça em um estado em que não percebe seu assassinato.

Não me leve a mal, não sou nenhum liberal aguerrido que acredita que todos são vítimas e que ninguém é responsável por suas próprias ações. No entanto, tenho a inteligência e o discernimento para perceber que há algo terrivelmente errado nesse sistema. Não sei qual é a resposta, mas sei que não é vitelo.

* * *

FEVEREIRO

A temperatura caiu para uns cinco graus abaixo de zero na noite passada. Acordei às 2h30 com um guarda batendo em minha porta com uma barra de metal e gritando para que me levantasse se quisesse minha bandeja do café da manhã. Quando me levantei, demorei um minuto ou dois para fazer com que minhas mãos funcionassem direito por

causa do frio. Dormi usando duas mudas de roupa, mas meus ossos ainda pareciam feitos de vidro. Não estou reclamando — sempre prefiro o frio ao calor, e o verão aqui é um inferno. Na verdade, gosto do frio. Ele me enche de nostalgia, me faz recordar minha juventude. Quando era criança, o fogo sempre apagava no meio da noite e o frio penetrava e cobria a casa toda. Eu sempre ficava perplexo ao ver que a água no vaso sanitário havia congelado. Algo no frio sempre faz com que me sinta jovem de novo.

Marcaram outra data de execução esta semana. Agora, há uma agendada para março e outra para abril. Parece que provavelmente haverá uma por mês nos próximos quatro ou cinco meses, sem contar fevereiro. Os prisioneiros que não estão no Corredor da Morte gostam quando há uma execução porque aquele é o único momento em que a prisão serve frango frito. Não sei ao certo qual é o propósito do frango frito, se é aplacar os outros prisioneiros ou comemorar a execução. Seja como for, parece que vamos ter muito frango frito este ano.

Posso sentir as horas de luz dos dias aumentar. Não consigo vê-las, mas algo no meu ângulo sente que aquilo está acontecendo. É estranho como ainda consigo sentir quando o sol ainda está brilhando apesar de não ver sua luz há sete anos. Ouvei falar de experiências nas quais as pessoas são isoladas da luz do sol por longos períodos e, no fim, perdem a capacidade de sentir se é dia ou noite. Talvez eu também a perdesse se não fosse pelas práticas de circulação de energia solar e lunar que realizo. Ontem, a noite foi de lua cheia. A Lua Casta, que geralmente cai em março. Isso significa que a Lua Casta aconteceu em fevereiro este ano, e não em seu período mais comum de março. Eu teria adorado poder sair e olhá-la. Essa é uma das coisas de que mais sinto falta: o céu noturno. As estrelas, a lua, o ar cortante. Talvez em breve.

Hora de me ocupar. Minha rotina não vai se fazer sozinha.

O Boston Red Sox é uma enorme magia. Ouvei que alguns analistas estão dizendo que eles nem sequer vão chegar à final este ano. Em geral, não gosto de esportes. Para mim, parecem um tremendo desperdício de tempo precioso, tempo que poderia ser usado para algo construtivo, produtivo ou para promover seu crescimento através de estudo, meditação, exercícios físicos, conversas com entes queridos etc., mas algo no Red Sox acalma meus nervos como uma mantinha para um bebê ou uma cadeira de balanço. Gosto de deixá-los como pano de fundo no rádio ou na televisão enquanto faço minhas coisas. É melhor do que um daqueles discos de sons do oceano.

É melhor ir trabalhar. Falo com você em breve.

Estou de olho no especial do Charlie Brown do Dia dos Namorados. Sei que vai ser transmitido em breve e nunca perco um especial do Charlie Brown. O melhor é o programa de Halloween sobre a Grande abóbora, que só perdi uma vez na vida porque a retransmissora local da ABC teve problemas técnicos, mas todos os programas do Charlie Brown fazem com que eu me sinta um passo mais próximo do Halloween.

Quando eu estava no segundo ano do fundamental, disseram-nos para escrever uma carta a alguém que admirávamos. A maior parte das crianças escreveu ao presidente ou a um atleta. Eu escrevi a Charles Schulz. Ele respondeu e até mandou alguns desenhos autografados do Charlie Brown. A professora os pegou e os pôs à mostra para que toda a turma pudesse vê-los, e nunca os recebi de volta. Ela ficou com os desenhos. Eu me pergunto onde eles estarão agora.

O que aprecio nos programas não são os personagens, mas o pano de fundo. As cores são tão incríveis que quase me tiram o fôlego. Toda vez que assisto a A Grande abóbora, acho que vou ter uma convulsão durante as cenas em que Snoopy está em uma briga de cachorros. Olhe para o fundo nessas cenas. É realmente demais. Mal consigo evitar segurar a cabeça entre as mãos e gemer como se estivesse comendo uma fatia da melhor torta de chocolate jamais feita. Olho para eles e consigo literalmente sentir o cheiro do ar cortante do outono, até mesmo dentro desta cela. Não há filme de terror no mundo que me faça sentir a magia do Halloween tanto quanto A Grande abóbora.

O programa do Dia dos Namorados também é bom.

Hoje, estou empolgado e feliz. Sem nenhum motivo especial que não seja a chegada de coisas boas. Coisas boas estão sempre chegando, às vezes simplesmente nos esquecemos disso.

PS.: Quarta-feira, 10 de fevereiro. É a noite em que o amor está no ar para Charlie Brown, na ABC.

De certa maneira, fico grato por toda dor e todo sofrimento físico que tive de aguentar aqui, pois fui forçado a continuar aprendendo e seguindo em frente. Se não tivesse sentido dor, provavelmente tiraria um dia de folga. E esse dia poderia se tornar uma semana. E essa semana poderia se transformar em um mês. Mas, desta maneira, sei que tenho duas opções: praticar todo dia sem falta ou sentir uma dor tão grande a ponto de tornar a vida uma desgraça. Então continuo lembrando a mim mesmo que a dor é uma dádiva do Divino e que eu deveria ser grato por ela.

Hoje, os guardas me fizeram sangrar mais uma vez. Acorrentaram meus pés de um jeito tão apertado que eu mal conseguia me mexer. Sangro através das meias; mês passado foi meu tornozelo esquerdo, hoje foi o direito. Quando me lavo, o sabão arde como fogo, mas tenho de manter meus tornozelos limpos porque não tenho álcool nem peróxido, nada para matar bactérias nem infecções. E este lugar é imundo.

Não consigo me lembrar mais de como um ser humano caminha. Minha cela é tão pequena que só posso dar dois passos. Toda vez que sou levado para fora, por mais breves ou raras que sejam essas ocasiões, tenho correntes em volta das mãos e dos pés, além de guardas a minha volta. Já faz mais de dezesseis anos desde que caminhei de verdade em algum lugar. Às vezes, ainda consigo me conscientizar disso. Já estou no meu décimo sétimo ano de prisão. Há momentos em que penso: “Certamente alguém vai dar um fim nisto. Certamente alguém vai fazer algo.” Mas ninguém nunca faz. O tempo simplesmente continua a passar. É uma loucura. Estou mesmo surpreso com o que eles conseguiram fazer e sair impunes, e por quanto tempo, sobretudo Burnett e o Supremo Tribunal do Arkansas. Se Burnett conseguir aquela vaga no Senado, fico com medo da quantidade de pessoas que ele poderá machucar. Se ele está envolvido em tanta corrupção assim como juiz, a ideia do que ele poderia fazer como senador é aterrorizante.

Ah... não é bom ficar pensando nessas coisas. Ou eu desperdiço minha energia me concentrando naquilo que não posso mudar ou conservo minha energia e a uso em pequenas coisas que posso mudar. Isso é o que o I Ching chama de “o poder domador do que é pequeno”. Toda grande vitória é feita de muitas vitórias menores.

Alguém me enviou uma carta que tinha uma das melhores citações que já li. Dizia o seguinte: “Aquele que emite luz deve suportar queimaduras.” É de um escritor chamado Viktor Frankl. Estou pensando sem parar nessa citação. Sua inspiração é incrível. No final, acho que é por isso que todos nós sofremos. É o significado que todos nós procuramos por trás das tragédias em nossas vidas. A dor nos torna mais profundos, queima nossas impurezas e nosso egoísmo mesquinho. Torna-nos capazes de empatia e simpatia. Torna-nos capazes de amar. A dor é o fogo que nos permite nos levantar das cinzas do que fomos e perceber com mais clareza o que podemos ser. Quando somos capazes de nos distanciar e ver a beleza do processo, ela nos deixa sem palavras.

Durante toda a minha vida, ouvi as pessoas dizerem: “Por que Deus permitiria que isso acontecesse?” Acho que é porque, enquanto só conseguimos ver a tragédia, Deus vê apenas a beleza. Enquanto vemos a infelicidade, a Divindade nos vê tropeçando e

cambaleando em direção à luz. Acredito realmente que, um dia, vamos brilhar com tanta força quanto os próprios arcanjos.

Para a pessoa que me mandou essa citação, um “muito obrigado”. Eu a prendi na parede para que meus olhos viajem por ela várias vezes ao dia. É algo que nunca vou esquecer.

Quase todas as vezes que dou uma entrevista, me perguntam do que mais sinto falta. Quando fazem isso, cem coisas passam por minha mente e as lembranças me causam aquela sensação de queda livre na boca do estômago. Sinto falta da chuva. Sinto falta de ficar debaixo do céu e olhar para a lua e as estrelas. Sinto falta do vento. Sinto falta de cães e gatos. Sinto falta de usar roupas de verdade, de ter uma escova de dentes de verdade, de usar uma caneta de verdade, de beber chá gelado, de tomar sorvete e de passear.

Fico tentado a dizer que a coisa de que mais sinto falta são as frutas. Não como um pedaço de fruta fresca há mais de oito anos e, antes disso, era só uma vez por ano. A prisão costumava dar a todos duas maçãs e duas laranjas no Natal, mas, depois, eles pararam. Diseram que era uma “ameaça à segurança”, assim como os saquinho de chá e o fio dental. Por isso, não como frutas há quase uma década. Eles evitam o escorbuto dando a todos uma xícara de suco de laranja aguado no café da manhã. Não tem muito gosto, mas tem vitamina C suficiente para evitar que seus dentes caiam.

No fim, não é das frutas que mais sinto falta, mas, se você juntasse todas as privações, o resultado final seria algo assim: sinto falta de ser tratado como um ser humano.

12 DE FEVEREIRO

Este lugar é um inferno para o corpo. Um dos motivos pelos quais não consigo mais escrever cartas como antigamente é que o fato de viver nesta cela 24 horas por dia destruiu minha visão. Costumava ler três ou quatro livros por semana. Agora, minha média é de um por mês, se as letras não forem pequenas demais. Os olhos funcionam como qualquer outra parte do corpo: ou você usa ou perde. Uma pessoa confinada a um espaço pequeno nunca tem a chance de ver nada que está a mais de alguns metros de distância, então a primeira coisa que você perde é sua habilidade de enxergar o que está distante. Mesmo de óculos,

enxergo apenas o que está a uma distância de três metros talvez. Sem óculos, talvez dez centímetros, e qualquer coisa além disso é cor e movimento.

Os dentes vão embora porque os cuidados odontológicos são quase inexistentes. Muitos anos atrás, fui brutalmente espancado por um grupo de guardas sádicos, sofrendo lesões em vários nervos de meus dentes. A prisão me deu a opção de conviver com a dor ou deixar que os arrancassem. Sinto dor desde então (a política da prisão não permite tratamentos de canal, mesmo que sejam os próprios guardas a causar a lesão).

Diabetes e cardiopatia são causados pela impossibilidade de se movimentar. Em celas deste tamanho, só é possível dar dois passos para a frente e dois para trás. Mesmo que você se exercite durante uma hora por dia, nas outras 23 você praticamente não se mexe. Acrescente a isso a dieta mais pobre possível (macarrão puro, arroz branco, pão branco, canjica etc.), e está criada a receita para um desastre. Se você não se esforçar muito e não for muito cuidadoso, morrerá aqui dentro.

Ano passado, houve uma breve menção no noticiário a um prisioneiro doente que precisou ser ressuscitado depois de ter ficado caído sobre suas próprias fezes durante vários dias. No final, acabaram demitindo dois guardas, mas só porque o caso foi mencionado no noticiário. Quase todos os guardas na prisão tinham de passar pela cela daquele homem diariamente. Todos o viram. Os dois guardas que foram demitidos serviram apenas de bode expiatório.

Não quero reclamar. Ninguém gosta de quem fica resmungando, eu sei. Porém, às vezes fico muito cansado — do abuso, da crueldade, da apatia. Tudo isso acaba com você. Mas sei que me deixar ser sugado e perder tempo falando sobre isso não ajuda em nada e só gera e alimenta mais frustração. Amanhã é um novo dia. Deixarei este para trás e seguirei em frente rumo a um lugar produtivo. Hoje, no entanto, o que você vai ler são meus resmungos e reclamações. Como Billy Bob diz no filme Papai Noel às avessas: “Bem, nem todo mundo pode vencer, não é mesmo?”

26 DE FEVEREIRO

Muitas pessoas me perguntaram por que a prisão serve o café da manhã às duas e meia da madrugada. A resposta seria: trabalho escravo. A prisão é operada pelo que corresponde a trabalho escravo: cultivo, escavação de valas, construção e manutenção,

todas as tarefas que você pode imaginar, fora a vigilância, são feitas pelos prisioneiros. Eles têm a chance de fazer qualquer tarefa determinada pela administração ou ir para o buraco. Eles os jogam lá, depois os arrastam para fora a cada trinta dias para perguntar se já estão prontos para ir trabalhar. Se você disser que não, eles o jogam de volta lá dentro. Isso prossegue até que a mente ou a alma da pessoa tenha sido destruída. Portanto, o café da manhã é servido às duas e meia da madrugada porque eles querem que todos estejam no campo o mais cedo que puderem para trabalhar o maior número de horas possível.

É um sistema brutal. Em outros estados, os prisioneiros são pagos, mesmo que apenas cinco centavos por hora. Mas aqui não. Aqui, você não ganha nada. Eles cobram se você precisar consultar um médico, embora muitas pessoas não tenham dinheiro nem como ganhá-lo. Os outros estados pagam para que os prisioneiros trabalhem porque, na prisão, você precisa comprar tudo. Você não ganha nem os artigos de necessidade básica, como sabão, pasta de dente, café e doces. Portanto, cobram tudo e recuperam todo o dinheiro que pagaram.

Eles também podem colocá-lo no buraco por ter dado algo a outro prisioneiro que não tinha dinheiro para comprar aquele artigo. Por exemplo, digamos que os guardas decidam não dar comida a um sujeito por um dia para que ele aprenda uma lição. Se você lhe der um doce, poderá ficar trinta dias no buraco. Dê sabão a alguém que não tem dinheiro para comprá-lo: trinta dias. Uma xícara de café? Trinta dias. É crueldade e loucura. Uma vez, vi um homem ir para o isolamento por trinta dias por ter dado cartolina a outro. A única coisa que você pode fazer é manter a cabeça baixa, ficar calado e tentar não chamar atenção.

27 DE FEVEREIRO

Acabei de receber uma carta de Amy de Nova Jersey perguntando se acredito em Deus. Minha opinião sobre crença é irrelevante. A crença não desempenha um papel muito importante em minha vida. O que importa para mim é a vivência. Vivencio o Divino em minha vida diariamente. Para mim, o esforço é muito mais importante do que a crença, e o esforço que faço é para passar cada momento de minha vida na presença do Divino.

Gosto de comparar a espiritualidade à ação de andar de bicicleta. Você pode

acreditar com todas as fibras de seu ser que é possível andar de bicicleta, mas, até começar a praticar, não será capaz de pedalar. A espiritualidade deve estar ligada à ação, não à crença.

Uma de minhas citações favoritas é de Oscar Wilde. Alguém perguntou se ele acreditava em Deus, e sua resposta foi: “Não, acredito em algo muito maior.” Sou da mesma opinião. Não há nenhum velho à espreita nas nuvens para nos infligir dor por causa de nossos fracassos. O que existe está muito além de palavras. Nossos conceitos de Deus são ínfimos e insignificantes se comparados à realidade do que é a Divindade. Isso responde a sua pergunta, Amy?

Por falar nisso, parei de usar palavrões por causa da Quaresma em uma tentativa de praticar um modo de me expressar mais cuidadoso. É mais difícil do que pensei. Cometi vários deslizes, mas ainda estou tentando. O que mais me faz tropeçar é quando lido com guardas agressivos. Quando eles estão tentando me ferir ou assediar Lorri, me pego xingando-os baixinho e tenho de lembrar a mim mesmo: “Nada de palavrões!” Lorri e eu deveríamos poder nos ver durante três horas uma vez por semana, mas, esta semana, um guarda detestável deliberadamente suprimiu uma hora de nosso tempo. Quanto mais atenção o caso ganha, mais detestáveis e vingativos os guardas ficam.

28 DE FEVEREIRO

Nunca senti nada como o que tenho sentido nos últimos dias. É como se houvesse uma enorme onda prestes a engolir minha cabeça. Ela cresce sem parar desde que começou a circular a notícia de que Johnny Depp é um amigo e está apoiando meu caso. Johnny entrou em contato com Lorri pela primeira vez em 1999 por telefone quando ela estava no trabalho. A partir daquele momento, ele começou a se corresponder conosco e a fornecer apoio emocional e financeiro na mesma medida. Ele se informou sobre tudo que podia a respeito do processo, até os mínimos detalhes e, quando apareceu no 48 Hours, surpreendeu por seu conhecimento dos acontecimentos. Para ser sincero, é um pouco assustador. Parece algo enorme. Imagino só como deve ser a energia lá fora. Uma coisa que descobri é que não gostaria de ser uma celebridade por nada no mundo. Elas precisam de muito mais energia do que a que é direcionada para elas 24 horas por dia, sete dias por semana. Nem consigo imaginar como seria tentar levar uma vida normal quando há

sempre pessoas tentando fazer perguntas, fotografá-lo etc.

Sei que deve haver muito apoio sendo gerado por aí porque o nível do ódio dirigido a mim pelos guardas decuplicou. Nem me importo. Isso só me permite saber que coisas boas estão acontecendo. A sensação que paira no ar é quase a mesma que sinto quando uma tempestade se aproxima. É para isso que rezo: chuva. Chuva suficiente para lavar toda a corrupção, os embustes, a escuridão e a apatia que roubaram os últimos dezessete anos de minha vida.

16 DE MARÇO

A prisão se recusou a me deixar ver Harada Roshi. De repente, a comunicação entre nós se tornou uma “ameaça à segurança”, embora nada tenha mudado desde a última vez. Desisti de tentar entender a lógica da prisão há muito tempo: a revista Rolling Stone é uma ameaça à segurança, refrigerantes são uma ameaça à segurança, sal e pimenta são ameaças à segurança. As mentiras não acabam nunca. Foi uma decepção incrível não termos conseguido nos falar. Ver Roshi e Chisan teria sido como respirar ar fresco. Chisan é a tradutora de Roshi e uma sacerdotisa que lê tarô no Japão. Eles carregam consigo uma energia tremenda aonde quer que vão. É como amor, felicidade, compaixão, disciplina e diversão reunidos em uma corrente de luz dourada. Pelo menos Lorri poderá jantar com eles e conversar sobre aonde nossas práticas nos levaram. Mal posso esperar pelo dia em que poderemos ir ao Japão e visitar o templo. É um estilo de vida que não muda muito há séculos, e a vida no templo é quase um mundo à parte.

Roshi não tinha a menor ideia de quem era Johnny Depp quando ouviu falar do episódio do 48 Hours. É assim que eu gostaria de viver: afastado da sociedade moderna e totalmente concentrado no autodesenvolvimento. De certa maneira, vivo assim, só que meus dias são uma versão escura e distorcida da vida monástica.

Mudando de assunto, a execução que estava marcada para hoje à noite não foi realizada. O procurador-geral está furioso e os guardas não estão nada satisfeitos. Ninguém sabe o que esperar a seguir.

Isso é para a mulher de cabelos negros como um corvo do Innocence Project com quem falei hoje: obrigado. Obrigado por falar comigo como um ser humano. Muitas vezes, excursões passam por aqui e as pessoas vêm até minha cela e ficam me observando como se eu estivesse à mostra em um museu. Jovens de uma turma de Direito Penal de certa faculdade já ficaram me olhando tomar banho sem sequer abrirem a boca. Só ficaram paradas como se tivessem todo o direito do mundo de fazer aquilo. Você, mulher de cabelos negros, foi a segunda pessoa a falar comigo. Ando um pouco relapso nas atualizações ultimamente, mas agora quero me esforçar mais. Sob certos aspectos, sinto que estou jogando garrafas com mensagens no oceano, me perguntando se alguém as está encontrando. Agora sei que sim.

Pouca coisa está mudando aqui. Tenho me aprofundado em meus estudos, em minha meditação e em meu trabalho com energia. Os dias continuam a voar com uma velocidade incrível. A única coisa que interessa às pessoas é o fato de eu achar que Marilyn Manson está rapidamente se tornando meu novo melhor amigo. Lorri também o adora. Ele vai falar sobre nós em uma entrega de prêmios da VH1 que irá ao ar em julho. Ele também está pintando meu retrato, e estou muito empolgado. Manson se envolveu para ajudar em meu processo, embora tenha ficado nos bastidores. Ele achava que sua presença poderia ser tão prejudicial quanto útil para a percepção do público.

O ar está cheio daquela estranha e poderosa energia que só sentimos nas mudanças de estação. Isso invoca velhas lembranças de quando eu era jovem e livre e quase me enlouquece. Foi durante esta época do ano que vivenciei meus últimos dias de liberdade há quase dezessete anos. A energia no ar faz com que esses momentos pareçam ter acontecido há poucos dias. Sinto uma dor em alguma parte profunda de meus ossos, mas é um tipo de dor deliciosamente lindo.

ABRIL

Cancelaram a execução marcada para acontecer ontem à noite. Eles já haviam levado o homem para a casa da morte, onde são realizadas as execuções, quando o Supremo Tribunal do Arkansas emitiu uma ordem de suspensão. Agora, deverá acontecer uma

audiência antes que qualquer outra pessoa seja executada. Isso provavelmente significa mais um ano de vida para aqueles presos programados para serem executados em breve. Talvez. Nunca dá para ter certeza.

Mais do que qualquer coisa, eu gostaria de ir a um parque hoje. Quero me sentar em um balanço, beber leite achocolatado e não pensar em nada a não ser o prazer daquele momento. Quero saber qual é a sensação de uma vida normal porque não consigo mais lembrar. Quero arrastar meus pés pelo chão enquanto me balanço para a frente e para trás. Quero sentir o fresco chi primaveril em meu rosto. Estou muito tentado a pegar meus enfeites de Halloween hoje porque sempre tenho pequenos sobressaltos de empolgação ao olhar para eles. Mas não posso porque tenho uma regra: nada de enfeites de Halloween antes de 21 de junho. É o solstício de verão, então, depois desse dia, estamos oficialmente na segunda metade do ano.

Outra regra que respeito é nada de bala de menta antes de 1º de novembro. Só como bala de menta entre 1º de novembro e 6 de janeiro, pois assim esse período se torna especial. Se você não fizer coisas desse tipo aqui, não terá o que esperar.

18 DE ABRIL

Muitas pessoas me perguntaram por que cortei os cabelos. A resposta é: não tive escolha. Um dia, a prisão decidiu que seria uma “ameaça à segurança” se meus cabelos tocassem minhas orelhas ou meus ombros. Se eu me recusasse a deixar que cortassem meus cabelos, seria jogado no buraco por trinta dias, minhas visitas poderiam ser suspensas por um ano e eu ficaria sem permissão para usar o telefone por um mês. O mesmo em relação aos pelos do rosto. Costeletas que passam da metade da orelha são “prejudiciais à ordem e à disciplina da unidade”.

O objetivo era tirar de todos a própria identidade. Vista todos exatamente da mesma maneira, corte os cabelos todos iguais, suprima os nomes e dê-lhes um número. Fora o sistema penitenciário, não sou Damien Echols, sou o detento SK931. No entanto, ainda não deixo que cortem meus cabelos. Eu mesmo os corto com um barbeador descartável. É um processo demorado, mas melhor do que a alternativa. O “barbeiro” da prisão é apenas um detento escolhido aleatoriamente para executar essa tarefa. Costuma ser alguém que nunca cortou cabelo na vida, e não quero servir de cobaia.

A cada dia que passa sinto cada vez mais como se estivesse brincando de roleta-russa. Não tem nada a ver com o processo porque sei que, mais cedo ou mais tarde, alguém vai entrar em cena e corrigir esta situação. O perigo que sinto vem da tentativa de sobreviver aqui dentro. Todo dia, o risco continua a aumentar. Mais cedo ou mais tarde, o percussor vai bater em uma câmara carregada com uma bala. Pode ser qualquer coisa: diabetes, inanição, intoxicação alimentar, crânio esmagado por um guarda entediado, insolação ou um milhão de outras coisas. Sinto-me como o sapo que está tentando atravessar a rua naquele velho jogo de videogame chamado Frogger. Mais cedo ou mais tarde, ele é esmagado. A única pergunta é por quanto tempo você consegue evitar que isso aconteça.

A próxima execução está marcada para acontecer daqui a três dias. Há grandes chances de ser cancelada, já que a última não foi levada a cabo. Outra está marcada para 24 de maio, mas, provavelmente, também não vai acontecer. Todos parecem achar que vão ficar esperando até depois de uma audiência sobre procedimento. O Arkansas é o único estado do país que tem uma lei que diz que o diretor da prisão pode realizar execuções da maneira que achar melhor. Isso significa que a prisão pode, legalmente, matar um prisioneiro por inanição. Ou queimá-lo vivo. Ou apedrejá-lo. A lei no Arkansas dá a essas pessoas o poder para fazer o que quiserem. Muitas vezes, o que é legítimo e o que é correto são duas coisas diferentes.

Mesmo que a execução seja cancelada no último minuto, o homem cuja morte está programada nunca será o mesmo. Quando um prisioneiro volta da casa da morte, está distante, muito mais velho do que quando foi para lá. Não há vida em seus olhos, ele não fala muito e, quando os guardas o levam a algum lugar, arrastam-no como se ele estivesse em uma casa de repouso. É quase como se tudo morresse, exceto o corpo. O contrário acontece com os guardas. Quando a data de uma execução se aproxima, eles começam a caminhar com mais vigor.

Hoje, vi uma propaganda da campanha de Fogleman. Ele não envelheceu nada bem. Há uma tremenda sensação de escuridão a seu redor. Era algo que já existia quando ele era promotor, mas, agora, parece que cresceu e tomou proporções horrendas. Sou a única pessoa que acha repugnante o fato de eles começarem a veicular os comerciais em 5 de maio?

No anúncio, ele se gabava dos muitos anos de experiência. Qualquer pessoa que quiser ver essa experiência em ação deveria assistir a Paradise Lost.

Devo admitir que fiquei um pouco magoado por ele não ter nos mencionado em sua propaganda. Quer dizer, ele poderia pelo menos ter agradecido a todas as pessoas comuns em que ele pisou ao galgar os degraus da carreira política. É sério, pessoal, por favor, não se esqueçam de votar em 18 de maio. Não deixem que esse sujeito continue a machucar pessoas nem a se safar em meio a tanta corrupção.

Hoje foi nosso primeiro dia do ano com trinta graus de temperatura. A umidade já está sufocante. O verão chegou. Nos últimos dias, tenho limpado minha cela de cima a baixo e jogado fora toneladas de lixo. Decidi que quero viver como se estivesse indo embora deste lugar a qualquer momento. A partir de agora, vou viver em um estado de expectativa alegre.

MAIO DE 2010

Não quero ser ranzinza, nem esgotar a paciência dos outros de tanto falar neste assunto, mas quero pedir de novo a todos que votem em 18 de maio. A Rede dos Mesmos, que inclui todo mundo do departamento de polícia de West Memphis ao Arkansas Times, está aí fora promovendo Fogleman. Eles querem promover um homem que não apenas ajudou a condenar três inocentes, mas também permitiu que um infanticida ficasse livre por dezessete anos. Se isso puder ser corrigido, caberá a você fazê-lo. Se você vive no Arkansas e está lendo isto, por favor, apresente-se em 18 de maio para garantir que esse homem não seja recompensado por sua corrupção. Você tem o poder e a capacidade de agir para que a justiça seja feita. Pura que o mal triunfe, basta que as pessoas boas não façam nada. Esta é uma oportunidade para demonstrar que nem todo mundo no Arkansas apoia a

ignorância e a corrupção. Esta será minha última súplica a esse respeito. Por favor, pessoal, vote. Acabem com Fogleman em 18 de maio.

A propósito, alguém notou que, em sua propaganda, Fogleman está idêntico ao Sr. Burns?

8 DE MAIO

Hoje é a primeira comemoração da Aparição de São Miguel. Velhos almanaques sobre ervas dizem que você deve colher raízes de angélica em 8 de maio, pois isso é sagrado para o arcanjo Miguel.

Dizem que, se você tiver angélica dentro de casa, sua sorte vai melhorar porque essa planta traz bênçãos e energia curativa para seu lar. Por ser tão benéfica, o nome dessa planta se refere aos anjos.

Você pode comê-la, fazer uma infusão como se fosse chá, colocá-la na água do banho ou simplesmente guardar um pedaço no bolso.

É um dos talismãs mais usados no reino das ervas, além da erva-de-são-joão (cujo nome se refere a João Batista) e da raiz de batata-de-purga. Mas não coma essa última porque é venenosa.

Depois de amanhã será outro dia interessante. Dez de maio é o dia do Padre Damião. Na verdade, agora ele é o São Damião. Achei que nunca fosse ver isso. Acho que é um bom sinal.

Só faltam dez dias para a eleição.

10 DE MAIO

Hoje é o dia de São Damião. O tempo está passando muito depressa. Setembro chegará sem que percebamos. Muitas vezes, acho que estou vivendo no tempo das fadas. Nas velhas histórias sobre as fadas, o tempo é um conceito instável. As pessoas que se encontram no reino das fadas podem viver cem anos em um único dia e vice-versa. Elas podem voltar ao mundo físico depois de uma noite no mundo das fadas e descobrir que tudo e todos que elas

conheciam já se foram há muito tempo. Ou podem voltar após toda uma vida de aventuras e descobrir que só estiveram fora do mundo “real” durante uma única noite. De qualquer maneira, o tempo não é o mesmo. Quando soube que meu processo seria ouvido em setembro, pensei: “Não é muito tempo.” Outras pessoas perguntaram: “Por que marcaram uma audiência tão à frente?” Mas eu sinto a proximidade do Halloween em 4 de julho e o Natal pairando no final de agosto.

Eu queria pedir a todos que se programem para ir à audiência em 30 de setembro enquanto ainda há bastante tempo. A única coisa que importa para os políticos corruptos deste estado é a vigilância das pessoas. Se o Supremo Tribunal do Arkansas vir quantas pessoas se importam com este processo, talvez seus integrantes pensem duas vezes ao tentar varrer a sujeira para debaixo do tapete. Sua presença pode fazer uma enorme diferença. É uma mensagem. Se você puder, por favor, vá. Precisamos de lotação esgotada. Este é o último trecho e as coisas vão começar a se mexer muito rapidamente quando setembro chegar. Precisamos de vocês lá, pessoal. Por favor, compareçam.

5 DE JUNHO

O governador reuniu uma espécie de comissão para descobrir como o estado pode reduzir o custo das prisões. Talvez ajudasse se eles parassem de gastar milhões de dólares para ocultar este processo. Eles estão de fato gastando milhões de dólares dos contribuintes só para não serem forçados a admitir que cometeram um erro.

Em vez de fazer o que é certo, vão simplesmente cortar outra vez o orçamento de comida. É o que costumam fazer. Reduzem o número de calorias que cada pessoa recebe por dia. Também decidiram que não teremos mais autorização para ter fones de ouvido. Eles costumavam nos vender fones de ouvido por cerca de trinta dólares, e era assim que ouvíamos música. Infelizmente, uma das ocupações favoritas dos guardas era pisotear os fones quando entravam em uma cela. Os prisioneiros começaram a apresentar queixa em tribunais de pequenas causas e os guardas estavam sendo obrigados a pagar pelos fones. Em vez de lhes mandar parar de destruir as poucas posses das pessoas de propósito, a prisão proibiu os fones de ouvido.

Essa é a resposta deles para tudo. Os prisioneiros são sempre os culpados, não importa do quê. Já até os vi tentar inferir que foi culpa de um prisioneiro ter sido

violentado por um guarda sádico e homossexual.

22 DE JUNHO

Disseram-me que há uma imagem de Axl Rose na internet usando uma camiseta dos WM3 (o trio de West Memphis). Ganhei o mês. Todo mundo que me conhece sabe muito bem que, em minha opinião, nunca houve nem nunca haverá uma banda que chegue aos pés do Guns N' Roses. Em um determinado período, houve meses em que eu só escutava GNR. Contanto que Axl esteja cantando, não me importa quem mais está na banda. Ainda menino, eu costumava usar camisetas do GNR até elas se desintegrarem, o que faz com que seja ainda mais incrível o fato de Axl Rose ter uma camiseta dos WM3. Pensar nisso me faz sorrir. É como ganhar exatamente o que você queria de aniversário.

29 DE JUNHO

Dois homens no Corredor da Morte tiveram de ser mandados há pouco tempo para um manicômio. Nestes tempos politicamente corretos, contudo, essas instituições não são mais chamadas de manicômios. Agora, são chamadas de "instalações de tratamento de longo prazo", embora um quarto acolchoado seja um quarto acolchoado, a despeito do nome que você queira dar. Os dois homens surtaram e perderam a razão por completo. Na verdade, eles enlouqueceram anos atrás, mas demorou um pouco até que um juiz pudesse ser convencido a olhar para eles. Isso acontece o tempo todo aqui. Uma vez, vi um homem enlouquecer e começar a socar a parede até quebrar os punhos e ficar sangrando. Eles só enfaixaram suas mãos e o trancaram de volta em uma cela.

A lei diz que o estado não pode executar os dementes nem os retardados mentais, mas é o que ainda acontece com certa frequência. Os promotores arrumam um "especialista" que testemunha que o sujeito está bem. Mataram sujeitos que nem faziam ideia de que iam morrer. A execução mais moralmente repugnante já realizada no Arkansas até o momento envolveu um homem que dera um tiro na própria cabeça. Ele só conseguiu se autolobotomizar com a bala. Quando perguntaram o que ele queria como última

refeição, ele disse: “Torta.” Depois, comeu metade da torta e guardou a outra metade para depois da execução. Ele nem sequer entendia que não teria como terminar a torta depois de morto.

Essas são as coisas das quais vou me lembrar para o resto dos meus dias. Às vezes, acho que o maior desafio da vida é superar a vontade de se encolher aterrorizado ao ver a escuridão embaixo da superfície do mundo.

16 DE AGOSTO

Hoje, recebi uma carta do vice-presidente Joe Biden. Era um pedido de dinheiro. A essência da carta era que os republicanos vão dominar o senado e violar meus direitos civis se eu não fizer uma doação. Ele diz que até mesmo cinco dólares já são uma ajuda. Tive de olhar para o envelope três vezes para me certificar de que aquela carta havia sido enviada para mim e que eu não tinha recebido por engano a correspondência de outra pessoa. Isso é loucura. Pensei em responder e informá-lo que toda a minha existência foi violada e que ele poderia ajudar doando uns poucos dólares a meu fundo. Desisti. A última coisa de que preciso é estar em alguma lista de vigilância do Serviço Secreto.

11 DE SETEMBRO

Veza por outra, o vento carrega o sinal de rádio de uma estação de música country clássica até a prisão e acho que vou enlouquecer. É como ouvir a trilha sonora de minha primeira infância. Meus pais ouviam esse tipo de música o tempo todo, e esse era o som que enchia a casa constantemente. Às vezes, ouço a voz de Waylon Jennings e, por uma fração de segundo, a sensação de voltar a ter doze anos é tão acachapante que parece que estou tendo um curto-circuito. Quando ouço “Rocky Mountain Music”, de Eddie Rabbit, toda a minha força para não soluçar e gritar parece sumir. Quando ouço toda essa música antiga — Willie Nelson, Conway Twitty, Dolly Parton — sinto como se meu coração estivesse sendo apertado em um punho. A dor é indescritível, mas não consigo parar de ouvir. Fico sentado, congelado, ouvindo e lembrando. George Jones. Johnny Cash. Mickey

Gilley. É como me afogar em uma espécie de linda e aveludada piscina de desespero. Depois, o vento muda de direção e tudo some outra vez, o feitiço se quebra. Esqueço-me completamente de tudo até a vez seguinte, que talvez só aconteça dali a vários meses.

20 DE SETEMBRO

Só faltam três dias de Virgem e, depois, passamos para Libra. Libra é regida pelo arcanjo Zurriel, o que, na minha opinião, é um sinal excelente para a próxima audiência. Zurriel é o arcanjo que chamamos quando precisamos de equilíbrio, justiça ou ajuda com qualquer tipo de questão jurídica. Até agora, nunca tinha pensado que a audiência aconteceria durante o período regido por Zurriel. Agora, estou ainda mais empolgado com a perspectiva de uma audiência justa. Estou realmente com uma boa sensação. Se você tivesse me perguntado um ano atrás, eu teria dito que não havia a menor chance de o Supremo Tribunal do Arkansas fazer qualquer coisa para nos ajudar. Não é o que penso agora. Não é nada concreto que eu consiga apontar, é apenas algo no ar. Talvez seja Zurriel.

Além dos arcanjos do zodíaco, há também arcanjos que supervisionam as estações. Rafael cuida da primavera; Miguel, do verão; Gabriel, do outono; e Uriel, do inverno. Isso significa que esta semana saímos da estação de Miguel e entramos na de Gabriel. Além de reger o outono, Gabriel também governa o naipe de copas das cartas de tarô e é o arcanjo das emoções. Toda vez que muitas cartas de copas surgem no tarô de uma pessoa, você sabe que a energia de Gabriel está muito ativa naquela vida.

Faltam nove dias para a Festa dos Arcanjos e dez dias para a audiência.

30 DE SETEMBRO

Hoje, aconteceu a audiência perante o Supremo Tribunal do Arkansas. Não ouvi todos os detalhes ainda, mas me disseram que correu tudo bem.

Estou exausto. Os guardas passaram o dia fazendo todo o possível para acabar com tudo em minha cela. Levaram meus livros, meu diário, meus sapatos e deixaram um

rastró de destruição atrás de si. Soube que é porque o presídio está cansado de me ver dar entrevistas. Toda vez que uma equipe de filmagem vem aqui, há uma nova chance de flagrarem o que ocorre nos bastidores. Isso deixa os oficiais muito pouco à vontade, então decidiram me dar uma lição. Acho que eles querem que eu fique deitado em silêncio em minha laje de concreto enquanto tentam me matar. Estou me esforçando para ver o lado positivo: como não tenho nada para ler, tenho mais tempo para meditar.

Estou muito curioso para saber tudo a respeito da audiência e o que vai acontecer em seguida. Espero que o tribunal não demore muito para tomar uma decisão. Dezesete anos é tempo suficiente.

Vou escrever mais em breve. Agora, o cansaço me deixa sem palavras.

O debate oral, quando finalmente aconteceu, foi um tumulto. Assisti no noticiário e vi centenas de pessoas que compareceram ao evento vindo de locais próximos e também de lugares distantes como a Austrália. Concederam-me uma audiência instrutória completa, depois da qual voltaremos ao Tribunal Regional Federal para um novo julgamento com as provas antigas, além de todas as novas, sem júri e com um novo juiz.

5 DE OUTUBRO

Os dias estão passando muito rápido. Este é o único período do ano em que quero desacelerar o tempo. Passo o ano inteiro tentando chegar aqui o mais rápido possível e depois quero pisar no freio. Estou começando a ter aqueles momentos em que a sensação do outono é tão forte que afoga todo o resto. Ultimamente, tenho pensado sobre a trilha sonora perfeita para uma festa de Halloween.

O ápice de qualquer lista de músicas de Halloween tem de ser o tema do filme Halloween — A noite do terror; logo atrás, vem “Pet Sematary” do Ramones. Por algum motivo, sempre liguei também “Moondance”, a velha canção de Van Morrison, ao Halloween. Adoro essa música. “Bela Lugosi’s Dead”, do Bauhaus, é um clássico de outubro, assim como qualquer coisa do Type-O Negative. E do Midnight Syndicate. Se você nunca ouviu nada do Midnight Syndicate, vá procurar neste exato momento. Se você destilasse a essência crua de todas as histórias assustadoras que já ouviu, o resultado seria o Midnight Syndicate. Tenho um amigo que é louco por eles e os acha um elemento vital de qualquer festa de Halloween. Para terminar a lista, é necessário ter “The Lyre of Orpheus”, de Nick Cave, e “I Feel Alright”, de Steve Earle.

Estranhamente, já ouvi a primeira canção de Natal da temporada. Foi de Paul McCartney, “Wonderful Christmas Time”. Um dos DJs da rádio queria ser a primeira pessoa a tocar uma canção de Natal este ano. Logo em seguida, a prisão me forçou a

preencher um formulário indicando para quem entregar meus despojos.

12 DE OUTUBRO

A temporada das ratazanas está prestes a começar. Existem duas temporadas aqui: a das ratazanas e a dos grilos. Durante o verão, a prisão é tomada por grandes grilos pretos. Quando a temperatura começa a esfriar, as ratazanas dos campos vizinhos entram na prisão em busca de alimento e calor. Prefiro as ratazanas aos grilos porque elas são mais silenciosas. Os grilos são de enlouquecer com sua guizalhada e seu canto. Não é como ouvi-los do lado de fora. Aqui dentro, tudo é de concreto e cria eco. Um único grilo aqui pode fazer mais barulho do que dez do lado de fora. Eles entram nos ralos e frestas e gritam como demônios durante dias a fio. Quando começam a morrer, estão por toda parte. Uma vez, atravessei um corredor e todo o chão estava coberto de grilos mortos.

As ratazanas são um milhão de vezes mais destrutivas, mas, pelo menos, são silenciosas. Você precisa sempre estar em guarda porque elas abrem buracos em tudo. Roem seus livros, esfarrapam suas roupas para fazer ninhos e Deus o proteja se você estiver tentando guardar comida. Você não pode sequer deixar os cobertores caídos para fora da cama, senão elas os escalam como se fossem cordas. Perdi a conta das vezes em que ratazanas me acordaram ao atravessar minha cama correndo. Os guardas costumavam pôr veneno para elas até que um detento colocou o mesmo veneno no café de alguém.

14 DE OUTUBRO

Está esfriando à noite. A temperatura começou a cair para a faixa dos cinco graus. Acordo tremendo e parece que o verão nunca aconteceu. De repente, parecia que eu havia passado a maior parte da vida tremendo. Não estou reclamando, mas, se você odeia frio, deve ser horrível. Eu me sinto em casa.

Sinto falta da neve. Sinto falta de olhar para a neve, caminhar nela, prová-la. Eu adorava aqueles dias em que fazia tanto frio que todas as outras pessoas ficavam dentro de casa tentando se aquecer. Eu era o único que saía e caminhava para poder olhar os

campos e ver quilômetros de neve sem uma única pegada. O silêncio era absoluto: nada de carros, pássaros cantando, nem portas batendo. Apenas silêncio e neve. Meu Deus, como sinto falta da neve! As estrelas, a lua, o vento e cobertores de neve pura e imaculada.

Você já assistiu ao filme Cold Mountain? Eu já, umas dez vezes, e poderia ver mais dez. Além de as músicas tocadas por Jack White e companhia me fazerem chorar sempre, as cenas de inverno são algumas das mais bonitas que já vi. São tão reais que você deveria conseguir ver sua respiração condensando no ar, qualquer que seja o período do ano em que estiver assistindo ao filme. Absolutamente mágico. Adoro os galhos nus das árvores e o gelo.

Dá para acreditar que faz mais de dezessete anos que não toco em neve, que não ouço o som macio e reconfortante de neve sendo esmagada por minhas botas? Não vai demorar muito mais. Estou sentindo isso dentro de mim. Logo terei neve novamente. Ficarei em pé na neve e olharei para as estrelas até não conseguir mais sentir os pés.

15 DE OUTUBRO

O Mannheim Steamroller vem a Little Rock no mês que vem. As pessoas me perguntaram que shows eu gostaria de ver e os dois no topo de minha lista são o do Mannheim Steamroller e o da Trans-Siberian Orchestra. Ambos têm uma apresentação incrível de músicas de Natal que fazem o coração doer. A TSO é metade música sinfônica e metade música de cabeludo, com toda a magia do Natal para completar. Ano passado, a estação local da PBS transmitiu um show deles durante as festas e eu adorei cada instante. Foi lindo. A Trans-Siberian Orchestra é para o Natal o que o Midnight Syndicate é para o Halloween. Se eu pudesse ganhar o que quisesse de aniversário, pediria um show de Natal da TSO ou do Mannheim Steamroller.

PS.: Acabei de assistir ao debate de Dustin McDaniel contra o candidato do Partido Verde para o cargo de procurador-geral. Ele afirmou que não tem medo da apresentação de novas provas em meu caso e que, na verdade, nos ajudou a testar ainda mais provas e a nos dar os resultados. No entanto, o representante de seu gabinete argumentou, durante a audiência perante o Supremo Tribunal do Arkansas em setembro, que as novas provas não deveriam ser levadas em consideração. Sou só eu ou você também acha que isso parece um jogo duplo político? Não dá para ter tudo ao mesmo tempo, meu chapa.

Ele também disse que os últimos dezessete anos de sofrimento a que fomos submetidos são um testemunho de que o sistema “funciona”. Senão, eu já estaria morto. Três pessoas inocentes passam quase duas décadas em um inferno enquanto um infanticida continua à solta pelas ruas e o gabinete do procurador-geral faz todo o possível para que novas provas não sejam apresentadas — esta é, segundo ele, a comprovação de que o sistema “funciona”? Talvez ele esteja nos ajudando a ver o lado positivo: em vez de somente me torturar por dezessete anos, eles poderiam ter me assassinado.

Não vou ceder à raiva. Se isso acontecer, eles vencem. Pitágoras acreditava que os números continham o segredo para a iluminação. Ele criou uma fórmula matemática para descobrir o número que representa o caminho de sua vida. Usando essa fórmula, meu número é oito. No tarô, oito é uma carta de “força”. Ela mostra uma mulher sorridente fechando gentilmente as mandíbulas de um leão que está lambendo sua mão. Aquele leão representa todos os aspectos difíceis e negativos de nós mesmos que devemos aprender a dominar: raiva, medo, inveja, cobiça etc. A mulher não doma o leão pela força. Ela o faz com paciência, gentileza e perseverança. Pitágoras dizia que essa era a lição a ser aprendida por aqueles que tinham o oito como número. Obtenha êxito, e o leão o levará para o céu em seu dorso. Fracasse, e ele o engolirá.

Por favor, pense em votar no adversário de Dustin McDaniel, mesmo que você em geral não seja um grande fã do Partido Verde. Todo voto que McDaniel não recebe é uma mensagem que diz que você não aprova o que ele está fazendo. Dustin McDaniel é o cerne do problema. Ele é a força motriz por trás de tudo o que está errado neste processo. Ele tem o apoio integral de todo o establishment local. Para que haja mudança, você tem de realizá-la. Por favor, vote. Por favor, mande-lhe uma mensagem. Não o deixe vencer. Você cortou a onda de Fogleman. Talvez consiga fazer o mesmo com McDaniel.

16 DE OUTUBRO

Parece que o campeonato de beisebol está sendo disputado cada vez mais tarde no ano. Em geral, não me importo. O beisebol é um esporte de verão, jogado quando está quente e desagradável lá fora, e é por isso que as finais têm aquela sensação incrivelmente “especial” quando disputadas no outono. Elas ganham uma aura totalmente diferente porque está fresco ou frio, e já é tarde da noite, o exato inverso dos jogos de beisebol da

temporada regular. Isso causa aquela sensação de alvoroço e empolgação na boca do estômago que nos deixa tontos e felizes por estarmos vivos. O mundo inteiro se torna simples, fácil, descomplicado. É como se você voltasse a ser criança. Não quero saber de estatísticas, cifras e históricos. Só quero a magia do outono. Dito isso, não é correto partidas serem realizadas em novembro. Outubro é perfeito, novembro é tarde demais. A temporada de beisebol não deveria durar nove meses.

Recentemente, alguém me perguntou se havia outros inocentes no Corredor da Morte no Arkansas. A resposta é “sim”. Há outros dois, além de mim. Havia três, mas um foi executado.

25 DE OUTUBRO

O Halloween é nesta semana e É a Grande abóbora, Charlie Brown vai ser transmitido em duas noites seguidas, na quinta e na sexta-feira. O tempo passa tão depressa para vocês aí fora quanto para mim aqui dentro? Para mim, parece que o mês de maio foi há apenas algumas semanas e o ano passou com uma velocidade estonteante.

De qualquer maneira, os antigos celtas chamavam o Halloween de “Samhain”, que significa “o final do verão”. Isso porque eles só reconheciam duas estações (verão e inverno) em vez das quatro que temos hoje. O Halloween era o ponto de transição do verão para o inverno. Também é o período para homenagearmos nossos familiares e ancestrais que morreram. Na verdade, é por isso que o nome é Halloween. Dia 1^o de novembro é para celebrar os santos, e 2 de novembro, para homenagear os familiares que já se foram. Na cultura mexicana, eles têm grandes comemorações do “Dia dos Mortos”. Os católicos caminham pelos cemitérios fazendo orações para os mortos enquanto os padres borrifam os túmulos com água benta. Os chineses reservam todo o mês de agosto como o “mês dos fantasmas” para homenagear seus mortos.

O arcanjo que rege essas coisas é Azrael. Ele é comumente conhecido como o “Anjo da Morte”, embora, em minha opinião, a maioria das pessoas ache esse título um pouco assustador. Azrael não apenas acompanha os mortos até o céu como ajuda os vivos a superar o luto. Também podemos entregar-lhe as emoções e os estados mentais que deixamos para trás a fim de que possamos seguir adiante. Azrael leva embora medo, dúvida, raiva, preocupação, estresse e ressentimento. Se alguma dessas coisas estiver

atrapalhando o desenvolvimento de uma relação mais próxima entre você e o Divino, Azrael a removerá.

4 DE NOVEMBRO

Como você já deve ter ouvido, voltaremos ao tribunal. Jason, Jessie e eu estaremos lá juntos, e um novo juiz analisará todas as novas provas. No Supremo Tribunal do Arkansas, os juízes rejeitaram todas as baboseiras absurdas que Dustin McDaniel e companhia apresentaram. Alguém descreveu a decisão como uma “vitória retumbante” para nós. É claro, isso não significa que você verá alguma ação honesta, íntegra ou sã por parte do gabinete do procurador-geral em um futuro próximo. Eles continuarão a fazer o que sempre fizeram. Lutarão para defender um julgamento corrupto até o estado decretar falência. A declaração que eles soltaram para a mídia diz que é dever constitucional deles defender o veredicto de condenação. Talvez eu esteja enganado, mas achei que fosse dever deles defender a justiça. Esse comentário foi bastante revelador.

Pelo menos, não temos mais de lidar com Burnett. Nunca achei que um dia torceria para Burnett vencer a disputa para uma vaga no senado, mas, quando ele foi eleito, respirei aliviado. Fico pasmo por uma comunidade realmente ter escolhido alguém como ele para representá-la, mas ainda bem que isso aconteceu. Ao acolher o veneno de Burnett em suas vidas, eles o removeram da minha. Os caminhos do Senhor são insondáveis, como minha avó costumava dizer. Mas, falando sério, é realmente estranho o modo como as coisas acontecem às vezes, não?

4 DE DEZEMBRO

Vou fazer 36 anos daqui a uma semana. Será meu décimo oitavo aniversário em uma jaula. Agora, é oficial: exatamente metade de minha vida foi passada aqui dentro. Sob certos aspectos, parece que só estou aqui há muito pouco tempo. Já sob outros, parece que faz séculos. Não me sinto como se estivesse completando 36 anos, mas 236. No entanto, ao mesmo tempo, ainda consigo me lembrar de quando tinha sete anos como se fosse semana

passada. O tempo é uma coisa incrivelmente estranha. Acho que as coisas mais mágicas estão provavelmente ligadas, de um modo ou de outro, ao fenômeno que chamamos de tempo.

Ouvi falar que a estação da Fox News em Memphis fez uma “reportagem especial” na qual “analisava” minha linguagem corporal. Eles comentavam coisas como o modo como movimento a boca. Fico imaginando de que jeito a boca deles se movimentaria se tivessem levado socos na cara de guardas sádicos o tempo todo. Ou como seus movimentos mudariam se fossem forçados a usar durante dezessete anos e meio correntes que esfolam a pele. Ou como se mexeriam se tivessem sido espancados até urinar sangue, não tivessem sido expostos à luz do sol durante anos e, de repente, tivessem de responder a perguntas invasivas feitas por pessoas grosseiras depois de uma década de confinamento solitário. Eles não fazem ideia de como a energia das outras pessoas pode ser estranha e esmagadora quando você fica sozinho por muitíssimo tempo. Ora, talvez eu não devesse esperar que entendessem. Ou até que fossem respeitosos. Tudo que posso fazer é seguir em frente.

* * *

Em 4 de janeiro de 2011, o juiz Laser realizou uma audiência aberta em Jonesboro e uma teleconferência com meus advogados e os de Jason e Jessie.

6 DE FEVEREIRO

Hoje, tive um daqueles breves lampejos em que me lembro de como é a aparência e a sensação do pôr do sol. Entreguei-me totalmente à lembrança, deixando que ela me arrebatasse, perdendo-me dentro dela. Temo que em breve essas imagens vão desaparecer porque está ficando cada vez mais difícil invocá-las. Já faz quase vinte anos que não vejo um pôr do sol. Recebo regularmente cartas de pessoas que nem eram nascidas da última vez que vi um.

Hoje é o domingo do Super Bowl. Isso não tem muita importância para mim, embora eu sinta a energia no ar. Quase se assemelha a um feriado muito antigo, talvez o filho não muito inteligente da união do Dia de Ação de Graças com o Quatro de Julho. Sempre fico perplexo com a maneira como essas coisas gradualmente ganham vida

própria. Interesse-me mais pela energia do que pela partida em si. Se eu tivesse de explicar essa sensação, diria que é como uma tensão alegre. Na verdade, é um tipo de sensação agradável. Legal. E não há um guarda sequer por perto. Eles estão todos no salão, assistindo ao jogo. Se você algum dia decidir fugir de uma prisão, fuja durante o Super Bowl.

19 DE FEVEREIRO

Hoje, recebi uma carta do senador John Kerry me pedindo uma doação. Assim como a que recebi ano passado de Joe Biden, esta também diz que, se eu não ajudar os democratas, eles não conseguirão impedir que os republicanos malvados violem meus direitos civis. Depois de ler aquilo, só consegui repetir o que o grande Elvis Presley disse: “Que porra é essa, cara?”

Ultimamente tenho olhado para tudo o que aprendi e melhorei no ano que passou. Minha saúde e minha força melhoraram muito. Mais ou menos neste mesmo período ano passado, eu estava esgotado, exausto e com muita dor. Dediquei quase todo o meu tempo e energia ao aprimoramento de técnicas de cura e ao controle de meu fluxo interno de energia. Quando penso em como progredi em um só ano, fico pasmo. Este ano, estou redobrando meus esforços de novo e estou animado para ver o que virá a seguir. Quero me esforçar e superar todos os meus limites anteriores. Boa parte do trabalho esotérico é como levantar pesos: com o tempo, você vai ficando cada vez mais forte. Você colhe o que planta. Na última semana, esforcei-me mais do que nunca e, quando me deitei à noite, caio imediatamente em um sono exausto e sem sonhos. Mas é prazeroso. É o tipo de satisfação suscitada pela certeza de que você deu tudo de si para fazer alguma coisa.

21 DE MARÇO

A audiência agora foi adiada até dezembro. Acho que eles não tiraram de mim todo o sangue que queria. E sou só eu que acho estranho o estado estar lutando tanto para evitar outros exames de DNA? Por que eles não querem que as provas sejam testadas? A

situação como um todo está se tornando mais louca a cada dia. O que está acontecendo aqui não pode, de forma alguma, ser classificado como “justiça”.

Estamos oficialmente na primavera. As engrenagens estão girando novamente. O Sol entrou em Áries e logo será abril. Quase um quarto do ano se passou. Como não ficar perplexo com isso? Às vezes, sinto o tempo com tanta nitidez que quase consigo esticar a mão e tocá-lo, como se estivesse lendo braille.

10 DE JULHO

Já faz um tempo que não escrevo, não é? Precisei dar um descanso. Estava me sentindo cansado e abatido, com raiva das pessoas responsáveis por arrastar esta situação por mais um ano.

Este período do ano é sempre difícil. Parece que julho e agosto demoram mais a passar do que todo o resto do ano junto. Estou desejando com todas as fibras de meu corpo aqueles mágicos dias de outono. O anseio pela chegada de outubro faz com que até meus ossos doam. Preciso daqueles dias curtos e das noites longas, nos quais cada momento é assombrado e lindo. Quero ouvir o Type-O Negative tocando “Christian Woman” enquanto encho a casa de velas e lanternas feitas de abóboras cavadas. Quero sentir o cheiro de canela e incenso queimando enquanto assisto a A Grande abóbora e como maçãs do amor. Quero uma festa de Halloween em que os convidados durmam em minha casa.

24 DE JULHO

Você sabia que Cristóvão Colombo viu sereias? Na verdade, ele as via com tanta frequência que as tratava como se não fossem nada fora do comum. Eles não ensinam isso nos livros didáticos, mas é fácil descobrir. Basta pesquisar a data de 9 de janeiro de 1493 em seu diário de bordo. Naquele único dia, ele descreveu três avistamentos de sereias. E, em 1531, o pessoal de um vilarejo perto da Alemanha relatou ter capturado uma. Eles a chamaram de “peixe-bispo”. Era do sexo masculino e morreu de inanição após ter se recusado a comer.

Meu argumento? O mundo está cheio de magia e maravilha, cuja maior parte está sendo ignorada por completo. As pessoas gostam de se felicitar por saber tudo sobre o mundo quando não há nada mais distante da verdade. Ultimamente tenho pensado muito a respeito de como tantas pessoas passam a vida na frente de televisores, descartando qualquer fenômeno que não tenha seu próprio reality show como “irreal”. Pense em todos os lugares pelos quais você passou de carro, como o mercado. Mas, na verdade, você nunca saiu e explorou os espaços entre sua casa e aquela loja. Quem sabe o que você poderia encontrar naqueles lugares “conhecidos” se os explorasse?

10 DE AGOSTO

A temporada de colheita enfim chegou. O dia de hoje marca o início. Nossa próxima parada na roda do ano será o equinócio de outono. Sempre vi o começo da colheita como uma espécie de escadaria que descemos para alcançar a parte escura e mágica do ano, na qual todas as coisas boas estão à espera, a energia fresca e reconfortante que traz consigo a sensação de lar mais do que qualquer lugar. O dia de hoje é o patamar no topo da escadaria. Tudo o que precisamos fazer é pôr um pé na frente do outro e, antes que percebamos, estaremos assistindo a A Grande abóbora novamente. E, depois... a audiência em dezembro. Se você for à audiência, celebraremos meu aniversário de 37 anos juntos. Vai ser animado, não? Será meu décimo nono aniversário na prisão.

Este é o fim da minha escrita no Corredor da Morte. Liguei para Lorri na manhã de sábado, 6 de agosto de 2011, e sua voz ao atender o telefone estava completamente diferente. Ela disse:

— Preciso falar com você sobre algo muito importante.

Meu pensamento imediato foi que eu havia feito algo errado, mas, na verdade, foi exatamente o contrário. Lorri contou que meu advogado, Steve Braga, mandara um e-mail na noite anterior pedindo para falar com ela antes de conversarmos. Braga e Patrick Benca (o procurador estadual do Kansas com quem estávamos trabalhando) tinham contatado o procurador-geral Dustin McDaniel e, depois de negociar um pouco, McDaniel e Scott Ellington (o promotor do condado) se ofereceram para libertar nós três se nos declarássemos culpados. Braga recusou a oferta, que exigia minha admissão de total e completa culpa e ponto final. Braga logo contra-atacou com a Doutrina Alford: nós três declararíamos que havia provas suficientes para nos considerar culpados, mas manteríamos nossa inocência. Seríamos libertados, mas não exonerados pelo Estado.

Pensei que fosse ter um ataque do coração. Minha primeira reação foi pensar: *Diga qualquer coisa a eles. Diga que admito qualquer coisa para sair daqui.* Eu havia chegado a um ponto de ruptura: minha alma estava danificada, minha saúde física estava ainda pior. A liberdade estava aterrorizantemente perto.

Desligamos o telefone e uma semana infernal começou. Costumo pensar que foi pior do que os dezoito anos anteriores juntos. Havia dias que eu não dormia nem comia direito, o que também não ajudou. Quando a oferta foi feita, sabia que não tinha muito mais tempo. Estava morrendo. A cada dia que passava, ficava mais fraco, mais doente. E também estava perdendo a visão. Se não aproveitasse aquele trato, os promotores arrastariam o caso por anos e um julgamento seria uma aposta terrível. Nunca mais enxergaria nada fora daqueles muros. Estava disposto a fazer qualquer coisa que os tribunais e advogados quisessem àquela altura, só para evitar uma morte miserável em uma cela imunda.

Quando Benca e os advogados de Jason e Jessie chegaram ao gabinete do procurador-geral em Little Rock na segunda-feira, 8 de agosto, ficaram surpresos ao

encontrar uma mesa de reunião cheia de procuradores estaduais, todos usando seus melhores ternos e gravatas. Parece que McDaniel e companhia estavam falando sério. Eles queriam evitar a audiência seguinte, que, sem dúvida, acarretaria um novo julgamento para nós. Queriam encerrar o caso, tirá-lo de suas vidas de uma vez por todas. Em certo momento, McDaniel disse a Braga:

— Isso nos livrará de Lorri Davis?

Então, todos compareceram para garantir que o acordo fosse fechado naquele dia. Quando McDaniel pediu a cada um de nossos advogados, a começar pelo meu, uma confirmação oral de concordância com a confissão judicial, as coisas começaram a desmoronar. Benca concordou, o advogado de Jessie concordou, mas, quando chegou sua vez, o advogado de Jason disse que não estava pronto para aceitar o acordo porque ainda não o havia discutido com seu cliente. Pelo que eu soube, McDaniel ficou louco. Disse que ligaria para Jason na prisão naquele instante. O advogado afirmou que não adiantaria, ele queria discutir a confissão judicial em pessoa com seu cliente. McDaniel respondeu que faria com que o advogado estivesse na prisão em uma questão de horas naquele mesmo dia. Ainda assim, o advogado de Jason recusou, dizendo que tinha de estudar outro processo. Ele iria à prisão conversar com Jason dali a algumas semanas. Poderíamos ter sido libertados no dia seguinte. Até McDaniel ficou chocado e disse:

— Você está querendo me dizer que vai permitir que seu cliente permaneça na prisão por semanas quando ele poderia ser libertado amanhã?

Foi tudo que aconteceu naquele dia. Àquela altura, nossos advogados, Lorri, nosso amigo Jacob Pitts e outras pessoas estavam acampadas no Capital Hotel, e todos os esforços foram concentrados para avisar Jason. Na noite do dia 12, pelo que todos sabiam, ele ainda não havia respondido, ou talvez nem tivesse falado com seus advogados. O estado deixou bem claro que, se a notícia chegasse à mídia, o acordo seria revogado; portanto, o sigilo era fundamental. Naquela noite, Lorri ligou para Holly, a mulher com a qual Jason se correspondia com mais frequência nos últimos anos, e descobriu que ele soubera do acordo e o recusara.

O promotor queria que nós três — Jessie, Jason e eu — aceitássemos a proposta, ou não haveria acordo nenhum. Ao longo dos anos, Jason passou a adorar a prisão. As circunstâncias dele não eram semelhantes às minhas. Ele tinha um emprego, fizera amizade com os guardas e estava ansioso pelo próximo ano na escola da prisão. Jason também tinha dito antes que não estava disposto a ceder em *nada* aos promotores. Entendo do fundo do coração e também sei que ele acreditava que seria exonerado um

dia e sairia da prisão como um homem livre. Mas os advogados de Jason não eram bons o bastante, e o estado era corrupto demais para deixar que isso acontecesse. Sob vários aspectos, Jason ainda era o mesmo garoto de dezesseis anos de quando fomos presos. Eu estava preso em um pesadelo, acorrentado a alguém com quem eu nem sequer podia me comunicar.

E a reação de Holly a Lorri foi arrogante. Ela e Jason se achavam moralmente superiores àqueles termos, embora não houvesse garantia alguma em nosso futuro. Lorri desligou o telefone e ligou para Eddie Vedder para dar a notícia. Ele, por sua vez, ligou para Holly e implorou para que ela fosse sensata e convencesse Jason quando ele ligasse da prisão na manhã seguinte, como costumava fazer aos sábados.

Eu caminhava para a frente e para trás em minha cela; dois passos até a porta e dois passos no sentido inverso. Ficava andando sem parar, a qualquer hora do dia ou da noite. Não conseguia dormir, comer, ler, nem mesmo ficar parado. Chorava. Xingava. Ficava com raiva. Ver minha casa tão próxima e, ao mesmo tempo, fora de meu alcance, era uma dor indescritível.

Na segunda-feira à noite, 16 de agosto, ainda nenhuma resposta. Lorri estava frenética, fazendo, de qualquer maneira, preparativos para minha libertação, pensando em como conseguir uma carteira de identidade para mim e o que fazer a respeito de viagens para fora do estado, isso sem falar da iminente reviravolta em sua própria vida. Conversávamos com frequência sobre o que aconteceria quando eu fosse libertado: ela teria de deixar para trás tudo que havia construído para si mesma em Little Rock, porque não havia possibilidade alguma de eu ficar o tempo que fosse no estado do Arkansas.

Na noite do dia 17, eu soube através de Lorri que Jason finalmente havia concordado. Ele percebeu que eu estava em perigo e que todos nós estávamos na última lona. Também se deu conta de que ficaria para trás se não nos acompanhasse naquele acordo. Meu caso atraía boa parte da publicidade para o trio de West Memphis e, se conseguíssemos ser libertados sem ele, sobraria pouco interesse por seu caso. Os fundos já haviam quase se esgotado. Durante todo aquele tempo, eu ligava constantemente para Lorri ao longo do dia para saber novidades. Não conseguia comer nem dormir, e meus nervos estavam em frangalhos. Nada prendia minha atenção: se aquilo não desse certo, eu e Lorri sabíamos que seria o fim. Estávamos sem energia e sem alternativas. Também descobri naquela noite que Jason concordara e, pela primeira vez em dias, senti-me na cama.

Não fazíamos ideia de quando sairíamos; só o diretor do presídio e o chefe dos

guardas sabiam o que estava acontecendo dentro de Várner, e qualquer informação que vazasse deixaria a mídia frenética. Na tarde do dia 18, depois de ficar sentado sozinho em um escritório da prisão por algum tempo, fui acorrentado e levado para um furgão na parte externa. Jessie estava sentado lá dentro e começou a falar imediatamente, como se nem um dia tivesse passado desde nossa prisão. Ele falou da namorada que teve aos dezessete anos e de voltar para casa em West Memphis. Foi emocionante. Seguimos até Tucker para pegar Jason. Ao entrar no furgão, ele olhou para mim e eu disse:

— Estamos indo para casa.

— Sim — respondeu Jason.

Depois de alguns minutos, começamos a falar. Havia dois guardas na frente que também não calavam a boca. Pararam em um posto de gasolina e nos compraram chocolate e refrigerante. Ficamos sentados no banco traseiro, acorrentados, bebendo de canudinhos. Foi a comemoração mais estranha de que já participei.

Chegamos à cadeia de Jonesboro no fim da tarde. Quando o furgão parou, um dos guardas disse:

— Merda, eles já estão aqui.

Alguém passara a informação para a mídia e havia uma multidão no local. Recebemos ordens para nos abaixar enquanto entrávamos na garagem, onde fomos desembarcados e levados para a cadeia. Passamos a noite em celas separadas e não recebemos autorização para dar nenhum telefonema. Steve Braga, Patrick Benca e outras pessoas foram nos visitar naquela noite e levaram roupas para a audiência. Eles me disseram que a notícia estava se espalhando e que Lorri, amigos e simpatizantes de toda parte estavam a caminho de Memphis naquela noite. Disseram-me para esperar uma audiência razoavelmente rápida; eu faria minha confissão judicial e o juiz a aceitaria formalmente. Fiquei sentado na beirada da cama a noite toda, esperando a manhã.

A audiência começou por volta das onze horas do dia 19. Fui chamado por um dos guardas, recebi minhas roupas, uma lâmina de barbear e, depois de me vestir, fiquei sentado em um banco esperando Jason e Jessie. Observei um guarda dar o nó na gravata de Jessie. Fomos acorrentados pela última vez e, antes de entrarmos no furgão, um segurança nos informou que, se fosse por ele, nós seríamos executados. Um comboio de veículos seguiu para o fórum. Levaram-nos para a sala de deliberação do júri e ficamos lá sentados por cerca de meia hora. Nossos advogados finalmente também chegaram, bem como Lorri, mas nós dois não temos lembranças muito claras por causa da tremenda agitação. Havia uma sala separada para familiares, e Patrick Benca continuava a nos enviar

pelo celular fotos de várias pessoas presentes. Pelo que me contaram, foi um pandemônio emocional. Minha mãe e minha irmã estavam lá. Minha mãe ficou no fórum o tempo todo, dando entrevistas e falando com a imprensa. Meu pai não foi. Ele mandou um e-mail pelo wm3.org com seu número de telefone, caso eu quisesse entrar em contato.

Ensaíamos nossas declarações. Originalmente, nossos advogados iam fazer a confissão judicial em nosso nome, mas, no último minuto, Ellington deu um ataque e exigiu que nós mesmos a fizéssemos, em voz alta, na frente dos parentes das vítimas, que estavam quase todos na plateia. Ao longo dos anos, eu me correspondera com John Mark Byers e com Amanda, a filha de Pam Hobbs. Estava tão cansado que mal registrei presenças individuais. A multidão e o barulho dos repórteres eram desorientadores enquanto éramos conduzidos, enfim sem correntes, até o tribunal. Tudo acabou muito depressa e se passou exatamente como havíamos ensaiado. Lembro-me de ter visto Lorri e Eddie sentados bem atrás de mim e, depois, fui declarado livre.

O juiz Laser permitiu que nós três saíssemos escoltados do tribunal e, em seguida, falou com o resto dos presentes. Disse que o acordo de confissão foi uma tragédia em muitos aspectos. Aquilo não traria as crianças de volta e não substituiria um minuto do tempo que havíamos passado na prisão. Agradeceu as forças externas — simpatizantes, celebridades e amigos — por seu envolvimento e sua lealdade persistente. Mais tarde, quando assisti ao vídeo do discurso, acreditei pela primeira vez que o sistema judiciário talvez não fosse totalmente corrupto.

15 DE FEVEREIRO DE 2012

Daqui a três dias, completarei seis meses fora da prisão. Passou em um piscar de olhos. Parte da sensação se deve ao choque que senti ao ser libertado, e nas semanas seguintes. Demorei muito para começar a voltar a mim mesmo. Esse processo ainda não terminou. Toda vez que fico exausto ou profundamente estressado, o choque começa a se insinuar na periferia de minha psique como uma neblina que se aproxima. Não faço ideia de quanto tempo será necessário até eu me aclimatar de novo ao mundo exterior. Talvez nunca aconteça.

As pessoas continuam a me perguntar o que eu estava pensando no dia em que saí da prisão. A resposta é: nada. Não pensava em absolutamente nada, assim como no dia em que fui preso. O trauma era grande demais. Estava no confinamento solitário daquela cela de concreto havia quase uma década, quase sem visitantes. Ser jogado de repente em um tribunal apinhado de pessoas, repórteres, câmeras e ação foi acachapante. Cada uma das pessoas tinha seu próprio cheiro e energia. Foi agradável e nauseante ao mesmo tempo, mas foi uma sobrecarga sensorial. O simples fato de usar roupas de verdade pela primeira vez era desorientador; acrescente-se a isso todo o resto, e a sensação era a de que alguém havia detonado uma granada em minha cabeça. A atividade turbilhonava a meu redor, mas tudo parecia muito distante.

No momento em que aquilo acabou e as correntes foram retiradas, Jason e eu fomos levados direto para o Departamento de Trânsito de uma cidadezinha chamada Marked Tree para a emissão de carteiras de identidade. De lá, fomos para o Madison Hotel, em Memphis. Eddie Vedder nos encontrou lá, e um assistente havia preparado uma suíte para nós. A primeira coisa que vi ao entrar foi a mesa do bufê. Cheesebúrgueres, batatas fritas, sanduíches, salada, sopa, tudo o que se possa imaginar. Minha primeira refeição fora da prisão foi um hambúrguer Black Angus, um sanduíche de peru, batatas fritas e uma taça de *merlot*. Logo em seguida, fiquei enjoado, mas valeu a pena. Eddie ficou sentado em um sofá, rindo o tempo todo. Éramos poucas pessoas,

mas havia uma enorme festa acontecendo na sala de jantar principal no andar de baixo; todo mundo comemorava. Quando descemos, experimentei champanhe pela primeira vez na vida.

Naquele dia, Jessie Misskelley voltou para a casa do pai em um pequeno estacionamento de trailers em West Memphis. Jason e eu ganhamos de presente uma festa no terraço do Madison naquela noite. Eddie e Natalie Maines cantaram. Foi surreal. Pela primeira vez em dezoito anos, eu estava ao ar livre, ao anoitecer, olhando para o rio Mississippi e observando o pôr do sol. Meu coração explodiu várias vezes. Fiquei olhando para a ponte entre Memphis e West Memphis por muito tempo. Depois, a noite caiu. Fiquei embriagado por tudo aquilo.

Na manhã seguinte, embarcamos em um avião (minha primeira vez) com Eddie Vedder, que nos levou a sua casa em Seattle. Era o paraíso. Descansei e apenas passei o tempo com Lorri. Meus nervos estavam em frangalhos e à flor da pele. Ainda estão, até certo ponto. E Lorri ainda é meu único consolo.

Depois, vim para Nova York. Quando caminhei pelas ruas da cidade pela primeira vez, fiquei deslumbrado. Entrei na frente de carros. Tropecei em meus próprios pés porque fazia dezoito anos que não percorria nenhuma grande distância sem estar acorrentado. Mais uma vez, foi Lorri que me ajudou, que me salvou. Não consegui realmente apreciar as maravilhas da cidade na primeira vez porque o panorama a minha volta era incrivelmente diferente de tudo o que conhecia. Só após alguns meses, quando voltei à cidade, comeci a absorver aquela realidade. As pessoas ainda me reconhecem na rua. Apertam minha mão, me abraçam, algumas querem tirar fotos. Agradeço a todas. Sou realmente grato. Afinal, foi o fato de elas se importarem que salvou minha vida.

Falei com minha mãe ao telefone uma vez depois de minha libertação. Foi uma conversa que pode ser classificada como, no mínimo, difícil. Pedi que ela e minha irmã não falassem com a imprensa sobre mim e minha vida, mas elas não respeitaram meu desejo. Deram informações falsas e entrevistas distorcidas, e parecem gostar da atenção que estão recebendo. Não entro mais em contato porque todas as conversas que tivemos se tornaram imediatamente de conhecimento público.

Jason veio me visitar em Nova York algumas vezes no outono. É difícil descrever nossa amizade: é um esforço encontrar a ligação e o denominador comum agora. Estamos navegando o mundo de maneiras diferentes, e minha opinião sobre ele continua a mesma de sempre: Jason é um bom garoto. Há um momento no final de *Paradise Lost* em que o advogado lhe pergunta se acha que sou culpado. Jason responde que não sabe,

talvez. Não vi o filme sozinho e não pensei a respeito ao longo dos anos, mas, agora, tenho pensado com mais frequência. É um momento emblemático da traição, da dor e do engano de que todos nós fomos vítimas.

* * *

Sundance, final de janeiro de 2012. Até eu tinha ouvido falar a respeito do festival dentro dos muros da prisão. Naquele momento, estava prestes a ver tudo com meus próprios olhos. Nosso documentário, *West of Memphis*, seria lançado lá. Lorri e eu o produzimos e veríamos as reações das pessoas em primeira mão. Também nos encontraríamos com parentes de duas vítimas.

Quando chegamos, fomos recebidos por Peter Jackson e Fran Walsh, os produtores do filme. Lorri e eu não os víamos havia mais de um mês e estávamos com muitas saudades. Assim que ouvi aqueles sotaques neozelandeses, a sensação de “lar” tomou conta de mim novamente. Eles ficaram a meu lado o tempo todo desde a libertação, me ajudando. Ao pensar neles agora, sinto como se meu coração estivesse prestes a explodir de amor.

Dizer que Sundance foi arrebatador seria muito pouco. Não é algo sobre o qual eu possa escrever, mesmo agora. Não tive tempo suficiente para digerir a experiência. Ainda a estou avaliando por todos os ângulos.

Conheci as famílias de duas das vítimas, John Mark Byers, Pam Hobbs e também alguns parentes dela. Eles estavam lá para promover o filme conosco. Foi indescritível jantar com todos. A família Hobbs me deu uma corrente e um relógio de bolso pretos, gravados com as palavras “O tempo começa agora” e a data de minha libertação da prisão.

Meu filho, Seth, foi a Sundance. Ele já tinha dezoito anos quando nos sentamos para conversar fora de um tribunal ou de uma prisão. Estamos tentando aos poucos criar um elo. Não nos conhecemos, mas estamos aprendendo. Quando falamos ao telefone, tenho a sensação totalmente nova e estranha de ser pai. Estou me acostumando de forma gradual, embora não possa dizer que saiba o que estou fazendo quando Domini liga para me falar de algum novo problema na criação de Seth e pede que eu participe. Com certeza terei mais a dizer à medida que o tempo for passando. Quero ter um relacionamento com ele.

Nosso filme foi um dos nove escolhidos para serem exibidos em outras partes do país. Em janeiro, também fui a Nashville como parte da turnê de Sundance. Voltar lá foi

um inferno inesperado para mim. Não havia ido ao Sul desde minha libertação. Tive ataques de pânico muito fortes; o medo de nunca mais conseguir sair de lá dificultava minha respiração e me impossibilitava de dormir. Minha temperatura ultrapassou os quarenta graus e Lorri quase chamou uma ambulância. Não gosto de pensar sobre isso.

A recordação de Sundance que me é mais cara é a de uma guerra de neve. Uma noite, saí com Lorri, Peter Jackson e Fran Walsh. Era a primeira vez que eu tocava neve em quase vinte anos. Estava perfeita. Pura e imaculada, branca como a Lua. Depois, surtamos, começamos a correr descontroladamente e a jogar bolas de neve uns nos outros. Peter estava rindo como uma criança, e Fran gritava de prazer quando a acertavam. Verei essa imagem em minha mente até o dia em que morrer.

* * *

Hoje em dia, tento olhar para a frente. Estou cansado de olhar para trás. Estou cansado do processo. E estou farto do “WM3”. Não sou o trio de West Memphis, e esse é um título que preferiria nunca mais ouvir, pois só me faz lembrar o inferno. Às vezes, parece que vivo em um mundo no qual não tenho identidade fora do processo, que sou o processo e vice-versa.

Em última instância, sei que a liberdade não é suficiente. Sou jovem, e a única maneira para que nós três consigamos viver o resto de nossas vidas é sendo exonerados. Preciso que a pessoa (ou as pessoas) que assassinou aquelas três crianças e me pôs no Corredor da Morte por dezoito anos seja encontrada e levada à justiça. O site wm3.org continua a ser uma fonte vital de informações sobre nós três e o caso. Espero que *West of Memphis* esclareça mais ainda nossa luta por liberdade. Minha equipe jurídica, bem como muitos outros advogados, está trabalhando constantemente em busca de novas pistas, realizando testes de DNA e conduzindo investigações, e continuaremos pelo tempo que for necessário.

Quero fazer do mundo um lugar mais mágico. Dar à magia uma forma que as pessoas apreciem e que possa mudar suas vidas. Criar uma arte que faça com que as pessoas queiram sempre rejeitar o mundo prosaico e medíocre que as cerca. Minhas ferramentas podem ser o tarô, o trabalho com grupos de energização ou a fotografia, mas meu objetivo é compartilhar com as pessoas toda a maravilha e a beleza que descobri enquanto fiquei trancafiado em uma cela por quase vinte anos.

Epílogo

Uma pessoa pode morrer de fome na prisão, e não por falta de comida. Estou falando do esmaecimento e da morte do espírito humano por falta de decência ou de amor em relação a seus semelhantes. Os comentaristas da televisão projetam a imagem de prisioneiros como animais, e é verdade. É verdade porque o espírito que os mantinha humanos foi definhando até morrer e eles se tornaram um buraco negro sob forma humana.

A prisão é concebida para nos separar, isolar e alienar de tudo e de todos. Você não pode sequer tocar seu próprio cônjuge, seus pais, seus filhos. O sistema faz tudo para romper qualquer elo físico ou emocional que você tenha com qualquer pessoa no mundo externo. Eles querem que seus filhos cresçam sem nunca conhecê-lo. Querem que seu cônjuge se esqueça de seu rosto e comece uma nova vida. Querem que você fique sentado sozinho, sofrendo, em uma caixa de concreto, incapaz até mesmo de dizer o derradeiro adeus no funeral de seus pais. E as coisas funcionam assim porque são concebidas para funcionar assim.

Acho que existem apenas duas forças incontroláveis no universo: uma é o amor e a outra é a inteligência. Também acredito que a capacidade de uma pessoa de amar está diretamente relacionada a seu nível de inteligência, assim como o ódio corresponde ao nível de ignorância de alguém. A única coisa que impossibilita que o sistema nos destrua e pulverize nosso espírito é se formos mais inteligentes do que ele.

Em certas culturas tribais, guias espirituais são representados por animais. Os guias animais acompanham as pessoas ao próximo estágio de desenvolvimento em suas vidas. Em uma linguagem simples, eles fazem com que cada um de nós cresça como pessoa. Meu guia para o crescimento é um lindo macaco.

Minha mulher é a criatura mais erótica e inteligente que já existiu. Ela pode ter toda a postura e graça de um felino, mas seus olhos brilham com pura travessura de macaco. Ela é minha força e meu coração. Sem ela para me manter seguindo em frente, eu teria morrido há muito tempo. Fora ela, não tenho motivo para continuar respirando. Ela é minha vida.

Sob certos aspectos, manter um relacionamento estando sepultado atrás destes

muros é como tentar superar uma lesão cerebral. Quando uma área do cérebro está danificada, as outras precisam encontrar maneiras para compensar a perda, evoluindo e desenvolvendo novas vias neurais que nunca seriam criadas em circunstâncias normais. Aqui dentro, as maneiras normais de expressar, dar e receber amor não são possíveis. Se você não evoluir, seu relacionamento morrerá muito depressa. Você não pode dar um beijo de despedida em sua mulher toda manhã antes de sair para o trabalho. Não pode abraçá-la quando ela chora ou surpreendê-la abraçando-a por trás. Não há como sair para jantar ou passar um fim de semana em um hotel. Tudo isso cria enormes rachaduras causadas pelo estresse em um relacionamento e, no fim, pode fazer com que tudo desmorone. Quando discutem, vocês não podem dar as mãos e falar baixinho um com o outro para fazer as pazes. Você está limitado às emoções que consegue expressar em uma conversa de dez minutos durante um telefonema que outras pessoas estão ouvindo e no qual todas as palavras estão sendo gravadas. A grande maioria das pessoas na prisão se descobre sozinha, deixada para trás por aqueles que seguiram adiante.

Uma de nossas maiores invenções — minha e de Lorri — foi a água da lua. Outro prisioneiro me descobriu fazendo água da lua e disse que era tão ilógico que quase o enlouquecia. Meses mais tarde, ele ainda batia os pés com raiva e gritava:

— Essa merda é maluquice! Não faz sentido nenhum! Essa merda está me dando dor de cabeça!

Por algum motivo, aquela ideia parecia prejudicar sua mente. De qualquer maneira, ele já era um pouco desequilibrado.

A água da lua só pode ser feita uma vez por mês, na noite de lua cheia. Depois que o sol se põe e a lua está alta no céu, você enche um recipiente com água e o põe no parapeito de uma janela de maneira que a lua fique refletida nele. É necessário deixá-lo lá a noite toda para que absorva a maior quantidade possível do luar. Você deve retirá-lo logo antes do amanhecer para que nunca seja tocado pela luz do sol. Depois, deve mantê-lo em um lugar escuro. Minha mulher e eu fazíamos isso a cada lua cheia durante anos e tomávamos um único gole da água toda noite no momento em que estávamos pensando um no outro. Naqueles segundos, estávamos unidos, por maior que fosse a distância que nos separava. Você toma um único gole a cada noite para que a água da lua dure todo o mês.

A cada tentativa do sistema de nos separar, procuramos novas maneiras para nos aproximar. No final, ódio e ignorância sempre fracassam diante da inteligência e do amor. A prova está na água da lua.

Esperança

A imortalidade
a gloriosa falta de sentido
Uma explosão solar em meu cérebro
E planos para o porvir

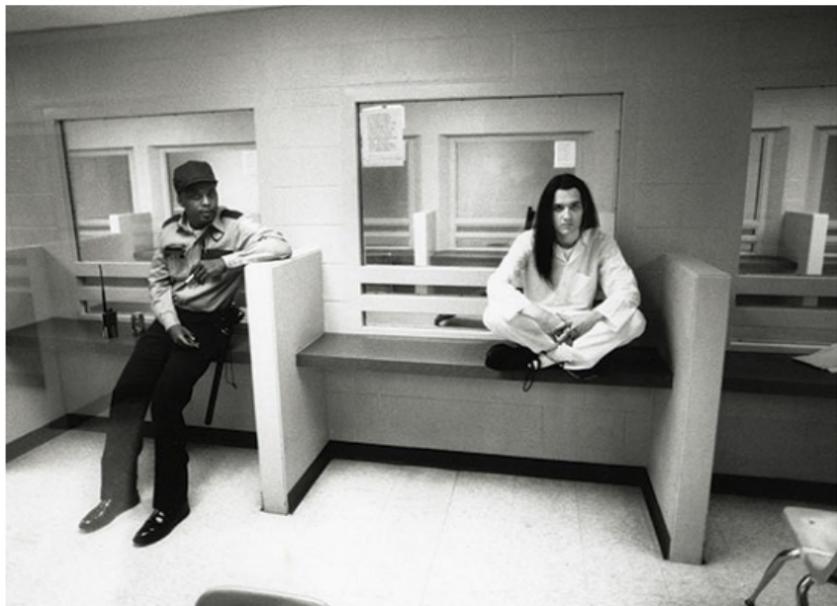
— Damien Echols, unidade de Várner

Um apêndice do processo dos homicídios de Robin Hood Hills e dos julgamentos de Damien Echols, Jason Baldwin e Jessie Misskelley Jr. pode ser encontrado em damienechols.com. Informações suplementares podem ser encontradas em wm3.org.

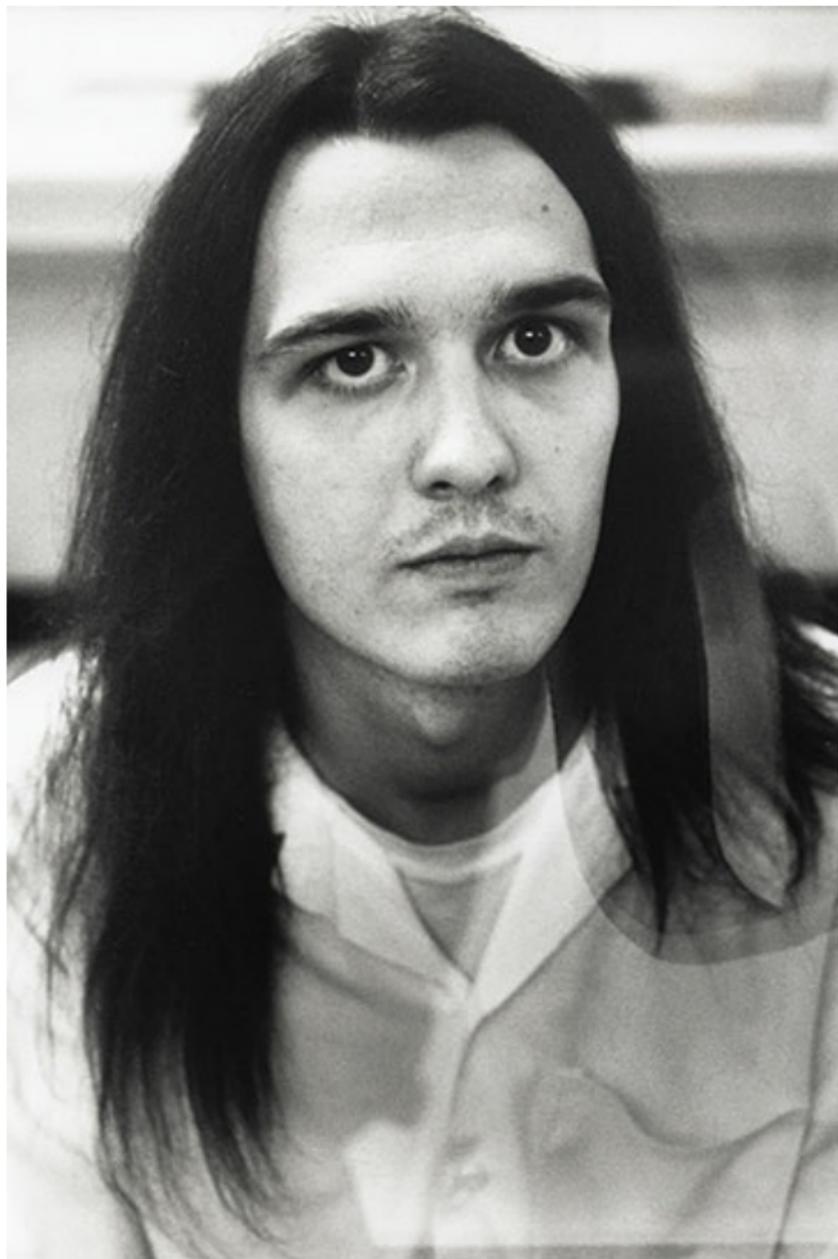
*Encarte de
fotos*



Eu, com sete ou oito anos. Que eu saiba, é a única fotografia que sobrou dessa época.



Na prisão de segurança máxima em Tucker, em 1996. Depois de quase dois anos preso, eu estava começando a receber a visita de pessoas que eu não conhecia mas que apoiavam minha causa. (Grove Pashley)



Damien. (Grove Pashley)



Essas duas fotos foram tiradas no dia de alguma audiência, provavelmente por volta de 1997 ou 1998. (Grove Pashley)



Em 1996, conheci minha futura esposa, Lorri Davis, quando ela me mandou uma carta dizendo que havia assistido ao primeiro documentário sobre o trio de West Memphis.

Lorri enviou essas fotos, e as guardei em segredo na cela durante anos.



Lorri.



O altar do casamento. (Grove Pashley)



A cerimônia, em 3 de dezembro de 1999. (Grove Pashley)



Lorri e eu nos casamos. Pela primeira vez, tivemos permissão para nos tocarmos. (Grove Pashley)



Depois, a escritora Mara Leveritt e sua companheira, Linda Bessette, organizaram uma recepção na casa delas em Little Rock. (Grove Pashley)



Lorri e eu.



Com os pais de Lorri, Harry e Lynn Davis.



Visita de minha mãe adotiva, Cally Salzman. A prisão cobrava cinco dólares por foto tirada lá e, a julgar pelas pilhas e pilhas que Lorri tem — praticamente uma de cada visita —, lucrou bastante durante meu encarceramento.



My Dearest wife
Every single birthday will get better and
better. I cherish every year with you more than I could
ever tell you. I can't wait for the day when I will
make you home made birthday cakes. They'll be served with
remover milkshakes and the presents will cover the
table. We will celebrate for a full week and the
cous will be angry because they'll have to wear hats.
I love you, Lorri. I love your
Strength, your intelligence, and your beauty. After knowing
the magic of all that is you, I could never live without
it.
Your adoring husband
P.

Um cartão de aniversário que fiz para Lorri. Ocasões como essa eram especialmente dolorosas; eu queria muito estar lá, dar presentes, passar o dia com ela.



Mesmo assim, era uma verdadeira bênção saber que ela havia me encontrado.



Seth. (Grove Pashley)



Domini trazia meu filho, Seth, para o Arkansas, e Lorri os encontrava e o levava, vivendo a madrasta por um ou dois dias. Essas fotos foram tiradas no Mount Holly Cemetery, um marco histórico de Little Rock. Lorri e Seth se davam muito bem, e foi um alívio poder compartilhar com ela minhas ansiedades como pai. (Grove Pashley)



Lorri veio me visitar com Seth várias vezes durante meus primeiros dez anos de prisão. O fotógrafo da cadeia, como você deve ter notado, não era exatamente um artista profissional...



Merry
Christmas!

Dannien,

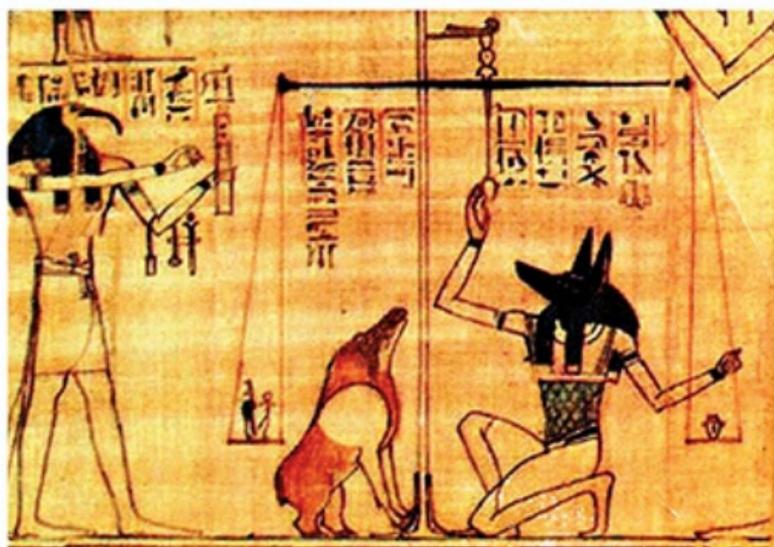
Sometimes you are the most
insufferable prisoner I know. To kindly
the balance of yours has shown your other
sides as well, you are bitter-sweet, funny,
but that just heightens your effect as I'm
sure you are well aware. Something must
be wrong because I just can't leave you
out of my Christmas!

Take care, and God bless you and yours!
-Robert

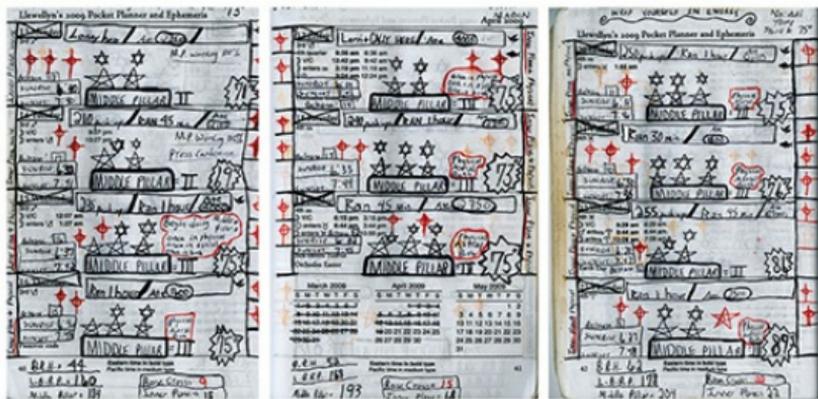
Eu não era o único artista no Corredor da Morte. Um cartão de Natal que ainda tenho, feito por outro detento, Robert Robbins. A sentença dele foi comutada para prisão perpétua sem condicional, e ele continua numa prisão do Arkansas.



Fiz esta imagem e as seguintes para decorar minha cela. Acho que a foto da figura vem de uma *National Geographic*; infelizmente, não lembro o que os ideogramas significam.



Para a maioria de minhas criações artísticas, usei o papel da guarda dos livros. Essas são minhas pinturas do deus egípcio Anúbis.



Fiz mapas astrais em alguns anos. Essas páginas são de 2009.



Lorri mostrando algumas das minhas criações a Burk Sauls, cofundador do WM3.org, na casa dela em Little Rock. A maioria das obras que me restaram foi retirada da cadeia em segredo por Lorri enquanto eu estava preso. (Grove Pashley)



Harada Roshi me deu essa obra, e eu a tenho até hoje.

State justices refuse to reopen conviction of Echols

BY LINDA SATTER
ARKANSAS DEMOCRAT GAZETTE

Without addressing the merits of a petition seeking to throw out the conviction and death sentence of Damien Wayne Echols, the Arkansas Supreme Court refused Thursday to reopen the case in state court.

But the ruling clears the way for a federal court in Little Rock to closely examine whether jurors in Echols' and Jason Baldwin's 1994 trial illegally consid-

ered prejudicial information that they learned outside the courtroom and what, if some jurors were biased against Echols.

Echols, now 30, and Baldwin, now 27, were tried together in Craighead County in the deaths of three 8-year-old West Memphis boys whose mangled bodies were found in May 1993 in a Crittenden County creek. A third defendant, Jessie Mistekley, was tried separately in Clay County a short time before Echols' and

Baldwin's trial.

Both trials were moved out of Crittenden County because of publicity, which included rumors of devil worship stemming from the fact that one of the victims was castrated.

All three defendants were convicted of three counts of capital murder, with Baldwin and Mistekley sentenced to life without parole.

On Oct. 28, San Francisco attorney Dennis Riordan filed pe-

titions in state and federal court in Little Rock raising the new allegations of juror misconduct. He said the allegations stemmed from recent confessions of jurors in Echols' and Baldwin's trial.

According to Riordan, the jurors have said that during deliberations they made lists of reasons to convict or acquit the two men, and among the reasons they listed in favor of conviction was a statement that Mistekley gave to investigators implicating

himself, Echols and Baldwin.

The statement, however, was not admitted into evidence in Echols' and Baldwin's trial, and therefore was not to be considered during deliberations.

Riordan also alleges that during jury selection, none of the people who were ultimately seated on the panel admitted to being aware that Mistekley had given a statement or that he had implicated the other defen-

See ECHOLS, Page B5

De vez em quando eu guardava recortes de jornal sobre o caso. Esse, de 2005, relata a recusa do governo estadual em reconsiderar minha sentença. No entanto, essa recusa nos deu a oportunidade de finalmente levar o caso à Suprema Corte do Arkansas.



Eu, em 2004. Foi um ano muito difícil e terrível. Embora tivéssemos uma quantidade incrível de apoio do mundo exterior, nosso caso não progrediu. (Grove Pashley)



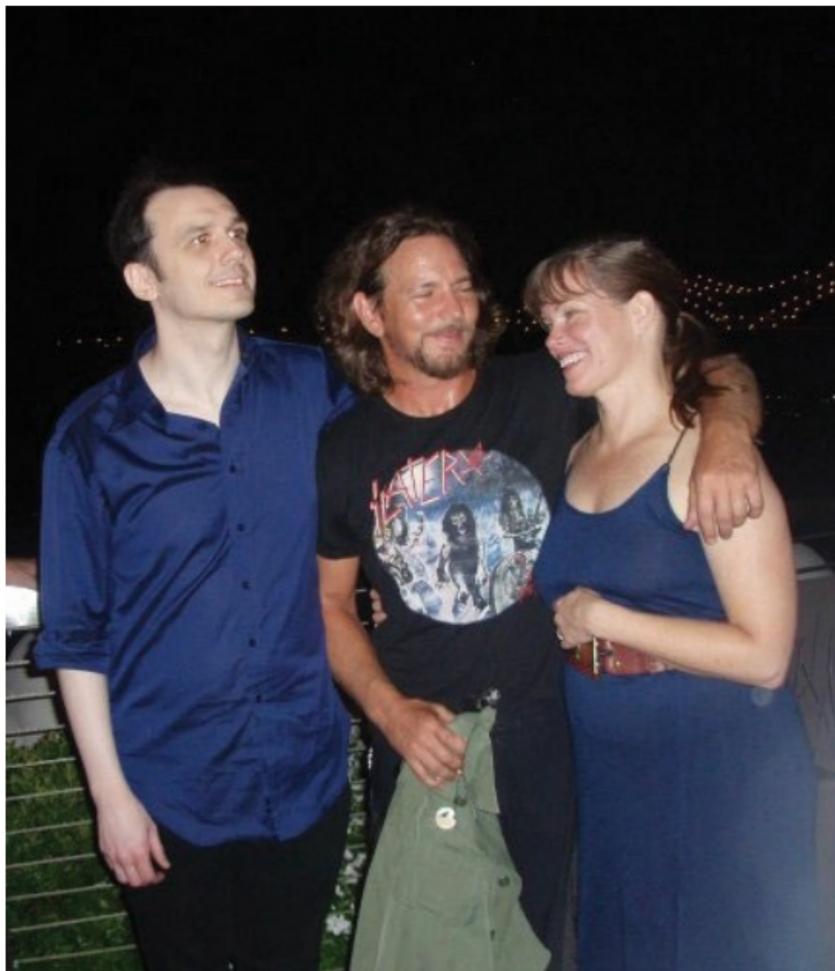
Jason e Jessie, por volta de 2004. Em várias ocasiões eles ficaram na mesma prisão, e chegaram a compartilhar a cela por um tempo. (Grove Pashley)



Com várias pessoas que ajudaram a salvar minha vida, sendo que algumas delas lutaram durante anos. Da esquerda para a direita: Miu e Burk Sauls, Chad Robertson, Kathy Bakken, eu, Lisa Fancher e Grove Pashley. (Grove Pashley)



Com Lorri, em 19 de agosto de 2011, na festa para mim, Jason e Jessie no Madison Hotel, em Memphis — meu primeiro dia de liberdade em dezoito anos. Eu tinha ficado quase uma semana sem dormir. (Grove Pashley)



Com Eddie Vedder e Lorri.



Com parte de minha família. Da esquerda para a direita: Lorri, meu sobrinho August, minha sobrinha Shae, a irmã de Lorri, Sherry, minha sobrinha Sydney, e o marido de Sherry, Sam Chico.



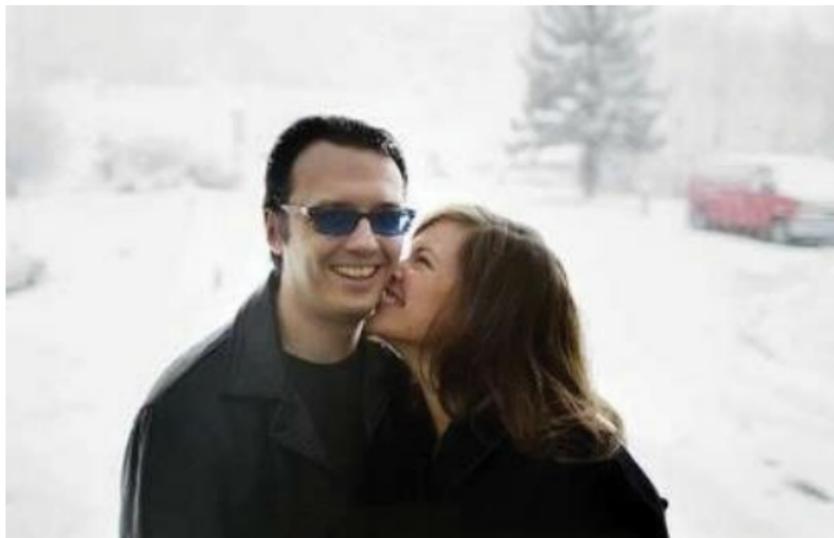
Minha primeira visita ao Museu de Arte Moderna de Nova York, em 2012, com meu amigo Danny Bland. Um grande contraste em relação ao panorama artístico do Corredor da Morte.



Lorri, Amy Berg e eu, na primavera de 2012. Amy, que fez um lindo trabalho na direção de *West of Memphis*, virou uma amiga querida.



Com Helen Carr, Peter Jackson, Fran Walsh e Lorri, num bar todo de gelo na Nova Zelândia — o começo de várias viagens e aventuras surreais.



Com Lorri no Festival de Sundance, em janeiro de 2012.



Estou começando a parecer um pouco menos atordoado aqui, certo?



Era um lugar lindo, e essa neve caindo era melhor do que qualquer outra coisa que eu tinha visto depois de ser solto.



Com Marilyn Manson, a caminho da cerimônia do Golden Gods Awards da revista *Revolver*, em Los Angeles. Na cerimônia, apresentei Manson ao público — minha primeira experiência “discursando” —, e eu estava nervoso para caramba. Manson nos deu apoio pelos bastidores durante anos; sempre será um herói para mim.



Com Johnny Depp, um verdadeiro amigo e irmão, e o tatuador Mark Mahoney, em 2012, Los Angeles.



Lorri e eu com Jacob Pitts, outro amigo bom e extremamente fiel.



Lorri e eu, em junho de 2012, Nova York.



Uma sessão de fotos para uma revista, em 2012. Mal reconheço o homem fazendo pose para a câmera, mas sei que ele está muito mais à vontade do que eu me senti por muitos anos.

Agradecimentos

Sem as seguintes pessoas, este livro nunca teria visto a luz do dia. A elas, minha mais profunda gratidão.

Em primeiro lugar, minha esposa, Lorri Davis. Você é o motivo pelo qual ainda estou vivo. Sem você, não existe nada.

Obrigado a Johnny Depp, que provou várias vezes ser meu irmão em tudo, menos no sangue.

A Eddie Vedder, que tem sido meu amigo e minha rede de segurança há quase duas décadas. Nós amamos você.

A Peter Jackson e Fran Walsh, as duas pessoas mais inteligentes que já conheci. O que devo a vocês nunca poderá ser pago. Quando ouço suas vozes, sinto-me em casa.

A Jacob Pitts, por ser o que é e fazer o que faz. A terceira perna de nosso tripé. Obrigado.

A nosso pássaro canoro, Natalie Maines. Nós amamos você.

A Henry Rollins, deus do punk. Você nunca se cansou, nunca fraquejou e nunca nos decepcionou. Esteve sempre presente, e eu almejo ser mais como você.

A minha equipe jurídica: Steve Braga, Patrick Benca, Lonnie Soury, Dennis Riordan e Don Horgan. Muito obrigado por tudo o que vocês fizeram.

A minha editora, Sarah Hochman, na Blue Rider Press, que trabalhou incansavelmente para tornar este livro uma realidade. Sem sua energia e orientação, esta obra não existiria.

A David Jauss também, por plantar a semente e cuidar dela nos primeiros dias.

Um agradecimento especial a Michele Anthony; Ken Kamins; meu agente, Henry Dunow; e a David Rosenthal, Aileen Boyle e Brian Ulicky da Blue Rider Press. A Gregg Kulick e Claire Vaccaro na Penguin, pela direção de arte e design, e a Shepard Fairey por uma linda capa. Vocês fizeram para mim o que eu não conseguia fazer sozinho. Obrigado de coração.

Obrigado, Nicole Vandenberg, Christi Dembrowski, Josie Leckie e Matt Dravitzki, por seu trabalho de bastidores sempre presente.

Sem as seguintes pessoas, não estaria aqui hoje: Burk Sauls, Lisa Fancher, Kathy

Bakken, Grove Pashley, Chad Robertson, Joe Berlinger, Bruce Sinofsky, Anna Cox, Shodo Harada Roshi, Chisan, Kobutsu, padre Charles Thessing, padre Jack Harris, Cally Salzman, Kate Tippet, Stephanie Shearer, Chris Bacorn, Terry Reed, Theresa Reed, Jen DeNike, Danny Forester, Danny Bland e Kelly Canary, Jene O'Keefe Trigg e Aaron Trigg, Steve Mark, Brent Peterson, Sam e Young Chico, Cotton e Ladybug Davis, Rachel Geiser, Amy Berg, Mara Leveritt, Betsey Wright, Don Davis, Marcel Williams, Tim Howard e Jason McGeehee, Philippa Boyens, Seth Mills, Elliot Groffman, Kelly Curtis, Jill Vedder, Stephen Deuters, Nathan Holmes e Ruth e Bill Carter. Muito obrigado a todos vocês.

Todo o meu amor e apreço a Capi Peck, por cuidar de Lorri e de mim quando mais precisávamos. Otter Firk. E também a todo o grupo Arkansas Take Action. Obrigado.

E amor e gratidão a Margaret Cho, a primeira pessoa que se arriscou a ler o que eu escrevia.

Sobre o autor

© Peter Ashlee



Damien Echols nasceu em 1974 e passou a infância nos estados de Mississippi, Tennessee, Maryland, Oregon, Texas, Louisiana e Arkansas. Aos dezoito anos, foi

condenado injustamente por assassinato, junto com Jason Baldwin e Jessie Misskelley Jr. Echols passou quase dezoito anos à espera da execução, no Corredor da Morte, até ser libertado junto com Baldwin e Misskelley em 2011. A história do trio inspirou quatro documentários: *Paradise Lost*, uma série de três filmes realizada pela HBO, e *West of Memphis*, produzido por Peter Jackson e Fran Walsh. Echols e a esposa, Lorri Davis, moram em Massachusetts.